

Publicado em www.leiturascatolicas.com
Maio/2013



Patsch — A MÃE DO SENHOR

JOSÉ PATSCH

A MÃE DO SENHOR



EDIÇÕES PAULINAS

CTBA, SET/2009

JOSEPH PATSCH

A MÃE DO SENHOR

Publicado em www.leiturascatolicas.com
Maio/2013

EDIÇÕES PAULINAS

TÍTULO ORIGINAL

MARIA, DIE MUTTER DES HERRN

Benziger Verlag — Einsiedeln

Tradução de J. G. Morais Filho

PODE-SE IMPRIMIR

São Paulo, 25-2-59.

Pe. João Roatta, Superior Prov.
da Pia Sociedade de São Paulo

NIHIL OBSTAT

Setl. Pauli, 16-3-59.

Mons. Lafayette
Censor

IMPRIMA-SE

† Paulo Rolim Loureiro
Bispo Auxiliar e Vigário Geral
São Paulo, 18-3-59.

Publicado em www.leiturascatolicas.com

Maio/2013

Direitos reservados à Pia Sociedade de São Paulo
Caixa Postal 8107 — São Paulo.

1959

PREFACIO

A “*Madonna Sistina*” de Rafael constituía o orgulho da cidade de Dresde. Valia a pena visitar a capital da Saxônia somente para admirar tal imorredoura obra-prima de arte. Quem já esteve lá, sentado comodamente em uma das poltronas dispostas ao longo de pequena sala da chamada “Fortaleza”, reservada especialmente para este famoso quadro, pôde ver, iluminado obliquamente para um determinado efeito, o produto de uma arte verdadeiramente sublime.

Uma pesada cortina verde que se abre pelo meio, nos deixa contemplar o maravilhoso mundo do além. Maria se adianta das profundezas dos céus, trazendo nos braços o Salvador. Inumeráveis cabeças de anjos, indistintas em uma auréola dourada, dentre os límpidos véus das nuvens do fundo, contemplam, extasiadas, venerando o inconcebível prodígio. A Mãe de Deus se adianta para o nosso mundo, séria e solene: perante seu olhar scrutador se descobre a miséria de toda a humanidade. E ela carrega com a mais profunda compaixão, na nossa existência privada de luz, o Filho de Deus.

O seu véu se enfunia, como agitado pelo vento, envolvendo-a em um amplo arco. Ela caminha com a irresistível força da sua missão divina, e nos traz o auxílio de que nós, miseráveis pecadores, tanto necessitamos. O

próprio Menino Jesus nos olha, grave e majestoso, deixando transparecer, no seu olhar fulgurante, os raios da divindade, não se distinguindo em seu rosto nada de alegre, doce ou sentimental. E como seria isso possível? Na alma do divino Infante já se projeta a sombra sangrenta do Calvário. O seu caminho será ladeado mais de espinhos do que de flôres; a Redenção da humanidade, atolada no seu grave estado de culpa, vai-lhe custar amaríssimo suplicio, o derramamento do próprio Sangue e o supremo sacrifício da existência, no pleno meio-dia da vida.

À direita da Dama Celeste vê-se o Papa Xisto ajoelhado, orando, o qual eleva para ela o seu olhar, indicando com a mão a nossa miséria. À esquerda, próxima de Nossa Senhora, acha-se Santa Bárbara, de mãos postas junto ao peito, irradiante de júbilo pela certeza que tem de se achar libertada dêste mundo tão mau. Olhando-nos assim do alto, com tão alegre semblante e espargindo tanta graça das pupilas profundas, parece que nos está dizendo: "Tende fé, a salvação está próxima". Dois anjinhos pensativos apóiam-se na margem inferior da pintura, em atitude também grave e séria, como se estivessem pensando, muito admirados, no amor paterno de Deus que não deixa perecer os filhos transviados na miséria do pecado.

O magnífico quadro fixa o mais importante momento da história do mundo: o Advento do Salvador. A êste acontecimento, cujo alcance é infinito, Maria Santíssima está inseparavelmente ligada, na qualidade de Mãe do Redentor. Ela concebeu o Menino por obra do Espírito do Eterno e o traz à humanidade: o pecado, a morte e Satanás são vencidos. O caminho que conduz a Deus, fonte de toda a verdade, de toda a beleza, de toda a bondade,

única via que nos leva à felicidade e à vida eterna, está livre de novo. Deus se curva diante de nós, como um pai amoroso, e nos permite ainda que nos chamemos seus filhos.

Essa estreita aliança com a obra divina da Redenção torna Maria muito cara e preciosa aos nossos corações. Elevemos nosso olhar para ela com jubilosa gratidão, desejosos de conhecê-la cada vez melhor. Chegados, porém, a êsse ponto, somos obrigados a constatar, pensando bem que poucas referências possuímos sobre ela, pois, de fato, o que foi dito a seu respeito na Sagrada Escritura não dá para encher muitas páginas. Não obstante isso, grossos volumes foram escritos sobre a vida de Maria, sendo que alguns autores não hesitaram em seguir fontes incertas, que não merecem nenhuma confiança. Creio que não se presta, por tal modo, um bom serviço à Mãe de Deus, que não tem certamente nenhuma necessidade dos enfeites da nossa pobre invenção e da nossa imaginação. Se o Evangelho não se expande sobre a vida de Maria, é fora de dúvida que, tudo quanto aí está referido é o que de mais alto e, ao mesmo tempo, de mais respeitoso se possa dizer de uma pessoa.

Nas páginas que seguem tenciono apresentar aos leitores uma imagem de Maria segundo as fontes autênticas, excluindo tudo o que fôr pura imaginação, tudo o que não fôr suficientemente documentável.

Maria deve ser vista, no seu próprio ambiente: a história, a arqueologia, a geografia, devem ajudar-nos a compreender melhor a vida da maior, da mais abençoada mulher de todos os tempos. Dêste modo a Mãe de Deus se aproximará mais de nós, também pelo seu lado humano,

e se tornará ainda mais cara e familiar para cada um de nós.

O autor não tem a pretensão de suprir as grandes lacunas existentes ou de esclarecer os misteriosos trechos da vida de Maria, conhecidos somente de Deus e dos Anjos. A realidade foi por certo bem diferente do que podemos descrever, nós, homens do século XX, com as côres da nossa fantasia. Por essa razão, algumas suposições são às vezes formuladas ainda aqui e ali, no decorrer da narração, mas estas não são de todo desprovidas de fundamento e serão indicadas como tais.

Que esta tentativa de ampliar uma série de quadros, focalizando Maria através do material autêntico que pudemos manusear, possa não desgostar a Mãe de Jesus e reverter somente para sua glória.

O AUTOR

Publicado em www.leiturascatolicas.com
Maio/2013

CAPÍTULO I

AS FONTES

Não podemos deixar de apresentar, logo de início, uma breve descrição das fontes recorridas em busca do material necessário à narração da vida de Maria, a fim de poder inspirar ao leitor plena confiança nessa narrativa. Talvez venha êle achar falta de algumas passagens tradicionais, mas há de verificar logo quanto são desprovidas de valor certas informações e narrativas especialmente quando se trata dos manuscritos apócrifos.

1. Os Evangelhos

A principal fonte para a reconstrução da vida de Maria é constituída pelos quatro Evangelhos. A antiga heresia dos Ebionistas (1) e a hipocrisia moderna (2) negaram a autenticidade dos capítulos referentes à infância de Jesus sustentando que haviam sido insertos mais tarde; porém, a autenticidade de tais capítulos (Mt. 1 e 2; Lc. 1 e 2) não pode ser contestada cientificamente. Os mais antigos manuscritos dos Evangelhos, sem exceção, os contém; os mais antigos Padres da Igreja conhecem seu conteúdo e dêles fizeram largo uso, e até mesmo os mais antigos

(1) Epifânio, *Haeres.* 30, 14.

(2) Wellhausen, *Im Matthäus — und Lukaskommentar.*

apócrifos se baseiam sobre eles (3). Um autor contemporâneo escreve: «Se a crítica literária conseguiu constatar por unanimidade alguma coisa, é justamente o fato de que a narrativa da infância (de Jesus) é parte integrante (integral part) do terceiro Evangelho (Machen, *The Virgin Birth*, New York, 1938, p. 61). Aquêles que negam a divindade de Jesus e a possibilidade do milagre, não podem aceitar os fatos sobrenaturais, como o nascimento de Jesus, provindo de uma virgem, as aparições dos Anjos, o cometa dos Magos, etc. Mas o êrro substancial não está nas notícias referidas pelos Evangelhos, mas nas opiniões de tais críticos, que julgam impossíveis êsses fatos prodigiosos e querem prescrever a Deus aquilo que Ele pode ou não pode fazer.

Os Evangelistas não têm a intenção de escrever a vida da Mãe de Jesus: toda a atenção dêles está evidentemente concentrada sobre o Cristo, do qual narram, de um modo verdadeiramente minucioso, milagres, padecimentos, morte e ressurreição, até atingirem o fim que cada um dêles se tinha prefixado. Mateus quer de fato demonstrar aos seus compatriotas que Jesus de Nazaré é o Messias anunciado pelos Profetas. Marcos reproduz as instruções de São Pedro e demonstra que Jesus é o Filho de Deus. Lucas apresenta Jesus como o misericordioso Salvador do mundo, como o médico e o Samaritano das almas. João finalmente escreve «a fim de que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, para que acreditando, tenhais a vida no seu nome» (20, 31).

Eles encaram somente a Jesus, e todas as outras pessoas do seu séquito, inclusive Maria, despertam sua aten-

(3) Heigl, *Die 4 Evangelien*, 1916, p. 125-7.

ção somente enquanto possam ter importância para a pessoa de Jesus Cristo, que é para eles como o sol que ilumina todas as coisas e diante do qual a lua empalidece e as estrelas não podem mais brilhar. Tudo porém que os Evangelistas referiram a respeito de Maria é absolutamente digno de fé. Mateus conheceu-a pessoalmente, porque ela residiu por algum tempo em Cafarnaum (Jo. 2, 12) onde o Apóstolo era coletor de rendas. Maria aparece também de quando em quando na vida pública de Jesus (Mt. 12, 46-50) e assiste, na companhia dos Apóstolos, a descida do Espírito Santo (At. 1, 14 ss.); provavelmente viveu por vários anos na casa de João em Jerusalém, até a morte (Jo. 19, 27). Dêste modo Mateus teve repetidas oportunidades de falar com ela e de saber muitas coisas da sua vida, tendo, por outro lado, podido obter informações seguras também dos Apóstolos Tiago, o Menor e Judas Tadeu, filho daquela Maria chamada «irmã» (talvez cunhada) da Mãe de Jesus, sendo eles primos de Jesus e crescidos na mesma aldeia, talvez na mesma casa. Depois da Ascensão de seu filho ao céu, Maria terá certamente dado aos Apóstolos todas as informações necessárias sobre o nascimento e sobre a infância de Jesus, e que foram depois utilizadas por eles nas suas pregações. Era portanto inevitável que as suas vicissitudes fizessem também parte das narrativas dos apóstolos, o que acontece sempre de um modo muito modesto no Evangelho de Mateus. Maria, de fato, não diz uma só palavra, não decide jamais as próprias ações, mas deixa tudo por conta de Deus e de seu espôso. Ali ficamos cientes das dúvidas de José, da concepção de Jesus por obra do Espírito Santo, da visita dos Magos, da fuga para o Egito, do morticínio dos inocentes em Belém e do retôrno a Nazaré. Depois disso, somente

em outros dois textos (12, 46 ss. e 13, 55) se fazem referências a Maria.

Marcos omite a história da infância de Jesus e somente por duas vezes alude casualmente à Mãe de Jesus (3, 31 ss. e 6, 3) sem no entanto nada dizer de novo.

Copiosas informações nos são dadas por Lucas, mas não há certeza de ter ele conhecido Maria, o que somente poderia ter acontecido se depois de sua conversão ao Cristianismo, tivesse ele vindo de Antioquia a Jerusalém, lá pelo ano 40 (cf. At. 11, 26 Codex D), fato este de que não temos nenhuma notícia. É certo porém que em 58 veio ele juntamente com Paulo a Jerusalém (At. 21, 17), parecendo que tenha ficado na Palestina até 60, colhendo dados sobre a vida de Jesus e aproximando-se no seu conhecimento com o auxílio «daqueles que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram ministros da palavra» (1, 1-4). Naquela época, porém, Maria já não era certamente mais viva, a menos que se supunha ter ela atingido a idade de 82 ou 85 anos, coisa que ninguém afirma.

Mas Tiago, o Menor, o denominado «irmão» (primo) do Senhor, e João, o filho adotivo de Maria, viviam ainda e estavam por isso em condição de narrar a Lucas muitos episódios referentes a Maria. Parece que Lucas tenha também aproveitado para os dois primeiros capítulos uma relação escrita, pois o estilo assemelha-se, de fato, muito mais ao semítico do que os capítulos seguintes. Os três hinos («Magnificat», «Benedictus» e «Cântico de Simeão») fazem pressupor, de qualquer maneira, uma fonte escrita. Além disso, por duas vezes, pelo menos, o autor se apóia no testemunho de Maria: «Maria pelo seu lado, conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração» (2, 19. 51). A expressão: «Mas eles não com-

preenderam o que lhes foi dito» (2, 50) indica o mesmo conceito. Quem poderia ser, senão Maria mesma, capaz de afirmar não ter compreendido as palavras de Jesus, que tinha então doze anos de idade, palavras no entanto que qualquer leitor acredita compreender? Ela é justamente tão humilde ao ponto de confessar a si mesma que, nas palavras de seu filho: «Não sabíeis que devo ocupar-me de tudo que se refere ao meu Pai?» (2, 49), estivesse oculto um significado mais profundo, capaz de não ser de súbito compreendido pela mente humana.

Lucas narra a anunciação, a visita a Isabel, a viagem a Belém, o nascimento de Jesus, a adoração dos pastores, a circuncisão, a apresentação no Templo; fala de Simeão e Ana, conta a volta a Nazaré, a perda e o encontro de Jesus aos 12 anos, a vida escondida em Nazaré (1 e 2); mas, fora desses dois capítulos, encontram-se referências à Mãe de Jesus, apenas duas vezes mais (8, 19-21 e 11, 27 ss.). Nos Atos dos Apóstolos vem citada apenas uma vez (1, 14).

João está habilitado a narrar por experiência direta, sabido que a Mãe de Jesus passou os últimos anos de vida em sua companhia. Ele relata tudo que aconteceu nas bodas de Caná (2, 1-11), sua viagem a Cafarnaum (2, 12) e na comovedora cena junto à cruz (19, 25-27). Na famosa passagem sobre a «Mulher vestida de sol» (Apc. 12, 1-18), segundo a opinião de muitos comentadores, não se trata diretamente da Mãe de Deus, mas sim da Igreja de Cristo. Todavia as cores da descrição devem ter sido tiradas de Maria, como figura da Igreja.

Paulo faz apenas duas referências à Mãe de Jesus (Gál. 4, 4; Rom. 1, 3). E assim temos citado, com esses últimos, todas as passagens do Novo Testamento nas quais se fala de Maria, com bastante concisão, é verdade, mas com

as características da máxima sinceridade, da qual é garantia a inspiração direta dos autores sacros e o infalível juízo da Igreja, que ensina que o Espírito Santo dirige os autores dos Evangelhos, fazendo que por intermédio dêles, nos seus escritos, nos seja comunicada a mais absoluta verdade, isenta de qualquer êrro.

Mais adiante, em nossa exposição, apresentaremos a simples narração, que evita todos os exageros.

2. A história contemporânea

Uma outra fonte para a narração da vida da Mãe de Deus é a história contemporânea. É verdade que esta não se refere jamais diretamente a Maria, mas serve para nos fazer conhecer o quadro, o ambiente em que se desenrolou sua vida. Pelas notícias dos contemporâneos ficamos sabendo tôdas as idéias e as esperanças, as alegrias e as dificuldades, os acontecimentos bélicos e as maquinações políticas, as correntes religiosas e as condições sociais, tôdas aquelas coisas, em suma, que influíam sobre a vida dos homens daquela época.

O mais importante historiador dos tempos de Jesus Cristo é Flávio Josefo, um sacerdote israelita que viveu do ano 37 até além do ano 100 depois de Cristo. Ele é autor de duas obras históricas: «A Antiguidade Judaica» e «A Guerra Judaica» e de outros escritos de menor importância. A primeira trata, em vinte livros, da história do povo hebreu, desde sua origem até a grande sublevação contra os romanos, no ano 66 da era cristã. A outra descreve em sete livros, depois de uma introdução bastante alongada, a grande guerra (66-70) que acabou com a destruição de Jerusalém e a dispersão do povo judeu. Para a vida de Maria é de muita importância o período de Hero-

des, o Grande, e de seus sucessores: Arquelau e Herodes Antipas. As narrativas de Flávio Josefo nos trazem muitos esclarecimentos sobre os fatos do seu tempo, em que teve oportunidade de consultar documentos escritos e de ouvir depoimentos orais sobre acontecimentos que se refletiram também sobre a vida de Maria.

O Talmude contribui para nos fazer conhecer usos e costumes de Israel, ao tempo de Jesus. A literatura rabínica, nascida somente depois da dispersão da nação judaica, se compraz em descrever os usos e costumes dos tempos mais recentes, preferindo tomá-los como modelos de vida também para o passado. A vida não decorre porém sob normas e formas iguais para todos: cada indivíduo tem as suas peculiaridades, o que se verifica de modo especial para a vida de Maria: a sua posição toda particular no plano divino para a salvação da humanidade e as suas experiências próprias não podem ser imitadas. A sua imagem pode, certamente, ser posta na mais bela moldura, que a poesia poder ornar à vontade, mas, para nós, o que interessa é a imagem, muito mais do que a moldura, por mais preciosa que seja. A vida de cada menina e de cada mulher do seu povo se desenrola em um quadro ordinário, mas como desejamos saber o que é característico e particular de Maria passaremos à expor o que se refere a tôdas as mulheres do seu tempo e do seu povo somente na parte que nos pode servir para compreendermos melhor na vida.

Quanto aos Padres da Igreja, é difícil obter de seus escritos alguma informação segura sobre a história da Mãe de Deus, além do que vem narrado nos Evangelhos. Se algum dêles nos oferece outra coisa mais, é quase sempre tirada dos apócrifos, que constituem uma fonte bastante

suspeita, como veremos adiante. O valor do ensinamento desses Padres é muito mais eficaz no campo da fé e da moral do que no da história.

3. Os apócrifos

Na maior parte das narrativas da vida de Maria foram aproveitadas as lendas dos apócrifos. Entende-se por «apócrifos» aqueles escritos elaborados por uma pretensa personalidade bíblica, que finge saber coisas ignoradas da História Sagrada, sendo que os autores, muitas vezes heréticos, não revelam seu verdadeiro nome.

Com referência à vida de Maria há dois grupos de apócrifos: o primeiro se ocupa do nascimento e infância de Maria e o outro grupo trata da sua morte. A «História de Tiago sobre o nascimento de Maria», chamada «Proto-evangelho de Tiago», do século XVI em diante, seja pela sua antiguidade, seja pela habilidade do narrador, como pela sua evidente intenção de provar a virgindade de Maria, servindo à sua glorificação, conquistou muito aprêço e exerceu muita influência sobre a literatura mariana, influência que ainda perdura até hoje. Também Orígenes conhecia esse escrito e no seu «Comentário sobre Mateus» (10, 17, p. 13, 876), logo após o ano de 244 d. C., cita a opinião segundo a qual os chamados «irmãos» de Jesus eram filhos do primeiro matrimônio de José (Proto-ev. 9, 2 e 18, 1). Entretanto, quase meio século antes, no ano 215 aproximadamente, Clemente de Alexandria refere que Maria, segundo a opinião de alguns, tenha sido achada virgem depois do parto, por algumas parteiras (4). Por isso o es-

(4) *Stromata* VII 93, 7; *Proto-ev. de Tiago* 19 ss.

crito do pretense Tiago devia já ser conhecido desde o ano 200, se bem que não tivesse ainda a forma por nós conhecida agora. Não está provado que o mártir Justino († 167) tenha utilizado tal documento, porque os pontos citados em causa podem ser explicados também diversamente (5).

O conteúdo do livrinho é o seguinte: Joaquim, rico proprietário, dono de numerosos rebanhos, e Ana, sua mulher, estão profundamente contristados porque não têm filhos; por esse motivo o sacrifício de Joaquim foi até recusado pelo sacerdote Rubens. Finalmente aos dois cônjuges foi, por um Anjo, anunciado o nascimento de uma filha. Maria nasce, causando isso grande júbilo, celebrando com grandes festas. Chegada à idade de três anos é levada ao templo. O sacerdote a coloca no terceiro degrau do altar, onde ela se põe alegremente a dançar. Ela cresce no Templo, recebendo diariamente o alimento das mãos de um Anjo. Apenas atingiu a puberdade, o Sumo Sacerdote Zacarias convoca os viúvos de Israel, que levam seus bastões ao Templo. Do bastão de José sai uma pomba, o que indica ser ele o escolhido para servir como uma espécie de tutor da jovem. José quer recusar, dizendo: «Eu tenho filhos e sou velho!» mas não houve recurso. Quando foi preciso fazer um novo véu para o Templo, Maria foi encarregada de prepará-lo. E quando um dia está tirando água do poço, o Anjo Gabriel a saúda, e, mais tarde, quando está tecendo fios de linha tintos de púrpura e de vermelho escarlata, anuncia-lhe que se tornará Mãe do Redentor.

Quando os sinais da maternidade se tornam visíveis

(5) *Dialogus c. Tryph.* c. 80 e 100; *Apol.* 1-33; *Proto-ev.* 18, 1; 12, 2; 11, 3.

José lhe pede contas do fato e ela jura: «Por quanto é verdade que o Senhor meu Deus vive, não sei de onde me veio isso». José foi então esclarecido por um Anjo, mas Ana o acusa de ter seduzido a virgem, pelo que José e Maria foram obrigados a beber a água da prova (uma espécie de juízo de Deus; cf. Núm. 5, 18), mas ela não lhes causa nenhum mal. O edito de Augusto chega a Belém, e por ocasião do nascimento de Cristo, a natureza inteira se detém por meia hora. Daqui por diante José começa a narrar os acontecimentos: êle vai à procura de uma parteira que, entrando na gruta, verifica que Maria, mesmo depois do nascimento do Menino, permaneceu virgem, e conta o milagre a Salomé. Esta porém não acredita nisso e quer convencer-se pessoalmente, como o incrédulo Tomé, mas, por castigo, a sua mão fica parálitica. Vem depois a visita dos Magos, a matança dos inocentes, a fuga de Isabel, o assassinato do Sumo Sacerdote Zacarias, a descoberta do assassino, o desaparecimento do cadáver, e nesse intervalo, a petrificação do sangue. Em lugar de Zacarias, Simeão torna-se Sumo Sacerdote. Finalmente o autor termina, assegurando: «Mas eu, Tiago, que escrevi essa história em Jerusalém, uma vez que a morte de Herodes suscitou várias rebeliões, retirei-me para o deserto até que se restabelecesse a ordem em Jerusalém, glorificando ao Senhor Deus que me concedeu os dons e a sapiência necessária para escrever essa história».

Tudo o que há de bom nestas narrativas foi tirado dos autênticos Evangelhos, mas aquilo que ultrapassa a versão dos Evangelhos, até aonde é possível um contrôlo, e revela como absolutamente falso e por isso as indicações não

confirmadas perdem qualquer valor de veracidade. Eis alguns exemplos:

Zacarias, pai do Batista, Samuel e o velho Simeão são chamados a exercer o cargo de sumos sacerdotes, mas nenhum deles aparece no elenco existente (6), o que prova não terem exercido jamais tal dignidade.

Maria, aos três anos, dança sobre o terceiro degrau do altar (7, 3), mas o grande altar do holocausto estava no vestibulo dos sacerdotes, onde nenhuma mulher podia entrar, não sendo, além disso, provido de degraus, mas de um estrado em rampa que subia ligeiramente, do lado sul, até os pés do altar (7).

O Sumo Sacerdote, revestido com o hábito das doze campainhas de prata, entra no Santo dos Santos para interrogar o Senhor sobre Maria (8, 3); mas ao Sumo Sacerdote era permitido entrar ali somente uma vez por ano, isto é, no dia da grande expiação e não em um dia qualquer para obter um oráculo.

O velho Simeão foi eleito por sorte (24, 4), mas o Sumo Sacerdote não era jamais eleito por sorte, o que se verificava apenas para os simples sacerdotes que deviam servir no Templo (Lc. 1, 9), provindo daí o engano do autor.

Sendo pobre de invenção, o autor se compraz em transferir os traços característicos de personagens famosas do Antigo Testamento às figuras nascidas da sua fantasia. Ana, a mãe do juiz Samuel, é o modelo em que se inspira para a Mãe de Maria, estabelecendo em ambos os casos: es-

(6) Cf. Emil Schürer, *Geschichte des jüdischen volkes im Zeit alter Jesu Christi*, Leipzig 1898, II 216-220.

(7) Ex. 20, 26; *Tratado Middoth* 3, 3; e também *Guerra Judaica* V 5. 6.

terilidade, vergonha, voto, oferta da criança de três anos ao Templo e hino (1 Rs. 1-2).

«Era porém o grande dia do Senhor» (1, 2; 2, 2); mas não há nenhuma grande festa dos hebreus com esse nome.

O falsificador não conhece bem, nem os lugares nem o país, sendo as suas asserções extremamente imprecisas. Imagina o povo de Israel como o de uma comunidade rural, que pode ser convocado a reunir-se ao som de uma trombeta e que também pode ser hospedado por uma só pessoa abastada. (1, 1; 6, 2). A verdadeira pobreza da Mãe de Deus está em contradição com a suposta opulência de Joaquim.

José é figurado como um velho viúvo e como tutor de Maria, em contradição evidentíssima com o Evangelho que o chama expressamente de «espôso de Maria» (Mt. 1, 16. 20. 24; Lc. 1, 27; 2, 5).

Sem nenhum fundamento é a acusação feita a José, de haver seduzido Maria, e bem assim a condenação a beber a água da provação (15, 16), assim como a imitação da história do incrédulo Tomé, na narrativa da parteira incrédula Salomé (19, 20). O bastão de José, do qual saiu uma pomba é uma imitação da vara de Aarão, da qual brotaram rebentos (Núm. 17). Não são esquecidos nem mesmo os gêmeos litigantes de Rebeca (Gên. 25, 22-25) quando coloca na boca de Maria estas palavras: «Vejo com meus olhos dois povos, um que chora, e outro alegre e triunfante» (17, 2). Mas aquelas palavras que, na boca de Rebeca têm um profundo significado, não se ajustam de facto a Maria.

O autor chega a fazer Maria a jurar falso, quando a apresenta dizendo a José que não sabia como tinha aconte-

tecido a sua concepção, não obstante o colóquio havido com o Anjo Gabriel (13, 3).

Que coisa pensaram os Padres da Igreja dêsse grosseiro escrito? Eles, em geral, não se pronunciaram favoravelmente sobre os apócrifos. Assim, Orígenes recusa os falsos evangelhos segundo Tomás, Matias e outros (8). São Cirilo de Jerusalém, em 348, adverte os catecúmenos: «Não leiais nada dos apócrifos. Se não conheceis ainda as Escrituras (santas) reconhecidas por todos, por que atormentar-vos com aquelas ainda discutidas? Lede em vez disso a Sagrada Escritura» (9). Mais adiante acrescenta ainda uma vez: «Não olhar sequer para os apócrifos» (10). S. Agostinho não quer saber deles. «Deixemos de lado aquêles escritos imaginários, chamados apócrifos, cuja obscura origem os Padres não conheciam, ao passo que eles permitiram que chegassem até nós somente aqueles manuscritos sagrados que são autênticos e decisivos, com uma tradução mais segura e reconhecida por todos. Ainda mesmo que nestes apócrifos se encontrasse alguma verdade, eles jamais mereceriam a aprovação da Igreja por causa das numerosas falsidades que contêm (11).

São Jerônimo ainda se exprime mais duramente, em uma carta a Leta. «Ela (a filhinha de Leta) deve evitar todos os apócrifos. E se alguma vez quizer lê-los, não para se instruir na fé, mas para exercitar-se nas letras, saiba que os autores de tais escritos não são aquelas pessoas das quais tomaram os nomes, e que em tais escritos

(8) *In Lucam homil.* (PG 13 (1803).

(9) *Cat.* 4, 33 (PG 33, 497).

(10) *Ibid.* 5, 35 ss (PG 33, 497).

(11) *De civitate Dei* XV 23, 4 (PL. 41, 470).

há muitos erros, sendo preciso muita prudência para poder extrair o ouro da lama» (12).

Rejeita expressamente o proto-evangelho de Tiago e o declara uma invenção (comenta) dos heréticos, um delírio dos apócrifos (deliramenta apocryphorum) (13), uma extravagância (somnia) (14). Há somente quatro Evangelhos autênticos. Os cantos fúnebres dos apócrifos (naeniae) deveriam ser de preferência cantados aos hereges mortos e não aos filhos vivos da Igreja (15). Se não acharmos facilmente compreensível algum trecho do Antigo Testamento, cujo sentido tenha sido interpretado pelos Apóstolos, não vale a pena recorrer às tolices e à fantasia dos apócrifos (16).

De um modo igualmente claro pronunciou-se o Magistério eclesiástico. O Papa Inocêncio I enumera em primeiro lugar os escritos canônicos em uma carta ao Bispo Exupério de Tolosa, em 405, e depois acrescenta: «Deves saber que não merecem apenas refutação, mas também condenação todos os escritos que vão sob o nome de Matias ou de Tiago o Menor, ou de Pedro e João, mas em vez disso foram compostos por um tal Léucio; ou ainda aquêles outros que vão sob o nome de André, e que provêm dos filósofos Nexocaride e Leonídio, e também aquêles sob o nome de Tomás e de outros» (17).

O decreto gelasiano que é atribuído a diversos Papas: Dâmaso (366-384), Gelásio (492-496) ou Ormisda (514-523), e que é por alguns considerado uma compilação privada, — condena numerosos escritos apócrifos e heréticos

(12) *Epist. ad Laetam* (PL 23, 688).

(13) *Adv. Helv.* 8 (PL 33, 102).

(14) *In Matth.* 23, 35 (PL 26, 173).

(15) *Ibid. Prol.* (PL 26, 20).

(16) *In Epist. ad Ephes.* 5, 31 (PL 26, 530).

(17) Denzinger-Bannwart. *Enchiridium*, Friburgo 1908 n° 46.

e entre êles os seguintes: os evangelhos apócrifos que vão sob o nome de Matias, Tiago o Menor e Tomás, compostos pelos Maniqueus; o livro apócrifo sobre a infância do Salvador, sobre seu nascimento e sobre Maria e a parteira; o livro em que vem narrada a morte de Maria (isto é, a sua Assunção ao céu).

O decreto termina com estas significativas palavras: «Nós consideramos que êstes e outros escritos análogos... não merecem apenas ser rejeitados, mas também destruídos, por tôdas as igrejas católicas, apostólicas, romanas sendo dignos de excomunhão os seus autores e propagadores» (18).

O quarto Sínodo de Braga, em Portugal (561) condenou com a excomunhão os leitores e difusores dos escritos apócrifos, «que foram compostos por heréticos, de acordo com suas falsas doutrinas e que vão sob o nome de Patriarcas, Profetas e Apóstolos» (19).

A Igreja tem portanto falado bastante claramente e o seu juízo para nós é decisivo e obrigatório.

Um cauto e competente investigador, Bardenhewer, julgou dêste modo, e com tôda a razão, o proto-evangelho de Tiago: «As informações sobre a vida de Maria, antes do seu noivado, devem ser inteiramente criações de pura fantasia, inteiramente desprovidas de qualquer valor histórico» (20).

Não queremos desperdiçar trabalho e perder tempo em considerar os outros apócrifos sobre a juventude de Maria. Não são êles mais do que uma livre adaptação daque-

(18) Mansi 8, 502-2.

(19) Denzinger-B 13, n° 245.

(20) *Geschichte der altkirchlichen Literatur I* p. 556.

les sôbre os quais já falamos: assim, por exemplo, o Evangelho de Matias (ou pseudo-Mateus) e o *Liber de nativitate Sanctae Mariae*, que foi maliciosamente atribuído a S. Jerônimo, o inimigo de todos os apócrifos.

Até o relato da morte de Maria pertence ao reino exuberante da mais fértil imaginação e existe em três compilações grandemente diversas entre si. Basta lê-los para convencermo-nos da sua absoluta falta de valor.

Apesar disso, a literatura ascética se ressentirá até hoje e ainda se ressentirá talvez no futuro, da negativa influência de tôdas essas narrativas lendárias. Podem-se consultar os dois primeiros volumes da «Suma Aurea» de Bourassé (uma longa história da vida de Maria, escrita em latim) ou mesmo a vida de Maria, de Jamar, e mil outros livros e livrecos. No entanto, sômente a verdade pode edificar.

Publicado em www.leiturascatolicas.com
Maio/2013

CAPÍTULO II

A JUVENTUDE DE MARIA

São Lucas introduz Maria Santíssima na narração evangélica com as seguintes palavras: «Seis meses depois, o Anjo Gabriel foi mandado a uma cidade de Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem, espôsa de um homem de nome José, da casa de Davi. O nome da virgem era Maria» (1, 26 ss.). Com breves e simples palavras o terceiro Evangelista nos deixa conhecer que Maria morava em Nazaré, já casada mas ainda virgem, e que fôra favorecida por uma aparição do Anjo Gabriel, o mesmo que tinha anunciado precedentemente ao sacerdote Zacarias o nascimento de um filho, o precursor do Messias. A mensagem que o Anjo transmite a Maria é muito importante, não sômente para ela, mas também para toda a humanidade. O Evangelista discorre com simplicidade e franqueza sôbre coisas verdadeiramente sublimes e nos narra apenas o estritamente necessário com referência à virgem cheia de graça. O seu testemunho é portanto valiosíssimo.

1. O lugar de nascimento

Onde nasceu Maria? Não o sabemos. A Sagrada Escritura cala-se a êste respeito. Uma tradição tardia apresenta quatro localidades como sendo o lugar onde nasceu

Maria: Séforis (que foi durante certo tempo capital da Galiléia, situada a cerca de 5 quilômetros de Nazaré), Belém, Jerusalém e a própria Nazaré (1); o que prova que a antiguidade cristã tinha sobre esse ponto apenas suposições e nenhuma certeza.

Entre as quatro cidades que disputam a honra de ter sido o berço da Virgem, Jerusalém merece a preferência. De fato, tal opinião é sustentada no pseudo-evangelho de Matias, uma recomposição do proto-evangelho de Tiago, e também pelo peregrino Teodósio (em 530) (2) e por Antônimo de Placência (em 570) (3), Sofrônio, patriarca de Jerusalém de 634 a 638 (4) e São João Damasceno (5), os quais adotaram também esta opinião, seguidos por inumeráveis autores, até os dias de hoje.

No pequeno escrito apócrifo «De nativitate Sanctae Mariae» (1, 1), atribuído a S. Jerônimo e que surgiu em vez disso, no princípio do século VIII e nada mais é do que uma compilação do proto-evangelho de Tiago, Nazaré vem indicada como o lugar de nascimento da Virgem Maria. Nenhuma informação suficientemente fidedigna possuímos para poder afirmar isso, sendo seguro somente o fato que Maria vivia em Nazaré quando recebeu o anúncio do Anjo.

Uma outra indicação nos é dada pelo seguinte fato: o neto de Simão Macabeu, rei Aristóbulo I (105-104), conquistou aos Itureus, que eram pagãos, a parte meridional do seu território, a Galiléia, e propôs aos habitantes a alternativa de emigrar ou então aceitar as leis hebraicas

(1) Vitti, *Ubinam BVM nata sit?* "Verbum Domini" 10 (1930) 257-64.

(2) Geyer, *Itinera Hieros.* p. 142.

(3) Idem, *ibid.* p. 177.

(4) *Anacreontica*, 20, 81-90 (PG 87, 3821 ss.).

(5) *Homilia in nativ. BVM*, 6 (PG 96, 669, e *De fide orthodoxa* IV 14 (PG 94, 1157 ss.).

e com isso se deixarem circuncidar. Alguns dêsses preferiram abandonar o país e em seguida a êsse movimento alguns Judeus do Sul emigraram para êsse território, mais rico e mais fértil. Entre os novos colonos estava certamente a família de que descendiam Maria e José, talvez os seus avós ou bisavós. Se de fato os primeiros que imigraram neste território, vindos de Belém a Nazaré, fôssem apenas os pais de Maria e José, ao chegarem a Belém teriam por certo encontrado ainda parentes e amigos, junto dos quais teriam recebido boa acolhida, dada a proverbial hospitalidade dos orientais. Ao contrário disso, no entanto, nem José nem Maria puderam bater à porta de algum parente betlemita. Ambos eram estrangeiros naquela cidadezinha.

Olhemos mais de perto a pequena região onde transcorreram os dias da juventude da mais excelsa e da mais amável de tôdas as criaturas. A Galiléia constitui a região mais setentrional da Terra Santa, que se estende para o sul, até o monte Carmelo; a este, até o rio Jordão; ao norte, até o passo do Leontes (hoje *Nahr el-Kâsimijje*); e a oeste quase até o mar. A estreita faixa de terra que corre ao longo da costa não é considerada como pertencente à Galiléia. Uma linha reta tirada de Akko até a extremidade norte do lago de Genezaré, corta a região em duas partes desiguais: a alta e a baixa Galiléia.

Da confusa massa dos montes da alta Galiléia se eleva a cima de todos o *Gebel Germak* (1198 m) com o *Gebel el-'Arûs* (1073 m) ao sul e o *Gebel Adâtir* (1006 m) ao norte. Dêsse grupo central se irradiam, em tôdas as direções, cadeias mais baixas de montes e vales. Trilhos íngremes trepam pelas encostas por entre desmoronamentos e por vezes com degraus escavados na rocha pela ladeira acima. Ali perto atravessa-se uma pouco densa floresta; mais

além avistam-se terrenos recobertos de vinhedos. Velhos terraços obstando a erosão testemunham o diligente esforço dos primitivos habitantes da região. No meio das ameixeiras e na bastidão dos carvalhos sempre verdes, ainda hoje o visitante encontra ruínas de muros, de torres, de casebres que antigamente existiam sobre aquelas escarpadas alturas, como ninhos de águia, e bem assim restos de templos, de sinagogas e de igrejas. A rocha está toda perfurada de cisternas, adegas, lagares e sepulcros. Destacam-se ruínas de todas as civilizações, desde os tempos dos cananeus ao domínio dos Cruzados.

Os monte da baixa Galiléia são menos elevados. O mais notável dentre eles é o Tabor (562 m) cujo cimo maciço domina toda a região. Inumeráveis valados se ramificam para leste e oeste. As aldeias se enraízam pelas encostas, se ostentam sobre as alturas ou se escondem no fundo dos vales. Oliveiras de cor cinzenta-prateado se alinham sobre a lombada dos montes; as figueiras oferecem sombras agradáveis, sob suas amplas ramadas de um tom verde-claro; mangueiras e carvalhos, pistácias e azevinhos se agrupam juntas. «A terra tem qualquer coisa de repousante, de plácido e distensivo, uma terna vibração das coisas. Aqui não se encontram abruptas encostas, nem desertos incultos, e áridos, mas um desenrolar de férteis e ricas campinas, que quase convidam a serem cultivadas» (6).

A Galiléia recebe chuva em maior quantidade do que a Samaria e a Judéia, e dispõe por isso de mais ricos cursos de água. O clima é ameno na vizinhança da costa, mais frio na parte setentrional, quente na depressão do lago de

(6) Cf. Schwalm, *La vie privée du peuple juif à l'époque de Jésus-Christ*, Paris 1910 p. 122 ss. e também no *Dictionnaire de la Bible* III 87-95 "Galiléia."

Genezaré (208 m abaixo do nível do mar), os ares são saudáveis. No tempo de Cristo a região era muito povoada, e bem cultivada, rica de campos, de bosques e pastagens, as suas planícies produziavam trigo e cevada, os seus pomares saborosos frutos e uvas deliciosas.

O clima da Terra Santa é deveras singular. Própria-mente só há duas estações: verão e inverno, ou também estação seca e estação chuvosa. As chuvas começam pelos fins de outubro ou começo de novembro e as últimas caem pelos meados de abril ou mais tarde, contando-se nesta estação cerca de cinquenta dias de chuva. O verão é quente, seco e quase inteiramente privado de chuva, pelo que toda a vegetação murcha e a região parece um deserto. A agricultura deve por isso adaptar-se a estas condições climáticas; depois das primeiras chuvas de novembro começa-se a trabalhar a terra, porque ela se acha então toda molhada e amolecida; depois da última chuva de abril, entre Páscoa e Pentecostes, a ceifa do trigo constitui a parte mais importante da colheita. No calor do verão amadurecem os figos, as olivas e a uva cuja colheita realiza-se depois, em setembro e outubro.

O lago de Genezaré, com as suas ridentes margens é o orgulho da Galiléia. Flávio Josefo assim descreve a pequena planície de Genezaré, vizinha à praia ocidental: «A aldeia de Genezaré, vizinha do lago do mesmo nome, oferece maravilhosas belezas naturais. Seu fértil solo permite a cultura de toda a espécie de plantas e os camponeses têm ali plantado tudo quanto é possível. O clima temperado é próprio para a mais variada vegetação. Vivem ali de fato muitas nogueiras que exigem o clima frio, tamareiras que, ao contrário, requerem o calor e figueiras e oliveiras que melhor se adaptam a um clima mais doce. Poderia falar-se

da magnificência da natureza, que se esmerou em aproximar e reunir coisas que se hostilizam entre si, e do feliz comportamento das estações, como se cada uma se arrogasse a posse do lugarejo. A terra não somente produz os mais disparatados frutos, mas os conserva ainda por muito tempo. Ela fornece os dadivosos cachos de uva e figos durante cerca de dez meses e os outros frutos remanescentes amadurecem durante todo o ano» (7).

Os Galileus constituíam uma raça de homens que se destacavam sobre os mais fortes e industriais, e por isso mesmo pugnaz. «Aos homens não faltava coragem e à terra não faltavam homens» (8). Os Galileus não eram portanto mesquinhos como os habitantes da Judéia, porque estavam em contínuo contacto com o grande mundo por meio das caravanas que percorriam sua terra natal em toda a sua extensão e ligava o Egito às terras do Eufrates. Eram tidos como mais práticos e não se detinham em prolongados debates, como os habitantes de Jerusalém, pelo que se dizia: «Quer ficar rico? Vá para o norte. Procura a sapiência? Vem para o sul» (9).

A Galiléia tinha, no tempo de Cristo, 240 cidades e aldeias (10). Exagerando de modo hiperbólico, Flávio Josefo asseverava que a menor de todas contava 15.000 habitantes (11), resultando de tal estimativa uma cifra absolutamente impossível para aquela pequena região, que passaria então a ter muito mais de 3 milhões.

Quase no centro da baixa Galiléia está a cidadezinha de Nazaré, que se pode gloriar de ser a pátria de Jesus e de

(7) *Guerra jud.* III 10, 8.

(8) *Ibid.* III 3, 2.

(9) Schwalm, *op. cit.* p. 157.

(10) Flávio Josefo, *Vida* 45.

(11) *Guerra Jud.* III 3, 2.

Sua Mãe. Acha-se colocada em uma bela posição, vizinha à encosta meridional do monte **Nebi Saîn**, também chamado **Gebel es-Scêh** (488 m), na cova onde nasce o **Wâdi el-Emîr**, que corre de nordeste a sudoeste e depois volta-se para o sul, para se precipitar na planície de Esdrelon. O **Gebel el-Kafsê** fecha o panorama neste vale. Colinas de pedra calcárea circundam a pequena cidade com a grinalda de seus suaves e ondulados cimos. Para quem vem de Jerusalém, Nazaré oferece um panorama verdadeiramente encantador: O pequeno vale e as colinas ao redor, cobertas de luxuriante vegetação, — pela sua maior parte moitas e árvores — oferecem, vistas das colinas meridionais, a imagem de um grande cêsto, entrelaçado pelas mãos de Deus, no qual as casinhas brancas brilham como flôres.

Mas se este aspecto, de longe, se apresenta sedutor, a Nazaré hodierna é bem pouco interessante por dentro. As ruas são estreitas, íngremes e sujas, com o seu calçamento de seixos muito escorregadios e desiguais, sobre os quais pode-se cair facilmente, de modo especial em tempo chuvoso. As grandes igrejas européias, os conventos e os edifícios escolares contrastam estranhamente com as pequenas e pobres casinhas, de forma cúbica, dos naturais do país (12). Os arredores, no entanto, são muito belos, especialmente na primavera, quando miríades de flôres e ervas perfumadas desabrocham entre sebes e moitas; toda a planície se assemelha então a um continuado tapete de flôres. As anêmonas rubras e brancas se confundem com as tulipas; íris azuladas como o céu, com ranúnculos cor de púrpura, asfódelos de um tom ligeiramente violáceo e branco com a «scabiosa arvensis», azulada, salpicada de vermelho. Não faltam espi-

(12) Semkowski, em "Verbum Domini", 6 (1926) p. 89.

nhos e cardos. O cardo de Maria, com suas fôlhas branco-marmóreas, é verdadeiramente magnífico (13).

Certamente a juvenil Maria, se alguma vez tiver subido ao alto dessas colinas, terá podido contemplar com seus olhos brilhantes a estupenda criação de Deus, alegrando-se em seu coração por ver tão variegada natureza.

O panorama descortinado de **Gebel es-Scêh** é o que era demais sugestivo; das bandas do nascente se mostra o repoussante Tabor, a sudoeste o **Nebi Dahî**, que abrigava nas suas encostas as pequenas aldeias de Endor, Naim e Sunem; muito mais além se destaca o monte de Gelboé, de tão tristes recordações. Para o sul se estende o vale de Esdreton, o fértil celeiro da Galiléia. Lá ao longe, no horizonte esfumado, perdem-se os numerosos cimos da montanhosa Samaria e o alongado dorso do Carmelo avança até o mar. A oeste ondulam suavemente as colinas da baixa Galiléia. Ao norte, a poucos quilômetros de distância, ficam a capital Séforis e a aldeia de Caná. As imponentes massas das montanhas da baixa Galiléia dominam majestosamente o resto da paisagem. Bem ao alto, na encosta do sul, via-se «a cidade sôbre o monte, que não podia permanecer oculta», Safed. Para além das fronteiras do nordeste, o elevado Hermon (2.759 m) nos saúda com os seus profundos despenhadeiros e deslumbra com os picos cobertos de neve. A alma transfigurada de Maria, aberta assim a tôda a espécie de belezas, rejubilava-se em ver um panorama tão belo, assim como se alegra tôda criatura de Deus no admirar as obras grandiosas do Pai celeste.

Nazaré, sendo uma cidadezinha de pouca importância, não vem jamais citada no Antigo Testamento. O galileu

(13) Killermann, *Die Blumen des Heligen Landes*, Leipzig 1917, p. 25.

Natanael mostra de fato o pejorativo conceito que dela fazia, ao perguntar em tom de compassiva ironia: «Pode sair jamais alguma coisa boa de Nazaré?» (Jo. 1, 46). As construções eram provavelmente mais do que modestas; havia grutas e cavernas escavadas na mole pedra calcárea, que bastava simplesmente alargar, adaptar e prover de um pórtico de ingresso, para se ter uma habitação qualquer, como ainda se encontram até hoje nestas condições, no povoado. O piso destas moradias era aplainado com argila socada e coberto, algumas vezes, com esteiras de palha. Tais grutas recebiam ar e luz por meio de um orifício aberto no teto, ou então diretamente da porta de entrada. Para nós, ocidentais, nem podemos imaginar a vida dentro das modestas habitações dos orientais de mísera condição. Em todo o caso, não podemos dizer que a casa de Maria fôsse semelhante a estas, porque não sabemos com segurança em que parte de Nazaré hodierna estivesse a antiga Nazaré.

2. Os genitores

Era Maria descendente do mais importante tronco genealógico do seu povo, da casa de Davi. Expressamente o afirma S. Paulo, ao falar que o Filho de Deus era «segundo a carne, da estirpe de Davi» (Rom. 1, 3). Mas Jesus não poderia descender da estirpe de Davi, segundo a carne, e as promessas não seriam cumpridas, se sua Mãe não fôsse uma descendente da casa de Davi, porque Jesus, segundo a carne, está unido a família de Davi, não por meio de José, mas unicamente por meio de Maria. As palavras do Anjo Gabriel: «O Senhor Deus lhê dará o trono de Davi, seu pai» (Lc. 1, 32) devem ser tomadas em sentido restrito. Em Lucas, as palavras «da casa de Davi» (1, 27) no texto grego se referem muito bem tanto a José como a Ma-

ria. Para José, a viagem a Belém por causa do recenseamento estava justificada, «porque êle era da casa e da família de Davi (Lc. 2, 4), Maria fêz juntamente com êle a penosa viagem, ainda que o seu estado particular requeresse cuidado, porque também ela, evidentemente, pertencia à casa de Davi, e por isso devia então se apresentar em Belém para o recenseamento.

A história da casa de Davi está entrelaçada estreitamente por longos anos com a história do povo de Israel. Davi, após haver fundido em um só bloco as diversas estirpes que viviam continuamente em luta entre si, subjugou os inimigos até os confins do país, alargou seu território ao norte, a este e ao sul, e criou um ponto central para o reino com a nova capital: Jerusalém. Além disso, reorganizou o culto, preparou os materiais para a construção do templo nacional. Entre os seus sucessores houve reis bons e maus santos e pecadores, pios e ímpios, crentes, como crianças, e cépticos. Uma mulher famosa, Rute, está no início desta descendência, e outra ainda maior, Maria, está no fim. Membros incapazes e viciosos dessa série de reis, arruinaram o povo e o estado. Houve no início uma formidável e estupenda ascensão, seguida de alternativas de decadência e recuperação de fortuna e desventura, de glória e de ignomínia, por último, uma desastrosa derrocada selou o fim da casa real de Davi com o aviltante cativo de Babilônia (586). Depois de quase seiscentos anos, daquela estirpe já então profundamente empobrecida e sem nenhuma influência, uma virgem deu à luz um filho, «que devia reerguer de novo a estirpe decaída de Davi» (Am. 9, 11).

Êle tornar-se-à «a luz que ilumina as gentes, e a glória do povo de Israel» (Lc. 2, 32), «e o seu reino não terá fim» (Lc. 1, 33).

Nada sabemos com segurança a respeito dos pais da Virgem Maria, dos quais nem sequer os nomes são referidos. Mas os apócrifos, e depois dêles, alguns Padres da Igreja, citam os nomes de Joaquim e Ana, mas não temos meio algum para constatar se tal notícia do autor do proto-evangelho de Tiago se apóia em uma tradição boa e segura ou seja simplesmente uma verdadeira invenção. Santo Agostinho, que não depositava muita confiança nas informações dos apócrifos, escreve de fato contra o herético Fausto: «Aquilho que Fausto afirma acêrca da descendência de Maria, de um sacerdote de nome Joaquim, da casa de Levi, não tem para mim nenhum valor, pois não existe um documento ou um escrito que o aprove. Ainda que o acreditasse também diria então que Joaquim pertencia de qualquer modo à linhagem de Davi e fôsse talvez ligado à de Levi por intermédio de Judá» (14). São Jerônimo, além disso, afirma que Cléofas (Jo. 19, 25) é o pai da outra Maria, a mãe de Tiago e de José (Mt. 27, 56), sendo esta última irmã da Mãe de Jesus, por tal modo que Cléofas seria também o pai da Santa Virgem. Esta opinião é de fato insustentável: disso deduzimos que também êste doutíssimo Padre da Igreja, que conhecia como ninguém a antiga literatura eclesiástica, nada conhecesse de seguro sôbre os pais de Maria Santíssima (15).

Se dermos razão aos que julgam se achar em Lucas (3, 23-38) a árvore genealógica de Maria, o seu pai seria então Eli. Êste nome foi interpretado como observação de Eliaquim o que nos deu Joaquim. Podemos poupar-nos oportunamente de indicar as outras respostas a esta pergunta, porque as fontes não são suficientes para esclarecer a ques-

(14) *Contra Faustum Manich.* XXIII 9 (PL 42, 471).

(15) *Adversus Helvid.* c. 7.

tão (16). Os nomes de Joaquim e Ana estão sòlidamente radicados hoje no ânimo do povo cristão e é praticamente indiferente conhecer os nomes que possuíam em vida os pais de Maria. Êles poderiam ter sido chamados de um modo ou de outro; a santa Igreja, a única que pode elevar à honra dos altares determinadas pessoas, nos assegura que ambos eram santos. Êles pertenciam àquele grupo de pessoas justas e piedosas, que «esperavam a redenção de Israel» como o velho Simeão (Lc. 2, 27) e que «serviam a Deus noite e dia com jejuns e orações», como a profetisa Ana (Lc. 2, 37). Valia também para êles o elogio que o Evangelista dispensou aos pais do Batista: «Eram ambos justos diante de Deus; observavam de modo irrepreensível todos os mandamentos e todas as disposições do Senhor» (Lc. 1, 6). Ambos são venerados pela Igreja de um modo particular, S. Joaquim a 16 de agosto e S. Ana a 26 de julho.

3. O ano do nascimento

O ano do nascimento de Maria pode ser calculado apenas aproximadamente, tomando-se em geral, como ponto de partida o nascimento de Cristo, não obstante êste não estar ainda definitivamente ligado de modo seguro, à história geral. É certo que contamos nossos anos da data do nascimento de Cristo, mas o monge Dionísio, o Pequeno, que introduziu esta contagem (no ano 525 d. C.) enganou-se de diversos anos no cálculo (17).

Está provado que Jesus nasceu algum tempo antes da morte de Herodes o Grande (18). No verão do ano 5 a. C.,

(16) Hentzenauer, *De genealogia Jesu Christi* Roma 1922 "Lateranum."

(17) Holzmeister, *Chronologia vitae Christi*, Roma 1933 p. 3 ss.

(18) Holzmeister, op. cit. p. 15-25.

cêrca de 1 ano e meio antes de sua morte, Herodes se transportou aos banhos de Caliroé em busca de cura para uma grave moléstia que o afligia. Êle não voltou mais a Jerusalém, mas faleceu em Jericó no ano 4 a. C., pouco tempo antes da Páscoa. Os Magos porém encontraram ainda o rei em Jerusalém e de lá vão a Belém. Herodes espera em vão o regresso dêles e dá então a sanguinária ordem de matar todos os meninos de menos de dois anos de idade. Esta determinação da idade, êle a computou «de conformidade com o tempo sôbre o qual se tinha diligentemente informado com os Magos» (Mt. 2, 16). Êste tempo é o período em que apareceu a estrêla (Mt. 2, 7).

Se pusermos a vinda dos Magos na primeira metade do ano 5 a. C. e supusermos que a estrêla miraculosa lhe tivesse aparecido contemporaneamente ao nascimento de Jesus, cêrca de um ano e meio antes da chegada dêles, alcançaremos a segunda metade do ano 7 a. C.. O espaço de tempo que corre entre a chegada dos Magos e a morte de Herodes pode ainda ser alongado. Hoje, depois de acurados estudos e cálculos, coloca-se o nascimento de Cristo entre os anos 9 e 7 a. C. («antes de Cristo» pelo cálculo errado de Dionísio, o Pequeno).

Poder-se-ia basear tal cálculo também sôbre o recenseamento popular que foi feito sob Quirino, governador da Síria, uma vez que tal recenseamento motivara a vinda do casal a Belém, onde nasceu Jesus. Mas as fontes que falam de tal recenseamento não são ainda suficientes para permitir um cálculo mais exato.

Maria devia ter então quinze anos de idade. A mocinha hebraica era considerada menor até que completasse 12 anos de idade. A época normal do noivado ia do duodécimo até o duodécimo e meio ano de idade. Acontecia além disso

que o tempo de noivado fôsse, na maioria das vezes, um pouco mais longo do que doze meses e assim a jovem contraía o matrimônio dos 13 anos e meio aos 14 anos de idade. Quando a jovem atingia a idade núbil — 12 anos e meio — era considerado obrigatório arranjar-lhe, o mais depressa possível, um marido, conforme ensinavam os rabinos posteriores (19). Com referência a êste ponto, é de se notar que o desenvolvimento físico se operava precocemente, muito tempo antes do que nas nossas regiões. Naturalmente podia ainda dar-se o caso de serem retardadas, seja o noivado como a cerimônia nupcial propriamente dita. Podemos então admitir que Maria tivesse nascido entre o 25º e o 23º ano a. C., segundo o nosso cômputo, não havendo possibilidade de se fixar com maior precisão esta data.

Quanto ao dia do nascimento, falta-nos qualquer referência. A Igreja o festeja desde muito tempo a 8 de setembro.

Deus age em silêncio, ao passo que os homens amam o barulho e desejam desvendar qualquer segredo.

Enquanto Herodes parecia estar no ápice do seu poderio e da sua fortuna, Deus lançava as bases de um segundo reino muito maior e que se estenderia por todo o mundo. Êle escolheu para mãe do Rei dêste novo reino aquela que, preparada no coração e na alma pelo Espírito Santo, se tornaria em habitação digna do Seu único Filho. Para isso se verificou, no seu caso, o primeiro e grande milagre: foi preservada da triste herança dos filhos de Adão, do pecado original. O pecado jamais pôde atingi-la, a frígida geadada da culpa não tostou esta esplêndida flor divina, nenhuma sombra jamais ofuscou a sua alma, nenhuma mancha conspurcou-lhe a esplêndida pureza. Nela se encontra reali-

(19) Strack-Billerbeck, *Kommentar z. N. Test. aus Talmud und Midrasch* II p. 573 ss.

zada perfeitamente a idéia do homem, como existia na mente divina. Nenhuma culpa impediu a liberalidade do Criador de usar a plenitude de sua graça. O Artista divino encontrou em si próprio o material mais adaptado e precioso para criar uma obra-prima, que não teve nem terá jamais igual entre os milhões de homens, exceto o Homem Deus, Jesus Cristo.

4. O nome de Maria

Aquela que pela primeira vez recebeu o nome de «Maria» foi a irmã do grande Moisés (Êx. 15, 20 ss.). No texto hebraico, com a pronúncia do VI século d. C. soa Mirjâm, mas na tradução em língua grega do III século a. C. «Mariâm», que é indubitavelmente a forma mais antiga. No Novo Testamento é atribuído a 6 mulheres diversas por 53 vezes; 25 vezes na forma «Mariâm», 28 vezes na forma «Maria», adaptada à pronúncia grega, que no final das palavras admite somente três consoantes: n, r e s. No Novo Testamento o nome da Mãe de Jesus aparece 19 vezes; a forma «Mariâm» é usada 12 vezes, a forma «Maria» 7 vezes, e precisamente 5 vezes no genitivo, que não teria sido possível formar do hebraico «Mariâm», 1 vez no acusativo grego e uma só vez no nominativo «Maria» (Lc. 2, 19). Também a irmã de Lázaro vem chamada nove vezes de «Mariâm» e uma vez de «Maria» (no genitivo).

Os habitantes de Nazaré chamavam a Mãe de Jesus de «Mariâm»: «Sua mãe não se chama Mariâm?» (Mt. 13, 55). e Jesus também usa esta forma. Quando Êle apareceu a Maria Madalena que não O tinha ainda reconhecido, chamou-a pelo nome: «Mariâm». Êsse chamado tocou profundamente Madalena, que compreendeu então que era Jesus quem

a chamava e com indizível alegria, respondeu: «Raboni» — (meu grande Mestre).

É pena que usemos somente a forma grega apocopada do nome de Maria, e não a forma primitiva da sua língua materna: «Mariâm», assim como ela mesma se chamava, como a chamavam Jesus e José e todos os seus parentes e compatriotas.

«Mariâm», no tempo de Jesus era um nome muito usado. Naqueles tempos usava-se dar às crianças o nome de homens e mulheres famosas. Além das 6 Marias do Novo Testamento, conhecemos outras 6 nomeadas na obra de Flávio Josefo (de 37 até cerca de 105 d. C.) que usava a forma «Mariamme», acrescentando um e à forma hebraica e duplicando o m final.

Muito se tem indagado e muitíssimo se tem escrito sobre o significado do nome de «Maria», mas nenhuma explicação tem satisfeito os peritos da lingüística. Foram postos: «Luz do mar», «Gôta do mar», em latim *Stilla Maris*, que pode ter-se tornado, por um erro de pronúncia ou de tradução, «*Stella maris*»), «mirra do mar», «senhora» (do síriaco *mâr*: Senhor), «a soberba», «a corpulenta» (20). Lagrange opina por «aquela que mostra, a profetisa» (21). Zorel quer fazer derivar o nome do egípciano «meri», fem. «merit», que significa «amada» ou «favorita». A pronúncia do t da forma feminina desaparece muito depressa na língua do Egito. A segunda parte que constitui o nome: «jam», poderia ser uma forma secundária de *Jahu* (p. ex. *Abijjam* - *Abijjahu*; *Aijjam*-*Aijjahu*). Na língua do Egito como também na hebraica, são muitas vezes conexados o nome de uma divindade e

(20) No Oriente significava «Bela»; cf. Bardenhewer, *Der name Maria*, Estudos Bíblicos II, Friburgo 1895.

(21) *Évangile selon s. Luc*, p. 27.

a forma «meri(t)». De fato, assim se encontram: *Meri(t)-Ra*, *Meri(t)-Aton*, como nomes masculinos. Assim, o nome de «Maria» poderia significar «amada de Jahvé», «a favorita de Jahvé», «a predileta de Deus», «a amada de Deus». No Egito o nome «Mariâm» é famoso, porque era o da irmã de Moisés e de Aarão. Uma princesa egípcia, filha de um Faraó, Bitja, tornou-se mulher de um hebreu de nome Mered; uma de suas filhas se chama «Mariâm» (1 Par. 4, 17 ss.). Essa explicação é possível e aceitável do ponto de vista lingüístico (22).

«Favorita de Deus»: êste nome convém perfeitamente a Maria; nenhuma criatura foi mais amada por Deus e tornada por Ele cheia de graças. Deus não amou nenhuma mulher mais do que a ela. O pensamento de Deus deixou-a exultante de júbilo celestial: «A minha alma exulta em Deus, meu Salvador» (*Magnificat*).

5. A educação

No citado proto-evangelho de Tiago narra-se (c. 7) que Maria foi levada para o Templo de Jerusalém com a idade de 3 anos, tendo subido sozinho os degraus do altar e se pôsto a dançar sobre o terceiro degrau. Confirmando a história, acrescenta que a Virgem permaneceu no Templo até aos 14 anos recebendo ali uma educação especial ao passo que os Anjos lhe traziam diariamente o alimento de que se nutria. Tudo isso pertence ao domínio da poesia e na introdução já demonstramos a absoluta falta de valor dos tais escritos apócrifos. No Templo de Jerusalém não havia escola para me-

Usaremos sempre a forma «Maria» e somente onde o texto grego emprega «Mariâm» conservaremos essa forma para sermos fiéis ao texto.

(22) Zorel, *Novi Testamenti Lexicon graecum*, «Maria.»

ninas; os livros do Antigo Testamento nada dizem a respeito dêsse problema. Uma tal instituição teria sido uma novidade da máxima importância na antiguidade e teria certamente deixado traços de sua existência nos livros sacros ou pelo menos no Talmude. Ao contrário disso, não se encontra a menor indicação de haver alguma parte das acomodações do edifício reservada como alojamento para as virgens do Templo, nem na representação ideal do Templo feita por Ezequiel (40-48) ou na descrição do Templo de Salomão no 3º Livro dos Reis (6-8) ou na descrição da planta do Templo de Herodes, feita por Flávio Josefo (Guerra judaica, V, 5).

As três passagens do Antigo Testamento geralmente citadas para aprovar a existência de uma escola de virgens no Templo são na verdade completamente estranhas ao assunto. A primeira diz que Moisés (Êx. 38, 8) fez uma bacia de bronze e a sua base, com os espelhos oferecidos pelas mulheres que «velavam» diante da porta do tabernáculo. A expressão «velavam» foi transladada na antiga tradução grega por *nestéisasai* (23) (mulheres jejuadoras). No Targum de Onkelos a expressão vem explicada como sendo «mulheres que vinham orar diante da porta do tabernáculo». No Targum *Jerusalmi* consta que havia «senhoras bem educadas, que vinham orar diante da porta do tabernáculo. Elas se detinham para o sacrifício da sua purificação, louvando e agradecendo a Deus» (24). Foram precisos muitos milhares dos referidos espelhos de bronze para a fundição da imensa bacia. Como teriam podido fornecer tal massa de metal uma ou duas dúzias de virgens? A mesma coisa pode-se dizer com referência a uma outra

(23) Lendo em hebraico "Samoeth", em vez de "Sobeoth."

(24) Strack-Billerbeck, op. cit. II, 141. —

passagem do primeiro livro dos Reis (2, 22) onde são novamente mencionadas as mulheres (*nâshîm*) «que velavam diante da porta do tabernáculo», mas a palavra *nâshîm* não significa «virgens» mas sim mulheres casadas. Trata-se certamente de espôsas de sacerdotes ou levitas, que se ocupavam no átrio externo com diversas tarefas do serviço divino.

Uma passagem do segundo livro dos Macabeus (3, 18-21) é considerada de capital importância para os patrocinadores da tese que combatemos. Nesta passagem se fala de um certo Heliodoro que desejava saquear, por ordem do rei da Síria, o tesouro do Templo, onde tinham depositado suas economias muitas pessoas que julgavam mais seguro o lugar sagrado. Ao ter notícia da iminente rapina a inteira cidade se agitou, «até a gente se revezava em massa, fora das casas, para fazer orações públicas, porque o local sacro estava para sofrer um ultrage. E as mulheres se apinhavam pelas ruas, com a faixa da penitência trançada no peito, ao passo que as crianças, fechadas em casa, corriam a olhar dos portões, e dos muros, outras através das grades das janelas, e tôdas estendiam as mãos aos céus, suplicando». As meninas da cidade já em idade núbil eram trancadas em casa (25) e severamente proibidas, segundo o costume tradicional, de sair sem licença; assim, aquelas que habitavam nas casas situadas nas ruas que davam acesso à praça do Templo, tomavam parte na agitação geral mesmo ficando em casa. A tradução latina acrescentou, além da expressão «elas corriam a olhar dos portões», a frase «corriam para Onias» (o sumo sacerdote). A variante é errônea, mas ainda assim não se fala na presença de virgens no templo.

(25) Cf. Filon, *In Flaccum* II.

A data do nascimento de Maria cai entre o 25º e o 22º ano antes de Cristo. No ano 20-19 Herodes começou a reconstrução do novo Templo, depois de haver tudo preparado com minucioso cuidado; fez encomenda de 1.000 carros para o transporte da pedra, alistou 10.000 canteiros e reuniu tudo o que fôsse preciso para a obra. Mandou ainda instruir nos ofícios de canteiro e carpinteiro a 1.000 sacerdotes, que deviam porém permanecer vestidos com os hábitos sacerdotais, porque somente aos sacerdotes era permitido entrar no Santo dos Santos, para demoli-lo e reconstruí-lo outra vez. O Templo foi construído com pedras brancas quadradas e de grandes dimensões, que mediam, como escreve Flávio Josefo, exagerando sem dúvida, 22 pés de comprimento, 8 de altura e 12 de largura (26). O Santuário ou Templo foi concluído em um ano e meio. Para a terminação do pórtico e dos edifícios que circundavam o pátio interno ocorreram 8 anos (27). A inteira construção se arrastou ainda por décadas. «Quarenta e seis anos foram empregados na construção desse Templo», diziam mais tarde os Judeus a Jesus, «e tu o farás ressurgir em três dias?» (Jo. 2, 20).

A infância de Maria coincide propriamente com os 8 anos da construção do Templo. Pode-se acaso, imaginar que no meio de um tumulto de tal gênero, enquanto eram demolidas as antigas e modestas construções do templo dos Macabeus, para se erguerem esplêndidos e majestosos edifícios, houvesse ali uma espécie de escola para a educação das meninas? Não, naquela enorme confusão causada por mais de 10.000 operários, mas sim na calma de Nazaré, tinha Deus «preparado por meio do Espírito Santo, a maravilhosa habitação do seu Filho».

(26) Cf. as grandes pedras quadradas de Baalbeck.

(27) Flávio Josefo, *Antiguidade Jud.* XVII, 1-6.

Com isso não iremos despojar de todo o seu conteúdo a festa da Apresentação de Maria no Templo? Não, porque tal festa é solidamente baseada nas palavras da própria Virgem Maria: «Como poderá acontecer isso, se eu não conheço homem?» (Lc. 1, 34); Maria tinha-se de fato consagrado a Deus, propondo-se a permanecer virgem. É isto que a Igreja comemora com a festa de 21 de novembro, instituída já um pouco tarde. Na Igreja grega foi pela primeira vez ordenada em 1166 por Manuel Comneno; no Ocidente, a corte pontifícia de Avinhão festejou-a em 1371. O Papa Sixto IV compilou seu ofício e Sixto V a estendeu a toda a Igreja (28).

Maria passou portanto a sua juventude na casa paterna; o pai e a mãe nos desígnios de Deus, são os educadores dos filhos. «Escuta, meu filho, as advertências do teu pai e não desprezes os ensinamentos de tua mãe» (Prov. 1, 8). A educação da filha era a principal obrigação da mãe; por ela a filha aprendia tudo quanto lhe era necessário na vida: cozinhar, moer nos pequenos moinhos de mão que as mulheres hebréias usavam, assar o pão, fiar, tecer, coser, lenhar, buscar água, cuidar da casa, criar os animais domésticos, cultivar o jardim e trabalhar nos campos. A população da aldeia mantinha um padrão de vida muito modesto. Maria acostumou-se muito cedo ao trabalho e certamente não foi poupada pelos pais. O fatigante trabalho em casa e nos campos, a alimentação frugal e as roupas ásperas a tornaram forte e capaz de suportar mais tarde estas viagens.

Mais importante ainda era o ensinamento religioso. Rabi Eleazar dizia sem razão: «Quem inicia a própria filha na lei, é como o homem que lhe ensina coisas inconve-

(28) Kellner, *Heortologie* p. 155 ss.

nientes» (29); mas esta não era certamente a opinião dos pais sensatos. Da casta Susana foi dito: «Os seus pais eram justos e adestravam sua filha na lei de Moisés» (Dan. 13, 3).

A Tora ordenava (Dt. 31, 9-13) que a todos; homens, mulheres e crianças acima de sete anos, fôsse explicada a lei. O serviço divino regular, que se realizava semanalmente na sinagoga e no qual tomavam parte também as mulheres (Lc. 13, 10 ss.), era já por si uma boa escola de religião. Todos os sábados era lido um capítulo dos livros de Moisés e um outro dos Profetas. A Tora era compulsada tôda no curso de três anos; mais tarde foi o seu estudo reduzido a um só ano. Escritos especiais e pouco massudos eram lidos todos os anos em dias especiais: o Cântico dos Cânticos, pela Páscoa; a história de Rute pelos Pentecostes, as comoventes lamentações de Jeremias eram lidas no grande dia de luto nacional, que recordava a destruição de Jerusalém pelos caldeus; o Eclesiastes, na festa dos Tabernáculos, o livrinho de Ester, na festa do Purim. A explicação ou a prédica vinham em seguida e encerravam a leitura, tirando-lhe conclusões, sendo geralmente encarregados desta parte homens bastante eloqüentes. Jesus aproveitou-se mais tarde dessas ocasiões para expor a própria doutrina (Mt. 4, 23; Mc. 1, 39; Lc. 4, 16; 13, 10) e assim fêz também S. Paulo (At. 13, 15; 14, 1; 17, 17; 19, 8 etc.). De pois recitavam uma oração em comum e cantavam os antigos hinos sacros, os salmos, que assim se tornaram conhecidos do povo. Maria estava familiarizada com êsses cânticos, tanto assim que no «Magnificat» se encontram muitas referências a êles e reminiscências de trechos dos Salmos.

O maior mérito das sinagogas é o de ter feito conhecer aos Hebreus a religião dos seus pais e de haver reaviva-

do e alimentado no povo um profundo sentimento religioso. Ali se ensinava a apreciar e a dar real valor à beleza e a sabedoria dos livros sacros (30), imunizando por êste modo o povo também dos engodos das idolatrias dos países vizinhos. Não se podia inflingir a um israelita castigo mais duro do que expulsá-lo da sinagoga (Jo. 9, 22; 12, 42; 16, 2).

Também Nazaré tinha a sua sinagoga e certamente os pais de Maria eram assíduos freqüentadores dela. Juntamente com êles Maria teria tido ocasião de participar do serviço divino aos sábados; terá escutado muitas vêzes a grande promessa do futuro Salvador; figura de mulheres famosas serão com freqüência evocadas à sua imaginação; mulheres como Rute, Ana, Judite, Ester, terão suscitado o seu espanto e a sua admiração. O límpido cristal da sua alma, imune do pecado, acolheu em tôda a sua plenitude a luz espiritual da Sagrada Escritura. «A sua sabedoria não entra em uma alma maligna, nem habitará num corpo entregue ao pecado» (Sab. 1, 4), «brilha sem jamais se enfraquecer (a sabedoria) e fâcilmente é vista de quantos a estimam e deixa-se encontrar por aquêles que a procuram» (Sab. 6, 13).

Até a vida familiar era espiritualizada e elevada pela oração; oravam de fato em diversos momentos durante o dia; tomavam parte nas grandes peregrinações ao Templo de Jerusalém e festejavam em casa as ocorrentes festividades do ano, recitando também em casa, o *Shema*^e («Escuta») e a «oração das 18 bênçãos». Ambas eram ainda geralmente usadas até os tempos de Cristo.

Todo Israelita adulto, do sexo masculino devia rezar diariamente, pela manhã e à tarde o *Shema*^e, que era rezado em comum nas boas famílias e era constituído de

(29) Sota III, 4; *Jewish Encyclopedia* V, 43 b.

(30) 1 Mac. 12, 9, carta aos espartanos.

três passagens da Sagrada Escritura, isto é, Dt. 6, 4-9; 11, 13-21; Núm. 15, 37-41:

«Escuta, Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estas palavras que eu hoje te recomendo estejam gravadas no teu coração; e tu as ensinarás aos teus filhos e as meditarás, sentado em tua casa e andando pelo caminho, e estando no leito e ao levantar-te. E as atarás à tua mão como um sinal e elas estarão como um frontal diante de teus olhos e as escreverás sobre os umbrais e sobre as portas de tua casa». «Se vós portanto obedecerdes aos meus mandamentos, que eu hoje vos prescrevo, de amar o Senhor vosso Deus, e de O servir de todo o vosso coração e de toda a vossa alma, darei à vossa terra as chuvas de que ela tem necessidade, as temporãs e as serôdias, para que recolhais trigo, vinho e azeite, e farei ainda brotar feno no campo para o vosso gado e tereis assim do que comer à saciedade. Tende cuidado que o vosso coração não seja seduzido, e que vos aparteis do Senhor e sirvais a deuses estranhos e os adoreis, e que o Senhor irado feche o céu e não caiam as chuvas, nem a terra dê os seus frutos e vós dentro de pouco tempo sejais exterminados da excelente terra que o Senhor está para vos dar. Ponde nos vossos corações e nas vossas almas estas minhas palavras e trazei-as suspensas nas vossas mãos como um sinal e colocai-as diante de vossos olhos. Ensinai vossos filhos a meditá-las, quando estiverdes sentados em vossas casas ou caminhardes e quando vos deitardes e levantardes. Escrivê-la-eis sobre os portais e as portas da vossa casa, para que vossos dias e os vossos filhos se multipliquem na terra que o Senhor jurou a vossos pais de lhes dar, enquanto o céu estiver sobre

a terra». O Senhor disse a Moisés: «Fala aos filhos de Israel e dize-lhes que, no futuro, coloquem borlas nas extremidades de seus mantos e preguem a borla de cada ponta com um cordão azul. Este será o seu ornamento, para que, vendo-o, recordem-se de todos os mandamentos do Senhor e não errem, seguindo apenas seus corações e seus olhos aos quais estão acostumados a se prostituírem, mas pondo-os em prática, serão santos diante de Deus. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, para ser o vosso Deus».

O *Shema* é uma afirmação de fé no único e verdadeiro Deus. Se bem que somente os homens tivessem a obrigação de recitá-lo pela manhã e à noite, Maria não se teria por certo dispensada de fazê-lo (31). Desta oração foi extraído o *shemone esreh*, ou oração das 18 bênçãos, dita simplesmente Tefila, «a oração», usada ainda no tempo de Cristo. Raban Gamaliel II a reorganizou pelo ano 90 d. C. e aumentou a 12ª sentença dirigida contra os cristãos e os hereges. As duas seguintes foram reduzidas por este motivo, a uma só (32), que passamos a transcrever em parte, para dar alguns exemplos da longa oração que Maria devia rezar três vezes ao dia:

1. «Sejas tu exaltado, ó Senhor nosso Deus e Deus dos nossos pais Abraão, Isac e Jacó, Deus grande, forte e terrível; Deus altíssimo, criador do céu e da terra, nosso escudo e escudo dos nossos pais, nossa esperança por todas as gerações. Sejas tu exaltado, ó Senhor, escudo de Abraão.

2. Tu és um Herói, humilde e poderoso; tu és Forte, aquele que julga os violentos, o Eterno, que faz ressuscitar os mortos, aquele que ordena aos ventos de soprarem e a gea-

(31) Strack-Billerbeck, op. cit. IV 189-207.

(32) Idem IV, 211-214.

da de cair, aquêlê que mantém os vivos e vivifica os mortos, que faz suscitar as ocorrências necessárias para todos os acontecimentos. Sejas tu exaltado, ó Senhor dos vivos e dos mortos!

3. Tu és santo e terrível é o teu nome e nenhum Deus é mais poderoso do que tu; sejas tu exaltado, ó Senhor Santo Deus.

4. Dá-nos o teu conhecimento e a compreensão da tua lei (Tora). Sejas exaltado, ó Senhor, que dás a sabedoria.

7. Olha a nossa miséria e guia nossas ações e salva-nos por amor do teu nome. Sejas tu exaltado, ó Senhor, Salvador de Israel!

10. Faze soar a trombeta para a nossa liberdade e içar a bandeira para recolher os dispersos. Sejas tu exaltado, ó Senhor, que recolhes os dispersos de Israel.

11. Restabelece nossos juizes como dantes e os nossos conselheiros como de início e sejas tu só o único a reinar sobre nós, somente tu! sejas exaltado, ó Senhor, que amas a justiça!

18. Põe a tua paz entre o povo de Israel e na tua cidade e no teu domínio e abençoa-nos a todos. Sejas tu exaltado, ó Senhor, que dás a paz!»

As meninas hebréias, nos primeiros anos da vida tinham quase a mesma liberdade que os meninos. O profeta Zacarias diz, da Jerusalém libertada: «Assim fala o Senhor dos exércitos: haverá ainda velhos e velhas pelas praças de Jerusalém, cada um com o bastão na mão pelo grande número de anos. E as praças da cidade reconstruída serão cheias de meninos e meninas que se divertirão (Zac. 8, 4 ss.).

As meninas de idade mais avançada eram, pelo contrário, vigiadas de perto. «Tens filhos? Ensina-os bem e acostuma-os à sujeição desde a infância. Tens filhas? Conserva a pureza dos seus corpos e não lhes mostre o teu rosto muito risonho. Casa tua filha e terás feito um grande negócio, dando-a a um homem sensato» (Ecl. 7, 26 s.). As filhas dos ricos e dos notáveis eram obrigadas a ficar em casa e como não tinham nenhum trabalho a fazer, ocupavam-se quase somente com os seus vestidos (Is. 3) e por causa do ócio e da preguiça caíam no vício; raramente lhes era concedida permissão de se apresentarem em público e às de família nobre ainda menos do que as outras (33).

Narra Fílon (34) que o governador Flaco mandou soldados a procura de armas no quarteirão judeu de Alexandria, e aconteceu ali que «as mulheres reclusas que nunca tinham saído fora do pátio interno e as meninas mantidas nos seus quartos, e que evitavam o simples olhar dos homens e dos servos de suas próprias casas, foram obrigadas a se mostrar não só diante de estranhos mas também perante os soldados, que lhes incutiam grande pavor».

Uma tão severa clausura das moças e das mulheres não era evidentemente possível de ser observada também pela gente dos campos, como podemos constatar muito claramente pelas próprias narrativas do Novo Testamento. As filhas já em idade de se casarem eram vigiadas ainda mais rigidamente. Uma passagem do Eclesiastes (42, 9-14) nos dá uma idéia exata dos usos daqueles tempos:

33) *Prov.* 7, 10-12; *2 Mac.* 3, 19; *Cânt.* 8, 5; cf. Kortleitner, *Archaeologia Biblica* 191, p. 580.

34) *In Placcum* II, ed. Mangry, p. 530.

«Uma filha é para seu pai um tesouro a vigiar,
 um cuidado que tira o sono;
 na sua juventude, para que não fique sem se casar,
 e uma vez casada, para que não seja odienta;
 quando é virgem, para que não seja corrompida;
 quando é casada, para que não seja infiel:
 na casa paterna para que não se torne grávida;
 na casa do marido, para que não seja estéril.

Sôbre tua filha desenvolva, vigia com dobrado cuidado,
 para que não faça de ti, a zombaria dos teus inimigos,
 o assunto das confabulações da cidade e o ludíbrio do povo
 e te cubra de confusão na assembléia da porta da cidade.

No seu quarto de dormir não haja grades,
 nem aberturas que permitam devassar o interior.

Não mostres sua beleza a nenhum varão,
 e com as mulheres não entres em íntima conversação,
 porque do pano sai a traça
 e da mulher, a malícia feminil.

Melhor é a maldade do homem que a bondade da mulher;
 e a filha desonrada é causa de infâmia».

Maria certamente observou de bom grado os costumes e usanças do seu tempo e evitou tôdas as aparições em público, que não fôsem necessárias. O Espírito Santo forjava no silêncio e no recolhimento, ajudado por pais verdadeiramente santos, o instrumento para o grande mistério da Encarnação da Segunda Pessoa da SS. Trindade.

6. A beleza

Não temos nenhuma notícia exata sôbre as feições físicas de Maria; é de supor, no entanto, que fôsse bela e que a sua beleza correspondesse ao tipo ideal de beleza

do seu povo. No Cântico dos Cânticos temos uma descrição dêsse ideal: o poeta louva os predicados da amada com imagens que encantam extraordinariamente a nós, ocidentais:

«Como és bela, amada minha, como és formosa!
 Os teus olhos são como os das pombas,
 por detrás do teu véu.

Os teus cabelos são como um rebanho de cabras,
 suspensas das vertentes do monte Galaad.

Os teus dentes são como um rebanho de ovelhas tosquiadas,
 ao sair do lavadouro;

cada uma leva dois cordeirinhos gêmeos,
 e nenhuma há estéril entre elas.

Os teus lábios são como um fio de púrpura,
 o teu falar é doce;

como metade de romãs partidas,
 assim são as tuas faces,
 por detrás do teu véu.

O teu pescoço é direito como a torre de Davi,
 que foi edificada com seus baluartes;

dela estão pendentes mil escudos,
 todos os escudos dos heróis.

Os teus dois peitos são como dois filhinhos gêmeos duma gazela,
 que pastam entre lírios».

(Cântico dos Cânticos 4, 1-5)

Olhos meigos, escuros, luminosos, cabelos negríssimos, dentes brancos, lábios purpurinos, uma bôca graciosa, ainda em flor, faces ligeiramente rosadas, um colo delicadamente modelado, seios bem feitos: assim era imaginada uma bela jovem. Os cabelos louros, avermelhados, os olhos castanhos

e a graciosa figura de Davi, o fundador do tronco genealógico ao qual Maria pertencia, foram assaz louvados (1 Rs. 16, 12). Os cabelos louros entre os israelitas eram uma raridade e provinham talvez de uma mistura de sangue hitita, que corresse nas veias de Davi. Os hititas pertenceram à raça indo-germânica e grupos bastante numerosos dêles, ainda viviam na região. Urias era um hitita e talvez a sua mulher Betsabé também o fôsse, a que se tornou mais tarde mulher de Davi, mãe de Salomão e antepassada de Maria.

Jesus era alto e media, segundo o Santo Sudário que se acha em Turim, cerca de 1,81-1,82 m, o que já é uma estatura imponente. O rosto é singularmente nobre e majestoso e como o recebeu somente de Maria o seu corpo, certamente devia se assemelhar muito a ela. Os contornos exteriores, a côr e a forma e a figura de uma pessoa não constituem só por si a beleza, mas uma bela alma faz resplandecer a beleza do corpo. O pecado, o terrível destruidor não tinha estragado Maria, que fôra preservada do pecado original e que jamais havia cometido uma culpa pessoal. Assim, a sua mente manteve sempre a primitiva agudeza, a vontade conservou a resolução das almas fortes, a sua índole a mais bela delicadeza e a mais rica profundidade de ânimo. O contínuo recolhimento em Deus, o sábio discernimento dos desígnios de Deus na natureza e na revelação, o recato e a serenidade do seu estado virginal, deveriam conferir-lhe um encanto todo especial. A retidão da sua alma, a plenitude dos dons da graça e da natureza concentrados nela, irradiavam através de seu corpo, com uma brilhante luminosidade, envolvendo-a de uma fascinação e de uma majestade que não tinham igual.

7. A entrega de si própria a Deus

De todo o período da juventude de Maria, antes da Anunciação são conhecidos somente dois fatos, os quais parecem, à primeira vista, contraditórios entre si: o seu propósito de se conservar virgem e o matrimônio com José.

Maria, piedosa e bem cuidada pelos seus santos pais, crescia como uma flor, aprendendo, trabalhando e orando, no calmo ambiente da casa paterna. Sua alma sempre aberta a tudo quanto era bom, belo e grande. Nenhuma desordem do coração turvava-lhe a singela felicidade, nenhuma culpa empanava-lhe o límpido espelho da alma Unida a Deus e fiel ao cumprimento dos desígnios dêle, crescia e se fortalecia no amor do Pai celeste, ao passo que se tornava mais insistente nela o pensamento de dar-lhe uma satisfação especial e um sinal luminoso de amor. Nas suas meditações deteve-se sobre uma coisa que teria sido o seu particular patrimônio espiritual, de que não tinha nenhum modelo, nem mesmo nos livros sacros do seu povo, e que não podia lhe ter sido inspirado senão pelo Espírito Santo: oferecer-se a si própria em sacrifício a Deus, prometendo-lhe uma perfeita virgindade por toda a vida. Somente assim poderemos compreender as palavras com que manifestou ao Anjo a sua dúvida: «Como poderá ser isso, se eu não conheço homem?» Ela renunciara às alegrias maternas, à realização de um desejo natural, que arde em toda a alma feminina. Maria pronuncia essas palavras sendo já desposada, pois que «o noivado confirmava já o matrimônio» (35), não obstante o que pensou logo que, ao cumprimento da promessa do Anjo, se opusesse um obstáculo insuperável: seu coração se sentia ligado a uma promessa igualmente solene, livremente feita como uma espécie de voto. Apenas

(35) Filon, *De spec. leg.* III 12, ed. Mangey, II vol. p. 311.

porém o Anjo lhe explicou o modo miraculoso pelo qual se tornaria mãe, permanecendo todavia virgem, deu o seu consentimento com viva alegria interior.

Maria considerava válido e plenamente obrigatório o seu propósito de permanecer virgem, mas só o seria efetivamente se o pai o tivesse aprovado. Ela conhecia as disposições da lei (Núm. 30, 41-6): «Se uma mulher fizer algum voto ao Senhor e se obrigar a alguma privação enquanto se conserva ainda núbil na casa paterna, e o seu pai, tendo tido conhecimento do seu voto e do compromisso, mas, não obstante isso, apresentou êle o seu pedido os votos dela, e as obrigações a que estava adstrita ficam em vigor. Mas se o pai a desaprova apenas teve conhecimento dos seus votos e de seus compromissos, êsses não terão nenhum valor e o Senhor o dispensará porque o seu pai a desaprova». Do mesmo modo, os votos de uma noiva ou de uma mulher casada são válidos somente com o consentimento do noivo ou então do marido. O noivo podia de fato protestar contra «palavras insensatas proferidas pelos lábios de sua prometida».

O pai de Maria teria portanto compreendido o ideal de sua filha e não a contrariou. Maria, pelo seu lado, terá apresentado suas razões ao bondoso ancião de uma maneira tão convincente que êle se teria deixado comover e vencer, o que muito o honrava. Não menos cheio de compreensão e de nobreza de coração foi José, o noivo de Maria. Uma tal decisão devia ter-lhe sido comunicada antes do matrimônio, mas não obstante isso apresentou êle o seu pedido de casamento e se declarou disposto a viver com Maria naquelas condições. A personalidade integral de Maria devia agir sobre êle, nobilitando-o e elevando-o de tal modo que qualquer mesquinho desejo terreal desaparecia diante de tamanha nobreza de alma!

Alguns escritores quiseram ver em José um membro da seita dos Essênios; mas êle não o era, pois se o fôsse não poderia ter entrado no Templo e muito menos levado uma oferta (36). Os Essênios desprezavam o matrimônio e exaltavam a continência e o domínio das paixões (37).

Fílon, no livro «Quod omnis probus liber», § 84 (38), diz: «êles mostravam seu amor a Deus com uma continência perpétua e recíproca». Segundo êle, havia na Palestina cerca de 4.000 Essênios, (cap. I § 75). Na sua doutrina entravam porém elementos pagãos (39). Não era portanto considerada, de per si, como uma coisa inaudita, passar a vida em continência; sendo que também a seita dos Terapeutas estimava e praticava a virgindade (40).

É completamente inverossímil que José tivesse de qualquer modo contato com os Essênios, tomando-se em consideração o que narram dêle os Evangelhos, como inteiramente submisso às disposições da lei de Moisés. E quanto a Maria, esta impossibilidade decorre do fato de aceitarem os Essênios somente homens em sua comunidade.

Com êsse amor pela continência deu Maria ao mundo um salutar ensinamento, em uma época em que o vício devastava tantas almas. O ideal da virgindade era completamente estranho ao judaísmo. Pensava-se que a finalidade da vida de uma mulher consistisse somente no matrimônio e na maternidade. O paganismo não tinha mais forças suficientes para reprimir o alastramento da imoralidade porque os mitos dos deuses pagãos, com o seu fundo

(36) *Antiquidade jud.* XVIII 1, 5; *Guerra jud.* II 8, 5.

(37) *Ibid.* XVIII 1, 5; *ibid.* II 8, 2.

(38) c. 12, editio Cohn VI, 24.

(39) Felten, *Neutestamentl. Zeitgeschichte* I, 426-440.

(40) Fílon, *De vita contemplativa*; cf. Felten, I, p. 440-448.

erótico, estimulavam a imoralidade ainda com maior intensidade.

O exemplo de Maria foi como uma centelha. Ela demonstrou ao mundo que o domínio dos mais violentos instintos é possível com o auxílio de uma força que vem do alto e que esse esforço é agradável a Deus. Jesus mais tarde o confirmará com o seu ensinamento e com o exemplo da sua vida. Depois dêles, milhões de homens, dentre os melhores e mais nobres, seguiram os conselhos de Jesus na Igreja de Cristo e imitaram o exemplo de Maria, atingindo na virgindade a força necessária para as conquistas mais sublimes no campo moral.

Em Maria, o instinto da geração não estava em conflito com a razão e a consciência; era porém o instinto que se agita em toda criatura humana sadia, moderada e guiada por uma vontade resoluta que não lhe permitia infringir, por nenhum motivo, os limites estabelecidos pela lei de Deus e pelo seu voto singular. Ela teria tido o direito de realizar o seu desejo de ternura e de maternidade em um matrimônio regular, mas compreendeu em primeiro lugar, o valor, a grandeza e a beleza do sacrifício, da renúncia das alegrias da maternidade por amor a Deus, e teve a força e a coragem de sustentar os seus sublimes propósitos contra todos os preconceitos do seu tempo. O Espírito Santo era o seu único mestre e o seu único guia.

Quem consegue dominar-se até no gozo das coisas lícitas, conseguirá também vencer-se facilmente a si próprio, quando se achar diante de uma lei divina que ordena e proíbe: «tu deves», ou então: «tu não deves», e constituirá dentro de si uma grande reserva espiritual de forças para a luta contra o mal. Como seriam felizes os homens se compreendessem plenamente o valor da abnegação de si próprios!

CAPÍTULO III

A MÃE

1. O matrimônio de Maria

Florescendo perante Deus como um lírio entre os abrochos, como uma palmeira que levanta para o alto o tronco esbelto, coroada de farfalhante ramagem, que se agita na luz, assim Maria elevava sua alma nas sublimes alturas de Deus. Ela executava com simplicidade, na modesta casa em que vivia, seu trabalho cotidiano, conhecida de poucos, notada por ninguém. Na mesma Nazaré, talvez nas vizinhanças, vivia um honesto jovem, José, filho de Jacó, um descendente do glorioso rei Davi (Mt. 1, 20). Ele era marceneiro ou carpinteiro (técton) e instruiu Jesus no seu próprio ofício; preparava arados e cangas (1), caixas e baús, cabos de machado e todos os objetos que o seu ofício permitia executar. Preparava também o vigamento para os tetos pouco sólidos dos casebres construídos de pedra e que assumiam a forma de estranhos cubos; sobre as traves se sobrepunham caibros e ripas, enchendo-se os vãos com uma camada de argila sobre a qual se derramava cimento (melet, em aramaico maltá, de onde vem o nosso vocábulo: malta ou cimento). Um teto assim feito rachava facilmente e

(1) S. Justino, *Dial. c. Tryph.* 88.

deixava geralmente vasar água, de onde se origina o provérbio: «Uma mulher briguenta é como um teto que goteja sempre» (Prov. 19, 13). Era portanto preciso fazer continuadas reparações, pois que «por negligência se afunda o teto e por inércia não cessa a goteira de pingar dentro de casa» (Ecl. 10, 18).

Nazaré era uma cidade muito pequena. No Evangelho de S. Marcos (1, 38) as povoações situadas nos arredores de Cafarnaum são chamadas aldeias; ali viviam os mercadores e os artesões. Os lavradores traziam dos campos os seus produtos aos mercadores e compravam dêstes e dos artesões tudo o que precisavam. José, por causa do seu ofício, estava em contato com pessoas de tôdas as classes sociais: camponeses, pastôres, mercadores, jornaleiros e gente de bem.

Tôdas essas relações lhe facultavam uma experiência e uma prática do mundo grandemente instrutiva, contribuindo para torná-lo um homem calmo, piedoso e sábio. O Evangelho chama-o de «justo» (Mt. 1, 19). Ele era portanto o homem que sabia dominar-se, julgar e aguardar os acontecimentos com prudência e com sagacidade.

Naquele tempo, a madeira necessária ao seu trabalho era muito abundante na Galiléia, ao passo que hoje escasseia, devido a uma secular devastação. Havia ali sicômoros, cuja madeira era muito apreciada porque a broca não conseguia atacá-la; diversas variedades de carvalho, plátanos, faveiros e outras numerosas espécimes de árvores.

O matrimônio constituía então um dever para todo jovem, que ao atingir os quatorze anos de idade era considerado idôneo para contrai-lo, ao passo que as moças se tornavam aptas aos treze. Ordinariamente o jovem se casava aos 18 anos (cf. Pirkê aboth, 5, 24: «um rapaz de 18

anos é idôneo para o matrimônio»). A moça ficava noiva aos doze anos e meio e permanecia em casa de seus pais ainda por um ano; depois, entre treze e meio e quatorze anos de idade ia para casa do marido a fim de iniciar sua vida conjugal propriamente dita (2).

O homem era livre na escolha da noiva, mas praticamente dependia do pai; do mesmo modo também a jovem somente com o consentimento do pai se casava (Cânt. 8, 8; Gên. 24, 58). Na maioria das vezes, porém, o matrimônio era combinado pelos pais sem levar em consideração alguma o parecer dos jovens diretamente interessados no negócio. Êstes deviam simplesmente conformar-se e tanto um como a outra conseguiam apenas raramente, e de fugida, avistar-se antes do casamento.

A estima e a importância das relações de parentesco deviam ser reforçadas, buscando-se aliança com famílias ricas e poderosas. Rabi Simeão ben Gamaliel conta que as moças de Jerusalém no seu tempo (ano de 140), costumavam, duas vezes ao ano, sair cantando e bailando pelos campos, onde diziam aos jovens: «Não reparai na graça e na beleza, mas na família, antes de tudo» (3).

O pedido de casamento devia ser feito ao pai da noiva. O pai do noivo ou mesmo um amigo (Jo. 3, 29) devia entabolar as negociações. Se o pedido fôsse aceito e a moça dava o seu consentimento, quando podia externar a sua vontade, estabelecia-se o preço *mohar*, o enxoval e o dote da noiva. O espôso devia pagar, ou descontar depois ao pai, o preço da compra. Há trinta anos passados o preço de uma espôsa na Palestina era calculado de 500 até 1.500 francos-ouro, e podia ser pago em dinheiro ou em bens.

(2) Strack R-Billerbeck op. cit. II, p. 373 ss.

(3) Idem, p. 377.

Moisés estabeleceu como multa, pela sedução de uma donzela 50 siclos de prata (cêrca de 160 francos; cf. Dt. 22, 28 s.); o que devia ser o preço mínimo por uma noiva (4). Depois seguiam-se os esponsais.

Cêrca de um ano depois realizava-se o matrimônio, que era celebrado como uma espécie de festa popular; para a qual possivelmente se convidava muita gente, sendo que o momento principal da cerimônia consistia na condução da espôsa para a casa do marido (5). Na casa da espôsa ficavam a espera do noivo e do seu séquito, e logo que êle chegava na vizinhança, a espôsa enviava ao seu encontro um cortejo de virgens que o acompanhavam, tendo em mão lâmpadas acesas, como na parábola das dez virgens (Mt. 25, 1-13). Nas estreitas e tortuosas vielas das cidades era verdadeiramente difícil orientar-se bem a noite sem luz. Na festiva procissão que então se punha em marcha, a espôsa, ricamente paramentada, e sôbre a qual o pai (antes que ela deixasse a casa paterna) pronunciava ainda uma bênção, era conduzida à casa do espôso, ao som de música, cânticos e toques de campainhas. Nas famílias abastadas ela vinha transportada em cadeirinha apropriada, ou então sôbre um camelo ricamente ajaezado. O banquete de núpcias concluía a festa que podia durar até 7 dias, se as posses do espôso o permitissem. Na celebração do matrimônio hebraico não se fala de uma cerimônia religiosa. Quando se tratava de gente pobre, as coisas se passavam sob um tom mais modesto. Maria e José não pertenciam à classe abastada mas não se deve exagerar quanto à sua pobreza. José, como

(4) Cf. Power, *Matrimonium in Palestina*, "Verbum Domini" II (1922) p. 242 s.

(5) Cf. Jz. 14, 10 ss. (matrimônio de Sansão) e 1 Mac. 9, 37-41.

carpinteiro, ganhava o suficiente para o seu sustento e o da sua família, e podia ainda contar com um substancial auxílio por parte do irmão mais velho, em cuja casa habitava e em cujos campos Maria ajudava nos trabalhos da lavoura.

Não sabemos como Maria e José ficaram se conhecendo, mas podemos no entanto dizer que neste caso, mais do que em qualquer outro, verificou-se a veracidade do provérbio que diz «casamento e mortalha, no céu se talha». Como Deus tinha prèviamente escolhido e preparado a Mãe do seu Unigênito, assim também escolheu o seu pai adotivo, que tinha a cumprir missão muito delicada no plano da Redenção. Desde o princípio os dois santos esposos, unidos conjuntamente para tôda a vida, aprenderam a se conhecer e não ficaram certamente decepcionados entre si. Cada dia descobriam reciprocamente sempre novas virtudes e qualidades magníficas dos seus caracteres. O mútuo amor cresceu e se aprofundou, unidos como estavam no amor e na fidelidade a Deus.

A união de Maria e José foi um verdadeiro e real matrimônio, porque:

1. José é chamado «Pai de Cristo» (Lc. 2, 33-48; 3, 23 «como era reputado»), José e Maria são chamados «marido» e «mulher» (Mt. 1, 16-21, Lc. 2, 5), ambos indicados como pais de Jesus (Lc. 2, 27, 41-43).

2. Eles viveram juntos na mesma casa, juntos andaram em peregrinação pelas festas em Jerusalém e juntos fugiram para o Egito.

3. «Com a conclusão do matrimônio começa também a qualificação jurídica da palavra «matrimônio», pois não é a relação carnal mas o contrato matrimonial que constitui a essência do matrimônio. O matrimônio é estipulado

como a união legal à jovem e não como uma relação sexual» (6). Essa opinião é sustentada também por Santo Agostinho, o grande discípulo de S. Ambrósio. Recordemos duas passagens suas muito importantes: «A mulher torna-se efetivamente espôsa, não pelo prazer carnal, mas pelo amor matrimonial» (7), e em outro lugar demonstra que na união de José com Maria subsistiam todos os bens matrimoniais: «Cada um dos bens do matrimônio se encontra nos pais de Cristo: a prole, a fidelidade e a consagração sacramental. A prole, nós a encontramos no próprio N. S. Jesus Cristo; a fidelidade na ausência de adultério; a consagração sacramental no fato de que não houve separação alguma» (8).

2. A grata mensagem

No matrimônio virginal de Maria sobreveio um acontecimento inaudito, que Lucas nos conta do seguinte modo: «Seis meses depois (do anúncio a Zacarias) o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré, a uma virgem espôsa de um homem chamado José, da casa de Davi. O nome da virgem era Maria e o Anjo tendo entrado e se aproximado dela, lhe disse: — Ave, ó cheia de graça, o Senhor é contigo! Bendita és tu entre as mulheres! — Perturbada ao ouvir essas palavras, não atinava com o seu significado. Mas o Anjo lhe disse: — Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás no teu ventre e darás à luz um filho que será chamado Jesus; êle será grande e será chamado Filho do Altíssimo e o Se-

(6) S. Ambrósio, *De institutione virginis*, 6, 41.

(7) *Sermo* 60 (PL 38, 345).

(8) *De nuptiis et concupiscentia* I, II (PL 44, 420).

nhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi e reinará eternamente da casa de Jacó e o seu reino não terá fim. — Maria então perguntou ao Anjo: — Como se dará isso, pois não conheço varão? — Respondeu-lhe o Anjo dizendo: — O Espírito Santo descera sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. E por isso, o menino santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus. Eis que Isabel, tua prima, concebeu também um filho na sua velhice e aquela que era chamada estéril já está no sexto mês, porque nada é impossível a Deus. — Então Maria respondeu: — Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim de acôrdo com a tua palavra. — E o Anjo afastou-se dela» (Lc. 1, 26-35).

O Evangelista Mateus escreve no mesmo sentido, breves palavras, mas de grande significado: «Jacó gerou a José, espôso de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado o Cristo... O nascimento de Jesus deu-se assim: Maria, sua mãe, desposada com José e antes de coabitarem, tornou-se grávida por obra do Espírito Santo». E José foi avisado em sonho por um Anjo: «O que nela se gerou é obra do Espírito Santo» (Mt. 1, 16-20).

O Evangelista João escreve: «E o Verbo se fez homem e habitou entre nós» (Jo. 1, 14), aquele verbo que era no princípio, que era junto de Deus e que era o próprio Deus (v. 3).

Essa mensagem de Deus chegou à humilde Maria pela primavera do ano 7 a. C. Essa representa a mais importante manifestação de Deus à humanidade e justamente a Igreja nos exorta a venerá-la três vezes ao dia com a recitação do «Ângelus». Em Nazaré ninguém presenciava o grande acontecimento que estava para se verifi-

car e que tornaria famosa para todo o tempo futuro a pequena povoação.

A anunciação realizou-se após a conclusão das núpcias: Maria já era então legalmente a esposa de José. Isso se deduz:

1. Da palavra «desposada, casada», empregada por Lucas (2, 5) ao narrar que José se dirigiu a Belém, «juntamente com Maria a êle desposada». A mesma palavra foi empregada pelo mesmo Evangelista ao narrar a Anunciação: «O Anjo foi enviado a uma virgem que era desposada com um homem» (Lc. 1, 26 e 27). Não há razões para se supor que a expressão tivesse sentido diferente da outra passagem.

2. José é chamado por Mateus (1, 16. 19), por duas vezes, «marido» de Maria e Maria é chamada «sua mulher» (Mt. 1, 20.24). E há ainda esta expressão: «sua mãe (de Jesus) era desposada com José». Duas pessoas que são apenas noivos não são chamados «marido» e «mulher».

3. José pensava em «deixar» Maria. O termo empregado significa «separar-se, dividir-se»: ora a separação ou desquite presuppõe a existência do próprio matrimônio. Uma noiva, ou prometida não podia ser deixada e reenviada à casa paterna porque não se achava ainda na casa do marido.

4. Somente na hipótese de já se achar concluído o matrimônio antes da incipiente maternidade de Maria, poderia ser eficazmente resguardada a reputação de José, de Maria e do menino. Se Maria se tivesse de fato tornado mãe alguns meses antes do tempo necessário,

tanto ela como Jesus teriam ficado indelévelmente manchados na honra. Tanto a ela como a José poderia lhes ser lançado em rosto que o menino fôra nascido fora do tempo e assim não seriam êles ingressados de maneira ilibada no matrimônio. Isso seria uma vergonha para uma esposa que trouxesse já visivelmente durante a festa nupcial os sinais de uma incipiente maternidade, notados particularmente que seriam pelos olhares argutos e maliciosos das outras mulheres. Tudo isso naqueles tempos era julgado muito severamente porque eram reprovadas as relações com a noiva, antes de a ter conduzido para o lar como esposa, sendo que as faltas eram punidas com muito rigor.

5. O Anjo disse em sonho a José: «Não tenhas receio de tomar contigo Maria, a tua esposa». E não disse «tomar como tua esposa» porque nesse caso o artigo a não estaria, como está no original, próximo da palavra «esposa». Disso se deduz que Maria já é sua mulher e não se torna assim somente depois que a toma consigo. São João Crisóstomo (9) esclarece a expressão «tomar contigo» equiparando-a a «ter em sua casa». A expressão se esclarece por si, sem ser preciso forçá-la, quando pensamos que Maria se entreteve por três meses junto de Isabel, longe, portanto, do José; e que a êsses três meses é preciso acrescentar ainda o tempo passado desde a Anunciação até a partida em visita a Isabel. A Anunciação devia ter-se realizado antes da Páscoa, entre a Páscoa e Pentecostes havia a colheita da cevada e do trigo, na qual Maria trabalhava, sem poder ausentar-se nesse período de trabalho

(9) Cf. o artigo do re. Clemens Heuze em "Divus Thomas Plac." 51 (1948) 46-58.

muito intenso. Ter-se-iam passado assim um mês e meio ou dois antes que ela pudesse partir. Por ocasião de Pentecostes teria além disso podido fazer a viagem a Jerusalém em companhia de peregrinos e conhecidos e ter assim ajuda e proteção durante a viagem. Ao voltar já estava grávida de cinco meses e a sua mudança exterior já devia dar na vista. José hesitou portanto em tomá-la de novo consigo, até que lhe foi explicado o mistério da sua concepção miraculosa. Maria recebeu portanto a grata mensagem como mulher de José, legalmente desposada e provavelmente nos primeiros meses do seu matrimônio.

Maria já devia por certo saber o nome do mensageiro de Deus, do Anjo Gabriel, pelo livro de Daniel. Êle aparecera de fato a Daniel para explicar-lhe a visão simbólica do carneiro e do bode referente à guerra de Alexandre Magno contra o rei dos Persas, Dario III. Daniel conta assim: «Ora, aconteceu que, enquanto eu, Daniel, olhava a visão e buscava compreendê-la, eis que se levantou diante de mim um vulto com aspecto de homem, e ouvi uma voz humana vinda da margem do Ulai e que, gritando, disse: — Explica, Gabriel, a aparição a êste um! — E êle veio ao local em que me achava e quando chegou, fiquei apavorado e caí de bruços por terra, mas êle tocou-me e me fez ficar novamente de pé» (Dan. 8, 15-18).

Uma segunda vez Gabriel apareceu ao profeta, quando êste orava, pedindo clemência para o seu povo. «Inesperadamente aquêle homem, Gabriel, que eu havia visto primeiro na visão, voando rapidamente tocou-me, na hora da oblação da tarde» (Dan. 9, 21). Foi então que lhe comunicou a famosa profecia das 70 semanas que deviam passar antes da vinda do Salvador.

Daniel nos conta ainda uma terceira aparição de Anjos, na qual se trata certamente do mesmo Anjo Gabriel: «Enquanto estava na margem do grande rio, isto é, do Tigre, abria os meus olhos e olhava, e eis um homem, vestido de uma túnica de linho prêsa aos rins por um cinto de ouro puríssimo, de ouro de Ufaz: o seu corpo era como topázio (10), o seu rosto como um relâmpago e os seus olhos pareciam uma lâmpada ardente; os seus braços e todo o resto do seu corpo, até os pés, eram semelhantes ao bronze reluzente, e o som das suas palavras era como o alarido de uma multidão. E sômente eu, Daniel, tive esta visão, e os homens que estavam comigo não a viram, mas um grande pavor caiu sôbre êles e fugiram para lugares ocultos. Tendo eu pois ficado sôzinho, vi esta visão e não ficou vigor em mim e mudou-se o meu semblante e caí desfalecido. E ouvi o som das suas palavras e ouvindo-o, jazia de bruços sôbre a terra, todo espavorido, com o rosto colado à terra» (Dan. 10, 4-9).

Ao sacerdote Zacarias apareceu um Anjo do Senhor no Santuário do Templo, à direita do altar do incenso. Zacarias encheu-se de temor àquela vista, mas o Anjo o tranqüilizou: «Não temas, Zacarias» e anunciou-lhe o nascimento de um filho, o precursor de Jesus. Zacarias duvidou que isso pudesse acontecer, por causa da idade muito avançada da sua espôsa, e então o Anjo respondeu-lhe: «Eu sou Gabriel, que estou diante de Deus, e fui mandado para falar contigo e anunciar-te esta boa nova» (Lc. 1, 19). Do mesmo modo tinha-se apresentado à família de Tobias o anjo Rafael, «um dos sete Anjos que apresentam diante da majestade do Santo (Deus) as orações dos justos» (Tob. 12, 15). No Apocalipse êsses sete Anjos

(10) König, *Hebr. Lexikon* "Tarsis".

são mencionados mais de uma vez. João saúda os fiéis por parte de Deus eterno e «por parte dos sete espíritos que estão diante do seu trono (Apc. 1, 4), os quais recebem as sete trombetas para anunciarem os juízos de Deus (8, 2), e são os sete espíritos e as sete estrêlas que o Cordeiro, o Filho de Deus, tem na mão (3, 1). São os olhos do Cordeiro, os que são enviados por tôda a terra (5, 6).

Gabriel é indicado como o Anjo da Encarnação da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, pois que êle anunciava ao profeta Daniel o tempo do Messias, a Zacarias o seu Precursor e a Maria o seu nascimento. Segundo uma lenda judaica, Gabriel participou no sepultamento de Moisés (11) e destruiu o exercito de Senaqueribe, que assediava Jerusalém (12).

Entre os Mafomistas, Gabriel é muito venerado, porque teria aparecido a Mafoma, em 610, sôbre o monte Hira, e lhe teria comunicado algumas passagens do Alcorão (13), aparecendo-lhe uma segunda vez para novas revelações. Também nos apócrifos se encontram referências a êsse Anjo, como por exemplo, no livro de Henoque.

O Anjo Gabriel apareceu a Maria sob a figura de homem. Entrou no lugar onde se achava a Virgem, lugar que é até hoje venerado: uma cova, espécie de gruta, escavada em parede rochosa, diante da qual fôra construída a casa e onde, para se poder ver distintamente, era preciso acender luz, mesmo de dia. O Anjo a saúda com as palavras de uso: «A paz seja contigo», mas essa saudação não foi literalmente traduzida pelo Evangelista que escrevia em grego, nem mais tarde pela tradu-

(11) Targum in Dt. 34, 16.

(12) Targum in 2 Par. 32, 21.

(13) Cf. Sura 96, 1-5.

ção latina, que usa a palavra «Ave», que passou para o idioma falado dos povos europeus: «Ave», isto é, salve! Depois Gabriel se exprime com uma alocução nova, até então ainda não usada em parte alguma: «Bendita tu — gratia plena», isto é, cheia de graça, como nós hoje nos exprimimos. A graça é o sinal do favor e do amor divino. Ela nos torna participantes da essência e da vida divina, tanto quanto é possível à uma criatura humana, elevando-nos à dignidade de filhos de Deus.

Maria tinha recebido a abundância e a plenitude da graça pela preservação do pecado original. A essa primeira graça ela soube corresponder, cooperando fielmente com ela. Nenhum pecado jamais obscureceu o esplendor e o encanto da sua alma puríssima; todo o seu ser estava impregnado de graça e de beleza, de grandeza e de dignidade. O mensageiro de Deus, cheio de admiração, reconheceu tudo isso como espírito puro que está sempre diante de Deus, possuía uma profunda compreensão dos valores espirituais e sobrenaturais, tendo por isso grande importância o seu louvor, que se reveste do mais alto significado. Ele fala, além disso, em nome de Deus — o eterno verdadeiro e verídico — à mais pura das criaturas de Deus.

«O Senhor é contigo», acrescenta Gabriel; uma expressão que não pode deixar de causar satisfação. Maria compreende então, com infalível certeza, que é ela co-participante de um amor e de uma solicitude tôda particular por parte de Deus e a constatação disso lhe infunde uma torrente de alegria na alma, uma onda de felicidade paradisíaca. O Senhor está junto dela como presença beatificante, como luz que ensina, como fôrça que sustenta, como guia perfeitíssimo. Êle é o conteúdo dos seus pensamentos, o impulso dos seus esforços, a meta do seu ca-

minho, a delícia de sua alma imensamente rica, conforme ela própria mais tarde se exprimirá: «A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se rejubila em Deus, meu Salvador».

O Anjo encerra a sua saudação com as palavras: «Benedita és tu entre as mulheres». Não é bem seguro que essas palavras pertençam ao texto original, sendo causa dessa dúvida o fato de não figurarem elas nos dois antiquíssimos códices B e S e a algumas outras importantes provas textuais (cf. as anotações críticas da edição Merk). Com essas mesmas palavras começa a saudação de Isabel (Lc. 1, 42). Tu és a mulher mais distinta, aquela que, entre todas, merece ser mais louvada. Nenhuma te iguala; traz a bênção de Deus para todo o mundo. Maria cala-se a essa saudação tão insólita refletindo-se grande embaraço no seu rosto. Podem ter valor para ela tais elogios? A sua humildade e a sua modéstia não conseguem explicar-lhe o significado e o objetivo dessa saudação. Então o Anjo veio em auxílio do seu embaraço: «Não temas, Maria». Quando o sobrenatural entra na vida de um homem, geralmente o atemoriza, porque o homem sente-se privado de forças e impotente diante de um poderio que lhe é superior. Também Zacarias foi tomado de pavor quando lhe apareceu o mesmo Anjo (Lc. 1, 12), tanto assim que teve de se acalmar para poder receber a comunicação divina.

«Eis que tu achaste graça diante de Deus». Deus voltou seus olhos indagadores sobre ti e julgou-te apta para o seu alto desígnio. Tu correspondeste aos seus desígnios. Em seguida expõe o plano de Deus: «Tu serás mãe de um filho e o chamarás Jesus». O nome «Jesus» é de altíssimo significado: «Deus é a salvação»; o Filho de Maria é Deus e traz a redenção e a salvação a todos os homens.

Aquêle que pela primeira vez trouxe tal nome foi Josué, condutor do povo, o sucessor de Moisés. No tempo de Jesus era êste nome dado com freqüência aos meninos. O escritor judeu Flávio Josefo nomeia seis personalidades que o traziam e entre essas diversos Sumos Sacerdotes. Paulo se refere, elogiando-o, a certo Jesus, chamado justo, seu companheiro fiel durante seu encarceramento em Roma (Col. 4, 11). Lucas registra um Jesus entre os antepassados do Salvador (3, 29). A antiga forma **Jehoshûa**, com o passar do tempo se transformou em Jeshûa e dessa última os Gregos tiraram a forma «Jesus», nome que chegou até nós e se nos tornou tão caro.

Êle será grande e chamar-se-á «Filho do Altíssimo». «Chamar-se-á» nos livros sacros significa também muitas vezes «ser». Êle será então o filho do Altíssimo e o seu próprio nome exprimirá a sua realeza; Jesus é o verdadeiro Filho de Deus, pois Êle e o Pai são da mesma substância e sua Mãe é por isso a Mãe de Deus. Não se podia prometer nada de maior importância à humilde donzela (14) da tão desprezada Nazaré.

«O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará sobre a casa de Jacó eternamente, e o seu reino não terá jamais fim». Essas palavras se relacionam com a promessa que foi feita ao patriarca Davi (2 Rs. 7, 12-16; Is. 9, 7). Maria ouve com calma essas grandes promessas e considera atentamente as palavras do Anjo; não duvida absolutamente sobre a possibilidade da sua realização, como fêz Zacarias, mas faz uma observação de grande importância: como será compatível êste anúncio com a escolha

(14) S.S., o Papa Pio XII usou a expressão «a humilde e ignorada donzela de Nazaré», após a proclamação do dogma da Assunção de Maria SS. ao céu. (Oss. Rom. de 2-IX-50).

do estado de virgindade? «Como poderá acontecer isso, se eu não conheço homem?» perguntou humildemente. O estado todo especial que ela tinha firmemente abraçado parece um obstáculo intransponível para a realização do plano divino. Gabriel lhe dá porém, com afabilidade, o necessário esclarecimento; suas palavras são ricas do mais profundo e fundamental significado para a compreensão da verdade sobre a pessoa de Cristo. Elas acentuam e mais uma vez explicam que o Filho de Maria é ao mesmo tempo real e verdadeiro Filho de Deus. A natureza humana e a divina são unidas em Cristo em uma e única pessoa. O Anjo diz ainda mais: não é necessário um homem para a tua concepção. «O Espírito Santo virá sobre ti e a potência do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra». A expressão «cobrirá com a sombra», acha-se no texto grego do Antigo Testamento e indica a morada de Deus na nuvem misteriosa, que descia e envolvia o Tabernáculo.

«O Santo que nascerá será chamado Filho de Deus». Maria retém tudo isso de modo indelével na memória, e não foi por acaso que o Evangelista João, o único dentre os Apóstolos que teve a fortuna de receber Maria em sua casa e cuidar dela até sua morte, tinha consagrado o evangelho à demonstração desta verdade. Podemos muito bem imaginar que estas duas grandes almas, dentre as mais queridas de Jesus, tenham com freqüência e admiração, falado sempre deste grande acontecimento! A grande riqueza dos pensamentos de Maria está por certo contida no evangelho de São João.

O Anjo participa ainda a Maria, para reforçar suas palavras, uma coisa verdadeiramente estupenda: «Eis que Isabel, tua prima, concebeu também um filho, na sua velhice, e aquela que era chamada estéril está no sexto mês de sua gra-

videz; porque nada é impossível a Deus». Toda preocupação, todo temor são finalmente banidos. Maria afinal é feliz e dá com simplicidade e com grande humildade, o seu consentimento, que o céu e a terra esperam: «Eis aqui a escrava do Senhor! Estou pronta! Faça-se em mim segundo a tua palavra»!

No princípio do mundo Deus tinha dito: «seja», e os mundos foram criados. Fala agora uma jovem donzela e diz: «Seja», e o mesmo Deus da criação cria um novo mundo, mais sublime, o mundo da Graça do seu Filho muito amado. No Salmo 85, 11 está escrito: A Bondade e a Fidelidade se deram as mãos, a Justiça e a Paz abraçaram-se juntas». Isaías (7, 14) disse: «Eis que a virgem dará à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel». Este foi o signo misterioso para a casa real de Davi, e tornou-se agora o signo para toda a humanidade: «Quem acreditar no Filho de Deus, será bendito por toda a eternidade; quem não crer, será condenado». (Jo. 3, 18; Mc. 16, 16). Jesus Cristo é posto para ruína e para a ressurreição de muitos; por Ele serão divididos, tanto os espíritos como os tempos.

O Anjo Gabriel deixou reverente a Virgem Maria bendita e as coisas anunciadas se cumpriram nela. Por intermédio dela despontou um novo mundo e raiou para nós um futuro glorioso. Com o seu cântico de louvor, o «Magnificat» que ela entoara na casa de Zacarias, nos permite contemplar o interior de sua alma. «Bem-aventurada tu, que crêste!» (Lc. 1, 45) gritemos com Isabel à bem-aventurada Mãe do Redentor.

3. A visita a Isabel

Maria havia sido informada pelo Anjo Gabriel que Isabel, sua prima, se bem que de idade avançada e não

mais em condições de ter filhos, estava no sexto mês de gravidez. A ela também tinha Deus manifestado seu misericordioso poder. Muito compreensível é portanto que Maria desejasse expandir-se com a sua prima mais velha do que ela e mais experiente e que fôra também como ela, assinalada pela mesma graça. O seu coração transbordava de coisas inauditas que ela havia visto e ouvido mas que ela não desejava ou não podia confiar a nenhuma outra pessoa, nem mesmo a José, seu espôso. O que havia acontecido era de natureza tão íntima e tão pouco compreensível que mesmo as pessoas melhores ou mais complacentes teriam relutado em compreendê-lo: ela, a simples mulher de um artesão, tornar-se a mãe do Salvador, por uma maneira tão miraculosa e jamais ouvida? Sòmente uma outra alma tocada como ela pelo mesmo Espírito Santo teria podido compreender isso. A resolução de empreender uma viagem assim tão longa e fatigante, para ir encontrar-se com Isabel, deixa entrever em Maria uma energia viril. Antes de partir devia porém regularizar sua situação com aquêles que a rodeavam e obter, em primeiro lugar, autorização do seu marido, que não tinha conhecimento do seu segredo. José porém tendo sabido que Isabel teria dentro em breve necessidade do auxílio de uma pessoa amiga, foi talvez êle mesmo com Maria em peregrinação a Jerusalém pelos Pentecostes, ou então confiou a jovem espôsa a conhecidos e amigos de confiança que a teriam protegido e ajudado durante a viagem.

Naqueles dias, Maria se pôs em viagem, à tôda a pressa, pela região das montanhas a uma cidade de Judá (Lc. 1, 39). Duas perguntas ocorrem, a propósito desta passagem: onde se achava «esta região montanhosa» e que «cidade» foi esta?

a) A «região montanhosa» recebe uma determinação mais precisa, quando Lucas se refere às notícias dos acontecimentos surpreendentes verificados na casa de Zacarias e que «se espalharam por tôdas as montanhas da Judéia» (Lc. 1, 65), por onde se pode deduzir que não era muito extensa esta região da Judéia.

Segundo o livro de Josué, parece tratar-se de montanhas situadas muito ao sul: «Josué percorreu tôda a região, o «norte», a zona do sul, a planície e Asedote. Devassou de Cadesbarne a Gaza e tôda a terra de Gosen até Gabão (Jos. 10, 40 s.)

No livro de Jeremias (32, 44) lê-se: «Os campos serão comprados a dinheiro e registrados em escritura e por-se-lhes-á o sêlo e tomar-se-ão testemunhas, na terra de Benjamim e nos arredores de Jerusalém, nas cidades de Judá, e nas cidades das montanhas, e nas cidades das planícies e nas cidades que estão ao meio-dia porque farei voltar os seus cativos, diz o Senhor». O profeta, ao anunciar o retôrno dos cativos de Babilônia, enumera um por um os distritos de Judá, distingue «a região montanhosa» do distrito de Jerusalém. Quando Plínio (15) escreveu que Jerusalém está situada na «Orine», êle certamente se enganou. No tempo de Herodes a Judéia estava dividida em 10 toparquias (distritos) ou circunscrições enumeradas também por Flávio Josefo, que não fala na Orine mas sim na Iduméia, que é a parte setentrional do antigo reino de Edom. A parte meridional não pertencia ao reino de Herodes, mas ao reino dos nabateus; êste último distrito da Iduméia incluía também a cidade de Hebron, precisamente como nos tempos de Josué e deve ser identificada com a região montanhosa (a Orine de Plínio). Flávio Josefo

(15) *Hist. Nat.* V 14, 70.

considera Jerusalém como um distrito à parte (16), vizinho ao da Iduméia e narra mais adiante que Simão Bar-Giora, condutor dum bando, passou a cometer rapinagem nos arredores do castelo de Masada(situado ao sudoeste do Mar Morto) e justamente na «região montanhosa» depredou as aldeias desta mesma região, atrevido-se por fim a fazer incursões na planície ao sul. O distrito por êle devastado era a Acrabatena e tôda a região até a Iduméia. Na aldeia de Naim (a sudoeste de Hebron êle levantou fortificações, e escondeu o seu botim nas cavernas do despenhadeiro **Faran** (17). Fica assim esclarecida a posição da «região montanhosa», chamada assim também na língua falada pelos árabes que habitam ainda hoje aquela terra: «Tudo aquilo que está situado de **Bîr-es-Sebá** para o nordeste, na língua dos indígenas é chamado **el-Gebel** (a montanha), sendo o restante território considerado como planície. As massas rochosas vão se alteando sem acidentes, da planície que está a 210 m acima do nível do mar, junto de **Bîr es-Sebá** para nordeste, até atingirem a altitude de mais de 1.000 metros.

Esta região não é acessível pelo lado de oeste e sudoeste, mas somente pelo sul, ou melhor, pelo sudoeste, pode ser atingida, através de íngremes ladeiras (18). «Os geógrafos contemporâneos chamam êste imponente grupo de montes, um pouco separados da região montanhosa da Judéia como sendo o «grupo da Judéia» (19).

b) Esta região montanhosa era então a meta da viagem de Maria. E qual seria a cidade buscada? O texto

(16) *Guerra Judaica* III, 3, 5.

(17) *Ibid.* IV, 9, 3 ss.

(18) *Musil, Arabia Petraea*, II, 67 s.; II, 18 e III, 400.

(19) *Koepfel, Palästina, Die Landschaft in Karten und Bildern*, p. 11.

grego pode ser traduzido indiferentemente por «cidade de Judá» ou então «cidade Judá». No primeiro caso a cidade não seria nomeada e no segundo chamar-se-ia justamente «Judá». Muitos escritores acham que se trata de **Ain Kârim**, a terra natal de Zacarias e de Isabel, distante 6 km de Jerusalém, em um gracioso recôncavo, rico das nascentes do **Wâdi Kolônije** (20).

Na antiguidade cristã, tal tradição não tem testemunhas e não há indicação da exata posição da referida região montanhosa, e por isso alguém propôs interpretar o texto grego como referente a uma cidade de nome Judá e colocá-la em **Jûtta** (hoje a grande aldeia **Jâtta**), a 10 km ao sul do Hebron, baseando-se para esta hipótese nos seguintes motivos:

1. **Jûtta** foi, desde os tempos de Josué, uma moradia de sacerdotes, sendo por isso um lugar adaptado para a família de Zacarias.

2. **Jûtta** está justamente situada na região montanhosa, na Orine (Lc. 1, 39. 65).

3. Lucas, no seu Evangelho, é muito exato nos detalhes geográficos e denomina as regiões pelos seus respectivos nomes, como de resto fazem também os outros Evangelistas, a posição da localidade sempre segundo a respectiva região (Judéia, Samaria, Galiléia, Transjordânia) e jamais segundo o território da tribo, exceto nas citações do Antigo Testamento (cf. Mt. 2, 1-5; Mc. 1, 9; Lc. 1, 26; 24-39; 4, 31; Jo 1, 28; 2, 1-11; 4, 46; 12, 21; 21, 2). A divisão da província pelo território da tribo foi suprimida durante o cativeiro babilônico e pôde ser posteriormente restabelecida, após a recolonização que se efetuou ao findar do referido cativeiro.

(20) *Heidet, Dictionnaire de la Bible II*, 260-270, "Carem".

4. João Batista passou ali a sua mocidade, no deserto (Lc. 1, 80). Em Jûtta o deserto está mais próximo do que em Ain Kârim.

Supondo-se que Isabel habitasse em Jûtta, a viagem que Maria devia empreender era longa, perigosa e fatigante de Nazaré a Jûtta são mais de 160 km de distância que seria percorrida em 6 ou 7 dias.

Maria certamente se uniu a alguma caravana ou a uma peregrinação que se dirigisse a Jerusalém pela festa de Pentecostes. Tal precaução era necessária para sua segurança e salvaguarda pessoal, especialmente para quando tivesse que atravessar o território dos Samaritanos. Judeus e Samaritanos se odiavam de fato mortalmente; a Jesus mesmo e aos seus Apóstolos foi recusada hospitalidade em uma povoação samaritana, porque era sua resolução «dirigir-se a Jerusalém» (Lc. 9, 51-56). A Samaritana, no poço de Jacó recebeu muito decortêsmente o pedido de um gole de água feito por Jesus e, quase recusando, perguntou-lhe: «Como ousas tu, sendo Judeu, pedir de beber a mim, que sou samaritana?» (Jo. 4, 7-9). No tempo do governador Ventídio Cumano (48-52 d. C.) um judeu que ia para Jerusalém foi morto em uma aldeia samaritana e então os judeus das aldeias vizinhas se reuniram tumultuosamente, atacaram a aldeia e a incendiaram. As povoações samaritanas, furiosas pelo desejo de vingança, se armaram por sua vez e Cumano foi obrigado a mandar tropas para restabelecer a ordem e acalmar os protestos de indignação (21).

Conduzindo uma modestíssima bagagem, a jovem se pôs em caminho, percorrendo as estreitas e tortuosas estradas de Nazaré para as campinas abertas, que se apresenta-

(21) *Guerra jud.* 12, 3-7 e *Antiguidade Jud.* XX 6, 1-3.

vam então tôdas em flor, as cotovias vibrando alto, no ar perfumado, o seu canto límpido e sonoro, os pássaros trinando seus doces gorjeios, ao passo que do fundo dos pequenos bosques as rôlas faziam ouvir os seus gemidos saudosos. Ágeis lagartos atravessavam, a pressa, os caminhos; abelhas e coleópteros zumbiam em busca de flôres doces e perfumadas; as borboletas esvoaçavam em bandos pelos ares e sôbre a cabeça da apressada viandante. Por entre as pedras das encostas escondia-se a víbora venenosa, manchada de amarelo e prêto, ao passo que abaixo dos rebanhos deslizava vagarosa uma cobra negra como o carvão, uma espécie de serpente não venenosa, a boa, que algumas vezes podia medir quatro metros de comprimento.

A alegria de viver transbordava de tôdas as coisas. Dentro também do coração de Maria florescia uma vida nova, da qual sômente ela conhecia o doce segredo: uma pequena e maravilhosa vida, cheia de mistério, ao mesmo tempo divina e humana.

Em breve Maria saiu fora dos desfiladeiros de Nazaré, e o seu olhar se voltou para o sul, para a planície de Esdrelon, onde a colheita do trigo já estava terminada. As medas, empilhadas nas eiras, aguardavam as horas dos debulhadores e as pás dos abanadores. Como se tivesse asas nos pés, Maria galgava o íngreme atalho; ao sul da planície viam-se desaparecer os montes e os picos da Samaria no horizonte longínquo, como geladas ondas marinhas. Para oeste, o dorso alongado do monte Carmelo, salpicado de bosques e de árvores, avança para o mar, dominando-o soberbamente. Do lado de nordeste, o solene cume do Tabor se alteava sôbre a região que confinava ao sul com outras colinas, entre as quais o monte de Gelboé, com as tristes recordações do lastimável fim de Saul.

Assim que Maria alcançou a planície, penetrando no seu interior, girou a vista em tórno e logo se apresentaram à sua imaginação os episódios principais da história do seu povo. Lá, sôbre o Tabor, a profetisa Débora tinha animado o juiz Baraque a lutar contra o general sírio Sisara. O valente Baraque lançou-se corajosamente sôbre as hostes siríacas alcançando uma grande vitória. Sisara, quando fugia para o norte, abandonado pelos seus, escapou mas, mortalmente exausto, entrou na tenda de Gidela que, depois de o ter reconhecido imediatamente, hospedou-o e deu-lhe leite para beber indicando-lhe uma enxêrga para deitar-se. E apenas êste adormeceu, Jael, empunhando um pesado martelo colocou um grosso prego sôbre a têmpora do odiado inimigo e o cravou no cérebro com um forte golpe. No cântico de Débora, ela vem exaltada como uma heroína, não obstante, o que Maria repeliu logo da sua mente com repugnância, a imagem sangrenta. Achava-se ainda ali perto o bosque de Endor, onde Saul se refugiara, tendo-se, no seu desespero — êle que sempre fôra acérrimo perseguidor de bruxos — dirigido a uma feiticeira, ordenando-lhe que evocasse o espírito de Samuel, que anunciava-lhe a sua ruína. No dia seguinte os Filisteus o venciam em combate e êle se suicidava, ao passo que o seu filho Jônatas morria na batalha. O antepassado de Maria, Davi, nos legara um comovido canto, lamentando a morte de ambos. Ali estava também Sunam, sôbre a desolada encosta, onde u'a mãe desesperada chorava a morte do seu filho tão amado. Cheio de compaixão pela mãe, o profeta Eliseu o despertou de novo para a vida. Teria talvez Maria pressentido no seu coração, que também ela iria receber no colo o seu dileto Filho e iria chorar ante o seu cadáver desfigurado e coberto de sangue? Consola-te, ó Mãe, também Êle ressuscitará!

O sol resplandecia sôbre a vasta planície. Aqui e ali Maria encontrava pelos campos gente que a saudava amigavelmente: «A bênção do Senhor seja convosco!» e com alegria ela correspondia: «Também nós te bendizemos no nome do Senhor» (Sl. 129, 8). Se aquela humilde gente tivesse pressentido que a jovem e modesta mulher que tinham visto passar já se tinha tornado a Mãe do Messias tão esperado, teriam certamente ajoelhado com o mais profundo respeito.

Depois, chegada a Dotaim, uma outra imagem se apresentou à sua mente: a do adolescente que, banhado em lágrimas, depois de ter sido despojado da sua túnica multicolor, doada pelo pai, tinha sido vendido pelos irmãos, como escravo, aos mercadores madianitas. Em vão lhes havia êle implorado compaixão: José, filho de Jacó, foi arrastado também como escravo para o Egito, para a miséria e para... a felicidade. Assim também Maria, fugindo de um tirano desumano, levará um dia seu filho para o Egito; e seu filho também, mais tarde, será vendido e traído para salvação de todos os homens, seus irmãos.

Por outro lado, sôbre uma das colinas do oeste, presume-se que estivesse a cidade de Betúlia, cujo nome talvez fôsse imaginário. Lá em cima, no alto daquele morro, subiu Judite, seguida da escrava, que levava no saco um pêso gotejando sangue: a cabeça de Holofernes, um chefe inimigo. Agitada ainda pela perigosa empresa realizada no acampamento dos assírios, ela subiu sôbre os muros da cidade libertada para mostrar aos seus concidadãos o horrendo troféu da vitória. — E tu Maria, não te horrorizas diante desta mulher? tu mesma obtiveste uma vitória maior, quando o teu pé virginal esmagou a cabeça da serpente infernal.

Uma outra imagem: O profeta Elias, indomável, está sobre o Carmelo; a sua figura erecta, envolta no seu manto avermelhado de peles, desafia os sacerdotes de Baal. A oferta dêles não foi incendiada, ao passo que a sua está ardendo. O deus Baal é impotente, Jeová venceu. Então Elias, espírito de fogo, faz justiça imolando aos pés do monte os 450 servidores de Baal, sedutores do povo, e o regato Cison leva consigo até o mar o rubro sangue das vítimas. O profeta sobe de novo ao monte e ora pela chuva: ergue-se então do mar uma nuvem que promete as bênçãos do céu — é o teu símbolo, ó Maria.

Maria se encaminha para mais além, para a região montanhosa da Samaria. Detendo-se um momento para descansar, volta-se para trás, a olhar para o norte, procurando ver a pequena abertura entre as duas montanhas que consegue localizar e onde se podiam ainda distinguir, com bastante nitidez, as casas mais altas de Nazaré. Enviando então uma afetuosa saudação à sua cara terra natal prossegue a viagem até que, ao cair da tarde, se detém novamente para o repouso noturno.

Nos dias seguintes ela se aproxima da cidade de Samaria, que Herodes tinha mandado reconstruir quase inteiramente sobre a colina, cuja suave subida tinha feito ornar com suntuosas colunas de mármore, das quais ainda restam ruínas até hoje. Naquele mesmo lugar, uma malvada mulher, Jezabel, a pagã, espôsa de Acabe, tinha exercido sua nefasta influência até encontrar finalmente uma morte ignominiosa: Precipitada da janela por ordem de Jeú, o seu corpo esfacelado foi dado de repasto aos cães. A história dos reis de Israel é escrita quase toda com sangue. A cidade foi destruída por Salmanasar no início do ano de 721

a. C. e os sobreviventes do cêrco, (cêrca de 27.000 habitantes) foram conduzidos como escravos para o Oriente.

Encontrava-se depois Siquém, onde Dina, a filha de Jacó, pagou com a perda da honra a sua indiscreta curiosidade, mas onde os Siquemitas culpados expiaram com a morte a sua infame ação.

Talvez Maria juntamente com as pessoas que a acompanhavam, tivesse chegado a Silo, onde outrora havia parado a Arca da Aliança. Maria era propriamente a arca santa, dentro da qual repousava o Filho de Deus. Naquele mesmo lugar Ana tinha feito um voto e havia consagrado ao Senhor o fruto do seu voto, o grande profeta e juiz Samuel. Maria trazia no seu ventre um fruto que se tornará o Redentor de toda a humanidade.

Em Betel devia ela por certo ter pensado na escada de Jacó. De Beirute (el Bire) podia-se afinal ver, pela primeira vez, ao longe, a Cidade Santa. Um vivíssimo desejo de ver o lugar mais santo da terra, onde se achava a morada terrena do Pai celeste, dava asas aos seus pés. Jerusalém aparecia do outro lado da rasa colina Scopus, com os seus muros e as suas cumeeiras, as suas tôrres e palácios com os esplendorosos edifícios do Templo. Aqui ela se deteve em estática admiração. Quantas vicissitudes tinham-se alternado naquela cidade misteriosa; quanta coisa não havia experimentado Jerusalém, no perdão misterioso de Deus ou na maior fortuna? Quantos crimes horrendos não tinha cometido e com quantas amarguras e dores imensas fôra obrigada de espia-los! — Olha, Jerusalém — cidade tão santa e algumas vezes tão irreligiosa — diante de ti, às tuas portas, está a Mulher eleita. «Surge, ó Jerusalém, vestida de luz, porque chegou a tua luz e a majestade do Senhor se levantou sobre ti; porque as trevas cobrem a terra e a obs-

curidade cega os povos, mas o Senhor surge sôbre ti e a sua majestade se faz ver. Guiados pela tua luz caminharão os povos e os reis buscarão o fulgor que de ti emana» (Is. 60, 1-3). Mas Jerusalém viu na modesta peregrina apenas uma simples mulher comum da Galiléia, região tão pouco estimada, uma mulher daquela Nazaré, objeto de zombaria.

No pátio do Templo reservado às mulheres, Maria ora por longo tempo com fervor; a sua alma sente-se como na sua própria casa, rejubila-se e exulta, suplica e implora. Talvez tenha-se encontrado ali com Zacarias, que como sacerdote, ali se achava certamente, pela ocorrência da festa de Pentecostes, e pôde assim fazer-lhe afetuosa companhia para o prosseguimento da longa e fatigosa viagem. Se a família de Zacarias estivesse em **Ain Kârim**, bastaria uma hora e meia de caminho para encontrá-la; mas se, em vez disso estivesse em **Jûtta**, seriam precisos cêrca de dois dias para percorrer os 46 km de estrada que ligava as duas cidades.

Finalmente chegou Maria ao têrmo da sua viagem, entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel (Lc. 1, 40). O precioso texto desta saudação não nos foi transmitido; geralmente os orientais usam como praxe repetir a fórmula da saudação, quando respondem. Assim, Maria teria podido dizer: «O Senhor te abençoe e à criança que esperas!», e Isabel teria respondido alegremente: «Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!». Os maometanos da Palestina saúdam-se hoje com o **es-salâm alêk** (a paz seja contigo). Estendem ainda a mão direta para a terra, depois tocam com ela o coração, os lábios e a fronte e se beijam finalmente sôbre as faces (22).

Também no tempo de Jesus estava em uso o beijo da saudação (23).

Com a sua saudação Maria fez estremecer de júbilo a criança no ventre de Isabel e esta, cheia do Espírito Santo, disse em alta voz: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! E de onde me é concedida esta graça, de vir ter comigo a Mãe do meu Senhor? Porque logo que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança exultou de alegria no meu ventre. Bem-aventurada és tu que crêste, porque se realizarão tôdas as coisas que te foram ditas da parte do Senhor» (Lc. 1, 41-45).

Maria por certo devia ter experimentado um sentimento de admiração infinita. Isabel já sabia então tudo, conhecia o seu divino sêgrêdo, sabia que diante dela estava a ditosa Mãe do Senhor, do onipotente Deus. A expressão «Mãe do meu Senhor» não é uma forma de simples cortesia, mas uma verdade para ser literalmente aceita. Maria nada mais tem que acrescentar nem explicar, pois o Espírito Santo já fez até mesmo o futuro precursor do seu divino Filho dar, a seu modo, um sinal de júbilo e de admiração. Da sua alma irrompe então, num férvido cântico, o júbilo recalcado por tanto tempo:

«A minha alma glorifica o Senhor,
e o meu espírito rejubila-se em Deus, meu Salvador!
Porque lançou os olhos para a baixeza de sua serva,
porquanto tôdas as gerações, de hoje em diante,
me chamarão bem-aventurada.
Porque fez em mim grandes coisas aquêle que é poderoso
e cujo nome é santo.

(22) Power, *De ratione salutandi in Palestina*, "Verbum Domini" 3 (1923) 179-184.

(23) Luc. 7, 45; 15, 20; 22, 47.

E cuja misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.

Manifestou o poder do seu braço;
dispersou aqueles que se orgulhavam
nos pensamentos dos seus corações.

Depois do trono os poderosos,
e elevou os humildes.

Encheu de bens os famintos
e despediu vazios os ricos.

Tomou cuidado de Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia;

conforme havia dito a nossos pais,
a Abraão e à sua posteridade,
para sempre, por toda a eternidade».

«O Magnificat é a feliz conclusão dos livros do Antigo Testamento e o mais feliz início da poesia do Novo» (24). Um ritmo solene o movimentava, atenuado da antiga forma hebraica do paralelismo. Maria agradece a Deus pelos grandes benefícios que lhe fez, porque Ele rege o mundo com justiça e cumpre as promessas feitas ao seu povo. O cântico nos permite penetrar profundamente nos pensamentos de Maria, no mundo dos salmos, em que ela vive e pensa, habituando-se a ouvi-los como todos os fiéis, no serviço divino das sinagogas e nutrindo-se deles já de há muitos anos. A espiritualidade dos Salmos e dos Profetas penetrou tão profundamente nela que o seu canto de júbilo se torna involuntariamente revestido das velhas e consagradas formas. Indicar passo a passo onde isso se verifica seria um estudo dos mais atraentes. Muitos passos são comuns ao cântico de Ana, a venturosa mãe do profeta Samuel.

(24) Zorell, em "Verbum Domini", 2 (1922) 194-198.

É muito significativo e comovente que Maria, em primeiro lugar, pensa em Deus e se alegra nêle, que é a fonte de todo o bem, o Santo, o Onipotente, o Misericórdioso. Ele não faz distinção de pessoa e aborrece toda sapiência orgulhosa e toda vaidade.

Ele exalta os humildes, os modestos, os débeis e vem em socorro dos pobres. Ele mantém as promessas feitas ao seu povo: o Messias, há tanto tempo esperado veio afinal. Maria não deseja nada para si, deixa que seja ele a dar-lhe o que tinha determinado de dar-lhe. O conteúdo do cântico de Maria, que é também uma oração, é um amoroso elogio e um agradecimento cheio de júbilo.

Maria permaneceu junto de Isabel por três meses, certamente até o nascimento de João. Depois de haver servido com grande humildade e dedicação, nas horas mais difíceis, a sua parenta, já de idade avançada, ela regressou à sua terra natal. Percorreu novamente o longo caminho pelo qual viera e que agora no verão se tornara bem mais quente; mas prosseguia intimamente feliz pela bênção que tinha levado à casa de Zacarias e pela ação do Espírito Santo, que havia sapientemente preparado Isabel, antes de sua chegada. A Deus portanto confiou com infantil e total confiança todo o seu futuro.

4. A dúvida de José

Maria chegou muito fatigada a Nazaré: Ela estivera ausente muito tempo, e como não havia partido logo após a Anunciação, já devia estar no quinto mês de gravidez. E mal apenas voltou para a casa, olhares mais perscrutadores notavam a mudança que se tinha operado nela e o interpretavam cada qual a seu modo, alguns até com malícia, sendo que os olhos das mulheres observam sempre com mais

agudeza. Talvez algum parente ou algum conhecido, sem suspeitar de nada, se tivesse congratulado com José, pelo auspicioso acontecimento que logo o tornaria pai, mas que no entanto o enchia de dolorosa confusão. Como era possível que Maria estivesse esperando criança? Ele sabia do ideal de Maria, tinha-o aprovado e havia consentido em viver com ela na observância de perfeita castidade. Maria então seria culpada? Isso lhe parecia impossível e não se coadunava absolutamente com o seu caráter e com a conduta por ela mantida até então. Tratar-se-ia talvez de uma violência que fôsse praticada com ela durante a viagem? Neste caso não seria ela culpada perante a lei que punia com a pena de morte unicamente o violentador (Dt. 22, 25-27); mas se ela fôsse também cúmplice, incorria então em todo o rigor da lei e era castigada com a lapidação (Dt. 22, 20 ss.) mediante acusação do marido. No caso porém de ser falsa esta acusação e ficar provada a inocência da mulher, o marido será açoitado e deverá pagar ao pai da mulher 100 siclos de prata, não podendo repudiá-la durante todo o tempo de sua vida (Dt. 22, 13-19).

Depois de ter refletido maduramente sobre o assunto, José tomou a deliberação de não tomar novamente Maria consigo, mas deixá-la secretamente, o que corresponde a enviar-lhe o libelo de repúdio, sem declarar o motivo.

No entanto Maria se mantinha em uma atitude muito reservada, talvez porque não se julgasse autorizada a falar, sem uma autorização do alto, permitindo a revelação do seu segredo. O Espírito Santo havia esclarecido tudo a Isabel, sem que fôsse necessário a Maria dizer qualquer coisa; assim também iluminaria José, como e quando julgasse oportuno fazer. Neste confiado silêncio transparece toda a maravilhosa força do seu espírito. «Se alguém não peca

no seu falar, êste é um homem perfeito» (Tg. 3, 2). Maria esperava confiante, até que Deus revelasse o enigma ao homem justo que era José, e Deus assim o fez, de fato, conforme narra Mateus: «O nascimento de Jesus Cristo aconteceu desta sorte: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, achou-se ter concebido por obra do Espírito Santo, antes de coabitarem. E José, seu espôso, sendo justo e não a querendo difamar, resolveu deixá-la secretamente. Ora, andando êle com isto no pensamento, eis que um Anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua espôsa, porque é obra do Espírito Santo o que nela foi concebido. E dará à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus, porque Êle salvará o seu povo dos seus pecados. — E tudo isso aconteceu a fim de que se cumprisse o que foi dito pelo Senhor por meio do Profeta: Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão Emanuel, que quer dizer: Deus conosco (Is. 7, 14). — E José, despertando-se, fez como lhe tinha mandado o Anjo do Senhor, e recebeu Maria sua espôsa. E não a conhecia, até que deu à luz seu filho primogênito, e o chamou Jesus» (Mt. 1, 18-25).

José foi assim libertado de uma grande tribulação e suas dúvidas foram miraculosamente resolvidas; êle pôde de novo olhar serenamente para Maria, com o mais profundo respeito tomou-a consigo, dispensando-lhe os mais amorosos cuidados e tornando-se o seu mais fiel companheiro por toda a vida. Assim defendeu Deus a honra da mãe do seu Filho e Maria pôde finalmente dizer tudo a José, confiando-lhe o seu segredo e contando-lhe como se tinham passado exatamente as coisas, enchendo-se ambos de admiração por tudo o que acontecera assim tão miraculosamente e juntos louvavam o plano divino. Ficaram no entanto calados para com todos

os outros e mantiveram por três longos decênios o mais rigoroso silêncio sobre o grande mistério.

5. A virgindade de Maria

Não faltou quem se atrevesse a ofender a Mãe de Jesus, sustentando que ela tivesse tido relações conjugais com José e haja dado à luz outros filhos, após a sua milagrosa concepção por obra do Espírito Santo, e não obstante a sua extraordinária confissão: «Eu não conheço homem». Por este modo é também negada a São José a capacidade de conservar o mais profundo respeito pela Mãe do Filho de Deus, do Salvador da humanidade. Uma exegese racionalista desatendendo a todas as refutações, se obstina a sustentar ainda hoje aquilo que no seu tempo afirmava Helvídio, cujas caluniosas imputações foram no entanto cabalmente contestadas por São Jerônimo.

Contra a perpétua virgindade de Maria apresentam-se habitualmente três objeções:

1. A passagem de Mateus 1, 25: «Ele não a conhecia até que deu à luz um filho». Ora, a preposição «até», tanto na língua do Antigo como na do Novo Testamento, significa somente que alguma coisa não aconteceu senão a um certo momento, sem afirmar porém que tenha acontecido depois. Para demonstrar isso examinemos alguns outros textos do mesmo Mateus: «Em verdade, em verdade vos digo que, enquanto não passar o céu e a terra, não desaparecerá da lei um só jota ou uma vírgula até que seja tudo cumprido» (5, 18). Não existirá mais a lei de Deus depois do fim do mundo? «Ele não quebrará a cana rachada e não apagará a mecha que fumeja até que faça triunfar a justiça» (12,

20). Seria preciso entender então, contra todo o bom senso, que depois do triunfo seria partida a cana e apagada a mecha? «Em verdade vos digo que entre aqueles aqui presentes, há alguns que não morrerão até que vejam vir o Filho do Homem do seu reino» (16, 28). Naturalmente, não tendo morrido antes, muito menos depois da sua vinda morrerão.

Em Mateus a locução **até que** ou **até quando** foi por nós encontrada cerca de 17 vezes, sendo que 7 destas com o significado acima referido. Não é justa portanto a conclusão de que no texto citado (Mt. 1, 25), queria ele dizer que aconteceu depois o que fôra negado antes. Mateus quer apenas frisar bem o fato que Jesus não foi gerado de pai humano.

2. Uma outra objeção foi levantada por causa da seguinte passagem de Lucas 2, 7: «E deu ela à luz o seu filho primogênito». Se Jesus é chamado «primogênito» é porque certamente deve ter irmãos e irmãs. Neste ponto é preciso considerar que o vocábulo primogênito é a tradução do hebraico **bekôr**, que não é uma expressão numeral mas significa somente a dignidade do primogênito, com os respectivos direitos e deveres. O primogênito, segundo a lei hebraica, tinha, de fato, direito a um duplo quinhão da herança, a uma autoridade patriarcal sobre toda a família, a ser requisitado para o serviço do Templo, tendo além disso a obrigação de prover ao sustento da viúva do pai, de manter os irmãos mais jovens e de assegurar o futuro deles. A língua grega não tem um vocábulo que corresponda propriamente a este. O primogênito podia e devia ser requisitado mesmo se não houvesse outros filhos (Núm. 18, 15; Êx. 34, 19 s.).

Em Tell Jehûdijje, perto de Belbeis, nos arredores da antiga Leontópolis, no Egito, achou-se uma inscrição mortuária

ria hebraica, escrita em belos dísticos gregos e datada justamente do ano 5 a. C. e precisamente do dia 28 de janeiro daquele ano (25).

Eis a tradução: Esta é a tumba de Arsinoé, ó viandante! Chora, considerando como fui infeliz, desafortunada em tudo, vítima de um perverso destino, tendo ficado ainda menina, órfã de mãe. Quando a flor da juventude me adornou como esposa, meu pai Fabeiti deu-me um marido. Mas nas dores do parto do meu filho primogênito, o destino me conduziu ao fim da minha vida. Na verdade foi breve o tempo que me foi concedido, mas uma graça melhor me tocou: a beleza da alma. E a tumba esconde no seu seio este meu corpo criado na (lei da) pureza (legal); mas a alma voou para os Santos — Epitáfio de Arsinoé. — Ano 25, segundo dia (do mês) de Mechir». O ano 25 corresponde ao ano 25 do imperador Augusto, como se verificou pelo confronto com outros epitáfios da mesma necrópole (26). O primogênito, filho de Arsinoé era então ao mesmo tempo também o filho único (unigênito). Assim também o único filho de Maria pode ser chamado «primogênito». Nos salmos apócrifos de Salomão (18, 4) e no quarto livro apócrifo de Esdras (6, 58) a expressão «primogênito e unigênito» é usada pelo povo eleito. O nome do pai de Arsinoé, «Fabeiti» aparece sob diversas formas, em grafias diversas; um Fiabi (Fabeiti) é pai do sumo sacerdote Jesus (em exercício nas proximidades do ano 30 a 24 a. C.) e do sumo sacerdote Ismael I (15-16 d. C.). Haverá neste caso um laço de parentesco? Além destes não se conhecem outras pessoas de tal nome.

3. São também atribuídos a Maria, como sendo seus fi-

(25) Cf. Edgar nos "Annales du Service des Antiquités de l'Égypte" (1922) e transcrita em "Biblica", 11 (1930) 386.

(26) Cf. Frey, *La signification du terme "prototocos" d'après inscription juive*, em "Biblica," II (1930) 373-390.

lhos, os chamados «irmãos do Senhor», mencionados com frequência no Evangelho. Entretanto, um acurado estudo orientado pelos textos que foram sendo encontrados esclarecem completamente já de há tempos, toda dúvida possível. A gente de Nazaré perguntava cheia de admiração quando Jesus ensinava na sua sinagoga: «De onde tirou êle esta sabedoria? Não é êle o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E suas irmãs, não estão aqui no meio de nós?» (Mc. 6, 3; Mt. 13, 55 s.). S. Paulo, encontra em Jerusalém o apóstolo Tadeu, o «irmão do Senhor» (Gál. 1, 19). Estes «irmãos do Senhor» são mencionados porém sem nome algum, em Marcos (3, 31 ss.); em Mateus (12, 46 ss.); em Lucas (8, 19 ss.); em João (2, 12 e 7, 3-8); nos Atos dos Apóstolos (1, 14) e em uma carta de S. Paulo (1 Cor. 9, 5).

Não é porém difícil provar a descendência deles por meio dos mesmos Evangelhos. Três Evangelistas se referem àquela Maria que João (19,25) chama irmã da Mãe de Jesus, a mulher de Cléofas, (Mc. 15, 40; 16, 1; Mt. 27, 55 s.; Lc. 24, 10) como mãe dos dois primeiros, Tiago e José. Em Mateus (27, 61; 28, 1) é também chamada «a outra Maria». O terceiro «irmão do Senhor», Judas Tadeu, no início de sua carta, se chama «irmão de Tiago», sendo então também êle filho da «outra Maria». O quarto, Simão ou Simeão, foi, pelo escritor eclesiástico palestinese Egesipo (27) indicado como filho de Cléofas, e portanto sobrinho de São José. Ele afirma mais adiante (28) que esta Maria era mulher de Cléofas; por isso, a junção que fazemos da palavra «mulher», na referida passagem de João (19, 25), é legítima, pois que, de outras vezes, as mulheres serão chamadas simplesmente pelo nome de seus maridos, como por exemplo, Betsabé, a

(27) Eusébio, *História Eclesiástica*, III, 11.

(28) *Memórias*, III, 32.

mulher de Urias, que é chamada apenas «aquela de Urias» (Mt. 1, 6); e Joana «a mulher de Cusa» (Lc. 8, 3).

Talvez Egesipo tivesse conhecido pessoalmente também os dois bisnetos de Cléofas, netos do Apóstolo Judas Tadeu, que foram conduzidos a Roma, sob o imperador Domiciano, sendo depois libertados, por terem sido reconhecidos como inofensivos camponeses, os quais se tornaram mais tarde bispos da sua terra. Transcrevemos adiante o trecho de Egesipo que se refere a eles, onde não pretende fazer apologética.

O pai destes quatro «irmãos» de Jesus é então Cléofas, o irmão de São José, e a mãe é Maria, «a irmã» (que significa também «cunhada») da Mãe de Jesus; assim, os «irmãos de Jesus» nada mais são do que primos irmãos de Jesus, e o mesmo se pode dizer das «irmãs de Jesus», que em seguida não são mais nomeadas.

Na lista dos Apóstolos (Mc. 3, 18; Mt. 10, 3; Lc. 6, 15; At. 1, 13) Tiago o Menor vem sempre chamado «filho de Alfeu». A mãe deste é, como já vimos, Maria a mulher de Cléofas. Alfeu e Cléofas, portanto, devem ser dois nomes diversos da mesma pessoa. O uso de nome duplo era muito comum entre outros contemporâneos; por exemplo: João-Marcos, Barsaba-Justo, Saulo-Paulo, Simão-Cefas-Pedro. O segundo nome era geralmente usado por ser mais fácil nas relações com o mundo grego.

«Alfeu» é um nome aramaico, **Halfaj**, do verbo **halâf**, «tomar o lugar», «seguir»; o particípio do verbo é **ha'fâ** e significa «o sucessor (do pai); o primogênito» (cf. **Halaf** em árabe: «o representante, o bom filho» e **Halifa**; o sucessor do profeta **Muhammed**). É provável portanto que Cléofas fosse o primogênito dos irmãos, com todos os direitos e deveres relativos ao seu estado; São José era um irmão mais jovem, como o seu próprio nome indica: **Joseph-el** quer di-

zer «Deus dá» (um irmão). **Clopas** é nome grego, significando «o orgulho do pai» e tornando, na tradução latina, sempre «Cleophas». Admitindo-se portanto que Cléofas e S. José fossem irmãos, como afirma Egesipo e como resulta também de uma nota marginal da tradução siríaca do Novo Testamento, a chamada «Versio Philoxeniana» (29), tôdas as dificuldades desaparecem e se resolvem satisfatoriamente as interrogações relativas aos parentes de Jesus.

Cléofas era o irmão mais velho de José e tinha herdado a casa e o campo do pai; José tinha o direito de habitar na sua casa, mas não era agricultor e sim carpinteiro. A família de Cléofas e a de José formavam uma única e grande família, da qual Cléofas era chefe. Os filhos das duas famílias cresceram então juntos, comendo da mesma panela, dormindo na mesma casa, brincando no mesmo pátio e sem dúvida chamando-se entre si «irmão e irmã» e como tais passando aos olhos dos estranhos. Maria, a Mãe de Jesus e Maria, a mãe das outras crianças, compreendiam-se muito bem, trabalhavam na mesma casa e no mesmo campo, e eram unidas por uma sincera amizade e por um fraternal afeto. Até mesmo sob a Cruz de Jesus as encontramos juntas, unidas na mais profunda dor.

Isto explica muito bem a liberdade de deslocamento da Sagrada Família, que vai a Belém e aí permanece longo tempo, visto como não tem obrigações diretas a cuidar em Nazaré. Depois de três anos de ausência voltam para aí, porque Deus assim ordenou, e retorna na casa de Nazaré o antigo pôsto que o esperava por direito. Depois da morte de José, Jesus seria o seu único herdeiro, mas na realidade, além das ferramentas do ofício, nada mais havia que herdar, por tal forma que ele pôde dizer de si, com toda a verdade,

(29) Zorell, op. cit., «Klopas.»

que jamais teve um lugar para morar e onde descansar a cabeça (Lc. 9, 59). Se tivesse sido proprietário, ainda que de uma pequena casa, não teria podido falar assim; mas êle permaneceu pobre, tão pobre que nada conseguiu deixar para sustento de sua Mãe, confiada que foi por êle a João, a quem pediu, do alto da cruz, que tomasse cuidado dela. Tivesse por ventura irmãos, mesmo que fôssem mais moços, a êstes ficaria a tarefa e o dever de amparar Maria e não poderia Jesus confiá-la a um estranho, por muito amigo que fôsse, sem comprometê-los e sem ofendê-los publicamente.

As propriedades de Nazaré passaram, segundo narra Egesipo, aos netos de seu filho Judas Tadeu, o Apóstolo, e portanto aos bisnetos de Cléofas. Esta interessante passagem de Egesipo diz assim: «No tempo de Domiciano (81-96 d. C.) viviam ainda alguns netos de Judas, chamado irmão do Senhor, os quais faziam parte da sua parentela. Apontados como descendentes de Davi, o **Evocatus** os conduziu a Roma apresentando-os ao imperador Domiciano que temia, como Herodes, a volta do Cristo. Perguntados se eram da linhagem de Davi responderam afirmativamente e indagados a respeito de suas posses e bens de fortuna, declararam que ambos possuíam entre si apenas 9.000 dinheiros dos quais tocava a metade a cada um, mas não os possuíam em moeda corrente, sendo êste o valor da sua propriedade rural, que media 39 pletros (cêrca de 3,7 ha). Assim sendo, não podiam viver de rendas e sustentavam-se fazendo outros trabalhos, de que mostraram, como prova de suas afirmações, seus corpos endurecidos na lida e suas mãos calosas, em consequência das suas atividades cotidianas. Quando lhes perguntaram alguma coisa sôbre Jesus e o seu reino, de que gênero fôsse, onde e quando deveria aparecer sôbre a terra, teriam respondido que não era um reino dêste mundo, ou um

reino terrestre, mas, pelo contrário, um reino celestial e angélico, que deveria vir no fim do mundo, quando Jesus viesse, com grande poder e majestade, a julgar os vivos e os mortos e a recompensar cada um segundo suas próprias ações. A vista disso, Domiciano não os condenou à morte, mas os considerou gente de pouca importância deixando-os livres e suspendendo, com um edito, a perseguição à Igreja. Depois de sua libertação, tornaram-se personagens da Igreja na sua qualidade de mártires e parentes do Senhor. Dêste modo sobreveio a paz e teriam vivido até os tempos de Trajano (98-117 d. C.)» (30).

Os padres da Igreja ensinam, todos êles, que Maria permaneceu sempre virgem.

6. Em Belém

a) O recenseamento

«Naquele tempo saiu um edito de César Augusto ordenando o recenseamento para todo o mundo. Êste recenseamento foi o primeiro que teve lugar, quando Quirino era governador da Síria. Todos iam inscrever-se, cada um na própria cidade» (Lc. 2, 1-3).

Com estas palavras o Evangelista indica o motivo pelo qual Maria e José se dirigiram a Belém, onde devia nascer o Salvador.

Uma grande inscrição histórica, o famoso **Monumentum Ancyranum**, que os cidadãos de Ancyra (Ancara) na Ásia menor, tinham erigido ao imperador Augusto, nos informa (31) que o imperador ordenou por três vêzes o recenseamento de tôdas as cidades romanas, nos anos de 28 e 8

(30) Eusébio, op. cit. III, 20.

(31) Col. 2, lin. 2-12 do texto latino.

a. C. e no 14 d. C. O do ano 8, sozinho, os outros dois, juntamente com o seu colega de consulado, para a obtenção de base de lançamento de impostos. O mesmo testemunho encontramos em Suetônio (32). Não é inverossímil que o imperador tenha feito recensear também os não romanos no ano 8 a. C.; a expressão adotada por São Lucas — «para todo o mundo» — dificilmente poderá ser interpretada de modo diverso. Para o Egito (um pouco mais tarde, no entanto) tais recenseamentos se tornaram regulares, ocorrendo cada 14 anos. Os «registros de casa em casa» constam no Egito de muitos papiros, nos anos 61-62 até 257-268 d. C., mas tais registros se faziam também antes, como se pode verificar por um papiro do ano 42 (de Augusto), isto é de 11-12 d. C. É este o papiro de Ossirinco em Fajjûm (33).

Lucas chama este recenseamento «o primeiro», para distinguí-lo daquele que vem mencionado nos Atos dos Apóstolos (5, 37) e que se realizou no ano 6-7 d. C. (34). No ano 104 d. C. saiu um decreto do governador do Egito referente a um outro recenseamento nos mesmos termos do que relata o Evangelista.

«Gaio Víbio Máximo, governador do Egito anuncia: Devendo-se realizar o recenseamento, ordenamos a todos aqueles que, por qualquer motivo, se acham fora do seu distrito, que voltem à casa paterna, para encerramento do censo e para se dedicarem à cultura dos campos que lhes incumbem...» (35)

Possuímos ainda um interessante fragmento dos tempos do imperador Cláudio (41-54) a respeito de um depoimento

(32) *Vita divi Augusti*, 27, 5.

(33) Grenfell and Hunt, *Oxyrhynchus Papyri*, II, p. 283.

(34) Feltren, op. cit., I, p. 181 ss.

(35) Deissman, *Licht vom Ostem*, Tübingen 1923, p. 231 ss.

sob juramento, referente aos habitantes de uma casa. É do ano 47-48 d. C. e diz: «Ao pretor Dórion e... ao escriba do imperador e a Dídimos e aos empregados do recenseamento para os campos e para as aldeias, da parte de Thermouthari, filha de Thoon, com seu amo Apolônio, filho de Sotade. Habitantes na minha casa na rua meridional... Thermoutharion, liberta do dito Sotade, com cerca de 60 anos, estatura regular, cor morena escura, rosto oblongo, e uma cicatriz no joelho. Ao todo três pessoas. Eu, a dita Thermoutharion com seu amo Apolônio, juro por Cláudio César Augusto Imperador Germânico, que dei com verdade e precisão a presente declaração e que nenhuma outra pessoa habita na minha casa, nem estrangeiros, nem Alexandrinos, nem Egípcios além dos supraditos nomeados. Se digo a verdade, tudo me vá bem; se juro falso, (que me vá) o contrário. No 9º ano de Tibério Cláudio César Augusto Imperador Germânico, no mês de Paofi (36).

Que coisa daríamos para poder ler o ato original da declaração de Maria e de José feito no cartório de Belém, com as respectivas descrições das pessoas e dos seus traços físicos!

b) A viagem a Belém

«E José foi também da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, que se chamava Belém, porque era da casa e família de Davi, para se recensear juntamente com Maria, sua esposa, que estava grávida» (Lc. 2, 4 ss.).

A viagem devia ter sido muito fatigante para Maria, tanto mais que muita gente se achava em caminho pelo mesmo motivo e ocupava os pontos de pousada, o que obrigava por

(36) Grenfell and Hunt, op. cit. II, 215.

vêzes os viajantes a se contentarem com um mísero abrigo, prosseguindo por pequenas etapas diárias sua jornada para o sul. Muito felizes se sentiam intimamente os dois viandantes; o Filho do Altíssimo estava já próximo e devia vir à luz para abençoar a todos os filhos de Adão. A estação estava já adiantada, o fim do ano se aproximava e a temporada das chuvas começava. Não faltavam todavia, mesmo nos meses de novembro e dezembro, dias bonitos; quando porém chovia, as estradas se tornavam impraticáveis. Como era de esperar de crentes fervorosos, eles não deixaram certamente de fazer suas orações no Templo de Jerusalém, de onde, após duas horas de caminho (8 km) teriam chegado a Belém.

Vencida que foi uma suave colina, apareceu-lhes diante dos olhos a meta de sua viagem: a terra natal de José. Nas proximidades da tumba de Raquel, que, segundo a tradição, dera ali à luz a Benjamim, e no mesmo lugar Jacó erigiu-lhe um monumento sobre o seu sepulcro (Gên. 35, 16 ss.), os viajantes se desviaram para a esquerda da estrada Jerusalém-Hebron e em pouco tempo chegaram a Belém.

c) O lugar onde nasceu Jesus

O antigo nome da cidadezinha era Efra (Gên. 35, 16; 48, 7; Sl. 131, 6), mas comumente era chamada Efrata, que é porém a forma toponímica, assim como Rama era chamada Ramata, a pátria de Samuel. Era portanto o berço de Davi, cujo avô Booz tinha contraído um abençoado matrimônio com Rute, a moabita, que assim se tornou avó de Davi (Rut. 1, 1.19; 4, 13-22). Aqui o jovem pastor Davi foi descoberto por Samuel e ungido rei. Na longínqua descendência de Davi se encadeavam uma porção de recordações gloriosas da História Sacra, cujo despertar agora fazia bater alegremente o coração de Maria. Estava agora próxi-

mo o momento em que deveria dar ao mundo o maior dos descendentes de Davi. — Oh! se Belém tivesse imaginado quanto a tornariam famosa estas duas humildes pessoas, tê-las-ia acolhido e hospedado de modo bem diverso. Tê-las-ia acompanhado em triunfo e teria posto à disposição da Mãe do seu maior Filho a melhor casa.

«Belém é hoje uma pequena cidade de 7.000 habitantes, situada a 777 m sobre o nível do mar, um pouco mais elevada do que a altitude média de Jerusalém, sobre duas colinas; a da parte oriental, menos elevada do que a outra, com duas encostas mais suaves. Ao norte e ao sul abrem-se vales pitorescos. Nos pomares, protegidos por muros de pedra seca, crescem figueiras, romãzeiras, amendoeiras e oliveiras. Aqui e ali se alteiam pequenas torres de guarda (37). Belém produz vinho e mel saborosíssimos; os habitantes são laboriosos, mas turbulentos; as mulheres belas e bem educadas, as crianças inteligentes e simpáticas. O clima é quase igual ao de Jerusalém, salvo quanto aos ventos que ali sopram com mais violência. O conjunto da paisagem é dos mais graciosos. À noite, quando não se escuta senão o canto de alguns pastores, ou o tilintar das campainhas dos rebanhos que passam pelas encostas das colinas, tudo induz à meditações piedosas e a gente acha perfeitamente natural que Davi, jovem pastorzinho tenha encontrado uma riquíssima veia de inspiração para os seus Salmos, ao admirar natureza tão bela (38).

No tempo de Cristo, Belém era uma localidade insignificante. Lucas (2, 4) chama-a «cidade», mas João (7, 42) a classifica como «aldeia». Na parte oriental de Belém havia desde longa data um cão, isto é, um alojamento

(37) *Is.* 5, 2 e *Mc.* 12, 1.

(38) *Salmos* 8; cf. Le Camus, no *Dictionnaire de la Bible* I, p. 1693 s.

para forasteiros, onde as caravanas se detinham em busca de pousada para pernoitar. Já Canaã tinha recebido ordem de Davi para construir um grande cão com o seu nome (39).

Maria e José não acharam neste cão acomodação que lhes conviesse onde pudessem ficar isolados da promiscuidade, em vista da proximidade do jubiloso acontecimento. E isso é bastante compreensível quando imaginamos o acúmulo que devia haver de gente em um tal lugar acessível a todos. E Le Camus descreve um destes cães: «Pode-se ainda achar o sítio de antiga caravancará com as suas disposições usuais, como nós mesmo vimos no cão **Giubb Jusef**. A parte principal é constituída por um vasto pátio cercado de muros contra os quais se apóia uma galeria coberta. Geralmente o cão está encostado a uma colina rochosa, em cujas paredes são escavados numerosos refúgios dentro dos quais são abrigados os animais nas noites frias, em vez de serem deixados na galeria ou ao relento, no pátio aberto. Para os viajantes de certa classe e para os chefes das caravanas há um corpo saliente que serve de alojamento e é por meio de um corredor, que divide este cômodo em duas partes iguais, que se penetra no pátio. Quando a porta deste corredor está fechada, homens e animais estão em segurança; havendo geralmente, sobre o terraço desta edificação avançada uma sentinela posta em vigilância e para dar alarme no caso de surgirem ladrões» (40).

Em cada uma das pequenas povoações hoje existentes encontram-se ainda alojamentos para forasteiros constituídos por uma pequena casinha (**medâfe**) em forma de dado e sem comodidade alguma; nas aldeias mais importantes há geralmente um cão do gênero acima descrito.

(39) 2 Rs. 17, 27-29; 19, 31-40; Jer. 41, 47.

(40) *Dictionnaire de la Bible* I p. 1691 s.

Junto ao pátio (ou então sob a galeria coberta **diwan**) podem os viandantes recostar-se para repousarem, devendo porém cada um trazer suas cobertas e alimento.

Em um tal cão não havia, por certo, lugar propício onde Maria pudesse esperar, mesmo que houvesse vaga, o nascimento do menino, mas José que conhecia bem os arredores, soube remediar este inconveniente. Uma caverna abandonada que servia de estrebaria, lhes oferecia um abrigo melhor. Dentre os escritores antigos que se referem ao nascimento de Cristo se destaca o mártir Justino que em 160 d. C. escreveu que Cristo veio ao mundo em uma gruta, perto da aldeia de Belém (41).

Ele afirmou o que sabia diretamente sobre o lugar do nascimento de Cristo sem apoiar tal afirmação sobre o proto-evangelho de Tiago. Assim também Orígenes, que passou muitos anos na Palestina e que se refere expressamente à crença geral dos habitantes, escreveu: «Mas se alguém não estiver muito convencido das profecias de Miquéias e do que narra o Evangelho sobre a infância de Jesus, pretendo ainda (sobre isso) alguma prova mais concreta, para se convencer de que Jesus nasceu em Belém, deve considerar que, em Belém, não se perdeu a tradição e é ainda mostrada a gruta onde Ele nasceu e, na gruta, a manjedoura sobre a qual foi deposto, envolto em panos. Tudo corresponde exatamente à narração do seu nascimento, feita no Evangelho. E é bem sabido naqueles arredores e bem conhecido dos inimigos da fé, que ali, naquela gruta nasceu este mesmo Jesus que pregamos e veneramos como o Cristo» (42).

Maria e José acharam então uma gruta nas proximidades do cão. O fato de se encontrar ali uma manjedoura prova que era usada para estábulo dos animais de

(42) *Contra Celsum*, 1, 51.

(41) *Dial. c. Tryph.* 78.

grande porte porque as ovelhas e cabras mesmo no inverno dispensam êste cuidado, sabendo procurar por si o alimento de que necessitam. José limpou a gruta dos escrementos, preparou uma cama de palha limpa e fêz tudo para tornar mais confortável a Maria a estada em um local tão incômodo.

Quanta luz se irradiou por todo o mundo partindo desta escura gruta!

Cêrca de 400 anos mais tarde aqui se estabeleceu o grande padre da Igreja, São Jerônimo. Sua ilustre discípula S. Paula ali construiu um claustro, onde passou a viver em companhia da sua filha Eustóquia e de um seletto grupo de damas româneas, sob a direção espiritual de S. Jerônimo. Tôdas eram muito felizes, morando naquela tão santa solidão. Aqui S. Jerônimo orava, fazia penitência e traduzia o Antigo Testamento do hebraico para o latim, perante a insistência de sua filha espiritual a cujas numerosas perguntas respondia, esclarecendo suas dúvidas de natureza exegética. Partiram dêste lugar suas cartas ardorosas, seus escritos de polêmica, que se difundiram por todo o mundo. Viveu êle feliz na sua cela durante 35 anos até ser colhido pela morte (420). Em uma carta ao seu amigo Paulino, assim escrevia êle em 395, sôbre a Santa Gruta (43): Desde os tempos de Adriano até o Imperador Constantino, durante cêrca de 180 anos estêve instalada uma estátua de Júpiter no local da Ressurreição, e sôbre o monte do Calvário, uma estátua de mármore, representando Vênus. Os perseguidores pagãos pensavam que profanando os lugares santos com os seus ídolos nos retirariam a fé na Ressurreição e na Cruz. Sôbre a nossa Belém o mais importante lugar de tôda a terra, do qual o salmista canta: — A verdade se levantou da terra — (Sl. 85, 12), lançava sua sombra um pequeno

(43) *Epist. 58 ad Paulinum* (PL 22, 581).

bosque dedicado a Thamus, isto é, Adonis, e na gruta onde veio ao mundo o Menino Jesus, era carpido o amante de Vênus chorando». — S. Paulo escrevia à sua amiga Marcela que se achava em Roma: «Deixa agora que eu vá ao casebre de Cristo e ao abrigo de Maria, porque sabemos louvar melhor aquilo que possuímos. Com que palavras, com que sentimentos devo descrever-te a Gruta do Salvador? Eis que, neste lugar tão pequeno e humilde nasceu o Criador do céu e da terra» (44).

Êstes fervorosos cristãos dos primeiros tempos, oraram e choraram há mais de 1500 anos na mesma basílica de Belém, que ainda hoje nos conforta com a sua bela e harmoniosa mole, com as magníficas colunas de mármore vermelho e os interessantes mosaicos sôbre a arquitrave! Santa Helena, mãe de Constantino, a fêz construir em 326 aproximadamente, medindo 52 m de comprimento, 26,3 m de largura e 16 de altura, com quatro ordens de colunas coríntias. À direita e à esquerda do altar-mor estão duas escadas que levam a gruta da Natividade, que mede 12 m de comprimento, 3-4 de largura e 3 de altura. Ela foi sem dúvida modificada, quando se construiu a Igreja e ali perto se aplainou a rocha para o lançamento das fundações. A gruta está quase tôda cercada em volta por muros, sendo que as paredes hoje são completamente recobertas de tapêtes, havendo sôbre o pavimento, debaixo de um pequeno altar, uma estrêla de prata dourada com esta inscrição: «Hic de Virgine Maria Christus natus est» (Aqui nasceu de Maria Virgem Jesus Cristo) (45).

(44) *Ep. 46, 10*, entre as cartas de S. Jerônimo (PL 29, 490).

(45) cf. Fonch, *De antro nativitatis bethlemítico*, "Verbum Domini" 12 (1932) 11-15 e 48-53. Segundo as mais recentes descobertas, a atual Basílica foi construída pelo Imperador Justiniano I (527-565), no sítio da primitiva, feita por Constantino.

d) O nascimento de Jesus

«E, estando ali, aconteceu completarem-se os dias em que devia dar à luz. E deu à luz seu filho primogênito, e o enfaixou e reclinou numa manjedoura; porque não havia lugar para eles na estalagem» (Lc. 2, 6 s.). O mais importante acontecimento da história, a partir do qual começamos a contar os anos e os séculos, é assim narrado pelo Evangelista com a máxima simplicidade.

A Segunda Pessoa divina aparece sobre a terra e torna-se em tudo semelhante a nós, excluído o pecado. A onipotência se reveste da debilidade de um menino, a Sapiência de Deus desce até a nossa ignorância, o Infinito se encerra nos limites do espaço e do tempo, o Santo se cobre com a veste do pecador. Maria é a feliz Medianeira deste milagre; nela «o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós contemplamos a sua glória. Glória como de Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade... da sua plenitude temos recebido graças sobre graças, pois se de Moisés nos foi dada a Lei, por Jesus Cristo foi trazida a graça e a verdade» (Jo. 1, 14-17). Ele é o predileto do Pai (Jo. 3, 35; 5, 20; 17, 2; etc.), o esplendor da sua glória e a imagem da sua substância, aquele que tudo sustém com a sua palavra poderosa, aquele que nos purifica do pecado e se assenta à direita da Majestade (de Deus) (Hebr. 1, 3).

Um júbilo infinito devia encher a Mãe bem-aventurada quando viu ao seu lado o seu pequeno filho, quando teve que executar para ele os primeiros gestos maternos, envolvendo-o em panos, preparando e cobrindo a manjedoura, o improvisado berço onde o reclinou, depois de o ter aconchegado ao seio e coberto de beijos e carícias. Nenhum adjutório lhe foi preciso, além da discreta assistência do seu cas-

tíssimo espôso. O parto não a tinha privado de forças e nada lhe havia retirado do seu esplendor virginal.

e) Os pastôres

Deus Pai, todo-poderoso que é, fez no entanto anunciar o nascimento do seu Unigênito por um modo inteiramente singular, que nos faz involuntariamente pensar nas palavras ditas por Jesus, quando seus discípulos regressaram da primeira missão a que os enviara: «Graças te dou, ó meu Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelastes aos pequeninos. Assim é, Pai, porque assim é do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, nem alguém conhece o pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar (Mt. 11, 25-27). Não foi aos homens que governavam o país ou ocupavam as posições mais elevadas pela cultura ou pela riqueza, que foi anunciado o inaudito acontecimento, mas a simples e pobres pastôres.

«Havia naquela mesma região uns pastôres que velavam e faziam de noite a guarda aos seus rebanhos» (Lc. 2, 8). Havia animais de estábulo e animais de pasto; os animais de estábulo voltavam para a casa à tarde, enquanto que os animais de pasto ficaram fora durante todo o verão (desde a Páscoa até as primeiras chuvas, isto é, até os primeiros dias de novembro). Ao cair da noite eram levados a um redil, um aprisco geralmente circundado de sebes, onde podiam ser melhor vigiados e estavam em maior segurança contra os ladrões e os animais ferozes (46). No nosso caso tratava-se certamente de animais de pastoreio e particularmente de ovelhas e cabras, ovelhas brancas e cabras angorás, de pêlo comprido e negro. Os pastôres eram consi-

(46) Strack-Billerbeck, op. cit. II, p. 115.

derados gente de pouca conta, suspeitos de falta de escrúpulos nas delicadas questões de propriedade particular e por isso excluídos de depor como testemunhas perante o juiz. A respeito dêles Rabi José Ben Chanina disse o seguinte: «Achas que não há no mudo trabalho mais desprezível do que o de pastor, porque a sua vida transcorre unicamente nos campos, junto aos rebanhos, e em companhia do seu bastão e da sua sacola, mas Davi também chama a Deus um pastor» (47). Abba Gorjon de Sídon (em 180?) declarava em nome de Abba Scha'ul (em 150): «Não faças de teu filho um tocador de asnos, um condutor de camelos, um barbeiro, um marinheiro, um pastor ou um comerciante; pois que o ofício dêles é um ofício de ladrões» (48).

A mãe enche a bolsa do jovem pastor com pão, queijo e fruta sêca; em um odre êle leva água para beber e trás consigo também uma comprida vara ou um curto bastão de madeira de carvalho com uma grossa e redonda cabeça guarnecida de pregos, que constitui uma arma contra os ladrões e contra os lobos ferozes. Uma funda completa o seu equipamento. Com o exercício, os pastores se tornam habilíssimos atiradores, capazes de atirar com precisão uma pedra diante de uma ovelha, que quer se afastar do rebanho. Nos livros dos Juizes se fazem referências a êles, como mestres no manejo da funda: «Cada um dêles, com a sua funda era capaz de atirar uma pedra num fio de cabelo sem errar» (49).

A vida ao ar livre, sob qualquer temperatura, no calor do dia ou no frio da noite, robustecia o pastor e o mantinha

(47) *Sl.* 23,1; cf. Strack-Billerbeck, op. cit. II 113.

(48) Strack-Billerbeck, op. cit. II, p. 114.

(49) *Jz.* 20, 16; cf. Less, *Der Hirtenjunge David im Kampf gegen Goliath* p. 163-179.

são e resistente. O alimento frugal o tornava sóbrio, os perigos davam têmpera a sua coragem, que lhes era necessária para enfrentar os numerosos ladrões que abundavam na região. Tinham ainda que repelir o ataque dos animais ferozes. No tempo de Cristo se fazia ainda na Terra Santa a caça do leão, mas evidentemente era um caso raro pois êste animal não vem quase mais mencionado no Novo Testamento. São Pedro, em uma de suas cartas (1 5, 8-9) compara o demônio a um leão que vai rugindo em busca de alguém para devorar. Nas parábolas de Jesus não é jamais citado, nem o urso igualmente; Jesus nomeia apenas o lobo, como o principal inimigo das ovelhas. É preciso lembrar também o leopardo; ao autor foi mostrado em 1913, em Jerusalém um leopardo embalsamado que havia sido morto pouco antes por pastores de ovelhas, nos arredores da cidade. A hiena, que se alimenta de carniça e o covarde chacal não representavam nenhum perigo para os pastores.

Jesus demonstrou mais tarde uma verdadeira predileção pelos pastores; êstes homens simples, corajosos, solitários o compreenderam melhor do que os membros das classes elevadas do seu povo, não obstante, todo o poderio e ciência dêstes. Êle tirou da vida dos pastores as mais belas imagens das suas parábolas («A ovelha desgarrada», «O bom pastor»), «Apascenta as minhas ovelhas» ordenou a São Pedro. Certamente suas palavras traduzem reminiscências da infância quando, com tôda probabilidade, conduzia ao pasto ovelhas e cabras, os animais domésticos que constituíam a pequena riqueza da pobre gente que habitava as montanhas de Nazaré.

«Eis que apareceu junto dêles um Anjo do Senhor, e a claridade de Deus os cercou, e tiveram grande medo. Porém o Anjo lhes disse: não temais, porque eu vos anuncio

uma grande alegria, que terá todo o povo. Nasceu-vos na cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor. E eis o sinal que vos dou: Encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura. — E súbitamente apareceu, junto ao Anjo uma multidão da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade (Lc. 2, 9-14).

Nesse canto de louvor vinha anunciada a missão do recém-nascido: Ele deve restabelecer o culto do verdadeiro Deus, reconciliando-o com os homens e obtendo para eles o perdão dos pecados e lançando de novo as bases da nossa felicidade por meio da Graça. A Graça não é imposta pela força, mas pressupõe a livre aceitação pelo homem; ela significa «o beneplácito de Deus para com o homem e o seu afeto por ele». Um idêntico canto de louvor jorrou dos lábios do povo que aclamava Jesus no seu ingresso em Jerusalém: «Bendito o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas (Lc. 19, 38).

«E quando os Anjos os deixaram para voltar ao céu, os pastores diziam entre si: Vamos até Belém e vejamos o que é que lá sucedeu e o que é que o Senhor nos manifestou. E foram com grande pressa; e encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura. E, vendo isto, conheceram o que lhes tinha sido dito a respeito do Menino. E todos os que ouviram se admiravam das coisas que lhes diziam os pastores. Ora, Maria conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração. E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, conforme lhes tinha sido dito» (Lc. 2, 15-20).

Maria era reflexiva por natureza. Pensava e meditava, sentindo-se por certo, cheia de surpresa e de júbilo, vendo como Deus atraía a si os pequenos e os humildes. Assim

aconteceu com ela, assim acontecia com estes simples pastores de almas de crianças, que tiveram o privilégio de ser os primeiros que viram e adoraram o seu Filho. Ela lhes deu de muito boa mente todas as explicações necessárias sobre o seu Filho, a fim de que pudessem compreender para conservar por toda a sua vida dentro dos seus corações limpos e simples. Os acontecimentos deste dia abençoado lhe ficaram indelêvelmente impressos na memória. O Evangelista Lucas diz muito bem, com referência a isso: «Maria, de sua parte, conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração (na sua memória)» (2, 19).

f) A circuncisão

Oito dias após o nascimento do menino foi feita a circuncisão, como era prescrita na lei (Lev. 12, 3). Nesta ocasião, ao pequeno foi dado o nome de Jesus, conforme havia ordenado o Anjo Gabriel quando apareceu a Maria e em sonho a José (Lc. 1, 31 e Mt. 1, 21). Pela circuncisão o recém-nascido vinha a fazer parte do seu povo, ficava purificado e santificado e podia assim tomar parte no serviço divino. Esta cerimônia constituía o sinal de união entre Deus e o seu povo (Gên. 17, 10-14). Nos tempos de Cristo havia homens adestrados e adstritos à única missão de circuncidar, para não pôr em perigo a vida dos meninos. Era de uso também uma festa de família, que foi celebrada, mas muito modestamente, pela pobreza de Maria e de José. Os cuidados com a ferida do menino, que se tornava dolorosa, especialmente no terceiro dia (Gên. 34, 25), ficava a cargo da mãe.

g) A apresentação no Templo

Transcorridos apenas os quarenta dias que a lei prescreve para a purificação da Mãe, levaram-no a Jerusalém

para oferecê-lo ao Senhor. Na lei mosaica estava escrito que todo primogênito pertencia ao Senhor, sendo preciso resgatá-lo com uma oferta simbólica.

Maria e José observaram também o preceito da lei, e não podendo fazer a oferta dos mais abastados — um tenro cordeirinho de um ano — ofereceram o que suas modestas posses permitiam: um par de rôlas ou dois pombinhos (Lc. 2, 22-24; cf. Lev. 12).

O caminho de Belém a Jerusalém (8 km) é vencido comodamente em duas horas. Galga-se primeiro uma pequena colina, que impede a vista da Cidade Santa, depois desce-se para ela. Vindo-se porém do sul, logo se têm diante dos olhos os possantes muros e as fortalezas, em toda sua imponentia.

Era noite ainda, mas no oriente a aurora ainda cobria de vermelho o horizonte, e as sombras dos montes moabitais se esvaneciam lentamente; o olhar corria sobre os cumes cinzento-prateados dos montes áridos, mais abaixo, em direção ao sulco profundo do Jordão, lobrigando, aqui e ali, uma réstia luminosa do Mar Morto. Maria levava o seu menino, bem envolto em quentes cobertas, para a casa de Deus. Ele devia tornar-se a luz que afugentava a noite do erro e dos pecados, como o sol que, despontando, traz ao mundo luz e calor. Dois grandes bens dispensará Ele à humanidade: A Graça e a Verdade (Jo. 1, 17), o fogo espiritual e a luz, também espiritual.

Maria e José, passando pela porta oeste, entraram na cidade, onde já começava o ruído do tráfego. Dirigiram-se eles para este, caminhando sobre uma calçada irregular, atravessaram ruas tortuosas e estreitas e atingiram a grande e luminosa praça do Templo, pavimentada com grandes lajes de pedra. A noroeste se elevava ameaçadora e agressiva

a fortaleza Antônia, o símbolo da dominação romana; ao sul se erguiam sobre altos terraços, as grandiosas construções do Templo. Colunas de mármore fechavam a praça ao sul e a este.

Atravessando o pátio dos gentios chegava-se a um muro baixo de pedra que cercava o inteiro conjunto dos edifícios sagrados. Nos ingressos se achavam tabuletas de mármore com inscrições gregas, avisando os gentios para não passarem além, sob pena de morte. Uma destas tabuletas é conservada em um museu de Constantinopla.

Vindo do oriente o santo casal subiu por larga escada de mármore atravessando a porta de Nicanor, cujos formidáveis batentes de bronze eram tão pesados que ocorriam 20 homens para os mover à noite, quando o Templo ia-se fechar (50). Eles levaram com amoroso respeito o Menino Jesus, subindo os largos degraus e chegando ao pátio interno das muralhas, além do qual Maria não podia prosseguir. Um sacerdote recebeu a sua oferta e abençoou os pais e o menino, sem revelar no entanto pressentimento algum de se achar diante do Messias, tão ansiosamente esperado. Depois Maria e José teriam dado graças a Deus com fervorosas preces e teriam oferecido o menino em expiação pelos pecados do mundo.

Se houve alguém que tivesse compreendido o significado da Apresentação, esta pessoa foi certamente Maria, que o Espírito Santo tinha instruído de um modo todo especial fazendo-a penetrar nas misteriosas profundidades do antigo Testamento. Deus se serviu também daquela ocasião para instruí-la, por meio de um velho cheio do Espírito Santo.

«Ora, havia então em Jerusalém um israelita chamado Simeão e este homem justo e temente a Deus esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava nêle. E tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte

(50) Guerra Jud. VI, 5, 3.

sem ver primeiro o Cristo do Senhor. E foi então ao Templo (conduzido) pelo Espírito; e quando os pais levavam o menino Jesus para cumprirem a seu respeito o que a lei ordenava, êle também o tomou em seus braços e louvou a Deus, dizendo:

Agora, Senhor, deixa partir o teu servo em paz,
segundo a tua palavra;
porque os meus olhos viram o teu Salvador,
o qual preparaste ante a face de todos os povos;
luz para iluminar as nações
e glória de Israel, seu povo.

E seu pai e mãe estavam admirados das coisas que dêle se diziam (Lc. 2, 25-33). É verdadeiramente surpreendente como o santo velho tenha compreendido e vaticinado em poucas palavras, com tanta segurança a missão do Cristo infante, por meio do qual chegava a salvação a todos os povos da terra. Adestrado pelo Espírito Santo, o seu olhar supera a dureza de coração do seu povo e dos seus contemporâneos. O Salvador veio para todos; judeus e gentios são chamados para esta luz, assim como já tinha profetizado Isaías (42, 6; 49, 6; 56, 17; 2, 1-5), ficando sempre, todavia, privilégio da nação de Israel, pois que dela foi que veio o Salvador.

Algumas palavras altamente significativas para a mãe tem ainda Simeão, que depois de tê-los abençoado, disse à Maria: «Eis que êle é pôsto para a perda e para a ressurreição de muitos em Israel e como sinal de contradição — assim também a ti uma espada trespassará tua alma — a fim de serem desvendados os pensamentos de muitos corações» (Lc. 2, 34 s.).

Ninguém pode permanecer indiferente diante de Jesus;

quem se aproxima de Cristo com fé e amor, se eleva e é salvo por seu intermédio; quem o despreza ou recusa, prepara a própria perdição. Diante dêle os espíritos se dividem, e ainda hoje podemos constatar com nossos olhos essa realidade. «Também a tua alma será trespassada por uma espada»: é um parêntese que separa a proposição principal da secundária: «a fim de que os pensamentos...» O parêntese diz: «Sofrerás por causa dessa contradição uma dor imensa». Maria desejava de todo o seu coração que seu Filho encontrasse gratidão, fé e discípulos, uma vez que êle trazia a salvação para todos os homens; em vez disso verificará que o seu próprio povo, na sua maioria, o contradirá e não acreditará nêle. Essa oposição aumentará e se transformará em ódio injustificado e não arrefecerá enquanto não tiver pregado sôbre a cruz o Salvador. Por todos os séculos futuros permanecerá como um signo de contradição e será perseguido sangrentamente na sua Igreja até que a última contradição seja extinta no Juízo Universal.

Com o coração transbordante de angústia Maria ouviu essas coisas tão dolorosas para ela e certamente terá se recordado da imagem do homem das dores, descrito por Isaías (53) e no Salmo 22, de maneira tão comovente. — O' Simeão, tu derramaste uma das mais amargas gôtas, na taça das alegrias de Belém!

Mas devia haver também um consôlo para ela. Quantos homens, entre os melhores e mais nobres amarão o seu filho e darão a vida por êle. E eis que surge agora uma dessas almas: «Havia também uma profetiza Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, muito avançada em idade, que vivera com seu marido sete anos depois de o ter desposado em sua virgindade. Ficando viúva chegara a idade de oitenta e quatro anos e não deixara mais o Templo

e servia a Deus noite e dia com jejuns e orações. Tendo vindo ela na mesma hora ao lugar do Templo em que se achava Simeão, começou também a dar graças a Deus e falava do menino Jesus a todos aqueles que esperavam a libertação de Jerusalém» (Lc. 2, 36-38).

Neste ponto se introduz, entre os versículos 38 e 39 de Lucas, a narrativa de Mateus, da adoração dos magos e da fuga para o Egito. Dado que os magos encontraram a Sagrada Família em Belém e que José voltando do Egito quisesse de novo dirigir-se para Belém devemos admitir que a Sagrada Família tenha regressado a Belém depois da apresentação no Templo e pensava em ficar ali. Não é necessário admitir uma outra viagem a Nazaré para preparar a definitiva mudança para Belém; tudo isso José teria feito antes da viagem para o recenseamento. Ele não possuía nem casa nem terrenos e tinha por isso bem poucas providências a tomar; teria levado consigo as ferramentas do seu ofício e o pouco que possuía. Talvez se tivesse decidido a ficar em Belém pensando que pelo fato de ter o Salvador nascido em Belém devesse também aí crescer. Nesse ínterim devia ter encontrado um alojamento pois os numerosos viajantes atraídos pelo recenseamento já se tinham retirado havia tempo. Os Magos encontraram a Sagrada Família em uma casa (Mt. 2, 11), onde ela vivia agora modesta e tranqüilamente; José ganhava o necessário para viver do seu trabalho e Maria cuidava dos seus deveres de mãe e de dona de casa. A visita dos pastores e a narrativa deles da aparição dos Anjos não foi conhecida por muita gente do lugar e foi esquecida com presteza, pois os homens esquecem logo com facilidade as coisas que deveriam recordar para sempre. Tinha já passado mais de um ano quando varreu em tórno do misterioso menino um outro fato importante: a visita dos Magos.

h) Os sábios do Oriente

«Nascido pois Jesus em Belém de Judá, no tempo do Rei Herodes, vieram os Magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: Onde está o Rei dos judeus nascido há pouco? Porque nós vimos a sua estrêla no Oriente e viemos adorá-lo» (Mt. 2, 1).

Os Magos vieram do Oriente, portanto do reino dos partos, que no tempo de Cristo era uma grande potência, cujo domínio se estendia do Eufrates até o rio Indo. Os partos eram um povo valoroso e indomável, de cavaleiros que faziam parte a princípio do reino dos medos e depois do reino dos persas, sendo originários da região nordeste do Iran, situada nas proximidades do atual Corasan. Eles tinham-se submetido a Alexandre, no ano 326 a. C., permanecendo 70 anos sob o domínio grego, razão pela qual a língua e a educação gregas penetraram no seu país permanecendo em uso na corte e entre a nobreza mesmo quando, combatendo, reconquistaram a liberdade sob Arsaces e seu irmão Tiridates (256-241 a. C.). O seu reino tornou-se mais tarde um perigoso inimigo dos romanos, o que foi constatado pelo triúmviro Licínio Crasso quando invadiu o reino dos partos com sete legiões, no ano 53 a. C., sem declaração de guerra. Foi então que o rei Orodes (57-37 a. C.) o atraiu para a estepe desabitada e desprovida de água da Mesopotâmia e o atacou inesperadamente com os seus cavaleiros munidos de couraça e com os seus excelentes arqueiros. Crasso fugiu com um pequeno remanescente do seu exército para Karrhã, mas deixou-se persuadir depois a entrar em negociações de paz com os partos e foi massacrado com o seu séquito. Este golpe traiçoeiro causou vibrante indignação em Roma, mas somente quinze anos mais tarde o legado P. Ventídio conseguiu desbaratar os

partos e repeli-los da Ásia Menor para além do Eufrates. No entanto, passados apenas dois anos, os partos alcançaram uma nova e esplêndida vitória sobre Antônio (36 a. C.). O imperador Augusto procurou resolver a situação com prudentes negociações em busca de uma solução pacífica e soube conquistar as simpatias do rei dos partos, Fraates IV (37-2 a. C.), de modo que este renunciou a Armênia tão disputada, restituiu os prisioneiros de guerra e as insígnias capturadas, deixando voluntariamente reféns em Roma. O imperador o recebeu com grandes honrarias e o conduziu pessoalmente a um espetáculo, atravessando em sua companhia a arena e designando-lhe um lugar de honra na segunda fila atrás dele (51).

Herodes tinha travado um triste conhecimento com os partos. No ano 40 a. C. o rei Antígono II (40-37 a. C.), o último dos Asmoneus, havendo pedido auxílio dos partos contra Herodes, eles se apresentaram diante de Jerusalém em atitude ameaçadora. O Sumo Sacerdote Hircano e Fasaél, irmão de Herodes foram ter com eles para travar negociações, apesar de avisados pelo astuto Herodes, que lhes recomendou toda a cautela com tais adversários que aprisionaram os negociadores e os entregaram a Antígono, que mandou cortar as orelhas de Hircano, impossibilitando-o por isso de continuar a exercer o cargo de sumo sacerdote. Fasaél, metido numa prisão e desesperado arrebitou a cabeça contra os muros do cárcere. Herodes fugiu da cidade e se abrigou na sólida fortaleza Masada, na Iduméia, e os partos se dirigiram para o norte saqueando e incendiando (52). Depois de sua vitória contra Antígono, Herodes obteve do venalíssimo Antônio que o rei vencido, o último da dinas-

(51) Suetônio, *Octavianus* 21 e 43.

(52) *Antiguidade Jud.* XIV, 3-10; *Guerra Jud.* I 12, 5, 13, II.

tia dos Asmoneus, fôsse decapitado em Antioquia. Todos os membros masculinos da família foram eliminados por Herodes para garantir para si a posse perene do trono; entre as vítimas se encontravam o octogenário Hircano e Jônatas um jovem de dezessete anos. Herodes tinha a princípio elevado Jônatas ao cargo de sumo sacerdote, mas quando viu que o povo, durante uma festa de Páscoa, o aclamava, idolatrando-o, fez com que fôsse, por seus próprios companheiros, nos banhos de Jericó, mantido mergulhado por longo tempo na água da piscina, como por brincadeira, até que morreu sufocado.

Foi depois disso que os Magos vieram do reino dos partos a indagar sobre o novo rei dos Judeus, nascido havia pouco. O terror perpassou num frêmito por todos os membros do velho tirano. Ter-lhe-ia escapado algum descendente dos legítimos reis? Talvez os prepotentes partos que agora viviam em paz e amizade com o imperador e podiam por isso permitir-se ao luxo de enviar uma nobre embaixada a um território sob o domínio do império romano, se adiantavam em auxílio desse pretendente ao trono? Era esse talvez o Messias, tão ansiosamente esperado por todo o povo? O seu aparecimento não importava no fim da dinastia herodiana? Ele não podia exercer o seu poder contra os Magos, pois desgostaria com isso o imperador, cuja política de paz seria perturbada em um ponto assim tão delicado. Jerusalém encheu-se também de temores, mas por motivos bem diferentes, sabendo quão vingativo e suspeito era Herodes e de que excessos sangüinários era capaz, para conservar a coroa, tendo para isso mandado assassinar três dos seus filhos: Alexandre e Aristóbulo, no ano 7 a. C., e Antipatro, cinco dias apenas antes de sua morte.

Quem eram então êsses Magos? «Eram os depositários da ciência religiosa, presidiam ao culto sendo homens honestos que deviam levar uma vida simples e que exerciam também uma notável influência política, especialmente sob o domínio dos Arsácidas e dos Sassânidas (53). Formavam uma classe muito estimada, cujo chefe assentava no conselho de estado dos partos. Não se pode provar no entanto que fôsem membros ou iniciadores da seita de Zoroastro. Já sob Nabucodonosor o Rab-Mag (grande mago) Negalsar-ussur aparece entre os três mais altos dignitários do exército babilônico que assediou Jerusalém (589-586 a. C.; cf. Jer. 39, 3. 13). Ciro, o fundador do poderio persa tinha, no seu séquito, Magos encarregados de separar dos motins de guerra a parte que devia tocar aos deuses, antes que se fizesse a partilha entre oficiais e soldados (54). Êles deviam comunicar ao rei, cada manhã, qual era o deus que devia ser honrado naquele dia, pois o rei cantava junto com êles os cânticos de louvor e oferecia os sacrifícios da manhã (55). Quando o rei saía com o seu cortejo, os Magos iam na frente da faustosa procissão logo depois dos quatro touros cuidadosamente escolhidos entre os mais esplêndidos como ofertas a serem sacrificados a Zeus e a outros deuses, «porque os Persas se preocupavam muito em recorrer aos adivinhos para adorar aos deuses» (56).

Heródoto narra (57) que para o sacrifício, «um Mago se adianta e canta a teogonia (o nascimento dos deu-

(53) Lübkes *Manual da antiguidade clássica*, p. 791 a.

(54) Xenofonte, *Ciropédia*, IV, 5, 14-51; V, 2, 4; VII 5, 35; cf. Num. 31, 25-47.

(55) *Ibid.* VIII, 1, 23 ss.

(56) *Ibid.* VIII 2, 11-13 e 24

(57) *História* 1, 132.

ses) como êles chamavam os seus cantos de louvor (aos deuses); porque sem Magos lhes não é permitido oferecer sacrifícios».

Os Magos porém se diferenciavam muito dos sacerdotes egípcios, «porque êstes se mantinham puros e não matavam nenhum ser vivente além dos animais sacrificáveis; ao passo que os Magos matavam todos, com exceção apenas dos cães e dos homens. Essa luta (contra os animais nocivos) êles a continuavam sempre e assim destruíam formigas, serpentes e todo gênero de animais daninhos (58).

Cambises deixou como administrador do seu palácio, durante o período da sua campanha no Egito, o Mago Gaumata, que abusou do seu poder, pretendendo se fazer passar por Smerdis, irmão do rei, ao qual tinha mandado previamente trucidar e pondo, como se fôsse êle, a coroa sobre a cabeça. A burla foi logo descoberta. Dario e outros chefes persas, unindo-se em conjura, assassinaram o falso Smerdis e depois mataram todos os Magos que puderam capturar até que à noite veio por fim a carnificina (59).

Os Magos interpretavam também os sonhos e liam nas estrêlas. Cícero narra (60) que os Magos haviam deduzido de um sonho de Ciro que o poder do rei duraria 30 anos, o que realmente se verificou (559-529).

Quando nasceu Alexandre Magno e foi incendiado naquela mesma noite, o templo de Diana, em Êfeso, os Magos tinham declarado, pela manhã, que durante tal noite vinha vindo ao mundo o flagelo e a ruína da Ásia.

Cícero chama aos Magos «homens sábios e eruditos».

Mais tarde parece que os Magos se tinham ocupado também de astronomia e de astrologia, sendo por êsse mo-

(58) *Ibid.* I 140.

(59) *Ibid.* III 61-79.

(60) *De divinatione* 1, 23; cf. Dinone: *Os livros persas*.

tivo, freqüentemente confundidos com os Caldeus. No império romano, todos os charlatães e mistificadores se disfarçavam em Magos, Caldeus e Matemáticos. Essa gente estimulou Otão a aspirar à dignidade imperial. Tácito diz que eles eram «uma raça de homens, infiéis aos poderosos e enganadores daqueles que ambicionavam o poder, raça que em Roma foi sempre perseguida, mas conseguia sempre permanecer» (61).

Os Atos dos Apóstolos nos fazem conhecer dois Magos desse gênero: Barjesus, um judeu que se fazia chamar Elymas, o sábio, e que pretendia, em Pafos, desviar o procônsul Paulo Sérgio da fé em Jesus Cristo, sendo por isso castigado por São Paulo com a cegueira (At. 13, 8-12), e Simão, o mago de Samaria, que enganava o povo com as suas artes mágicas e era honrado como «um homem cheio da virtude de Deus» (Atos 8, 9-11).

Com esses falsos Magos nada tinham de comum os Magos dos partos, os quais eram de fato homens sérios, doutos e hábeis. Certamente podiam saber alguma coisa acerca da expectativa do Rei Messias pelos inúmeros judeus que viviam no Oriente. Particularmente lhes devia interessar a profecia do pagão Balaão, transcrita no Livro dos Números (24, 17-19).

«Eu o vejo, mas não presentemente,
eu o contemplo, mas não de perto.
Uma estrela despontará da casa de Jacó
e surgirá um cetro em Israel,
e açoitará os chefes dos moabitas
e abaterá todos os filhos de Set.
Edom cairá em seu poder
e Seir sob o domínio dos seus inimigos».

(61) *História*, I, 22.

mas Israel fará proezas.

Um descendente de Jacó dominará
e destruirá todo o que resta da cidade».

Quando a miraculosa estrela resplandeceu sobre eles terão facilmente pensado: esta é a estrela do Rei Messias. Sobre tal estrela se tem indagado e escrito muita coisa, supondo alguns que se tratasse de uma conjunção dos dois grandes planetas, Júpiter e Saturno que ocorreu por três vezes no ano em que nasceu Jesus e precisamente a 28 de maio, a 3 de outubro e a 4 de dezembro do ano 7 a. C. Mas essa suposição não está conforme a narração dos Evangelistas; parece pouco claro especialmente o deslocar-se a estrela do norte para o sul e pairar sobre a casa onde estava o Menino Jesus. Não há outro recurso senão admitir que se tratasse de um sinal miraculoso de Deus; o Espírito Santo terá inspirado internamente os Magos intruindo-os sobre o significado daquela estrela para inflamar-lhes a decisão de fazer a viagem.

Referência foi feita até a uma suposta profecia de Zoroastro segundo a qual devia vir ao mundo um sucessor do fundador de tal religião, um «Sausyant» (auxiliador, salvador), nascido de uma virgem «sem que um homem tivesse se aproximado dela» (62). Mas o Zenda-avesta ao qual pertence tal profecia, recebeu sua redação atual somente no ano 306 d. C. Em torno da figura de Zoroastro se tinham acumulado muitas lendas e mais tarde foram ainda inventadas mais outras. É muito provável que esta «profecia» seja de proveniência cristã, levada ao Oriente pelos próprios Magos ou pelos mensageiros do Evangelho, ou então recebida dos Judeus, que a liam já no livro do profeta Isaías: «Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel» (7, 14).

(62) Cf. Roschini, *La vita de Maria*, Roma p. 201.

Herodes chamou secretamente os Magos ao seu palácio e depois de ouvi-los e de se informar sobre o tempo da aparição da estrela, os encaminhou para Belém, dizendo: «Ide e fazei diligência em encontrar o menino, e quando o tiverdes encontrado, comunicai-mo a fim de que eu também vá adorá-lo» (Mt. 2, 6-8).

Sem suspeitar nada os Magos partiram. Nesse ínterim tinha caído a noite, mas eles não se sentiam cansados, antes, pelo contrário, irresistivelmente impelidos a prosseguir a viagem, agora que se achavam próximos à sua meta. A narrativa continua: «Ouvido o rei, eles partiram; e eis que a estrela que tinham visto no Oriente os precedia, até que, chegados ao lugar em que se achava o menino, parou. Vendo a estrela foram cheios de uma grande alegria; e entrados na casa, viram o menino com Maria sua mãe e, prostrados, o adoraram» (Mt. 2, 9-11).

Para se prestar homenagem a uma pessoa real, ajoelhava-se com os dois joelhos, inclinava-se profundamente até a terra, apoiando-se com ambas as mãos e beijava-se o terreno ou os pés do rei. Os reis assírios se gloriavam com freqüência, conforme o demonstram as inscrições achadas, de que este ou aquele rei vencido tinha beijado o pó aos seus pés. Sob o famoso obelisco negro de Salmanassar II está figurado nesta posição humilhante o rei Jeú de Israel, diante do supremo senhor dos assírios (842 a. C.). O vencedor punha, quando queria, o pé sobre a nuca do vencido (Sl. 109, 1).

Os presentes, e o tributo faziam parte da homenagem, demonstrando-se assim a completa submissão. No citado obelisco Jeú de Israel aparece seguido por uma inteira fila de gente que carrega os seus presentes.

Também os Magos ofereceram a Jesus os seus donativos: ouro, incenso e mirra (Mt. 2, 11). Donativos es-

colhidos com sabedoria: o ouro, de fato, se dava aos reis; o mais nobre e precioso dos metais era dado ao primeiro homem da nação; o incenso (*Libanum*, *Olivanum*, *Lebona* hebraico), se oferecia a Deus como uma oferta. O genuíno incenso árabe era extraído da *Boswellia*, um arbusto que medra na Arábia sob cerca de doze espécies diversas, assim como na Abissínia e sobre a costa da Somália. Uma incisão é feita no tronco da planta de modo que a linfa corra sobre a casca e se endureça ao ar livre em uma resina gomosa, formando grãos redondos e oblongos do tamanho de ervilhas, umas bagas pulverulentas de cor amarelada ou morena. Pôsto sobre qualquer matéria incandescente, o incenso exala um perfume muito fino e balsâmico (63). Era queimado no Templo durante qualquer oblação (64); bagas de incenso deviam ser postas sobre os pães da proposição (Lev. 24, 7).

Na Terra Santa o incenso é importado principalmente de Sabá, na Arábia do sul (65). A rainha do Egito, Hatschepsut (XIV século a. C.) recebeu de Punt (Somália) com os seus navios 31 arbustos de incenso e assim também o faraó Ramsés III (66). O finíssimo incenso é comparado à sabedoria de Deus no *Eclesiastes* (24, 15). No *Apocalipse* o Anjo das ofertas recebe no céu muitos grãos de incenso que são as orações dos Santos (5, 8). Uma libra da melhor qualidade de incenso custava seis dinheiros (5 marcos ouro); outros tipos de qualidade inferior custavam de 3 a 5 dinheiros (67).

Mais cara ainda era a mirra. Segundo Plínio, uma

(63) Cf. "Brockhaus" o grande, XX, 118.

(64) Lev. 2, 1-15 s.; Êx. 30, 34 ss.; Jer. 17, 26.

(65) Is. 60, 6; Jer. 6, 20; Cânt. 3, 6; 4, 6-14.

(66) cf. DB II 17 63-75 e Kalt, *Bibl. Real*, II, 997.

(67) Plínio, *Historia naturalis*, XII, 65.

libra de mirra custava 16 dinheiros e meio (68).. A mirra é um suco semelhante ao do terebinto, de sabor amargo, que se obtém da casca gretada de um arbusto — «Balsamodendron myrra Nees» — que produz a mirra indiana, ou então da «Commiphora abyss. Engl.» (Mirra abissínica) e da «Commiphora Schimperi Engl.» (mirra arábica) e endurece cristalizando-se em bagas regulares de cor amarela-avermelhado e pardacenta, exalando aromático perfume. Ela constituía parte essencial do óleo santo para as unções (Êx. 30, 23). O seu delicado perfume era muito apreciado (Sl. 44, 9; Prov. 7, 17). Era usada na composição do óleo santo (69) e como perfume (Cânt. 3, 6). A espôsa é comparada a um ramo de mirra (Cânt. 5, 1) ou então a um jardim de mirra (Cânt. 1, 12). Era utilizada também pelos embalsamadores de cadáveres; Nicodemos comprou, para a sepultura de Jesus (Jo. 19, 39), cem libras de uma mistura de mirra e aloés que lhe custaram regular quantia. A Sabedoria divina diz no Eclesiastes (24, 15): «Exalei fragrância e perfume como a mirra finíssima». Antes da crucifixão Jesus recebeu vinho misturado com mirra (Mc. 15, 23).

Os Padres da Igreja viram simbolicamente figurados nos donativos dos Magos: a dignidade real, a natureza divina e a morte redentora de Jesus.

A alegria dos Magos foi logo perturbada por um sonho, durante o qual foram avisados para não voltarem mais a procura de Herodes e certamente lhes foi revelada a intenção homicida do tirano. «Assim, regressaram ao seu país por um outro caminho», (passando provavelmente pela atual Mar Saba, evitando Jericó, onde Herodes tinha um

(68) Ibid. XII, 70

(69) Cânt. 4, 14; 5, 5; Est. 2, 12; Jdt. 10, 3.

palácio, dirigindo-se depois para o Jordão, ou melhor, para a terra oriental do Jordão, até Damasco e além).

Misteriosamente como tinham vindo, esses homens desapareceram de novo. Numerosas lendas se espalharam em torno de suas figuras; deduziram seu número pelas oferendas que trouxeram, deram-lhes nomes orientais, fizeram que se tornassem reis e disseram que tinham vindo da Pérsia. Tudo isso já desde o tempo de Clemente de Alexandria (70).

7. No Egito

a) A fuga

«Tendo os magos partido, eis que um Anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e lhe disse: Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito, e fica lá até que eu te avise, porque Herodes procurará o menino para o matar» (Mt. 2, 13).

Maria e José conheciam bem o rei e sabiam de quanto era capaz, pois os seus homicídios eram conhecidos em todo o país. A ordem de Deus era clara e precisa e para aquelas duas pessoas tão profundamente religiosas era natural que fôsse obedecida imediatamente. Não havia desculpa para contemporizar ou hesitar; José «levantando-se de noite, tomou o menino e sua mãe e se refugiou no Egito» (Mt. 2, 14).

Antes de tudo José tratou do modo de sair de Belém o mais depressa possível e sem dar na vista. Maria amarrou em torno do seu corpo um pano, de modo a formar sobre as costas uma bolsa em forma de saco, dentro do qual teria podido esconder comodamente o Menino. As mulhe-

(70) Stromata, 1, 14; cf. Vitti, *Apocriphorum de Magis enarrationes*, "Verbum Domini" 7, (1925) 3-13.

res orientais carregavam e ainda carregam os seus filhinhos sobre as costas do mesmo modo de então, de forma que as mãos da mãe ficam livres e lhes fica mais fácil carregar aquele peso a longas distâncias. Calculando-se que Jesus tivesse então um ano ou um ano e meio de idade, o seu peso deveria ser de 10 a 14 kg, já bastante para fatigar em uma longa caminhada. Para Maria, no entanto, era um peso tão doce, que ela o carregava de muito boa vontade.

Através das estradas escuras Maria e José (que era conhecido dos lugares) se dirigiram para a campanha, rumo ao sul. A meta mais próxima era a cidade de Hebron, distante 28½ km. A estrada percorria, em contínuos e suaves declives a faixa de terras que divide o Mar Morto do Mediterrâneo. As estrêlas, com os seus reflexos dourados, cintilavam sobre os solitários viandantes. Quem já viu uma noite estrelada no Oriente, não esquecerá jamais este maravilhoso espetáculo, aquelas luzes misteriosas brilham no céu quase negro com muito mais plasticidade e clareza e são muito mais numerosas que as dos nossos lados.

Maria amava a obra maravilhosa do Pai celeste, pois que lhes falavam da sua onipotência, da sua grandeza, da sua bondade e do seu amor; eram para ela um reflexo da beleza de Deus. Mas a sua atenção estava voltada para outro ponto: «Herodes quer matar o menino! Herodes quer matar o menino!» e involuntariamente apressava o passo ou então ficava à escuta, na noite escura, toda suspensa em uma atroz ansiedade, para ouvir se não chegasse até ela o tropel dos cavalos dos perseguidores. Mas não se ouviam nas trevas circundantes senão os gemidos dos chacais ou, de vez em quando, os uivos das hienas, cuja voz rouca se distinguia de perto, ao passo que, mais ao longe, se escutava o rugido do leão, sequioso de presa, que havendo subido das margens

silvestres do Jordão para os montes, abalava com os seus urros troantes os ecos das solidões. Mas os animais, mesmo os mais ferozes, não fariam mal nenhum ao seu Senhor; trinta anos mais tarde Ele ficará orando sobre um dos montes desertos, lá das bandas do Oriente, por quarenta dias e quarenta noites. Jejuará, estando «com os animais selvagens» (Mc. 1, 13).

A sudeste de Belém e do monte hoje chamado «dos Francos» (Gebel Furêdîs), em uma longa encosta visinha de Thekua, resplandecia o Herodion, um luxuoso sepulcro, grande como uma fortaleza, que dentro em breve receberá o corpo do grande malvado, primeiro perseguidor de Cristo e assassino dos inocentes de Belém.

Maria levava bem contente o Filho de Deus, o Salvador do mundo, para o Egito a fim de pô-lo em lugar seguro. «O Senhor é contigo»; repetia dentro de sua alma, uma voz consoladora.

Para se chegar até Hebron era preciso caminhar durante cerca de sete horas, o que exigia, com intervalos regulares, breves paradas para repouso. Começava a raiar o dia e as sombras da noite se esvaíam aos raios que despontavam. Os viajantes viam agora, olhando para o oriente, os áridos cumes e os declives do deserto da Judéia que descambavam até o profundo vale do Jordão. Aqui e ali, através de profundas gargantas abertas na montanha, via-se o Mar Morto e para além deste, os precipícios selvagens, cheios de fendas do altiplano moabita. A oeste, via-se a planície dos Filisteus. Exaustos e sem ter dormido toda a noite, chegaram finalmente à antiquíssima Hebron, onde fôra escavado o sepulcro de Abrão e de Sara, fugitivos também estes que toram para o Egito, tangidos pela fome nos tempos da carestia.

Aqui José podia organizar mais comodamente a viagem que ainda restava a fazer.

O geógrafo Estrabão que havia viajado da Síria ao Egito, cêrca de 20 anos antes, conta que o deserto inculto e arenoso foi atravessado sôbre o dorso de camelos (71). Assim também José terá pensado em arranjar algum camelo, pois havia de fato cameleros profissionais que, mediante pagamento, ajudavam os viajantes a atravessar o deserto. Nas cidades confinantes podiam-se encontrar camelos com muita facilidade. Certamente não eram os camelos de carga, com o seu passo lento e quase aborrecido, os menos adaptáveis para uma fuga assim tão precipitada pois êles apenas percorriam cêrca de 4 km por hora, mas os dromedários (*camelus dromedarius*) que têm uma só corcova, eram mais usados para montaria, por serem mais velozes, alcançando facilmente pelo menos o dôbro dos outros. Conta um viajante que em *el-Aris*, a primeira cidade egípcia que se encontra vindo de Gaza, havia 500 camelos de carga (*camelus batrianus*) e cêrca de 60 dromedários, que os árabes chamam *hedgin*; os primeiros serviam para o tráfico comercial e os outros para os viajantes atravessarem o deserto do Sinai (72).

O ouro dos Magos não fôra certamente medido com avaréza, e bem podia servir agora para tirá-lo do embaraço em que se achava. Deus prevê sempre aos seus em tempo oportuno, e José pôde assim comprar alimentos e tudo o que fôsse necessário para a viagem.

Porque José não se teria servido de asnos como montaria? Antes de tudo, não sabemos se êle os possuía, pois como carpinteiro não teria grande necessidade dêles para se locomo-

(71) *Geogr.* XVI, 30.

(72) *Karawanenshassen zwischen Syrien und Aegypten*, Praga 1879, p. 37.

ver. A peregrinação anual a Jerusalém pela Páscoa, Maria e José a faziam a pé como tôda a gente nas suas condições. Além disso, os asnos não eram, por certo, aconselháveis para uma fugida através do deserto, onde é preciso caminhar longos trechos sôbre areia muito fina e alta, sôbre a qual é muito difícil avançar com o cavalo, muito mais ágil e robusto do que o jumento que tem os cascos muito menores e as pernas muito mais curtas. Uma grande dificuldade para os cavalos e jumentos era também constituída pelo sustento, em um território extremamente pobre, até de água.

Um viandante narra o seguinte: «Encontramos no meio do caminho um grupo de Beduínos abatidos pela sede e pelo calor e que nos pediram água. Era um espetáculo verdadeiramente lamentável ver como se arrastavam, pais e filhos, para implorar um gole de água. Parece-me ouvir até hoje os seus angustiosos lamentos e ver como procuravam inútilmente, um depois do outro, espremer uma gôta de água dos seus vasios recipientes de argila. Recordo-me ainda de uma família, composta de um velho e três crianças com um jumentinho magro e velho também. O asno subia sôbre uma duna de areia e o velho o seguia ofegante, conduzindo pela mão o menino maior ao passo que os dois menores tinham se encarapitado sôbre o dorso do exausto animal, com os olhos encavados e fixos sôbre a meta longínqua. Mas, de repente, o animal soltou um fundo gemido e desabou sôbre a areia onde os pobres garotos caíram e rolaram. O que aconteceu então? Não consigo esquecer a expressão dos olhos do velho. — Allah! Allah! — gritou êle, voltando os olhos para o céu; depois assentou-se também êle sôbre a areia, juntou os meninos ao seu lado e deixou que o burrinho des-

cansasse (73). «Chegamos a um lugar onde 4 anos antes tinha caído e morrera de sede um viajante industânico».

Antes do crepúsculo, apenas foi tudo pronto, Maria subiu com o Menino sobre o dorso de um camelo, José e o cameleiro sobre outros dois que levavam também as provisões necessárias para a viagem, sendo que, para as mulheres fabricavam-se selas especiais como as cadeirinhas fechadas de transporte destinadas a evitar possíveis quedas da mãe ou da criança. Assim podemos imaginá-los a caminho, pela noite silenciosa. A duas horas e meia (10 km) para o sul de Hebron, ficava Jutta, a provável residência de Zacarias e Isabel, onde certamente os fugitivos fizeram uma breve alta, para pedir conselho e ajuda. No oriente é costume viajar-se com frequência à noite porque a temperatura é mais fresca, acrescentando-se, no caso presente, que a obscuridade reinante protegeria melhor os fugitivos.

«Passado Hebron, o terreno descamba gradativamente e as montanhas de Judá se arrasam até a orla do deserto... A terra se torna cada vez mais desolada e pedregosa até chegar ao verdadeiro deserto, propriamente dito» (74). De Hebron se atravessa a vau o **Wâdi-el-Halil** para atingir Bersabéia a 45½ km de distância.

Ali se podia renovar a provisão de água, nas famosas nascentes mandadas escavar por Abraão e que hoje têm cerca de 13 m de profundidade. O local é ponto propício para repouso dos que vão empreender a fatigante cavalgada através do deserto. Viajar montado sobre um camelo é muito cansativo, especialmente para os que não estão acostumados, pois a característica andadura dos camelos balança o corpo do viajante de certo modo a esfolar a pele, provo-

(73) *Karawanenshasse zwischen Syrien und Aegypten*, p. 24. s.
(74) Sven Hedin, *Jerusalém*, Leipzig, Brokhaus, p. 306.

cando até uma dolorosa ferida, que arde irritantemente, sem contar que, aos de estômago delicado, tal movimento produz enjoão. Maria, conquanto não fôsse pessoa habituada à moleza, havia certamente de ter-se fatigado bastante e sofrido com o desconforto de tal viagem.

De Bersabéia, dirigindo-se para oeste, podiam aproximar-se de Raphia (65 km) e entrar na grande e muito frequentada estrada caravaneira que de Gaza, passando por Raphia (**Refah**), Rhinocolura (**el-Aris**), Mons Cassius (**Katja**) e Pelusium chegava a Thanis. Nesta estrada havia porém maior probabilidade de serem descobertos do que seguindo um outro itinerário que, rumando para o sul, vai de Bersabéia através de Elusa (**Halasa**), Recheboth (**er-Ruhêbe**), Ausa (**el-Auga**), **ên Kusême**, **Hasana**, ao lado de Timsah, junto ao hodierno canal de Suez. Por essa estrada, logo ao sul de Hebron, ou pelo menos, nas proximidades de Bersabéia, já se estava fora do território de Herodes, na terra dos Nabateus, que eram amigos dos judeus, mas inimigos fidalgaos de Herodes. A eles pertencia todo o território do sul, o Negeb, até o deserto ocidental. Sob o rei Aretas IV então reinante (9 a. C. até 40 d. C.) êsse forte povo tinha alcançado um grande desenvolvimento; na sua terra a Sagrada Família podia se considerar em segurança. Ali podiam agregar-se a uma caravana mais numerosa que se dirigisse ao Egito, o que significava proteção e auxílio. De Bersabéia até o lago de Timsah, do lado oriental do delta do Nilo, a distância é de cerca de 200 km. A viagem completa de Belém a Heliópolis, no total aproximado de 460 km, requeria cerca de 12 dias de jornada, numa média de 40 km por dia, sem contar as horas de parada e descanso, perfazendo assim duas semanas inteiras de viagem.

A estrada que rumava para o sul era cheia de recorda-

ções do Patriarca. Agar, a serva de Sara, queria fugir por esta estrada para alcançar o Egito, sua pátria; junto da fonte «Vive-quem-me-vê» um Anjo ordenou-lhe de voltar para junto de Sara e prometeu-lhe um filho, que se tornaria patriarca de um grande povo (Gên. 16). A fonte ficava entre Rades e Bered. Abraão também andou mais tarde por essas terras do sul e habitou no vale de Gerar (hoje Wâdi el-Garûr) (Gên. 20, 1). A sua gente se encontrou em combate junto do poço de Bersabéia, com os sequazes de Abimelec, rei dos Filisteus (Gên. 21, 27-33). Também Isac habitou no vale de Gerar e cavou também poços naquele território, do qual foi expulso, sem oferecer resistência à violência, por ser ele amigo da paz (Gên. 26, 1-33). Em Kades, não longe da estrada que Maria percorreu na sua viagem, morreu aquela que na história bíblica aparece pela primeira vez com o seu nome, Maria, a irmã de Moisés (Núm. 20, 1).

A Sagrada Família se dirigiu assim de Bersabéia para sudoeste através de uma cinzenta, pedregosa, mas fértil planície», até o regato de Bersabéia, depois galgou o Gebel-el-Burêg (monte do castelo), uma serra que corre do oriente para o ocidente (300 m sobre o nível do mar), com encostas bastante íngremes a princípio, e depois mais suaves. Um magnífico panorama se gozava lá do alto: «Para oeste os olhos se pousavam sobre as colinas que vão descendo do Gebel Ga'ar e de Gebel Umm Auga para o deserto de areia até o Mar Mediterrâneo. Para noroeste pode-se distinguir muito bem o branco leito de Wâdi es-Sebâ, que muda frequentemente de nome, até o negro Tell el-Fâré, cujo vale se perde depois em um terreno ondulado. O olhar perpassa sobre Tell Gemma e se repousa sobre o verde escuro das ár-

vores do es-Sch Muntâr, junto de Gaza» (75). A oeste de Sa we se divisa a planície cinzenta do Bîr es-Seba, cortada por colinas baixas, de cor amarelada: «Hoje esta planície é dissecada e quase desabitada, mas outrora ali se encontravam jardins e campos cultivados, como se pode verificar pelos terraços de proteção e por numerosas ruínas» (Musil, op. cit. p. 68). As ruínas dos campos das cidades Halasa, er-Ruhêbe, el-Auga, Sbêta, Abde e outras, chamam ainda hoje a atenção do viandante para a tenacidade daqueles antigos colonos, que encheram de vida, com incansável trabalho e com muita fadiga, sob um céu abrasador, grandes extensões daquela terra deserta.

Ruínas de castelos, de palácios, de basílicas, de muros de cidades, de reservatórios de água, de cimetérios escavados na rocha, de torres de vigia e de casas de moradia, cobrem o território até o sul. Maria e José viajaram portanto assim por muito tempo através de terra colonizada, onde se encontrava água, alimentos e alojamento. Hoje a situação é bem diferente: «Todo o território que se encontra ao sul de Bîr es-Sebâ, pertence ao deserto. O solo é arenoso e pedregoso, e não dá para nutrir os seus habitantes. Do «monte do pequeno castelo» para o sul a vista é muito bela; uma planície já não mais fértil que se estende aos nossos pés, de lés-sueste para oeste, formada quase inteiramente de dunas de areia e denominada por diferentes nomes, mas geralmente conhecida por «Bahr Balâ Mî» (mar sem água). As colunas que fecham a planície do sul «são compostas de rocha branca, calcárea» (p. 68).

«Mais além, para o sul, o deserto de areia se perde no deserto dos montes». São estranhas formas de montes, ora

(75) Musil, op. cit. II, p. 67.

de cumes chatos, ora como tôres negras, ora despontadas e eretas como pirâmides; picos cinzentos, brancos, calcáreos, muros coroados de pináculos e fendas profundas; toda a paisagem inteiramente despida de vegetação, é completamente nua. A antiga trilha caravaneira segue para sudoeste, travessa encostas rochosas, cruza valados requeimados, que correm para noroeste e se juntam ao **Wâdi Gazze**, passa junto dos charcos e ao lado de poços, percorre trechos arenosos, ondulados, mormaço do dia não mitigado por sombra alguma, ou na frescura das noites claras e na gelada neblina da manhã.

Depois de uma cavalgada de três horas e meia chega-se a Elusa. Um antigo viajante conta o seguinte: «Passamos além da cidade de Elua (Elusa) e entramos no deserto. No vigésimo marco militar se encontra um «castrum» (uma fortificação militar) onde está o abrigo de São Jorge. Ali os viajantes encontram alojamento e os eremitas alimentos. Depois penetramos pelo deserto a dentro e chegamos a um sítio do qual se fala no salmo (106, 34): «Eles reduziram a terra fértil em salsugem por causa da malícia dos seus habitantes». — Ali vimos homens que fugiam à nossa frente, sobre camelos» (76).

Mais adiante a Sagrada Família chegou à cidade de Rechoboth (**er Ruhêbe**) a sudeste de **Râs el-Karn** (370 m), um monte em forma de cúpula. De Bersabéia a Rechoboth a distância é de 4 km. Talvez ficasse ali o resto da noite ou percorresse os restantes 23 km até Ausa (**el-Auga**), onde existem até hoje as ruínas de um grande **cão**, então procurado pelos viajantes, o qual tinha um grande pátio, um poço e muitos quartos (p. 89). Perto de Ausa

(76) Antonio Martire, *Perambulatio locorum sacrorum*. Itin. Hierosol., p. 130 ss.

se vadea o **Wâdi Hafîr**, a oeste do qual começam os grandes desertos de areia **el-Haddâde** e **el-Ba Arijât**, já em território egípcio. Mais além a estrada infletia para sudoeste, passando **el-Bîrên** (duas fontes) rumo a **Ain el-Kusême** e se vadeava depois o **Wâdi el-Gâife**. Daqui a estrada prosseguia para oeste, vadeando o **Wâdi Gurûr** (Gerar) e o **Wâdi el-Arîs**. A direita ficavam os montes **el-Muwêlih**, **Dalfa** e a oeste o **Wâdi el-Arîs**, o legendário **Gebel Helâl** assim descrito por Musil: «envolto em um róseo halo luminoso, êle se ergue para o alto, rompendo aquele infinito de vapor e o seu pico reflete em tôdas as direções uma coroa de raios de alvura deslumbrante. Que maravilhosa visão! Na sua proximidade se esquecem tôdas as fadigas da viagem e se admira a obra do Onipotente!» (p. 162). Por certo que também a Maria lhe vieram em mente êsses mesmos pensamentos.

A sudoeste via-se o cintilante avermelhado do **Mrêfek**, perto do qual se destacava a massa do monte **Anêka**, de um colorido vermelho escuro e o majestoso e solitário **Arâjif en-Nâka**, semelhante a uma torre gótica (p. 156), «jamais vi coisa tão bela», reconhece o mesmo observador, que acrescenta: «Quase sem destaque, se eleva da branca e amarelada planície uma negra e gigantesca pirâmide (p. 167), junto da qual se distinguia um bando de cabritos monteses» (p. 169). Maria, cuja alma era aberta a tôdas as maravilhas de Deus terá certamente sentido o encanto dessas belezas da criação.

A vegetação é porém muito escassa. Depois da estação das chuvas, brota, aqui e ali, a flora desértica; moitas de giesta, com suas flôres brancas e amarelas, tamarindeiros, que cobrem seus flexíveis ramos de fôlhas escamosas e pequeninas, flôres de diversas espécies que alegram os vales

e as colinas. Há também tufo de erva mas são muito raros e não chegam a formar prados de verdura. A fuga para o Egito deve ter-se realizado provavelmente na primavera, na estação mais propícia. Na estação seca, que dura mais de seis meses, tudo murcha; as ervas ressecadas servem de forragem para os camelos e aos homens para acender o fogo. Raríssimos são os poços e nascentes de água, sendo que a água dos poços nem sempre é boa e algumas vezes é salobra. Depois das chuvas pode-se apanhar água nos vales e mesmo escavando um buraco no solo. Nos arredores dos locais ricos de água crescem viçosas as palmeiras e arbustos de todo o tipo e especialmente a palmeira denominada halfagras (em castelhano, «esparto»), rígida e de cor verde-escuro.

O deserto não é inteiramente privado de vida: airo-sas gazelas, cor de prata-cinza, dotadas de grandes e bel-os olhos negros, fogem velozmente dando ágeis pinotes. No tempo de Cristo se encontravam ainda na península de Sinai o arisco e astuto asno silvestre. As lebres pulam espavoridas, ratos saltadores, de robustas pernas posteriores e caudas curtas, passam chispando sobre a superfície arenosa. O seu pior inimigo é a cerasta, espécie de víbora pequena, da cor da areia e com uma excrescência córnea sobre os olhos que se enrola na areia e aí se esconde, deixando fora apenas os olhos ávidos de presa. Quando um animal se aproxima, a víbora salta como que impelida por uma mola, até mesmo na distância de um metro da sua vítima. Isaías a chama por isso mesmo: «a serpente voadora» (14, 29 e 30, 6). Também no relato de uma campanha militar assíria essas serpentes voadoras são mencionadas. O grande profeta foi, certa vez, por um crítico leviano, acusado injustamente de haver criado a fábula do

basilisco alado; entretanto, ele não inventou nem repetiu nenhuma fábula, mas os seus críticos evidentemente, não se deram ao trabalho de estudar devidamente a natureza dos lugares de que falavam. Uma cerasta escondida na areia pode pôr em perigo a vida do cavalo e do cavaleiro que lhe passarem perto, pois a sua picada é mortal. Na bênção a seu filho Dan, disse Jacó:

«Seja Dan qual serpente sobre a estrada,
qual cerasta sobre o caminho,
que morde a pata do cavalo
e o derruba com o cavaleiro» (Gên. 49, 17).

Uma outra perigosa serpente da península do Sinai é a áspide egípcia, ou cobra de óculos, conforme o mesmo Estrabão informa (77): «Naquela região há uma grande quantidade de serpentes». Em uma outra passagem (78) faz menção «de uma serpente que se esconde na areia», e que é a cerasta.

Os pássaros são representados por algumas variedades que vivem especialmente nos oásis, onde as palmeiras e numerosos insetos lhe oferecem ninho e alimento: cotovias, picos, cucos topetudos e esplêndidos corvos imperiais, milhafres, que constituem uma espécie de corja de ladrões (apoderando-se até da presa das outras aves de rapina e nada respeitando), codornas (durante a sua corrente migratória), pintassilgos e outros pássaros canoros.

Não obstante os desconfortos de tão longa e fatigante viagem, todas essas novas experiências e impressões terão proporcionado à alma de Maria novas alegrias e sensações espirituais. Os ares puros e salubres lhe fizeram bem; a sublime calma do deserto que se perdia no horizonte lon-

(77) *Geogr.* XVI, 2, 30.

(78) *Ibid.* XVII, 21.

gínquo, a consciência da proteção de Deus, a presença beatificante do Filho de Deus, do pequeno ser que começava a pronunciar as primeiras palavras, a direção segura e as amorosas atenções do seu nobre espôso se lhe deviam imprimir indelêvelmente na alma.

A Sagrada Família alcançou finalmente o lago de Tim-sah e o Wâdi Tulmilât e pôde sentir-se mais segura. José fez o que todo imigrante faz em terra estrangeira, isto é, procurou unir-se à gente de sua raça, que poderia ajudá-lo e aconselhá-lo.

Em tôdas as cidades egípcias mais importantes viviam numerosos Judeus, sendo que em Alexandria dois dos cinco bairros da cidade eram habitados por eles. Durante a grande perseguição que sofreram sob o governador Flaco, perderam 400 casas naquela cidade (79). Filon calculava o número de Judeus no Egito em cerca de um milhão (80). Jean Juster (81) enumera uma longa série de cidades egípcias nas quais habitavam numerosos Judeus. No distrito de Heliópolis, os arredores de Leontópolis (Tell Jehûdijje) era inteiramente habitado por eles, sendo por isso mais conhecido por «campo dos Judeus» do que pelo nome de «terra de Onias» ou «Onion». Os Judeus daquela zona se consideravam tão fortes que pretendiam impedir a Mitrídates de Pérgamo — lugar-tenente de César, que desejava levar a êstes três mil homens de reforço às suas tropas — a passagem através do seu território somente o permitindo após longas tratativas na primavera do ano 47 a. C. (82). Ptolomeu VI Filometor (181-146 a. C.) tinha deixado êste território a Onias IV, filho do grande sacerdote Onias III,

para que êsse o colonizasse. Com permissão do rei, Onias reconstruiu em Leontópolis o templo arruinado da deusa Baste (que tem cabeça de gato), que devia igualar nas dimensões, ao templo de Jerusalém, mas que saiu menor e mais modesto (83). Êsse templo não foi reconhecido legal pelos Judeus da Palestina por ser contrário à lei, que prescrevia um só local para a celebração anual do culto.

A Sagrada Família atravessou em seguida o distrito de Gessen, ao qual estavam ligadas tantas recordações do seu povo. Justamente naqueles sítios a família de Jacó tinha crescido e se tornado um grande povo. Maria, que muito bem conhecia os livros sagrados, meditou com reconhecimento, como Deus tinha sido benigno para com o seu povo, operando em favor dêle tantos milagres. A peregrina de Bordéus, no seu diário de viagem (do ano 333) descreve cheia de entusiasmo as impressões recebidas naquela terra: «Atravessamos o inteiro distrito de Gessen entre vinhedos e portos de plantas balsâmicas, entre pomares, campos bem cultivados e deliciosos jardins, sempre margeando o Nilo, ao longo das terras que outrora pertenceram aos Israelitas. O que dizer depois disso? Creio não ter jamais visto uma terra tão bela como a de Gessen» (84).

Onde teria residido no Egito a Sagrada Família? Os Evangelhos nada dizem a êsse respeito. Naturalmente já se tem procurado, posteriormente, preencher essa lacuna. Hoje acredita-se que o lugar escolhido para residência dela tenha sido Matarije; no território da antiga Heliópolis. E ali teria surgido miraculosamente uma fonte de água doce, coisa extraordinária no Egito, onde não há nascentes de água doce, mas somente a água do Nilo. Acrescenta a tradição que havia ali um sicômoro que dava sombra à

(83) *Ibid.* 3, 1-3; *ibid.* 1 1, 1.

(84) *Peregrinatio S. Silviae*, 9, 4 em Geyer, *Itinera Hieros.* p. 50.

(79) Filon, *In Flaccum*, 8 e 11.

(80) *Ibid.* 6ª edição Mangey, p. 523 a.

(81) *Les Juifs dans l'empire romain*, Paris, 2.º volume.

(82) Cf. *Antiquidade Jud.* 8, 1 e *Guerra Jud.* I, 9, 35.

Sagrada Família e que mais tarde teria sido ali plantado um misterioso jardim com flôres e plantas balsâmicas, o qual prosperava somente quando cultivado por mãos de cristãos (85). Como prova destes fatos são citados um evangelho árabe, apócrifo, sobre a infância de Jesus (cap. 14 ss.): «Eles (Maria e José) foram ter ao sicômoro, hoje chamado árvore de Mataréia»; uma homília de Teófilo Zacarias de Saccas, na qual vem mencionada a nascente miraculosa; e se fazem ainda referências a um *Sinaxarium* (calendário da Igreja Copta) do século XIII, segundo o qual vinha sendo até então celebrada a festa pela consagração da igreja de *Matarije*, apesar de ter sido a mesma destruída havia muito tempo pelos maometanos; e finalmente se apegam à tradição que os peregrinos da Idade Média — especialmente nobres alemães — encontraram difundida entre os cristãos e os maometanos de *Matarije* em 1483-4 (86).

Com referência à vizinha cidade de Heliópolis (a egípcia «On»), encontra-se em Strabão, que passou por ali vinte anos antes da Sagrada Família, notícias mais precisas como estas: «Heliópolis está situada sobre um cume bastante elevado e tinha um templo dedicado ao deus Sol. Em um recinto especial se achava o *Mnevis*, um touro sagrado, considerado uma divindade, como o boi Ápis, de Mênfis. Aos pés da colina se estendem lagunas alimentadas por um canal do Nilo. Hoje a cidade está desabitada, havendo ainda um templo, em estilo egípcio, que mostra a fúria devastadora de Cambises, violador de templos, que profanou o santuário a ferro e fogo, fazendo abater e quei-

(85) Cf. Jullien, *L'arbre de la Vierge à Matarieh*, ed. de Caire, Tradução alemã de C. zur Haide, Manz, Regensburg, p. 21-57.

(86) *Ibid.* p. 10-20.

mar algumas de suas partes. A mesma coisa fez com os obeliscos dois dos quais, que tinham escapado à completa ruína, foram levados para Roma. Alguns estão ainda em seus lugares, com as marcas dos incêndios que se fizeram ao redor, outros estão por terra, derrubados como em Tebas (Alto Egito), hoje chamada Dióspolis (87).

«Em Heliópolis ainda se vêem grandes casas onde habitavam os sacerdotes e onde, em tempos mais antigos, deviam ter morado os filósofos e os astrônomos. Hoje porém cessaram os «estudos filosóficos e ascéticos». Não nos foram apresentados mestres de ascética mas apenas sacerdotes para os sacrifícios e guias para os estrangeiros, que desejassem visitar o templo. No séquito do «governador» Hélio Gallo, que então governava Alexandria, encontrei um certo Queromone que se inculcava grande conhecedor destas coisas (da antiguidade), mas se tornava ridículo sendo um charlatão completamente «profano». Estas casas dos sacerdotes são ali indicadas então como os lugares onde ensinaram Platão e Eudóxio. Eudóxio ali tinha estado juntamente com Platão, tendo ambos freqüentado durante treze anos, conforme alguns, a companhia dos sacerdotes. Esses eram muito profundos na astronomia, porém, misteriosos e pouco comunicativos com os estrangeiros; depois, com o tempo, tendo os dois lhes prestado serviço e tratado com afabilidade, conseguiram obter alguns ensinamentos preciosos; porém, os bárbaros conservaram em segredo a maior parte da sua ciência» (88).

O culto de *Mnevis*, de Heliópolis, era semelhante ao de Ápis, em Mênfis. Dêste último, narra Estrabão: «O touro Ápis, como é sabido, é considerado uma divinda-

(87) Estrabão, *Geographia*, XVII, 27.

(88) *Ibid.* XVII, 29.

de, sendo mantido em um estábulo. É branco como a neve, na testa e em algumas outras partes do corpo, porém, negro, no restante do mesmo. Por êsses sinais particulares é julgado digno da sucessão e recebe as honras e a veneration que tributavam ao animal que o precedera. Diante do estábulo há um pátio com um outro estábulo para a vaca, mãe do touro; neste curral o touro é deixado em liberdade por algum tempo, especialmente para mostrá-lo aos estrangeiros. Pode-se também olhar para dentro do estábulo por uma janela, mas geralmente os visitantes preferem vê-lo ao ar livre, de onde, depois de ter saltado um pouco no pátio, é reconduzido de novo ao estábulo» (89).

Para êste mundo pagão e transviado veio Maria, com o seu finíssimo discernimento por tudo quanto correspondia verdadeiramente à honra e à dignidade de Deus e com o seu horror por todos os erros, as impurezas e as abominações que se cometiam no culto de Deus.

Quase mil anos antes Deus tinha conduzido o seu povo para fora da tétrica atmosfera do paganismo e se havia revelado a êste mesmo povo sobre o monte Sinai. Durante a ausência de Moisés sobre o referido monte, houve o perigo de uma recaída no paganismo e foram necessárias rígidas e enérgicas medidas para abolir o culto do touro, a adoração do famoso bezerro de ouro (Êx. 32). Logo após a morte de Salomão o reino foi dividido em duas partes e Jeroboão, a quem tocou a parte setentrional, restabeleceu o culto do touro, porque tendo vivido longos anos no Egito, as suas idéias religiosas tinham-se ressentido disso (90).

Se fôr certo ter-se a Sagrada Família estabelecido

(89) *Ibid.* XVII, 31.

(90) *1 Rs.* 11, 26-40; 12, 26-32.

em Mataríje, viveu ela à sombra do último obelisco do templo do sol, que ainda existe ali até hoje.

Uma passagem do profeta Isaías era interpretada, também nos primeiros séculos do Cristianismo, como alusiva à viagem do Menino Jesus, ao Egito:

«Eis que o Senhor subirá sobre uma nuvem leve,
e entrará no Egito,
e os ídolos do Egito se desmoronarão ante sua face,
e o coração dos egípcios se mirrará nos seus peitos» (19, 1).

Em sucessão à guerra civil e à devastação da região, quando os príncipes não souberem mais achar nenhum remédio a um tal esfacelo, seguir-se-á a conversão do Egito ao Cristianismo e virá a salvação. Recordemos apenas os versículos mais expressivos: «Naquele tempo haverá na terra do Egito cinco cidades que falarão a língua de Canaã e jurarão pelo Senhor, Deus dos Exércitos. Uma delas será chamada cidade do sol. Naquele tempo haverá um altar do Senhor no meio da terra do Egito e junto à sua fronteira um monumento ao Senhor, servindo de sinal e de testemunho ao Senhor dos exércitos na terra do Egito. Quando porém clamarem ao Senhor, à vista daquele que os atribula, êle lhes enviará um salvador e um defensor que os livre. E o Senhor será reconhecido pelo Egito naquele tempo, e os Egípcios reconhecerão o Senhor e lhe oferecerão sacrifícios e oblações e lhe farão votos e os cumprirão. E o Senhor desfechará contra os Egípcios aqueles golpes que ferem para curar; e êles voltar-se-ão para o Senhor e Êle atenderá às suas súplicas e os sarará... Naquele tempo haverá um caminho batido do Egito para a Assíria, e os Assírios entrarão no Egito, e os Egípcios na Assíria e ambos servirão (ao Senhor). Naquele tempo Israel será o terceiro (medianeiro) entre o Egito e o Assí-

rio; a bênção estará no meio da terra, a qual o Senhor dos exércitos abençoou, dizendo: — Bendito é o meu povo do Egito, e o Assírio, obra de minhas mãos; a minha herança porém é Israel» (Is. 19, 18-24).

Maria levou até aquela terra o Salvador, que fêz surgir uma florescente primavera cristã, até que se extinguisse no frio da heresia e do islamismo.

José terá saído à procura de um lugar conveniente e terá ali construído uma cabana de argila. A êsse respeito informa Jullien: «Quando os Egípcios pobres deixam a sua habitação para emigrar para um qualquer outro vilarejo, a família acampa a princípio sobre um terreno livre, não pertencente a ninguém; geralmente sobre a areia do deserto, se o lugar, como **Matarije** está situado à margem dêste. Então a família constrói aí com suas próprias mãos um casebre; as paredes com terra argilosa e algumas estacas de madeira (truncos rachados de palmeiras) para sustentá-las; a porta feita com esteira de caniços e o teto coberto com fôlhas de palmeira. A habitação não custou assim mais do que alguns dias de trabalho, para o qual ainda se obtém algumas vezes, a colaboração dos vizinhos» (91). Para José não era êste um trabalho difícil, sendo êle carpinteiro, e da sua parte Maria o terá certamente ajudado, enquanto o Menino brincava sobre a areia, à sombra fresca de alguma palmeira erguida. Além disso, alguns dos seus numerosos compatriotas lhes terão por certo prestado algum auxílio. Pronta a casinha, o necessário para aí morar foi logo procurado e assim se acharam instalados no seu novo lar. Terão também de pronto encontrado facilidade de trabalhar e de ganhar, com a ajuda da gente do lugar, os meios

(91) Jullien, op. cit. p. 97.

de subsistência, dado que Herodes era muito odiado e aqueles a quem êle perseguia podiam contar com a solidariedade e convivência dos emigrados. A vida naquela fértil terra era bastante fácil e nem Maria nem José tinham maiores pretensões.

Não obstante isso, o Egito era sempre a terra do exílio, a terra estrangeira. Maria não podia mais admirar as montanhas da sua pátria; nas margens do delta do Nilo a campina era uma só planície, uma várzea desprovida de encantos, tendo a sudeste o deserto, desabitado e hostil. Na flora da região, faltavam as encantadoras flores da Galiléia. O faraó Tutmósis III (1501-1447 a. C.) trouxe da Síria, no ano 25 do seu reinado (1475), flôres e animais que mandou reproduzir no belíssimo relêvo do templo de Carnaque (Tebas). Mais do que tudo, se fazia sentir à alma profundamente religiosa de Maria, a falta do Templo de Jerusalém, das solenes festas anuais com as suas peregrinações e as suas cerimônias e a atmosfera profundamente religiosa da terra santa. O templo ilegal de Leontópolis, distante um fatigoso dia de viagem, não era por certo um adequado substitutivo. Além disso, não se deveriam sentir muitos seguros mesmo no Egito, conforme ensinava o exemplo do profeta Urias que por haver profetizado sob o rei Joaquim (608-598) a destruição de Jerusalém pelos caldeus, foi perseguido pelo rei, que o queria matar. O profeta foi porém avisado e fugiu para o Egito. Então o rei o mandou perseguir por esbirros, que o descobriram e prenderam, não se sabe ao certo se com astúcia ou com violência, e o levaram ao rei que o mandou matar com a espada (Jer. 26, 20-23).

b) O morticínio dos inocentes

Por êste tempo em Belém aconteciam coisas horríveis. Herodes havia esperado em vão o regresso dos Magos que tinham ido a Belém e veio-lhe então a suspeita de haver sido enganado por êles. Teve de fato notícia de que os sábios do Oriente haviam já de há tempos deixado Belém e ninguém sabia informar que rumo haviam tomado. O seu temor pelo nascimento do pequeno rei aumentou e um terrível plano tomou forma e figura na sua mente malvada. Calculou com frieza a idade do menino, já que o seu nascimento tinha coincidido com o aparecimento da estrêla miraculosa e deduziu disso que já estaria êle no segundo ano de vida. Para estar mais seguro de apanhar o detestado infante opinou que poderia ter um puoco mais de idade. Mateus (2, 16-18) escreve com simplicidade e com íntima emoção: «Então Herodes, vendo que tinha sido enganado pelos magos, irou-se em extremo e mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus arredores, da idade de dois anos para baixo, segundo a data que tinha averiguado dos Magos. Então cumpriu-se o que estava predito pelo profeta Jeremias, que diz: «Uma voz se ouviu em Ramá, grandes prantos e lamentações: Raquel chorando os seus filhos, sem admitir consolação, porque êles já não existem» (Jer. 31, 15).

A tumba de Raquel, a segunda mulher do patriarca Jacó é ainda hoje mostrada e venerada nas proximidades de Belém. Mas, de acôrdo com esta passagem e segundo o livro dos Reis (10, 2 ss.) devia ter estado a princípio nas vizinhanças de Ramá, a nordeste de Jerusalém, nos confins da terra de Benjamin.

A notícia do malefício de Herodes suscitou horror em tôda a região, chegando até aos Judeus do Egito. Essa tris-

te notícia causou um grande pesar a Maria; o seu Filho que vinha trazer salvação e libertação tornava-se a causa involuntária da morte de tantas crianças inocentes. E então ela rogou a Deus que consolasse as desventuradas mães.

O assassino que contava então 70 anos de idade, não sobreviveu por muito tempo ao seu infame delito, tendo caído de súbito gravemente doente. Flávio Josefo assim descreve a sua moléstia: «A doença de Herodes se agravava dia a dia, porque Deus o castigava pelos seus numerosos crimes. Dentro do seu corpo lavrava um fogo intenso, não se manifestava pela febre ou calor superficial, mas causava uma inflamação interna sempre mais grave. Uma fome insaciável o torturava e êle era obrigado a fazer uma voraz ingestão de alimentos para acalmá-la. As suas vísceras putrefactas se dissolviam, causando-lhe violentíssimas dores intestinais; um líquido turvo dessorava dos seus pés e do abdome, que começava a apodrecer e fervilhava de vermes. Uma violentíssima tosse o martirizava e o seu hálito, que fedia atrozmente, era expelido em angústia e aflição; uma convulsão lhe agitava todos os membros em rápidos tremores, tirando as poucas fôrças que lhe restavam. Os adivinhos e iniciados nas artes mágicas diziam que Deus o castigava pela sua irreligiosidade e terrível crueldade. Entretanto, não obstante tudo isso, êle esperava sempre encontrar um remédio contra os seus sofrimentos; mandou chamar muitos médicos e pediu-lhes que tentassem todos os meios e lançassem mão de todos os recursos da sua arte. Depois, fêz-se transportar às aguas termais de Calliroe, além do Jordão, a leste do Mar Morto. Essas águas, que confluíam para o referido mar, eram muito salutares e podiam ser também bebidas. Além disso, ordenou aos médicos que lhe preparassem um banho de óleo quen-

te em uma grande quantidade, mas quando o imergiram neste, foi tomado de uma tal fraqueza que pensaram ter morrido e os seus servos começaram a gritar lamentosamente; quando tornou de novo a si, estava de vez sem mais nenhuma esperança de cura. Mandou então que dessem de prêmio aos soldados 50 dracmas por cabeça, fêz ricos donativos aos oficiais e aos amigos e regressou furibundo para Jericó» (92).

Neste último período da sua vida convocou as pessoas mais importantes do país e ordenou que fôssem prêsas na arena, exigindo de sua irmã Salomé e do marido desta, Alexandre, que promettessem de mandar transpassar a flechadas tôda aquela gente, logo após a sua morte, a fim de que houvesse um grande luto em todo o país, mesmo que a sua morte não fôsse lastimada por ninguém. Tal ordem não foi cumprida, (93) mas cinco dias apenas antes da sua morte mandou matar seu filho Antipatro, suspeito de haver atentado contra a vida do pai. Herodes I morreu pouco antes da Páscoa do ano 4 a. C.

Tinha um caráter violento e passional, duro e obstinado. Os sentimentos mais nobres e as emoções mais ternas lhes eram inteiramente desconhecidas. Quando via qualquer coisa que despertasse sua cobiça, tomava-a à fôrça, mesmo que custasse rios de sangue. Não poupava nem os seus íntimos amigos e parentes, nem a mulher, que assim mesmo o amava apaixonadamente (94). «Não obstante a sua astúcia e a sua energia, não era mais do que um homem vulgar» (95).

(92) *Antiguidade Jud.*, XVII, 6, 5.

(93) *Ibid.* XVII, 6, 5 e 8, 2. *Guerra Jud.* I, 33, 6 e 8.

(94) Schürer, *Geschichte des jüdischen Volkes*, I, p. 376.

(95) Hitzig, *Geschichte des Volkes Israel*, II, p. 559, citado por Schürer, I, 18.

c) Desordens na Palestina

A notícia da morte de Herodes chegou até à Sagrada Família no Egito. José tinha ordem de permanecer ali até nova disposição, «e ali ficou até a morte de Herodes» (Mt. 2, 13-15). O incubo tinha-se acabado e finalmente podiam respirar calmamente. Entretanto, não parecia oportuno voltar imediatamente porque uma completa viravolta de situação havia-se operado na Palestina, provocando grande agitação. Arquelau tinha sido indicado no testamento de Herodes, como sucessor no trono, porém com a cláusula da aprovação do imperador de Roma; as tropas já aclamavam o seu novo soberano e senhor. Depois de sete dias de luto, deu êle um grande banquete, dirigiu-se a Jerusalém, onde recebeu homenagens e levou sacrifícios ao Templo, assentou-se sobre o trono de ouro e prometeu mostrar a todos o seu reconhecimento e reinar melhor do que o pai. O povo o aclamou com entusiasmo e exprimiu-lhe o seu desejo: abaixamento das taxas, abolição do dízimo, libertação dos encarcerados. Tudo isso êle foi prometendo com grande satisfação geral, mas bem cedo a situação mudou completamente. Uma tempestuosa assembléia em Jerusalém pediu a morte dos favoritos de Herodes, reparação para o escriba Matias e seus cúmplices, que tinham sido queimados vivos, por haver deruído e espezinhado a águia de ouro da porta principal do Templo, e finalmente, a deposição do sumo sacerdote ilegalmente nomeado por Herodes.

Arquelau mandou então um alto oficial para acalmar os ânimos, mas êste nada conseguiu. Tendo pois enviado tropas de infantaria e de cavalaria, uma luta sangrenta se travou na qual foram mortos 3.000 homens. Foi isso durante a Páscoa e aquêles que participavam dela foram obrigados a deixar a cidade.

Arquelau foi então à Roma, para obter confirmação da dignidade real, disputada que estava sendo por Herodes Antipas que também se dirigia à grande metrópole para pleitear junto do imperador a sua pretensão. O resultado desta disputa foi que nenhum dos dois obteve o título de rei, mas o reino do velho Herodes foi dividido em quatro principados ou tetrarquias (96).

Neste ínterim, estourou em Jerusalém uma outra rebelião, mas o legado Varo puniu severamente os cabecilhas e confiou a Sabino o comando na Palestina. Este último oprimiu duramente o povo e desejando apoderar-se do tesouro de Herodes, tentou ocupar sua fortaleza, mas a guarnição recusou-se a entregá-la e Sabino foi cercado em Jerusalém, na festa dos Pentecostes, travando-se então uma dura batalha, durante a qual foram incendiados os magníficos átrios que circundavam a praça do Templo, perecendo muita gente no incêndio. Os Romanos se introduziram no Templo e saquearam o tesouro (97). Sabino se apoderou de 400 talentos. Dois mil antigos mercenários de Herodes impuzeram contribuições às propriedades reais na Iduméia, sob o comando de Acab, um neto do rei, o qual, derrotado, refugiou-se nas montanhas em lugares de difícil acesso (98).

Judas, filho de um certo Ezequias chefe de um bando de ladrões, que fôra executado por ordem de Herodes, assaltou o palácio real de Séforis, capital da Galiléia, sobrepujou as defesas da região, saqueou todo o território, roubando todo o dinheiro que encontrou. Espalhou o terror por toda a parte, pois carregava consigo tudo o que podia, ambicionando ainda por cima, a dignidade real (99).

(96) *Antiguidade Jud.* XVII, 9, 17.

(97) *Ibid.* XVII 2 e 3.

(98) *Ibid.* 4.

(99) *Ibid.* 5.

Esta era a situação na Galiléia, nas proximidades de Nazaré, onde a Sagrada Família não podia encontrar situação favorável para restabelecer sua residência, correndo José o risco de ser vítima das violências daquelas tropas.

Além disso, um escravo de Herodes, de nome Simão, homem de gigantesca estatura e bela aparência, pôs sobre a própria cabeça a coroa real e se fez proclamar rei pelos seus sequeiros; saindo depois a cometer assaltos e depredações, saqueando e incendiando o palácio real de Jericó e todas as propriedades reais daquela província. Esta rebelada gentilha conseguiu dominar até guarnições de soldados romanos não obstante o seu valor e superioridade de armamentos, mas acabou sendo vencida por Grato que mandou decapitar o chefe do bando (100).

Um pastor de nome Atronges, de gigantesca estatura também êle, rebelou-se com o auxílio dos seus quatro irmãos, igualmente robustos, atraiu muita gente em torno de si e pôs a coroa sobre a cabeça conseguindo infligir severas perdas aos soldados romanos e às tropas reais. Junto de Emaús êsses revoltados surpreenderam uma coorte romana que acompanhava um transporte de armas e mantimentos, ferindo muitos soldados e os perseguindo até que chegasse Grato com as tropas reais em auxílio aos assaltados. Mais tarde os irmãos foram dominados, entregando-se finalmente a Arquelau (101).

Faltava u'a mão firme que reunisse todos êsses elementos e os submetesse à ordem. Somente mais tarde foi isso conseguido lentamente pela ação conjunta das tropas reais e dos Romanos que, assim unidas, dispersaram os bandos desordeiros e abafaram as desordens no país.

(100) *Ibid.* 6.

(101) *Ibid.* 7.

O legado da Síria, Quintílio Varo preparou-se para desfechar o golpe decisivo. Concentrou suas tropas em Ptolemais (Akko): duas legiões, quatro esquadrões de cavalaria e as tropas auxiliares dos reis e dos tetrarcas. Beirut enviou 1.500 homens; Aretas IV, rei dos nabateus (Arábia do norte), mandou tropas e forneceu mantimentos. As suas tropas, que estavam cheias de ódio contra Herodes, incendiaram aldeias judaicas uma após outra, matando gente em feroz alegria. Emaús, incendiada, foi arrasada, para vingar a derrota da coorte romana. Jerusalém foi afinal atingida e Sabinio, que estava assediado dentro da cidade, foi libertado. Varo enviou contemporaneamente uma parte de suas tropas, sob o comando do filho do seu amigo Galo (ou do seu próprio filho) à Galiléia. Séforis foi destruída e incendiada no outono do 4º ano a. C., sendo os habitantes conduzidos presos, acorrentados e vendidos como escravos (102). Assim foi de novo restabelecida a ordem, tendo a guerra de Varo custado ao país enormes perdas de bens e de sangue.

d) A volta a Palestina

Um anjo disse em sonho a José que voltasse à Palestina. Mateus assim o conta: «Morto Herodes, um Anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: — Levanta-te, toma o menino e sua mãe e volta à terra de Israel, pois aqueles que queriam tirar a vida do menino estão já mortos. — Ele se levantou, tomou o menino e sua mãe e chegou à terra de Israel» (Mt. 2, 19-21). Isso pôde ter acontecido na primavera do ano 3 a. C. Os bandos armados de Judas, o Galileu, tinham sido destroçados no outono do ano 4. O inverno não seria a estação mais indicada para a viagem por

causa dos freqüentes aguaceiros na península do Sinai, não havendo no deserto proteção alguma contra a humidade e o frio. Podia-se contemporizar ainda, preparando tudo com calma e aguardar a melhor estação.

Na primavera o calor não é ainda tão deprimente e os poços ainda contêm água. A Sagrada Família se preparou com alegria para a viagem de volta; Jesus devia já estar no quarto ano de vida. José alugou camelos novamente e agregou-se a uma caravana, podendo desta feita escolher sem temor a melhor estrada, que passava pela nesga de terra de **el-Kantara**, assim chamada porque, nas inundações periódicas do Nilo, formava uma elevação de terreno entre vilarejos submersos, através do deserto arenoso de **el-Gifâr**. Esta região ora é uniformemente plana, ora suavemente ondulada e ora atulhada de dunas arenosas. Nas proximidades dos poços e das nascentes de água se encontram grandes e pequenos oásis de palmeiras; no oásis de Katja, que geralmente serve como ponto de descanso, havia 1.500 palmeiras. Vai-se avançando de poço em poço cada dia, porém muitos destes contêm apenas água salôbra, havendo um que era até chamado «poço da água podre», porque não era potável sua água, que exalava além disso um mau cheiro.

Estamos na primavera. As flôres das giestas ostentam sua esplêndida alvura, as pequenas flôres azuis das espinheiras alegram o olhar e as cotovias não gorjeiam sôbre as árvores, mas voam pelo ar. Há também que atravessar largos trechos de terrenos recobertos de brancas crostas de sal, que ofuscam a vista; as chuvas inverniais tinham dissolvido o sal do terreno, mas depois que a água se evaporou o sal se ajunta de novo em cristais de brancura deslumbrante. Esses terrenos se encontram geralmente nas proximidades do mar. Além de **Bir el-Abd** e passada **Bîr el-Magâra** a caravana

(102) *Ibid.* 10, 9.

atinge a cidade dos camaleiros, el Aris, cujo antigo nome era Rhinokorura, que significa «corte do nariz» (103). Pensava-se que tal nome derivasse do fato de ter havido um rei etíope, que havia conquistado o Egito, o qual mandava cortar o nariz dos delinquentes, em vez de mandar executá-los, supondo que não ousariam mais praticar o mal por causa da mutilação do seu rosto e que afinal os tivesse reunido naquela cidade, limítrofe entre o Egito e a Síria (104).

De Rhinokorura prosseguindo-se para o oriente, vadeava-se o leito do Wâdi el-Aris e chegava-se à fronteira da Palestina. Em Rafia a Sagrada Família encontrou a primeira cidade da própria pátria. A paisagem tornava-se cada vez mais fértil e sempre mais bela. Gaza, ao contrário, estava desabitada naquele tempo. A fim de se estabelecer com a sua família José pensava de escolher Belém como moradia, mas tinha a êste respeito temores justificados. Mateus narra por esta forma os fatos: «Tendo José ouvido que Arquelau reinava na Judéia em vez de Herodes, seu pai, teve receio de ir para lá e, avisado em sonho, retirou-se para o território da Galiléia e foi habitar em uma cidade chamada Nazaré, onde se cumpriu o que estava anunciado pelos profetas: «Ele será chamado Nazareno» (Mt. 2, 22 s.).

Arquelau voltou de Roma pela primavera do ano 3 a. C. tendo portanto chegado a Jerusalém pouco antes da chegada de José a Gaza, o que significa que, achando-se ainda no Egito ao tempo em que Arquelau foi nomeado tetrarca da Judéia, da Samaria e da Iduméia, José não tinha ainda podido saber dêste fato. O imperador recusara-lhe o título por êle tão ambicionado. O entusiasmo popular a princípio manifestado a favor de Arquelau, transformou-se logo em ódio,

(103) Estrabão, *Geographia*, XVI, 31.

(104) *Ibid.*

pois o seu reino se caracterizou pela crueldade e tirania (105). Era um homem temível sob todos os aspectos: nomeava e substituíra espontaneamente os sumos sacerdotes, a sua vida privada escandalizava os Judeus porque vivia êle em conúbio ilegítimo com a sua cunhada Glafira, mulher do seu irmão colaço Alexandre, que foi condenado à morte por Herodes, no ano 7 a. C. (106).

José então, atendendo ao aviso recebido em sonho, não se dirigiu para Belém ou para Jerusalém, tão terrivelmente assolada, mas de Gaza rumou para o norte. Dêste modo Maria pôde voltar de novo à terra natal, à cidade dos seus pais, a Nazaré, o lugar tão cheio de recordações da sua infância, onde tinha parentes e amigos afetuosos.

A luxuriante vegetação primaveril da planície dos Filisteus, entre Gaza e Jafa, e da planície de Sarren, do norte de Jafa, apresentou-se aos olhos encantados dos viajores como um jardim abençoado por Deus. Depois das últimas chuvas primaveris, em meados de abril, os trigais dourados ondulavam cheios de viço. «A planície vizinha ao mar tem uma serena e rica beleza (107). Até os alinhamentos das campinas são mórbidos e suaves, com o seu colorido vivo e variegado. Ao longo de quase tôda a praia corre uma cinta de colinas e de dunas ou de areia fina, de côr amarelada, ou de areia misturada com erva. Para além desta dourada linha limítrofe estende-se o mar azul, com as suas franjas de branca espuma. Descendo para a costa o terreno é de côr escura, cortado por valetas e alagadiços e algumas vêzes entupidas por depósitos de saibro grosso, misturado com argila. Encontram-se também lagoas cheias de água,

(105) *Antiguidade Jud.* XVII, 13, e *Guerra Jud.* II, 7, 3.

(106) *Ibid.* 13, 1 e 4; *ibid.* II, 7, 4.

(107) George Adam Smith, *The historical Geography of the Holy Land* 31 p. 147.

verdes caniços e juncos, que crescem nos terrenos encharcados, geralmente nas proximidades dos rios e regatos. Sobre os campos e banhados estão esparsas miríades de flôres: papoulas, anêmonas, convolvuláceas e malvas, narcisos e íris azuladas, rosas de Saron e lírios do vale. As margens, batidas pelo sol, são animadas pelas correrias ziguezagueantes dos lagartos, no ar puro e límpido esvoaçam enxames de abelhas e borboletas, ouvindo-se também o pipilar dos pássaros que receiosos, espiam, daqui e dali, se aparece, na luminosa transparência do céu, a mancha escura das asas de um falcão. Mesmo durante a noite, os ares palpitam de vida, cruzados pelo vôo dos pirilampos cintilantes, a acenderem intermitentemente suas lanterninhas fosforescentes».

Antigamente os arredores de Jamnia eram muito povoados e cultivados, e do seu recinto «podiam-se retirar 40.000 homens para o serviço militar». De Joze, era possível avistar Jerusalém, coisa que asseverava-se impossível devido à altura dos edifícios plantados à meia distância entre ambos. Os Judeus usavam aquela cidade como pôrto marítimo. «O ancoradouro dos piratas é, naturalmente, um covil de ladrões. Esses possuem ainda o Carmelo e o bosque de carvalhos» (108). Hoje não se consegue mais identificar o local onde existia este «bosque de carvalhos» uma vez que já passaram mais de dois mil anos depois da viagem de Estrabão e neste longo período o bosque referido foi devastado com grande prejuízo para a região, que se tornou mais árida, a tal ponto que a sua atual nudez não permite imaginar a pujante riqueza dos tempos passados.

Passando por Asdod, Jamnia, Lydda, prosseguia-se por breves etapas diárias até o grupo montanhoso do Carmelo, que se transpunha pelo passo Megido, para descer depois

(108) Estrabão, op. cit. XVI, 2, 28.

até a fértil planície de Esdremon, que parecia um mar ondulante de trigo maduro. Ainda uma subida bastante íngreme para o norte e entrava-se no vale de Nazaré que tinha a forma de uma concha. A Sagrada Família estava finalmente em casa!

Maria, José e o Menino Jesus foram de novo morar com Cléofas, como por lei tinham até direito. Os cansados viajantes foram saudados com alegria depois de quase três anos e meio de ausência. Como se admiraram os parentes ao verem pela primeira vez o pequeno Jesus! Nunca tinham visto um menino tão tranqüilo e ao mesmo tempo tão vivaz, tão afetuoso e alegre. Os filhos de Cléofas se alegraram pela chegada de um novo companheiro de jogos e logo o amaram com fraternal carinho.

Maria entrou como uma luz radiosa no círculo desta gente simples e boa e José retornou ao seu trabalho, agora mais abundante, pois a loucura da guerra tinha causado grandes malefícios e destruído muitas habitações. Justamente no ano seguinte Herodes Antipas começou a reconstruir Séforis, que tinha sido destruída antes, circundando-a de muros de fortificações e fez dela sua residência «para ornamento da Galiléia» (109), até que construiu inteiramente Tiberíades, no ano 18 d. C. e elevou-a à sede do govêrno. A reconstrução de Séforis empregou naturalmente muitos carpinteiros e assim José pôde trabalhar e ganhar durante todo aquele tempo, até mesmo em Nazaré, situada a 5 km, ao sul de Séforis.

(109) *Antiguidade Jud.* XVII, 2 1.

CAPÍTULO IV

EM NAZARÉ

1. Maria, dona de casa

Maria ocupou no mundo a posição que lhe foi designada e não se distinguiu em nada, na sua vida cotidiana, de todas as outras mulheres da sua condição, o mesmo acontecendo a José, que continuou a exercer o seu ofício de carpinteiro, para ganhar os meios de vida, para si e para a família, como todos os outros homens da sua terra, não se passando as coisas de modo diverso com Jesus, até que iniciasse sua vida pública. «Entretanto o menino crescia e se tornava forte e a sabedoria e a graça de Deus estavam sobre Ele» (Lc. 2, 40). Cheia de felicidade, Maria acompanhava o desenvolvimento do seu filho; mas tanto ela como José guardaram segredo sobre o mistério que se encerrava no seu nascimento. Por isso mesmo, mais tarde, quando Jesus começou sua vida pública, pregando com força e sabedoria e operando incríveis milagres, foi grande o espanto dos habitantes de Nazaré. «De onde lhe vêm tais coisas? E que sabedoria é esta que lhe foi dada, e como é que se realizam tais prodígios pelas suas mãos? Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E suas irmãs não estão aqui entre nós?» (Mc. 6, 2-3), diziam os seus concidadãos. Até os seus parentes mais próximos, aqueles que habitavam sob o mesmo teto e que comiam do mesmo prato,

não podiam imaginar quem fosse Aquêlê que vivia e crescia ao lado dêles.

Apesar de não possuírmos a menor notícia do que se passava na casa, sobre o seu governo e sobre as penosas obrigações que pesavam sobre os ombros de Maria, podemos no entanto descrevê-las de certo modo. Na coletânea de sentenças do Antigo Testamento que traz o título de «Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel», vem descrito no último capítulo o ideal da virtuosa dona de casa. Este belo poema foi composto provavelmente por um obscuro rei Lemuel de Massa. Começa com alguns conselhos da judiciosa mãe ao filho rei, depois o filho canta os louvores da sua mãe, imagem ideal da perfeita dona de casa. Vamos transcrever o inteiro capítulo:

«A mulher forte, quem poderá achá-la?

O seu valor excede a tudo o que vem de longe e dos
[confins da terra]

O coração de seu marido põe nela a sua confiança
e nada lhe faltará.

Ela lhe dará sempre prazer
e jamais lhe faltará o mal em toda a sua vida.

Buscou lã e linho
e teceu panos com a indústria de suas mãos.

Ela é como o navio mercante,
que trás de longe o seu trigo.

Levanta-se ainda com o escuro
e distribui alimento para sua família
e tarefas para suas domésticas.

Viu um campo, pôs-lhe mira e o comprou;
plantou uma vinha com o fruto do seu trabalho,

Cingiu seus rins de fortaleza
e robusteceu seus braços.

Viu com satisfação que o seu trabalho vai bem
e a sua candeia não se apagará de noite.

Pegou na estriça

e os seus dedos fizeram girar o fuso.

Abriu sua mão para o necessitado

e estendeu seus braços ao pobre.

Não temerá que venham sôbre sua família os rigores da neve,
porque os seus domésticos trazem vestidos forrados.

Fêz para si mantos e cobertas,

vestiu-se de linho e púrpura.

Seu marido será ilustre na assembléia dos juizes,
quando se assentar com os anciãos da terra.

Fêz uma túnica de linho e vendeu-a

e entregou uns cintos aos negociantes.

A fortaleza e o decôro são seus atavios,

e ela não temerá o futuro.

A sabedoria abre sua boca

e sua língua profere os ditames da bondade.

Fiscaliza a conduta da sua família

e não come o seu pão na ociosidade.

Levantam-se seus filhos e aclamaram-na ditosíssima

e seu marido cobriu-a de louvores:

«Muitas fizeram prodígios,

mas tu excedeste-as a todas.

A graça é enganadora e a formosura é vã;

a mulher que teme ao Senhor, esta é que merece ser louvada.

Dai-lhe o fruto das suas mãos

e nas portas da cidade seja ela louvada pelas suas obras»

(31, 10-31).

Nesse belo poema o poeta elogia a virtude, a habilidade
no govêrno da casa, a diligência, a largueza de vistas no

acrescer das riquezas e a profunda religiosidade duma boa
mãe de família. Esse texto era ensinado às meninas que
deviam aprendê-lo de cor. O marido desejava ter assim
uma espôsa, e os filhos viam nela o ideal da mãe. (Prov. 31,
28). Nos outros livros de sabedoria, acham-se algumas pre-
ciosas sentenças sôbre as sublimes virtude de uma mulher.
Eis alguns exemplos: Feliz quem vive com uma mulher
virtuosa (Ecl. 25, 8).

«Ditoso o homem que tem uma virtuosa mulher

porque será dobrado o número dos seus anos.

A mulher forte é a alegria do seu marido,

e lhe fará passar em paz os anos da sua vida.

A mulher virtuosa é uma sorte excelente,

é o prêmio dos que temem a Deus.

Terá satisfeito o coração, seja rico ou pobre,

e o seu rosto ver-se-á sempre alegre» (Ecl. 26, 1-4).

«A graça de uma mulher cuidadosa alegra o marido
e lhe infundirá vigor aos ossos.

Dom de Deus é uma mulher silenciosa,

nada é comparável a uma alma virtuosa,

Graça sôbre a graça é uma mulher santa e cheia de pudor,
não há preço que possa pagar uma mulher casta.

O que é o sol para o mundo quando nasce nas alturas dos céus
assim a bondade de uma mulher virtuosa orna a sua casa.

Como a lâmpada que brilha sôbre o candelabro sagrado,
assim é a graciosidade do rosto num corpo robusto.

Colunas de ouro sôbre bases de prata

são pernas formosas sôbre seus pés». (Ecl. 26, 13-18).

«Os pais dão casas e riquezas,

porém o Senhor dá propriamente uma mulher sensata»
(Prov. 19, 14).

«A formosura de uma mulher alegra o coração de seu marido
e produz nêle um afeto superior a todos os desejos do homem.
E se à beleza se aliar a solicitude da linguagem,

o seu marido terá uma vantagem não comum sôbre os
[homens.

O que possui uma mulher bondosa já começou a formar a sua
[fortuna;

tem o auxílio que é semelhante a uma coluna de apoio.

Sem a sebe que a defende, a vinha será roubada,
e sem a companhia da mulher, o homem suspira na
[indigência.

Quem confia em um bando armado,
que vagueia de cidade em cidade?

Tal é o homem que não tem ninho

e repousa onde a noite o surpreende» (Ecl. 36, 22-27).

A vida rural era extraordinariamente simples e modesta. O modo de construir as casas variou pouquíssimo no decurso de milhares de anos. A casa de campo na Palestina era uma construção em forma de cubo, feita de pedra escavada da montanha ou então de argila, na planície, onde havia falta de pedras. Formava um único espaço vazio, limitado por quatro paredes muradas, sem outras divisórias internas tendo por cima um teto plano. Uma só lâmpada era suficiente para todos que habitavam na casa (Mt. 5, 15). As paredes tinham uma adequada espessura que às vezes atingia até a um metro, apoiando-se sôbre blocos de pedra (1). A casa podia medir, no máximo, 9,87 m de comprimento, 8,60 de largura e 4,50 de altura (1). Na Palestina central, uma casa muito grande (na Cesaréia) media 7,50 x

(1) Cf. Karl Jäger, *Das Bauernhaus in Palästina*, Gottingen, 1912.

7,10 de área, mas geralmente elas eram menores, tendo apenas as dimensões de 2 x 2 x 3,85 (2). As casas de de argila eram inteiramente desprovidas de janelas; nas construídas de pedra havia, nos tempos antigos, sômente pequenos buracos ou fendas, colocadas no alto, de modo a não permitir que fôssem devassadas pela curiosidade dos que estivessem de fora. O interior da casa ficava privado de luz, mesmo de dia. Na parábola da dracma perdida, a mulher teve que acender a candeia, mesmo de dia para procurar a moeda (Lc. 15, 8). Talvez esta parábola recorde até algum caso acontecido na morada da Sagrada Família e a mulher fôsse a própria Maria; o mesmo podendo-se dizer com respeito a parábola do fermento, que recorda a mulher que prepara a massa para o pão.

Uma parte do pavimento interno, ao fundo, era mais elevada, cêrca de 60 centímetros ou pouco mais. A parte anterior, mais baixa servia de abrigo aos animais domésticos, e a mais alta era reservada aos homens. Ali ficava a lareira, mas sem chaminé, e muitas vezes formada apenas por três pedras levantadas sôbre as quais se colocava a panela. Havia também as ânforas para o trigo e a cevada, os potes para água, as panelas, o pequeno moinho a mão e os outros utensílios domésticos. O leito consistia em uma esteira, com uma espécie de apoio para a cabeça, ficando tudo enrolado em um canto; para ser, à noite, estendido por terra. Os moradores se deitavam com as mesmas roupas usadas durante o dia, o manto servindo de cobertura. Moisés havia proibido ao credor reter como penhor o manto para a noite — «pois é a sua única coberta; a veste do seu corpo nem tem outra com que dormir» (Êx. 22, 25 ss.). Seria tempo perdido procurar nas casas dos cam-

(2) *Ibid.* p. 15 ss.

poneses da Palestina móveis semelhantes aos que usamos; uma arca de madeira, servindo também de banco, bastava às mulheres para guardarem seus vestidos e ornatos; e o homem tinha suas coisas dependuradas de um grande cabide de pau ou a um espeque enfiado entre as pedras dos muros não rebocados. O rei Eliaquim foi comparado a uma cavilha afincada em lugar bem seguro, mas que depois se quebrará, e tudo o que estiver suspenso dela virá por terra e se partirá o que fôr frágil (Is. 22, 23-25).

Os pobres não tinham nem mesas nem cadeiras, assentando-se no chão, mesmo quando comiam. A comida era posta sobre uma laje de pedra ou sobre uma prancha de madeira. Não havia colheres, garfos nem facas; o alimento era tomado com as mãos, os dentes serviam para cortar e para ensopar os alimentos líquidos tomavam pedaços de pão mole.

O trabalho cotidiano de Maria começava muito cedo, de manhã, depois de haver rezado a oração matinal, tomava o moinho à mão e preparava a farinha fresca. Até hoje é ainda motivo de ufania para a dona de casa campesina ter sua farinha fresca cada dia. Na barraca de uma família beduína o autor ouviu o chiado do pequeno moinho às três horas da madrugada. Junto da mãe duas mulheres se ajudam voluntariamente (Mt. 24, 41). Maria, a mãe de Jesus, terá feito esse pesado e fatigante trabalho juntamente com sua cunhada, Maria, a mãe de Cléofas. Depois a farinha era peneirada e misturada com o fermento e molhada com água e amassada «para que tudo fôsse fermentado» (Mt. 13, 33).

Enquanto se operava essa fermentação, fazendo crescer a massa, o forno era aceso do lado de fora, no pátio, usando-se como combustíveis as aparas de madeira da ofi-

cina de José, ramos secos, restolhos e troncos dos campos ou então estrume seco misturado aos restos de forragem dos animais domésticos. Andar à cata destes combustíveis bem como amontoar o estrume era tarefa das mulheres. O pão era o principal alimento, acompanhado de favas, lentilhas, milho, pepinos, melancias, cebolas, tomates, toda a espécie de verduras e de frutas, especialmente figos secos, uvas e também leite fresco e coalhado, queijo, manteiga e mel. Com menos freqüência a carne fresca ou salgada dos animais domésticos e peixes do lago de Genesaré; sendo ainda mais rara a carne dos animais silvestres, pois a caça era privilégio e divertimento das classes ricas. As hortas forneciam ainda anis, hortelã, mostarda, alcaparra, araruta. Uma hábil cozinheira podia preparar saborosas iguarias, diversas cada dia. Maria aprendeu a arte culinária com sua mãe, e seria naturalmente capaz de cozinhar muito bem. Jesus deu mais tarde uma boa regra de vida aos seus discípulos: «comei e bebei do que tiver a gente e o que vos fôr oferecido» (Lc. 10, 7 ss.). Aqui podia-se oferecer também um gole de vinho, que naquela região era bom e barato.

Maria tinha que cuidar também da roupa dos membros da família, sendo de fato obrigação sua, trabalhar, fiar, tecer e costurar o linho e a lã. O seu trabalho mais importante foi a túnica de Jesus, tecida toda inteira, de alto a baixo, sem uma só costura. Os soldados que o crucificaram a julgaram assim tão bela e preciosa que não quiseram rasgá-la para dividi-la entre si, preferindo tirar a sorte para ver a quem tocava (Jo. 19, 23 ss.). Até hoje as mulheres da Galiléia são hábeis nessa arte (3). Não obstante os seus recursos pecuniários serem modestos Maria certamente fez para si vestimentas de bom gosto. Os trajes atuais das mulheres da Palestina são ainda os mesmos

(3) Lees, op. cit. p. 58.

de há 2.000 anos passados, soltos e folgados. A túnica feminina era comprida, chegando aos tornozelos, tinha mangas largas e era presa ao corpo por um cinto, que permitia arregaçá-la um pouco para cima durante o trabalho ou em viagem. Não usavam fivelas, nem botões com as respectivas casas (4). Sobre a túnica, Kuttônet, que hoje é azul no sul da Palestina, e branca ao norte, as mulheres traziam um largo manto que caía da cabeça sobre os ombros e envolvia totalmente a pessoa; hoje êsse manto é de listas vermelhas e pretas. O véu era usado somente em casos especiais. Geralmente andavam descalças, mas nas longas viagens usavam as sandálias; as meias eram completamente desconhecidas. As mulheres ricas podiam dar-se a outros luxos (Is. 3, 23), mas não assim as pobres das aldeias. Terá Maria também usado enfeites? Pode ser que ela se adaptasse aos usos e costumes locais para não dar muito na vista. O oriental é um povo muito amante de enfeites. Basta ler o terceiro capítulo de Isaías para se ver quantos ornatos usavam as mulheres frívolas de Jerusalém, considerando-se ainda que a lista certamente não é completa. São especificados: broches, fivelas, faixas, colares, correntes, brincos, braceletes, pulseiras, véus, fitas, polainas, chales, amuletos, vasozinhos de perfumes, anéis e arrecadas, os pingentes frontais de pedras preciosas, e os vestidos de festa e os mantos, as charpas, os alfinêtes encastoados, os espelhos, os lenços delicados e as roupas de verão (3, 16-24). Todos os objetos desta longa lista são facilmente identificáveis.

Ao seu discípulo Timóteo, escreve São Paulo com referência às mulheres: Do mesmo modo, as mulheres se vistam com trajas decentes, sem quebra da modéstia e vergo-

(4) *Ibid.* p. 59.

nha e não cheias de jóias, de ouro e pérolas ou de vestimentas preciosas mas com boas obras, como convém às mulheres que fazem profissão de piedade. A mulher deve aprender em silêncio, com toda a obediência. Não permito à mulher que ensine (na igreja) nem tenha domínio sobre o homem; mas esteja em silêncio, porque Adão foi formado primeiro e depois Eva; mas a mulher seduzida, prevencionou. Contudo, salvar-se-á pela educação dos filhos, se permanecer na fé e na caridade e na santidade, com modéstia (1 Tim. 2, 9-15). Êsse era o ideal da mulher cristã e êsse ideal Maria o personalizou como nenhuma outra.

Além do trabalho doméstico, Maria devia partilhar também do trabalho dos campos, pois vivia na grande família rural de Cléofas, o irmão de José. O campônio da Palestina devia banhar o solo com o suor do seu rosto. Maria andava alegremente a trabalhar na terra, a carpir o terreno, a ceifar o trigo e a cevada, a vindimar e tomava parte, com alegria, na festa da colheita. Por certo não era rude nem retraída, tomando de bom grado, parte nas festas nupciais, tendo em uma delas providenciado, com a sua maternal intercessão, para que não faltasse o vinho, que produz alegria e satisfação. Bem sabia ela que o Pai celestial concede, ou melhor ainda, prepara êle mesmo para seus filhos todo júbilo honesto e puro, pois não é um Deus tenebroso e se afasta somente dos prazeres envenenados e dos frutos malsãos do pecado.

Na Sagrada Família sabiam todos santificar o trabalho com a oração, rezando em casa segundo as fórmulas então em uso: «Escuta Israel (S^{ma}) e a «oração das 18 bênçãos» (S^{ma} mone csre), com as quais Maria já se tinha habituado na casa paterna. Depois, aos sábados, tomavam

parte no serviço divino da sinagoga, e todos os anos iam a Jerusalém pela festa da Páscoa (Lc. 2, 41).

Maria certamente não se contentava apenas com as orações prescritas, exultando sua alma de santa alegria só com o pensamento de Deus (Lc. 1, 47). Ela sentia a necessidade de orar e não deixou jamais de fazê-lo, conforme os ensinamentos do seu divino Filho (Lc. 18, 1). Espetáculo maravilhoso poder contemplar o interior de sua alma puríssima e observar a sua vida de oração, mas qualquer tentativa desse gênero já está de antemão condenada a naufragar. Estamos diante de portas hermeticamente fechadas. Somente uma vez foi aberta uma fresta para dentro do seu íntimo: foi o cântico de louvor que ela entoou na casa de Zacarias: o Magnificat nos deixou ver em Maria uma pessoa de intensa vida interior, habituada à meditação e à oração.

À oração juntava-se a penitência, observando-se os dias de jejum prescritos pela lei, como o dia do grande perdão, durante o qual não comiam, não bebiam, não se lavavam nem se perfumavam, nem punham sandálias, ou então nos dias de luto nacional, e de grande calamidade pública. Podiam ser observados dias de jejum e de penitência por iniciativa e escolha próprias também. O próprio Jesus jejuou e se preparou por esse modo para a vida pública e o Seu ensino. Maria, a sua melhor aluna, não se teria por certo recusado a executar esse salutar exercício, que tem uma grande função educativa na vida espiritual. Quem não consegue pôr um freio aos seus instintos naturais e submetê-los à razão, mas cede cada vez mais às suas exigências, não subirá jamais os altos degraus da vida espiritual. A própria atração sexual, lícita dentro do matrimônio, deve ser disciplinada, a fim de armazenar energias físicas e es-

pirituais e dar rija têmpera à vontade, que assim conseguirá mais facilmente dominar os maus instintos que todos nós temos.

A esmola era também recomendada com freqüência no Antigo Testamento.

«Estende tua mão também ao pobre,
a fim de que teu sacrifício de expiação e tua oferta sejam
[perfeitos.]

A beneficência é agradável a todos os vivos
e não impeças que ela se estenda aos mortos.
Não deixes de consolar os que choram
e socorrer aos aflitos.

Não sejas preguiçoso em visitar aos enfermos
porque é assim que te fortificarás na caridade.
Em todas as tuas ações lembra-te dos teus novíssimos
e nunca jamais pecarás» (Ecl. 7, 36-40).

As tendências de Maria para a indulgência e a beneficência resplandecem, no episódio das bodas de Caná, quando ela notou, com finíssima intuição feminina, o embaraço dos esposos e sem esperar solicitação, procurou suprir à falta que acabara de verificar. Nenhum pobre, por certo, batera em vão à sua porta. Ela dava com alegria o pouco que possuía.

2. Jesus fica no Templo

Naqueles anos serenos e tranqüilos verificou-se um acontecimento singular, que feriu dolorosamente o coração de Maria na sua ternura materna. «Os seus pais iam todos os anos a Jerusalém nos dias solenes da Páscoa. E

quando chegou aos doze anos, indo êles a Jerusalém segundo o costume daquela festa, acabada esta, quando voltavam, ficou o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais dessem pela sua falta. E julgando (cada um) que estivesse êle na comitiva do outro (pois saíam separados) caminharam uma jornada e (depois) o procuraram (juntos) entre os parentes e conhecidos. E não o encontrando, voltaram a Jerusalém à sua procura» (Lc. 2, 41-45).

A Sagrada Família participava intimamente das festividades celebradas no templo. O autor do livro do Eclesiástico descreve com entusiasmo como se celebrava o serviço divino no Templo, assistido por êle no tempo do Sumo Sacerdote Simão, filho de Onias (talvez o segundo Onias, entre o III e o II século a. C.)

«Como era venerável ao se aproximar do altar,
saindo fora da cortina!

Era como uma estrela brilhante através das nuvens,
como a lua cheia nos dias de solenidade;
como o sol radioso sobre o templo do Altíssimo

e como o arco-íris que reluz entre as nuvens transparentes.

Era como uma rosa nos dias de primavera

e como os lírios que estão junto da corrente de água

e como o brôto do Líbano na estação do estio,

e como o incenso que arde no fogo,

como um vaso de ouro maciço,

ornado de toda casta de pedras preciosas,

como a oliveira que brota

e como o cipreste que se eleva ao alto,

quando tomava sua vestidura de glória,

e quando se revestia de todos os ornamentos de sua dignidade;

quando subia ao altar santo

fazia brilhar as suas vestiduras sagradas.

Recebia as porções das vítimas das mãos dos sacerdotes
e conservava assim de pé junto do altar,
e em volta dêle os seus filhos formavam uma coroa,
como rebentos de cedro do Líbano.

Estavam ao redor dêle como os ramos de uma palmeira
e todos os filhos de Arão estavam na sua glória.

As oblações destinadas ao Senhor estavam nas mãos dêle
na presença de toda a assembléia de Israel.

E para consumir o sacrifício sobre o altar

e para tornar mais solene a oblação ao Rei excelso,
estendia a sua mão para fazer a libação
e derramava o sangue da uva.

Derramava-o ao pé do altar

como um perfume divino ao Príncipe excelso.

Então os filhos de Arão levantavam suas vozes,

e tocavam as suas trombetas feitas de metal batido a martelo
e faziam ressoar um grande concêrto
para renovarem diante do Senhor a memória (de sua
[aliança]).

Então todo o povo se apressava

e se postava com o rosto por terra,
para adorar o Senhor seu Deus

e oferecer votos ao Deus onipotente e excelso.

E os cantores levantavam suas vozes

e naquela casa ressoava um cântico cheio de suavidade.

E todo o povo elevava seus cânticos

e fazia suas preces ao Senhor excelso,

até ficar de todo completo ao Senhor

e terminadas as funções sagradas.

Então descendo (do altar) levantava a mão

sobre todo o congresso dos filhos de Israel,

e a bênção do Senhor ressoava nos seus lábios,
para se gloriar no seu nome.
E de novo se prostravam uma segunda vez,
para receber dêle a bênção» (Ecl. 50, 5-21).

A alegria daquela Páscoa se transformou porém em dor para Maria e José, quando voltavam para casa. Bem se pode imaginar a angústia e o espanto de Maria logo que verificou a falta do divino Infante. Os tempos eram bastante maus e podia-se temer sempre o pior. A peregrinação durante a qual Jesus permaneceu em Jerusalém devia ter-se realizado na primavera do ano 7 d. C. No ano precedente uma declaração de nobres Judeus e Samaritanos (o interesse comum os tinha unidos) foi a Roma para protestar junto ao imperador Augusto contra Arquelau, cuja tirania e crueldade tinham-se tornado insuportáveis, sendo particularmente acusado de não cumprir as ordens do imperador. Arquelau foi chamado a Roma e não tendo sabido justificar-se nas discussões perante o imperador, foi reconhecido culpado e por isso exilado em Viena nas Gálias, de onde não mais voltou, sendo os seus bens confiscados (5).

O imperador nomeou então Copônio governador do território de Arquelau; Quirino, legado da província da Síria, à qual estava sujeita também a Judéia devia fazer um arrolamento dos bens de todos os habitantes do território submisso à sua jurisdição. Esta decisão suscitou a princípio grande descontentamento entre os Judeus, mas o Sumo Sacerdote Joazar soube acalmá-los com tanta prudência que eles se conformaram assim com as ordens recebidas. Somente um exal-

(5) *Ant. Jud.* XVII, 13, 2-3; *Guerra Jud.* II, 7, 3.

tado deu origem a tumultos, Judas, de Gamala, uma localidade a 18 km a este do lago de Genezaré, no território dos Gaulanítides. Ele se aliou a Sadoc, o fariseu, levantou o povo da sua região, afirmando que o consentimento nada mais significava do que uma completa escravidão e que era preciso defender a própria liberdade e que todo o mundo estaria com eles, caso se unissem e corajosamente recusassem a satisfazer a exigência imposta e combatessem pela liberdade, acrescentando que Deus os havia de ajudar na sua defesa contra os Romanos. O povo foi logo instigado e induzido à rapinagem e ao homicídio não havendo malefício que não fôsse cometido onde combatessem aqueles dois, até que finalmente os dois cabecilhas se voltaram um contra o outro: saques, roubos, incêndios flagelaram toda a região e tudo servia para o enriquecimento dos autores desta rebelião (6). Gamaliel recordou perante o Sinédrio o aniquilamento de Judas «o Galileu» (como era chamado) e a dispersão do seu bando «no tempo do recenseamento» (Atos 5, 37). O recenseamento foi feito no ano 37 depois da batalha do Ácio (2 de set. de 31 a. C.), entre setembro de 6 d. C. e setembro de 7 d. C., aproximadamente no período em que o Menino de doze anos ficou no Templo e foi procurado por Maria e José (7). É compreensível então que os peregrinos para a festa da Páscoa se unissem nos longos trechos do caminho (Lc. 2, 44) e que alguns homens levassem consigo armas defensivas (8).

Maria e José logo que verificaram que Jesus não estava entre os companheiros de viagem, voltaram imediatamente para Jerusalém, não obstante já terem caminhado bastante

(6) *Antiquidade Jud.* XVIII, 1, 1.

(7) *Ibid.* XVIII, 2, 2.

(8) Cf. Lc. 22, 38 e 49 ss.

durante aquêles dia e se acharem a cêrca de 30 km de distância. Nesta hora de aflição foi um conforto para Maria ter em José um companheiro tão compreensível e enérgico, que participava de todo o coração, das suas preocupações (Lc. 2, 48). Seria já meia-noite quando os dois, cansadíssimos, chegaram à Cidade Santa, onde trataram logo de procurar Jesus em casa dos conhecidos, que responderam negativamente às suas perguntas pois não haviam visto Jesus depois da partida dêles. E assim tôdas as suas buscas e pedidos de notícias nada adiantaram, nenhuma informação sendo obtida. Maria passou então uma noite em claro, sem poder dormir, e a angústia e preocupação pelo Seu muito amado Filho ia cada vez aumentando mais. Que coisa poderia ter acontecido em tão calamitosos tempos? Os bandos de Judas de Gamala não recuavam nem mesmo diante do rapto de pessoas. Além disso, parecia empresa fadada ao insucesso a tentativa de procurar o Menino entre os milhares de peregrinos que enchiam tôdas as ruas e praças da cidade. Sômente o Pai dos céus poderia vir em auxílio dêles em um caso assim tão desesperado, e a Êle recorreram Maria e José.

Dirigiram-se por isso, de manhã bem cedo ao Templo para aliviar com a oração a angústia dos seus preocupados corações. E lá chegados, viram um numeroso grupo de homens no auditório de Salomão, onde os rabinos costumavam ensinar aos seus alunos. Aproximando-se do grupo «eis que, depois de três dias, o encontraram no templo, sentado entre os doutôres, ouvindo-os e interrogando-os. Ora, todos aquêles que o escutavam, ficavam maravilhados da sua inteligência e das suas respostas. E vendo-o ali admiraram-se e sua Mãe disse-lhe: — Filho, por que fizeste assim conosco? Eis que teu pai e eu te procurávamos, cheios de aflição. E êle lhes respondeu: — Por que me buscáveis? Não sabeis que devo

ocupar-me das coisas de meu Pai? Mas êles não compreenderam o que lhes disse» (Lc. 2, 46-50).

As últimas palavras dêste trecho indicam claramente a fonte de onde provieram. Que outra pessoa, além de Maria poderia ter dito que êles não compreenderam a resposta de Jesus? Era ela tão humilde que chegou a confessar que não apanhou na ocasião o profundo sentido das palavras do seu Filho.

A pergunta da Mãe nasce da sua íntima e intensa dor: «Filho, porque fizeste isso?» Ela trata Jesus como criança ainda, se bem que êle tendo já completado doze anos de idade, dentro em breve, ao atingir os treze, já poderia tornar-se membro efetivo da comunidade religiosa. A ternura de Maria vibra intensamente nestas palavras: «Como pudes-te agir assim, causando-nos tamanha dor? Devias pensar no sofrimento que nos estavas causando e quanto temor e angústia nos oprimiriam o coração a tua perda». Ela não conseguia entender como não tivesse compreendido tudo isso o seu Filhinho tão inteligente e dócil até então. Se tivesse dito aos Seus pais que desejava ficar ainda no Templo, Maria teria consentido, anuindo prazerosamente a êsse desejo, porque a sua alma, em nenhum outro lugar do mundo sentia-se tão à vontade como no santuário de Deus. Teria o seu Filho esquecido naquela ocasião o quarto mandamento? Em muitas passagens dos Livros sacros era recomendado o máximo respeito e obediência aos pais. Por exemplo:

«Um filho sábio é a alegria de seu pai,

o filho insensato é a tristeza da mãe» (Prov. 10, 1).

«Observa, meu filho, os preceitos de teu pai

e não abandones a lei de tua mãe» (Prov. 6, 20).

«A quem escarnece de seu pai

e a quem despreza a mãe
arranquem seu olho os corvos do vale
e comam-no os filhotes de águia» (Prov. 30, 17).
«Quem honra seu pai viverá uma longa vida
e terá a bênção de Deus quem dá gosto a sua mãe
e serve aos seus pais como senhores» (Ecl. 3, 6 s.).

Não. Jesus não tinha esquecido; uma vontade superior o tinha retido no Templo, a vontade do seu Pai celeste. A Mãe terrena devia conformar-se e Jesus não se desculpou com ela, que devia compreender que êle cumpria o desejo do Pai sem precisar atender a mais ninguém, nem mesmo àquelas pessoas que lhe eram mais caras. Nisso deviam ter pensado Maria e José quando não o encontraram em nenhum outro lugar senão no Templo. A réplica de Jesus: «Porque me buscáveis? Não sabeis que me devo ocupar de tudo que se refere a meu Pai?» soava quase como uma leve repreensão; êle queria dizer que não lhe restava outra alternativa e que a vontade do Pai o obrigava e o Seu amor o impelia. Sim, êste amor pelo Pai o levará a maiores sacrifícios ainda. «Porque eu faço sempre aquilo que é de seu agrado» (Jo. 8, 29). «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que me enviou» (Jo. 4, 34). Êste amor infinito lhe fará brotar dos lábios as palavras: «Pai, não a minha, mas a sua vontade seja feita», palavras estas que pronunciará tendo diante dos olhos a visão nítida da Sua Paixão, que está se aproximando, ou já sob a sombra da cruz, como se poderia mesmo dizer. Para a sua natureza humana isso não era fácil, mas depois de haver orado, depois de se achar repleto de angústia e temor, ofereceu-se como luminosa vítima na terrível morte sôbre a cruz. De igual modo, não teria sido coisa agradável para Êle fazer passar por uma tal provação,

as pessoas que mais amava e mais profundamente venerava: Maria e José. E como poderia desejar mais tarde ser imitado pelos Apóstolos e seus sequazes, se êle próprio não tivesse sofrido?

«Quem ama seu pai e sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim» (Mt. 10, 37). Também êle não devia amar a Mãe e o Pai adotivo mais do que o Pai celeste. Sòmente Deus o havia retido no Templo, o imenso amor de Deus não lhe permitia afastar-se. Isso foi para a Mãe um doloroso ensinamento que lhe iria servir nas trágicas horas da sexta-feira santa.

Não nos devemos admirar por não terem Maria e José compreendido logo êsse raciocínio; as provações da sua vida tinham começado apenas, na escola da cruz. Maria apenas se iniciava. Como nenhuma outra mulher no mundo, ela suportará as mais duras provações. Conservou sempre consigo as palavras de Jesus e encontrou nelas um imenso tesouro a meditar. «E desceu com êles, e foi para Nazaré e era-lhes submisso. E sua Mãe conservava tôdas estas coisas no seu coração» (Lc. 2, 51).

Jesus doravante, recompensará sua Mãe e o Pai adotivo com tanto amor e cuidado, com uma perfeita obediência, com uma infantil submissão, como se quisesse fazer-lhes esquecer aquêles três dias tão tristes.

Com secreta e vibrante admiração Maria acompanhava o desenvolvimento do seu Filho. «No entanto Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus, e dos homens» (Lc. 2, 52). Como homem Jesus crescia bem; sendo isento do pecado, a sua inteligência não tinha nenhuma desordem, a sua vontade nenhuma fraqueza e o seu espírito nenhum obscurecimento. Seu pensamento era sempre claro e penetrante. A sua conversação era franca e expressiva, as

suas decisões meditadas e realizadas com fôrça e coragem, seu amor profundo e fiel, a sua iria razoável e intrépida, imensa sua compaixão para com todos que sofriam. A mentira e a hipocrisia Lhe eram odiosas e assim também a crueldade e o orgulho; tendo herdado ótimas qualidades da sua Mãe puríssima, isenta do pecado também ela, muito se assemelharia a sua Mãe, tanto no caráter como nos traços somáticos. Mãe e Filho mutuamente recambiaram certas coisas do seu ser. Junto a Jesus, Maria terá também crescido espiritualmente e terá enriquecido sua alma, fortificando-a na virtude. O Pai celeste terá observado isso com alegria e satisfação, voltando para Maria o seu olhar cheio de bênçãos. As duas almas, da Mãe e do Filho, se achavam e se sentiam unidas no amor de Deus.

Um espêso véu esconde aos nossos olhos os dezoito anos que transcorreram até que Jesus começasse a vida pública. Durante êsse tempo êle passou da infância à madureza, exerceu o ofício de carpinteiro e conquistou a estima dos concidadãos («Êle crescia — em graça — perante os homens») porém nenhum dêles imaginou o seu verdadeiro ser. «No meio de vós está um que vós não conheceis», dizia o Batista (Jo. 1, 26). Sòmente Maria e José sabiam quem fôsse Êle, mas ficaram calados e esperavam até quando Deus quisesse.

Não queremos tentar levantar o véu que cobre êsses dezoito anos, cheios de mistérios, pois nada conseguiríamos. Tôdas as tentativas para penetrar na vida íntima de Maria e de Jesus, nesse tempo, fracassaram, nem sendo possível lançar o mais ligeiro olhar para êste período de verdadeiro eclipse. Nestes anos repletos de felicidade, na mais perfeita intimidade com o seu Filho, Maria acreditou espiritualmente e atingiu a mais sublime perfeição. Aquilo que Jesus dirá

mais tarde nos seus discursos foi, com freqüência, matéria de conversação na Sagrada Família. Em sua Mãe achou Jesus a primeira e a mais dócil aluna. Se nós «temos recebido tudo da plenitude dêle» (Jo. 1, 16) se êle «diz para todos nós a palavra de Deus» e, se «o Espírito Santo dá sem medida» (Jo. 3, 34), quanto Maria, que estava próxima a nascente e tinha em suas mãos o vaso precioso de sua alma pronto a receber a água borbulhante de vida eterna, terá sido enriquecida da plenitude da graça.

3. A morte de José

A morte de José devia ter ocorrido durante êsse período de vida oculta de Jesus, pois de fato êle não aparece jamais na sua vida pública, sendo lógico pensar que não existisse mais. Quando, por exemplo, os parentes de Jesus vieram procurá-lo, porque foram dizer-lhe que êle estava fora de si (Mc. 3, 21 ss.) e o acharam em sua casa, cercada por uma grande multidão, são nomeados apenas Maria e «os irmãos» (Mc. 3, 32) mas não se fala em José. Na desagradável e agitada cena da sinagoga de Nazaré, Jesus foi chamado «o filho de José» (Lc. 4, 22 e Jo. 6, 42) ou então o filho do carpinteiro» (Mt. 13, 56 e Mc. 6, 3). José não está presente nem mesmo nas bodas de Caná. Em Cafarnaum Jesus é acompanhado sòmente por Maria, pelos «irmãos» e pelos discípulos (Jo. 2, 12). Tampouco aparece José na narrativa da Paixão e no cenáculo entre os fiéis de Jesus reunidos em Jerusalém (At. 1, 14). Ainda mesmo que o silêncio dos Evangelistas não seja só por si uma prova irretorquível de que José não vivesse mais, a hipótese de sua morte é todavia, a que mais clara e convincentemente explica êste silêncio.

Maria amava de todo o coração o seu marido, o esti-

mava por suas assinaladas qualidades e por suas virtudes, pois que era um homem sincero e casto. Ele tinha compreendido o voto de Maria e o tinha aprovado, e possuindo um caráter reto, sabia dominar-se na adversidade e não condenava ninguém, enquanto não tivesse certeza. Para ela foi um guia prestimoso e um poderoso auxílio na fuga para a terra estrangeira, um espôso afetuoso que tinha participado da sua dor pela perda do Filho e prestou-lhe um grande auxílio na procura dêle. Dos poucos traços que o Evangelho dedica a José, podemos reconhecer nêle uma forte e relevante personalidade.

Bem podemos imaginar quanto Maria sentiu a perda dêsse homem de ânimo tão grande e de tão bom coração, e sob cuja proteção ela sentia-se tão segura. Tinham estado unidos na alegria e na dor, no cumprimento da grande promessa de Deus e nos cuidados de Jesus. Juntos tinham orado, trabalhado, vivido os dias de trabalho, festejado os dias prescritos e tomado parte nas peregrinações. Tinham sido uma coisa só, na sua fé no Salvador e no amor a êle.

José não alcançou uma idade muito avançada, porque ao tempo do seu matrimônio, ocorrido pelo ano 8 a. C., não tinha mais de 25 anos, ou talvez ainda menos. Se morreu pouco antes da vida pública de Jesus, teria presumidamente 57 anos, não sendo possível atribuir-lhe idade mais avançada. São completamente falsas as gratuitas afirmações sustentadas no proto-evangelho de Tiago e também pelo bispo Epifânio de Salamina, de Chipre, que o fazem velho, octogenário e encanecido, por ocasião do nascimento de Jesus. De um velho decrépito e octogenário Maria não poderia obter nenhuma proteção, durante as longas viagens que tiveram de empreender. No tempo em que Jesus, então com doze

anos de idade, ficou sozinho no Templo, deveria ter noventa anos. Em vez disso, a Mãe de Jesus necessitava de um homem jovem, robusto e hábil no trabalho, que lhe prestasse verdadeiro auxílio e proteção eficaz.

Nada sabemos também a respeito do túmulo de José, sepultado certamente nos arredores de Nazaré, sua terra natal talvez somente por alguns anos. Talvez fôsse também êle um daqueles justos que ressuscitaram com Jesus (Mt. 27, 25 ss.) e agora está certamente entre o seu glorioso séquito no céu.

Publicado em www.leiturascatolicas.com

Maio/2013

CAPÍTULO V

MARIA NA VIDA PÚBLICA DE JESUS

1. O Adeus

Depois da morte de José, Jesus trabalhou ainda por algum tempo no ofício de carpinteiro (Mc. 6, 3). Aproximava-se o tempo em que êle devia mostrar-se ao mundo e iniciar uma grande empreza — a fundação do reino de Deus. Vinda das margens do Jordão, ouvia-se ressoar por toda a região, uma voz clara e forte: «Fazei penitência, porque o reino dos céus está próximo!» (Mc. 3, 2). Uma grande massa de povo aglomerou-se em torno do singular profeta que «estava vestido de uma pele de camelo, com um cinto de couro ao redor do corpo e se nutria de gafanhotos e mel silvestre» (Mc. 1, 6). Uma multidão de gente, vinda da Judéia e de Jerusalém, acorria para junto dêle, escutava suas inflamadas palavras e deixava-se batizar nas águas do rio. A notícia chegou até a Galiléia e então os pescadores deixaram suas rêdes, os lavradores os seus campos, os artesãos as suas oficinas e correram todos em peregrinação para junto de João Batista, filho de Zacarias. Até na tranqüila Nazaré ouviu-se falar das cenas extraordinárias que se desenrolavam sobre as margens do Jordão. As palavras do sacerdote Zacarias ressoaram na mente de Maria: «Deus visita o seu povo e lhe suscita um Salvador... e tu, ó menino, serás chamado profeta do Altíssimo, e precederás, de fato, a presença do Senhor, para preparar os seus caminhos» (Lc. 1, 68. 76). Para Jesus estava dado o sinal: pondo de lado o machado

e as ferramentas de carpinteiro, deixa a casa, a terra natal, a Mãe, os parentes e vai ter com João.

Maria compreendeu então que estavam próximos grandes acontecimentos e que tinham-se acabado os dias felizes da vida comum na oração e no trabalho, as transcendentales conversações sobre Deus, os seus planos e as suas ações divinas. Uma humanidade espiritualmente empobrecida, moralmente decaída, visitada pela miséria, estendia as suas mãos cada vez mais ansiosamente para um Salvador. Esse Salvador era o seu Filho, ela o sabia desde a Anunciação de Gabriel. Não se lhe teria apertado o coração pensando nas graves palavras de Isaías que descreviam os sofrimentos do enviado de Deus, ou recordando as profecias de Simeão, o qual disse que seu filho foi pôsto para a «queda e a ressurreição de muitos em Israel», como «sinal de contradição», e que «a sua alma seria trespassada por uma espada»?

Jesus se despede e vai ao encontro do seu destino. O adeus se fez sem muitas palavras pois a gente daquela terra economiza as palavras até nos mais importantes acontecimentos da vida. Maria aceita silenciosamente a vontade divina; Jesus vai porque o Pai o chama, e partindo, leva consigo todo o seu amor.

Como ficou vazia a casa, como ficou silenciosa a oficina, e deserto o lugar, agora que êle, sua luz e sua vida, está longe! Começam a passar várias semanas sem que chegue notícia nenhuma. Foi como se Jesus tivesse desaparecido.

2. Nas bodas de Caná

Chega então à Maria um convite, para um casamento em Caná; talvez os esposos fôssem parentes ou amigos. Maria aceitou-o e se dirigiu para lá, não como hóspede ociosa,

mas para ajudar a família nos preparativos da festa nupcial. Em tais circunstâncias as amigas e parentes prestam o seu concurso para ajudar a família que convida. Geralmente é preciso cozer fornadas de pães, preparar carnes de carneiro, encher a mesa de frutas, verduras, providenciar o vinho, que constitui um dos principais elementos do banquete. Era preciso pensar em tudo e providenciar aquelas coisas capazes de alegrar a vizinhança que comparecia quase por inteiro e tomava parte na festa.

A participação de Maria nesta festa popular e familiar a revela mais humanamente próxima de nós, porque ela não era de caráter pouco sociável, mas sabia também alegrar-se de coração com as pessoas alegres. Até as alegrias terrenas são dons de Deus, quando são gozadas honestamente e com moderação. O homem é chamado à alegria, e cumulado de felicidade porque Deus o quer tornar participante da sua riqueza e da sua alegria. Tudo isso tinha sido bem compreendido pela Mãe de Deus, imune do pecado e intimamente repleta de felicidade. Jesus também tomou parte em banquetes como a última ceia que Mateus deu aos seus amigos e aos seus colegas (Lc. 5, 29), em casa de Simão, o fariseu, quando a desconhecida pecadora ungiu seus pés (Lc. 7, 36), e em casa de Simão, o leproso em Betânia, quando Maria, a irmã de Lázaro, ungiu-o por gratidão (Mc. 14, 3; Mt. 26, 6; Jo. 12, 2). Seus inimigos e seus caluniadores o censuraram. «Eis um comilão e um beerrão, amigo dos publicanos e dos pecadores» (Mt. 11, 19). Ele porém os deixava falar, compadecendo-se destes homens áridos, turvos, espiritualmente desviados por um absurdo farisaísmo, os quais eram somente capazes de carregar pesos sobre os ombros dos outros e não permitiam a ninguém um pouco de alegria.

Caná foi identificada com a aldeia **Kefr Kennâ**, a cerca

de uma hora e meia de caminho ao nordeste de Nazaré. Havia ali uma capelinha latina que, ao ser aumentada, deu ocasião ao descobrimento das ruínas de uma igreja que os Cruzados haviam construído sobre os alicerces de uma ainda mais antiga. Uma inscrição hebraica sobre mosaico, posta diante do altar (do III ou IV século), atribui a construção a um certo José, provavelmente o conde José de Tiberíades, que fôra elevado ao condado pelo imperador Constantino e que, convertendo-se ao Cristianismo, tinha construído várias igrejas (1).

Investigações mais recentes pretendem colocar Caná nas hodiernas ruínas de **Hirbet Qânâ** (14 km ao norte de Nazaré). Ali se vêem ainda numerosas cisternas, restos de casas, de arcos e de túmulos, disseminados nos campos; o terreno está coalhado de fragmentos que remontam ao período romano e ao bizantino, no meio dos quais ainda se encontram também restos da antiga civilização israelítica (2).

A festa nupcial estava já em pleno andamento quando inesperadamente chegou Jesus, trazendo em sua companhia os discípulos Pedro, André, João, Felipe, Natanael e outros. Foi logo acolhido, também por referência à Mãe já presente. Os novos hóspedes estavam evidentemente famintos e sequiosos pela longa e fatigante caminhada que tinham feito e a um certo momento o vinho não chegava mais e estava para acabar-se. Maria, como avisada dona de casa, notou logo a falta, teve compaixão dos esposos e pensou em poupar-lhes o embaraço e a inevitável vergonha que resultaria disso. Não se devia dizer: «Êstes esposos eram pobres, pois no banquete de núpcias não havia bastante vinho. Por-

(1) Cf. Baedeker, *Palästina und Syrien*, 1910, p. 233.

(2) Cf. Abel, *Géographie de la Palestine*, Paris, 1938, II, p. 412 s.; sobre Kefr Kennâ II, p. 291 s.

que convidar então tanta gente, quando não tinham o suficiente para oferecer aos hóspedes? Prometer um banquete e deixar os convivas em jejum». Maria além disso sentia-se obrigada a ajudá-los porque seu Filho e os discípulos d'ele tinham agravado a falta do vinho com a sua presença.

Ela foi ter com Jesus e lhe disse em voz baixa: «Eles não têm (mais) vinho». Nessas palavras se achava subentendida a súplica: «Ajude-os!» Maria porém queria deixar que Jesus compreendesse por si mesmo na certeza de que teria podido e querido ajudar. Jesus respondeu: «Mulher, que nos importa isso a mim e a ti? A minha hora ainda não é chegada». Essas palavras têm sido interpretadas pelos mais diversos modos e por vêzes até completamente errôneos. Em todo o caso, é preciso excluir a explicação que pretende atribuir ao melhor dos filhos uma descortesia ou mesmo uma censura à sua Mãe. Pelo fato de Maria ter-se retirado em seguida não se deve supor que elle quisesse deixar de atendê-los, ou quisesse recordar-lhe a distância que existia entre ambos; Maria, pelo contrário, compreendeu a resposta de Jesus como um consentimento implícito à sua súplica. De fato, logo que ouviu a resposta que Jesus lhe dera, ela dirigiu-se aos serventes com as seguintes palavras: «Executai tudo aquilo que elle vos disser de fazer». Não temos motivo algum para ver nas palavras de Jesus uma censura descabida, que seria contrária à sua índole, pois as suas maneiras suaves e gentis encantavam a todo o mundo, mostrando-se duro e inflexível somente para com os hipócritas, a tal ponto que até o apóstolo São Paulo pôs em destaque a benignidade e o amor de Jesus (Tt. 3, 4). Em todas as ocasiões Jesus obervou as regras da cortesia do seu tempo, conforme vemos pela sua atitude perante Pilatos e pela

observação que fez quando faltaram com a gentileza para com elle (Lc. 7, 44).

É estranhável então que Jesus não tenha dado a Maria o doce nome de mãe, mas chamou-a de «mulher» (Jo. 2, 4 e 19, 20). Jesus chama pelo mesmo modo outras mulheres também: a adúltera perdoada (Jo. 8, 10), a Samaritana (Jo. 4, 21), a mulher paralítica na sinagoga (Lc. 13, 12), a mulher pagã da Fenícia (Mt. 15, 28) e Maria Madalena, nas proximidades do sepulcro (Jo. 20, 15). Em todas essas ocasiões Jesus quis consolar, curar e ajudar; o termo «mulher» não pode ter então um tom de menos-prêzo ou de reprovação. Não só isso, mas também na literatura grega clássica o termo empregado pelos Evangelistas citados serve igualmente para expressar cortezia e honra. Exemplo disso temos em uma tragédia de Sófocles em que a rainha Jocasta de Tebas é assim chamada pelo marido, que jura que «elle a honra mais do que a todas» (3); sendo do mesmo modo denominada assim pelo nuncio de Corinto e pelo côro dos cidadãos (4). A mesma coisa pode-se notar também junto de outros poetas e escritores, podendo-se dizer com Westcott: «Não há, na língua original, nem sequer a sombra de uma admoestação ou censura na expressão usada. O termo está de acôrdo com as regras da cortesia e manifesta, pelo contrário, uma certa ternura» (5).

A expressão «ó mulher» era provavelmente empregada pelos filhos bem educados que a usavam com toda a cortesia ao se dirigirem às suas mães. Jesus narrou mais tarde uma

(3) *Edipo rei*, verso 800.

(4) *Ibid.* v. 639, 679, 700, 726, 755, 767, 934, 950, 964, 1054.

(5) Citado por Simon, *Institutiones bibl. Nov. Test.* I. p. 242 do comentário.

parábola: «Um homem tinha dois filhos, e, dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: — Filho, vai trabalhar na vinha. — E ele respondeu: «Já vou, senhor. — Mas não foi. Dirigiu-se então ao outro e disse-lhe a mesma coisa. E este respondeu: — Não estou disposto, — mas depois arrependeu-se e foi. Qual dos dois cumpriu a vontade do pai?»

Jesus faz ressaltar expressamente como um foi gentil e complacente e o outro grosseirão. O mais delicado disse ao pai: «senhor», o grosseirão se esqueceu dessa palavra, o que era considerado uma falta de polidez. Os filhos bem educado davam ao pai o tratamento de «senhor» e à mãe o de «senhora».

Está escrito no Eclesiástico: «Quem honra o pai terá vida longa, e quem dá gosto à mãe e serve aos pais como senhores, tem a bênção de Deus» (3, 6 s.). Também no vizinho Egito se observava a mesma coisa, conforme se pode ver por uma carta do egípcio Semprônio à sua mãe Saturnila, da segunda metade do II século d. C. A saudação inicial da carta é a seguinte: «Semprônio envia muitas saudações à sua mãe e senhora Saturnila». Na oitava linha e na décima sétima ele diz «minha senhora» e, no final, acrescenta: «Passe bem, minha senhora, por todo o sempre!» Nesta mesma carta escreve ao seu irmão Máximo: «Muitas saudações! Primeiro que tudo desejo que estas sejam com saúde. Ouvi dizer que consideras um peso o serviço de nossa mãe. Rogo-te, caríssimo irmão, que não lhe causes o menor desgosto! Quando algum dos irmãos irritar-se contra ela, debes então esbofetear os mais jovens e fazer-te respeitar como um pai. Sei no entanto que, mesmo sem estas minhas linhas, procuras sempre dar-lhe prazer. Não tomes a mal as minhas admoestações porque somos todos obrigados a honrar como um deus a mulher que

nos deu à luz, principalmente quando é boa como nossa mãe. Escrevo-te essas coisas, ó irmão, porque sei quanto és bons e carinhoso para com os senhores pais. Assim, praticarás uma boa ação quando me escreveres contando da sua felicidade. Passe bem, ó irmão!» (6).

Quem escreveu essa cartinha era ainda pagão, pois alega que diariamente orava «ao senhor Serápis» por sua mãe (7).

Na mesma época um outro escreve: «Apion ao senhor pai Epimaco, muitas saudações! Rogo-te então, senhor meu pai, de escrever-me uma breve carta. Em primeiro lugar, sobre sua saúde, em segundo lugar sobre a saúde de minha irmã, e em terceiro lugar para que eu possa honrar o teu (manuscrito) porque me educares bem e eu por isso espero ser promovido logo» (na milícia romana em Miseno, próximo de Nápoles) (8).

Temos então suposto, com razão, que Jesus usando a expressão «ó mulher» ao se dirigir à sua Mãe, estava obedecendo às normas de boa educação seguidas no seu tempo. Ele usou tal expressão até durante sua paixão, quando quis consolar a sua dolorosa Mãe, preocupado que se achava como todo filho amoroso, pelo seu futuro. Não podemos por certo atribuir-lhe insensibilidade ou grosseria até mesmo sobre a cruz. Ele teve compaixão da viúva lacerante que acompanhava ao sepulcro o seu único e bem-amado filho; chorou com Maria de Betânia pela morte do irmão dela e seu caríssimo amigo; lamentou dolorosamente o destino de Jerusalém, e nunca amargurou ninguém sem uma grave necessidade.

(6) Deissmann, op. cit., p. 160-161.

(7) Carta a Saturnila, linha 5-7.

(8) Deissmann, op. cit., p. 147.

Uma segunda dificuldade apresentam os termos que Jesus emprega na sua réplica a Maria: «O que (há) entre mim e ti?» É uma passagem difícil de se compreender, uma frase idiomática que pode assumir diversos significados conforme o modo pelo qual é completada. Aqui também não há motivo algum para se notar descortesia e repulsa: o significado da frase depende do tom com que uma pessoa a lê ou pensa que foi pronunciada. Não se pode subentender aí a palavra «isso», mas apenas o predicado, oculto no original grego. Alguns tradutores acrescentaram a expressão «em comum», como se Jesus recusasse qualquer comunhão ou familiaridade com sua Mãe. Por outro lado, isso estaria em contradição com a frase seguinte em que Jesus diz que a sua hora não era chegada ainda, o que significava que virá e então ele poderá ajudar. Por isso, as traduções que dizem: «Que coisas temos de comum nós dois?» ou então «que coisa tenho eu a fazer contigo?» ou ainda «que nos importa (isso) a mim e a ti?» estão tôdas erradas. Aquêles «isso» introduzido na frase falseia completamente o sentido.

A fórmula «que a mim e a ti» é usada muitas vezes no Antigo e no Novo Testamento e recebe cada vez o seu justo significado do contexto. Podemos apresentar alguns exemplos, tirados de ambos os testamentos. Os Amonitas estavam acampados com seu exército no território de Israel; o juiz Jefté enviou uma embaixada ao rei inimigo e lhe mandou perguntar: «Que é a mim e a ti (que contróveria há entre mim e ti) para que venham contra mim em guerra na minha terra» (Jz. 11, 12). Quando Davi fugiu de Absalão e Semei foi no seu encalço, Abisai, um fiel companheiro de Davi, queria cortar a cabeça do caluniador. Davi proibiu-lhe isso, dizendo-lhe estas

palavras. «Que é a mim e a vós, filhos de Sarvia (que quereis de mim?) Deixai-o amaldiçoar, porque Deus o autoriza» (2 Rs. 16, 9-10). Um endemoinhado lançou-se aos pés de Jesus e gritou, ou melhor, o demônio gritou dentro dêle: «Que é a mim e a ti, ó Jesus (que queres de mim, filho de Deus todo-poderoso? Esconjuro-te por Deus a não me atormentares (Mc. 5, 6 s.)). Quem implora não fala com arrogância e descortesia.

Essa concisa frase de Jesus não tinha portanto nenhum significado de descortesia e recusa, mas naquela ocasião significava: «Que coisa há entre mim e ti?» «Que coisa há entre nós que nos separe?» A resposta a esta pergunta retórica não pôde ser outra senão «Nada!» Nós somos ambos uma só coisa. O seu pensamento é o meu pensamento, mas eu quero ainda esperar alguma coisa. O tempo da minha intervenção ainda não chegou, o milagre não atingiria o seu fim se eu o praticasse antes que a falta de vinho fôsse conhecida por todos». Jesus queria com isso fortalecer em seus discípulos a fé na sua missão divina.

Certa de que seria afinal atendida, Maria dirigiu-se aos serventes ou camareiros (que não eram escravos, mas ajudantes voluntários para a festa nupcial), os quais tinham aprendido a amá-la e estimá-la durante os dias de preparativos para a festa, porque era sempre ativa e diligente. Ela lhes disse: «Meu Filho quer aumentar a alegria da festa e vos prestará auxílio, fazei tudo o que ele vos disser» (Jo. 2, 5), o que eles prometeram fazer.

«Havia ali seis talhas de pedra, preparadas para as purificações judaicas, que levavam cada uma duas a três medidas (cada medida ou metreta, podia conter 38,8 litros, ou seja 77,6 a 116,4 litros, contendo portanto cada talha, em média,

um hectolitro ou quase seis hectolitros para as seis talhas ao todo). Jesus ordenou-lhes: «Enchei de água as talhas. E êles as encheram até a borda» (Jo. 2, 6 s.). A água era tirada da cisterna doméstica ou então dos poços públicos, onde os houvesse. Se os serventes eram cinco e andavam carregando dois baldes de 10 litros de capacidade cada um dêles devia fazer seis caminhadas neste serviço. E como encheram as talhas até a borda, isto é sinal de que fizeram de boa vontade e com diligência aquêle trabalho, para o qual Maria os havia tão bem preparado. O bom conselho de Maria foi muito proveitoso e os seis hectolitros do melhor vinho foi o resultado dêle. Jesus lhes disse: «Tirai agora e levai ao mestre da mesa, o que êles fizeram. E quando o mestre da mesa provou daquela água que fôra mudada em vinho, não sabendo de onde vinha êste, chamou o espôso e lhe disse: Todo o mundo costuma oferecer em primeiro lugar o vinho melhor, e quando os convivas já beberam bastante, apresenta o inferior. Tu porém reservaste o melhor vinho até agora, quando já está terminado o banquete.

Assim fêz Jesus o primeiro dos seus milagres em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória e o seu poder, pelo que seus discípulos creram nêle, reconhecendo-o pelo verdadeiro Messias» (Jo. 2, 7-11).

Foi aquêle um bellissimo dia para Maria; Jesus tinha atendido à sua súplica de um modo tão miraculoso que toda expectativa fôra superada. Os seus olhos, luzentes pela emoção e pelo reconhecimento, disseram ao Filho tudo o que os lábios calavam.

Maria começou nesta ocasião a conhecer os primeiros discípulos de Jesus: o impetuoso Pedro, João, tão colérico, o modesto André, o infantil Filipe e Natanael «o israelita no qual não há engano». Êstes lhe teriam contado com entu-

slasmo o que acontecera nas margens do Jordão e o modo pelo qual Jesus fôra reconhecido como o Messias. João Batista fizera grande impressão sôbre êles, com as suas prêdicas sôbre a penitência e sôbre a conversão, sôbre a aproximação do reino de Deus e a punição daqueles que não faziam penitência. «Eu não sou o Messias», respondera êle aos que foram de Jerusalém para lhe perguntar isso. «Êle está no meio de vós, sem que o conheçais no entanto. Êle é maior e mais poderoso do que eu, que nada sou perante êle, nem sequer sou digno de desatar-lhe os laços de suas sandálias. Eu batizo com água, êle vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo. Êle tem em mãos a pá para limpar a sua eira e depois de bem padejado o grão, o recolherá na arca, mas queimará a palha no fogo inextinguível» (Jo. 1, 20; Mt. 3, 11 s.; Mc. 1, 7, s.; Lc. 3, 15-17).

E Simão, filho de Jonas (**Jôhannâ**), de Betsaida, narrou, como testemunha de vista: «Jesus veio da Galiléia ao Jordão para ser batizado por João. E João se recusava: — Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu, pelo contrário, vens até a mim? — Deixa que assim se faça agora — respondeu-lhe Jesus — porque é conveniente que se cumpra assim tôda a justiça. — Depois do batismo Jesus saiu da água e eis que o céu se abriu sôbre êle e o Espírito de Deus («sob forma corpórea» Lc. 3, 22) voou sôbre êle em forma de uma pomba e uma voz do céu clamou: «Êste é o meu Filho muito amado, no qual pus a minha complacência» (Mt. 3, 13-17).

Assim o próprio Deus Pai tinha revelado o segredo, sôbre o qual Maria havia mantido o mais rigoroso silêncio por mais de trinta anos. Agora, também ela poderia falar, mas o fará pela primeira vez sômente depois que Jesus tenha subido ao céu e antes que os Apóstolos começassem a sua

missão; não quis jamais falar antes disso, deixando a Jesus a tarefa de ensinar diretamente os seus discípulos.

Depois do batismo Jesus desapareceu, ninguém sabendo onde êle se achava. O Espírito Santo o tinha conduzido ao deserto, onde havia jejuado e orado por quarenta dias, na única companhia dos animais selvagens (Mc. 1, 12 s.). O diabo também para lá se dirigiu, tentou-o por três vêzes e três vêzes foi derrotado. Por fim vieram os Anjos e o serviram. Maria ouviu narrar estas coisas diretamente da bôca de Jesus, e os Apóstolos mais tarde vieram a saber disto por ela.

João contou à Mãe de Jesus como êle e os seus amigos tinham encontrado Jesus e a sua narrativa se lê como um diário, que êle, aos 60 anos de idade, já encanecido, porém conservando vivamente todos os detalhes na memória, passou para a escrita.

Quantas vêzes repetiu êle esta história aos seus alunos! O seu grande mestre, João Batista, quando viu Jesus vir de longe, lhes disse: — «Eis o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo! Êle é Aquêle do qual eu disse: depois de mim virá um que foi anteposto a mim, porque era antes de mim. E eu o conhecia; mas, a fim de que êle fôsse manifesto a Israel, eu vim batizar na água... Vi o Espírito descer do céu e pousar sôbre êle como uma pomba... Êle é o escolhido de Deus» (Jo. 1, 29-34). No dia seguinte Jesus passava ali por perto e o Batista o reconheceu, dizendo: «Eis o Cordeiro de Deus!» Então, dois dos seus discípulos de Betsaida, André, irmão de Pedro e João, filho de Zebedeu, seguiram a Jesus. Êle voltou-se e lhes disse: «Que buscais?» e eles responderam: «Mestre, onde moras?» E êle os convidou amavelmente: «Vinde e vêde». E foram com êle e viram onde habitava e permaneceram com êle aquêle dia.

Era quase a décima hora (quatro da tarde) e aquela hora decidiu o futuro dêles. João o discípulo predileto de Jesus, goza ainda, já velho e encanecido, a recordação do encanto daquele feliz momento. André encontrou seu irmão Simão Pedro e lhe disse: «Encontramos o Messias!» e o conduziu para junto de Jesus. Jesus olhou-o profundamente e lhe disse: «Tu és Simão, filho de Jonas: tu serás chamado Céfás, que quer dizer Pedro» (Jo. 1, 35-42).

E Filipe também contou a Maria a sua vocação. Jesus o tinha encontrado e lhe havia dito simplesmente isso: «Segue-me». Êle satisfizera sem hesitação o desejo do Mestre e conduziu também para junto dêle o seu amigo Natanael, ao qual havia antes comunicado alegremente: «Encontramos aquêle do qual escreveram Moisés, na lei, e os Profetas — Jesus, filho de José, de Nazaré». Mas Natanael havia replicado de um modo desdenhoso: «Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?» E o outro então redarguiu: «Vem e vê». Jesus o teria depois recebido com as palavras: «Eis um Israelita genuíno no qual não há fraude». E Natanael, admirado, lhe perguntou: «Como me conheceis?» e Jesus respondeu: «Antes que te chamasse Filipe, eu te vi quando estavas debaixo da figueira». Então Natanael, profundamente comovido por estas palavras, compreendeu que Jesus conhecia os segredos do seu coração: «Mestre», disse-lhe então, «tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!» Jesus, ouvindo isso, acrescentou: «Por ter dito que te havia visto sob a figueira, acrediteste? Verás ainda coisas maiores do que estas. Na verdade, na verdade te digo, que verás o céu aberto e os Anjos de Deus subindo e descendo sôbre o Filho do homem» (Jo. 1, 43-51).

O entusiasmo resplandecia nos olhos dêsses homens tão bem formados! Maria sentiu-se transportada aos dias de

Belém, quando os Anjos haviam anunciado a glória do seu Filho e tinham guiado até o seu berço os simples pastores e os sábios do Oriente.

De onde havia Natanael tirado a expressão «filho de Deus?» Podia ter sido do segundo Salmo, onde se fala do rei Messias:

«Promulgarei o decreto do Senhor:

O Senhor disse-me: Tu és meu filho e eu te gerei hoje.

«Pede-me, e eu te darei as nações em herança

e estenderei teu domínio até às extremidades da terra!

Tu as governarás com vara de ferro

e as quebrarás como vasos de argila».

Esses cinco homens, que êle mesmo escolheu e formou, foram as primeiras pedras basilares para a fundação da sua Igreja. Maria também devia trazer a sua contribuição para a formação dêles, que deixando sua terra natal e suas famílias, acharam nela uma verdadeira mãe. Os amigos de seu Filho não eram também seus filhos? Um afetuoso laço unia suas almas.

3. Em Cafarnaum

«Depois disto passou Jesus a Cafarnaum, com sua Mãe, seus irmãos e seus discípulos. Porém demoraram-se ali poucos dias» (Jo. 2, 12). A estrada de Caná a Cafarnaum passava através do «vale dos pombinhos», perto do lago de Genezaré e ao longo da margem setentrional dêste, até quase à foz do Jordão, no referido lago. No vale dos pombinhos Maria olhou com terror a alta rocha (360 m) na qual se abriam muitas grutas. Justamente ali Herodes tinha dispersado e subjugado os salteadores que depredavam tôda a Galiléia.

A princípio os bandoleiros se tinham dispostos em campo aberto sôbre a alta planície de Arbela (Irbid) mas, desbaratados, tiveram muitas perdas e os remanescentes se haviam refugiado naquelas cavernas, onde os soldados de Herodes não puderam chegar, seja partindo do vale, como das alturas que dominam as próprias grutas. O rei mandou construir caixões, dentro dos quais colocaram soldados escolhidos, fazendo-os descer do alto para dentro das cavernas, por meio de correntes de ferro ligadas a um cabrestante. Os encurrallados se defenderam furiosamente, mas foram subjugados e sufocados com fumaça. Nenhum dêles se rendeu, se bem que Herodes tivesse prometido indulgência para com o bando, preferindo a morte à captura e à prisão. Entre êles havia também um velho salteador, tendo em sua companhia a mulher e sete filhos, o qual não quis atender às súplicas da mulher e dos filhos que desejavam entregar-se aos soldados e foi, em vez disso, se portar na entrada da caverna e ali começou a matar, um depois do outro, os filhos, apenas iam saindo do interior, abatendo por último a mulher e jogando os cadáveres no abismo. Inútilmente os soldados de Herodes quiseram retê-lo com sinais e com gritos, êle maldisse o rei e se lançou no abismo (9). Isso aconteceu no ano 39-38 a. C.

Passando por êsses horrendos lugares, o grupo formado por Jesus, Maria e Seus discípulos chegou à pequena planície costeira de Genesar, descrita por um contemporâneo como um verdadeiro paraíso terreal. Os olhos de Maria se enlevaram de tanta beleza. Uma coroa de prados floridos circundava o lago em cujas águas mansas, de um azul cintilante, balançavam-se docemente, os barcos de pesca. Vindas do Egito, as caravanas costeavam a praia do norte, direta-

(9) *Guerra Jud.*, I, 16, 4; *Antiguidade Jud.*, XIV, 15, 5.

mente para Damasco e através de Palmira, para o Eufrates. Pelos merecimentos do seu Filho, êsse lago se tornará o mais famoso do mundo e todo cristão desejaria ver, uma só vez pelo menos, os seus arredores. O lago tem de comprimento cêrca de 21 km, tendo na sua maior largura, cêrca de 12 km, sendo que a sua superfície cobre uma área de 170 km² (um têrço do lago de Constança), atingindo a 48 m a profundidade de suas águas.

Talvez tocassem, na planície de Genesar, também em Magdala, a terra de Maria Madalena. É possível até que ela tivesse visto passar de longe o pequeno grupo sem sentir que aquêle homem de nobre aspecto no meio dêle seria em breve o seu Salvador, aquêle que a libertaria dos espíritos do mal. Caminhando pelo lado de nordeste, sempre pela margem do lago, chegava-se a Cafarnaum, estação de pedágio e de limite entre o território de Herodes Antipas e o de Filipe.

Os discípulos, novatos ainda na sua escola, tinham convidado Jesus a ir com êles à sua terra natal. Pedro, André e Filipe eram, na verdade, naturais de Betsaida, para além de embocadura do Jordão, mas tinham a residência em Cafarnaum, assim como João e Tiago, filho de Zebedeu. A sogra de Pedro morava em casa do genro (Mc. 1, 28 s.).

A cidadezinha de Cafarnaum encontrava-se onde estão hoje as ruínas de **Tell Hûm**, supondo alguns que seja junto de **Hirbet minjê**, situada ao pé da colina **Tell Orême**, do lado ocidental, onde, no entanto, as escavações feitas não forneceram nenhum argumento favorável à tal hipótese. Em **Tell Hûm** foram encontrados os restos de uma bela sinagoga, cujo estilo é dos tempos de Septímio Severo (190-225), a qual não deve ser confundida com outra mandada construir peol centurião romano (Lc. 7, 5), a menos que esta tenha-se

arruinado no decurso dêstes duzentos anos, o que é admissível, ou tenha sido destruída em uma das graves rebeliões (66-70 ou 133-135) do fim da guerra, e tenha sido depois reconstruída.

Maria certamente alojou-se junto à sogra de Pedro. Cafarnaum deve ter agradado a Jesus, porque regressou aí depois de oito meses e fêz dela «a sua cidade» (Mt. 4, 13; 9, 1). Desta primeira vez demorou-se pouco, porque a festa da Páscoa o chamava em peregrinação a Jerusalém. Maria, naturalmente, aderiu também a essa peregrinação, conforme estava acostumada a fazer todos os anos.

Por tôdas as estradas e trilhos viam-se filas de peregrinos que se dirigiam à Cidade Santa, rezando e cantando hinos ao longo do caminho. Chegados à praça do Templo, esta já formigava com uma multidão de peregrinos. Alguma coisa porém fêz ascender um rubor de cólera às faces de Jesus; ali, nas vizinhanças da Casa de Deus, mugiam os novilhos, baliavam as ovelhas e arrulhavam os pombos nas suas capoeiras. Os cambistas, sentado junto às suas bancas faziam negócios, disputando e gritando. Os peregrinos patinhavam sôbre as dejeções dos animais e carregavam nas solas das suas sandálias detritos de estrume até o interior do vestibulo. E quem podia orar com todo aquêle barulho e aquêle estrondo? Cheio de indignação, Jesus apanhou uma corda que ali encontrou, empunhou-a nas mãos como um açoite e com esta expulsou os mercadores juntamente com os seus animais, revirou as bancas dos cambistas, esparramando por terra as moedas que continham, ordenando aos vendilhões de pombos: «Tirai fora daqui tudo isso e não façais da casa de meu Pai uma feira de mercado». Ninguém se arriscou a desafiá-lo; uma grande nobreza transparecia da expressão dos seus olhos, flamejando do seu olhar uma imen-

sa ira. Sua figura e sua atitude, chamavam a atenção, impondo respeito a todos que o viam. Maria não tinha jamais visto seu Filho assim, mas os discípulos pensaram nas palavras do Salmo (68, 10): «porque o zelo da tua casa me devora». Os Judeus, visivelmente indignados contra ele, perguntaram-lhe: «Que sinais nos mostras para fazer tais coisas?» E ele respondeu: «Destruí este templo e em três dias reedificá-lo-ei». Eles lhe replicaram: «Quarenta e seis anos foram precisos para construir este Templo, e tu o farás em três dias?» Depois da Ressurreição de Jesus, os seus discípulos se recordaram das palavras que dissera naquela ocasião e acreditaram na Escritura e nas suas palavras (Jo. 2, 13-22).

Em Jerusalém muitas pessoas creram em Jesus, porque era capaz de fazer milagres; mas ele não se fiava neles, bem conhecendo a fragilidade da natureza humana (Jo. 2, 23-25), e a superficialidade da gente da cidade, pronta a entusiasmar-se por amor às novidades que causam espanto e admiração, mas também fáceis em esquecê-las. Por isso não quis Jesus manifestar-lhes o mistério da sua personalidade e do seu ser.

Mas não deixou de obter, no entanto, bons resultados nesta festa. Durante a noite veio ter com ele, pedindo para lhe falar, um nobre fariseu, de categoria principesca, Nicodemos, membro do Sinédrio e «mestre em Israel», o qual recebera uma profunda impressão pelos milagres de Jesus. Jesus recebeu-o com muita cordialidade e tributou-lhe as honras e atenções que merecia pela sua posição, não tendo assim incorrido na mesma falta de Simão, o fariseu, que deixou de tributá-las a ele, quando foi seu hóspede, o que deu motivo a uma oportuna observação do Divino Mestre (Lc. 7, 44-46). Naquele tempo usava-se saudar o hóspede com um beijo em

ambas as faces, lavavam-lhe os pés e ungiam-lhe a cabeça com perfumes caros. Essa lavagem dos pés e a unção da cabeça cabiam à dona da casa e em tal caso à Maria que hospedava a Jesus, não obstante estar em casa de velhos amigos. São Paulo enumera entre as virtudes das viúvas que desejavam entrar para o serviço da Igreja, que «tivessem praticado a hospitalidade e lavado os pés dos cristãos que viajavam» (Tim. 5, 10; cfr. a unção de Jesus, feita por Maria de Betânia Mt. 26, 7; Mc. 14, 3; Jo. 12, 33). Maria ofereceu depois uma boa refeição (como Marta Lc. 10, 38-42). Entre Jesus e Nicodemos desenrolou-se uma singular conversação, a que assistiram também alguns discípulos de Jesus, de modo que João pôde mais tarde dar uma notícia precisa no seu Evangelho. Jesus falou do renascimento do homem pela água e pelo Espírito Santo, da sua elevação na cruz, por meio da qual todo crente ganharia a vida eterna, do amor infinito de Deus, do Pai que sacrifica, pela salvação dos homens, seu único Filho, que será a luz do mundo, na qual devem crer todos que quiserem salvar-se. Nicodemos não se sentia à vontade nesta nova ordem de idéias, porque não havia escutado até agora, não obstante seu profundo conhecimento das Escrituras, nada de mais inaudito e de maior alcance; mas deixou-se conquistar por Jesus, conforme demonstrou mais tarde, quando o Sinédrio decidiu tomar providências contra Jesus, e ele se bateu corajosamente a seu favor, sendo porém àsperamente censurado. Além disso, sob a impressão de seu entretenimento com Jesus, tomou francamente parte no seu sepultamento (Jo. 3, 1-21; 7, 50-53; 19, 39).

Passada a festa, Maria naturalmente regressou à Galiléia, juntamente com os parentes, enquanto que Jesus deslocou o centro de sua ação, de Jerusalém para a terra de Judá (Jo. 3, 22), onde se entreteve quase oito meses com os discípulos,

desde a metade de abril até a metade de dezembro aproximadamente (Jo. 4, 45).

Mas Jesus, quando percebeu que os suspeitosos Fariseus tinham ouvido que êle angariava maior número de discípulos do que João e que êle batizava, ou melhor, que os discípulos é que batizavam, deixou a Judéia e voltou de novo para a Galiléia (Jo. 4, 1-3), movido intimamente a isso pelo Espírito Santo (Lc. 4, 14).

Nesta ocasião chegou uma dolorosa notícia: Herodes Antipas tinha mandado encarcerar João Batista, porque o austero profeta o havia censurado por suas condenáveis relações com Herodíades, mulher do seu irmão Filipe e bem assim por outros malefícios praticados (Lc. 3, 19 s.) Mt. 14, 3-5; 4, 12; Mc. 6, 17-20; 1, 14).

Quando Jesus voltou à Galiléia, os habitantes o acolheram com alegria, por causa dos milagres que tinha feito na festa da Páscoa em Jerusalém. Sòmente em Nazaré o povo mantinha-se um tanto frio a seu respeito (Jo. 4, 43-45), pelo que estabeleceu êle a sua residência em Cafarnaum; que se tornou assim a sua cidade, quase o seu quartel-general. Naturalmente sua Mãe foi com êle para dirigir a casa nesse novo lugar de residência. Êsse foi o cargo que ela desempenhou fielmente durante cêrca de trinta anos, e que não haveria de deixar agora que passasse para as mãos de uma mulher estranha.

Isso se esclarece melhor com as seguintes considerações. Pouco tempo depois Jesus proferiu o discurso da montanha, nos arredores de Cafarnaum, antes porém do qual «chamou para junto de si os que desejava, os quais se aproximaram dêle».

Foi então que êle escolheu doze apóstolos, cujos nomes ficamos conhecendo e entre os quais se encontravam dois pri-

mos, São Tiago e Judas Tadeu que evidentemente estavam presentes por ocasião do discurso da montanha (Mc. 3, 13-19; Lc. 6, 13-15). Depois do discurso, dirigiu-se para a cidade, distante meia hora de caminho, e muita gente o acompanhava. Realizou muitos milagres e sôbre a bôca de todos não cessavam os pedidos e súplicas; com tanta insistência que «não lhe deixavam tempo nem para comer». Um exorcismo feito deu aos Judeus, que tinham vindo de Jerusalém para observá-lo, pretexto para asseverar maliciosamente, que êle expulsava os demônios em nome de Belzebu. Ao passo que «a sua gente» o procurava no seu alojamento. Êle entrou em uma casa e se defendeu com um longo discurso, contra a estúpida afirmação dos fariseus.

Talvez alguém tivesse expresso esta calúnia sob outra forma, dizendo: «Êle tem o diabo no corpo», o que significava, segundo a mentalidade da época, que estava maluco, e assim o consideraram também os seus. A êstes parecia que os fatos iam-se exagerando pouco a pouco e por isso perguntavam entre si: «Será razoável o que está acontecendo? Parece verdadeiramente ter perdido o senso e assim é justo que procuremos verificar pessoalmente o que está acontecendo a fim de evitar algum mal. E para lá se dirigiram a fim de se apoderaram dêle (Mc. 3, 21). A cuidadosa Mãe os terá seguido, sem participar, todavia, dêsse descabido projeto.

Chegaram portanto à casa onde Jesus se achava abrigado, mas não puderam entrar porque um numeroso grupo de pessoas bloqueava completamente a entrada. Talvez Maria ouvisse a exclamação que uma mulher entusiasta proferiu então, reconhecendo-a ao seu aproximar: «Bendito o ventre que te trouxe e os peitos em que fôste amamentado», ao que Jesus tinha respondido: «Bem-aventurados antes os que escutam a palavra de Deus e a praticam» (Lc. 11, 14-28;

Mt. 12, 22-30; Mc. 3, 22-27). A mulher que pronunciou tais palavras demonstrou possuir muito tato, pois se o louvor direto resulta muitas vezes canhestro, a lisonja indireta não pode ser recusada. Aos orientais é muito cara a arte do louvor. Jesus não recusou certamente aquele louvor à sua Mãe, mas serviu-se de tal ocasião para inculcar e reforçar muito eficazmente um dos seus ensinamentos fundamentais.

Pessoas solícitas que tinham reconhecido sua Mãe e os seus parentes, deram-se pressa de avisar Jesus dentro da casa onde estava: «Eis que tua Mãe e teus irmãos estão lá fora e te procuram»; mas ele, olhando todos aqueles que estavam sentados a seu lado, estendeu as mãos sobre eles e disse: «Eis minha mãe e os meus irmãos. Todo aquele que faz a vontade de Deus é meu irmão, minha irmã e minha mãe» (Mc. 3, 34 s. e Mt. 12, 48-50).

Jesus não desejava, por certo, renegar sua Mãe e os seus parentes, mas queria exprimir muito mais, acentuando que fazer a vontade de Deus era como se tornar um seu íntimo parente. Portanto, cada um poderia permanecer junto d'ele e lhe ser caro, se soubesse fazer a vontade de Deus, único meio de se tornar filhos de Deus e no mais alto significado das palavras, mais caros a Jesus do que seus próprios parentes. Se ele quisesse com tais palavras menosprezar os parentes, a referência feita aos que por meio da obediência à vontade de Deus, se lhe tornam tão caros como eles, não teria nenhum significado.

A estulta pretensão dos seus parentes esvaiu-se naturalmente em fumo logo que se apresentaram diante de Jesus, que não guardou nenhum ressentimento contra os seus primos, pelo que tinham planejado fazer e conseguiu até torná-los seus apóstolos. Era porém necessário ainda um diligente trabalho de preparação e ensino da sua parte e a des-

cida do Espírito Santo para fazer com que eles o compreendessem perfeitamente e se tornassem corajosos mensageiros da sua palavra e dos seus ensinamentos. Ele sabia que finalmente se tornariam dignos da sua escolha, e que mais tarde lhe fariam honra em todas as suas ações e lhe ficariam fiéis até o martírio.

De toda essa narrativa se conclui que Maria teria permanecido em Cafarnaum, tornando-se bem conhecida da gente do lugar. Ela foi testemunha ocular dos milagres de Jesus, ouviu as suas palavras e acompanhou com orações a sua obra. Tudo aquilo que Jesus fez e disse foi de grande significado para a humanidade. Como o poderia sua Mãe, a mais apaixonada colaboradora na obra da Redenção, permanecer na longínqua Nazaré, junto daquela gente tão indiferente e de tão mesquinha visão, que logo demonstraria maldosamente a própria indiferença e a própria incredulidade com referência à missão de Jesus, e que se sentia até chocada quando ele para ali se dirigia? Jesus tinha então ao redor de si, doze discípulos que haviam tudo deixado por seu amor e que tinha necessidade de ser instruídos e cuidados. Algumas mulheres que se tinham tornado reconhecidas a Jesus, havendo compreendido tal necessidade, puseram-se ao seu serviço, conforme narra São Lucas: «Em seguida andava de aldeia em aldeia, pregando e ensinando a boa nova do reino de Deus, ao passo que os doze iam em sua companhia assim como algumas mulheres, que tinham sido livradas dos espíritos malignos e curadas de moléstias: Maria Madalena, da qual tinham saído sete demônios, Joana, mulher de Cusa, procurador de Herodes, Susana, e muitas outras, que o ajudavam com os seus bens» (8, 1-3).

Também duas mães de Apóstolos, Salomé, mãe de Tia-

go, o Maior, e Maria, mulher de Cléofas e mãe de Tiago, o Menor e de Judas Tadeu, puderam «acompanhar e servir» e os seus filhos nas viagens de Jesus (Mc. 15, 40 s.; Mt. 20, 20-24). Poderia então só faltar a Mãe de Jesus? Nem se pode absolutamente pensar nisso. Para os Evangelistas era uma coisa naturalíssima não se referir mais a Maria, tanto assim que, se fôssemos considerar apenas os três primeiros evangelhos, não saberíamos que Maria estava presente sob a cruz, no Calvário. João a menciona, mas somente porque tinha um motivo particular para isso, havendo-lhe Jesus antes de morrer, confiado o cuidado de sua Mãe. Nessa trágica ocasião Maria aparece também entre os discípulos de Jesus que se reuniram em torno d'ele, como haviam feito na Galiléia (Jo. 19, 25).

Em Cafarnaum formou-se então uma pequena comunidade cristã de homens e mulheres que se deslocavam continuamente, e cuja cabeça era Jesus, tendo Maria por coração.

Os evangelhos nos dão outras indicações, pelas quais podemos ver que Maria estava com Jesus e o acompanhava nas suas viagens. A última viagem de Jesus a Jerusalém teve Cafarnaum justamente por ponto de partida. Maria, que esteve presente à sua morte (Jo. 19, 25); fez naturalmente, essa viagem juntamente com ele.

Maria tomou parte íntima e ativa nos acontecimentos marcantes da vida pública de Jesus, tornando-se testemunha de vista de muitos fatos e vindo a saber de outros através da narrativa dos discípulos de seu Filho, quando regressavam ao quartel-general estabelecido na casa de Pedro. A vida pública de Jesus era para ela um acontecimento único, digno da maior importância, como jamais tinha presenciado, desde os dias da sua infância. Ela ti-

nha sido a mais atenta ouvinte dos seus discursos, a testemunha mais comovida dos seus milagres; alegrava-se de todo o coração com os seus sucessos e sofria com ele quando a loucura, a incredulidade e o ódio abertamente manifesto repeliavam suas graças. Acompanhou o desenvolvimento da obra empreendida pelo seu Filho e percebeu como se foi formando, pouco a pouco, um forte movimento hostil a ele, buscando incompatibilizá-lo com o povo.

Jesus chamara como seus primeiros auxiliares simples pescadores. Todos comovidos, certa vez, voltaram da pesca. Jesus tinha ido com eles e havia-lhes ordenado de lançar as rédes. Era um dia luminoso e sereno, Pedro poderia ter-se rido d'ele, pois haviam passado tôda a noite no lago, sem conseguir apanhar um só peixe, trabalhando sem descanso e não seria agora, durante o dia, quando os peixes fugiam ao avançar da barca, buscando esconder-se nas águas profundas, que iriam obter melhores resultados. O impetuoso Pedro podia ter pensado que, não sendo Jesus um habitante ribeirinho, nada podia entender de pesca, mas não quis contrariá-lo. O resultado foi aquela abundante e maravilhosa pescaria, que tanto impressionou a Pedro, que o fez gritar: «Afastai-vos de mim, ó Senhor, porque sou um pecador!» ao que Jesus respondeu-lhe: «Não temas; de agora em diante serás pescador de homens!» Venderam depois todos aquêles peixes e a importância arrecadada foi certamente entregue como recompensa a Pedro, em cuja casa Jesus estava hospedado. Deixando em seguida suas casas e suas famílias seguiram para sempre a Jesus (Lc. 5, 1-11).

Agora deveria ser narrada tôda a vida pública de Jesus, na qual Maria tomou parte ativa, com todo o coração e tôda a alma, mas o autor deve deter-se para não se alon-

gar em demasia. O amigo leitor pode se informar detalhadamente em alguma das tantas vidas de Jesus que foram escritas, ou então, o que é ainda melhor, confrontá-las por si mesmo com o Evangelho.

A profunda impressão que os discursos de Jesus, tão cheios de ensinamentos e tão profundos nos conceitos, causaram em Maria, explica-se por si mesma. Com que maravilha teria ela constatado os milagres, que fazia aos doentes, quando curava os leprosos, restituía a vista aos cegos, fazia andar aos paralíticos, expulsava os espíritos malignos dos corpos de suas vítimas, ressuscitava os mortos, perdoava os pecados, consolava os aflitos, dava o pão miraculoso aos famintos, tomava nos braços as criancinhas e as abençoava. E tudo isso acontecia com muita frequência.

Em uma tarde de sábado, nos primeiros tempos de sua vida pública, achava-se Jesus em Cafarnaum. Logo após o pôr do sol, o que significava o fim do repouso festivo daquele dia, foram trazidos para defronte da sua casa, doentes e obsessos da cidade, aos quais se juntou uma grande multidão. Maria devia confortar, ordenar e interceder. Quando Jesus saiu fora fêz-se um grande silêncio, ficando todos em ansiosa expectativa. E eis que um possesso gritou: «Tu és o Filho de Deus!» mas Jesus ordenou-lhe que calasse e depois pondo-se diante de cada doente, estendia sobre ele, cheio de compaixão, as suas mãos, e o curava. Os espíritos malignos deviam ceder diante de suas palavras cheias de fôrça. Pode-se imaginar a alegria e a emoção de todos os circunstantes, a tal ponto que naquela noite ninguém pensou em ir repousar (Lc. 4, 40; Mc. 1, 32-34; 3, 10 ss.; Mt. 8, 16 s.).

A notícia desses fatos se propagou celeremente e atraiu milhares de pessoas a Cafarnaum. A aglomeração

era de tal ordem, que êle teve que ordenar o preparo de uma barca pronta para recebê-lo, de modo a poder se refugiar nela, no caso da multidão, em contínuo aumento, tentar exercer pressão sobre êle, pois os doentes «lançavam-se sobre êle», para tocá-lo e obter cura (Mc. 3, 7-10). Os parentes solicitaram-lhe então que realizasse os milagre na capital, pois assim o grande mundo seria todo informado dos seus atos e prestaria um depoimento favorável a êle. Eles não compreendiam, todavia, que o seu reino, de que tanto falava, era de um gênero muito diverso e mais elevado, tanto assim que já estavam no terceiro ano de sua vida pública, e não havia ainda nenhum sinal promissor da realização dos seus sonhos de poder e de esplendor. Uma vez deixou escapar uma ocasião única, quando a milagrosa multiplicação dos pães entusiasmou por tal forma a multidão que essa queria proclamá-lo rei. É certo que Maria teria julgado com profunda descrença essa explosão de entusiasmo, porque sabia que, depois da morte de Herodes, todos aquêles que fraudulentamente se tinham proclamado rei, não haviam feito outra coisa senão convulsionar o país e acabaram todos muito mal. Ela desconfiava do povo, se bem que muito o amasse, e terá compreendido muito bem porque Jesus tinha-se retirado da multidão excitada e refugiado na montanha.

Bem cedo Jesus teve meios de constatar quanto era mutável o bafejo popular. No dia seguinte, tendo comparecido à sinagoga de Cafarnaum, fêz ali um magnífico discurso no qual afirmou ser o pão do céu que dá a vida, oferecendo sua carne e o seu sangue para alimento dos homens, de modo a que se tornassem uma só coisa com êle e pudessem ganhar a vida eterna. Ao ouvir isso o povo escandalizou-se e êle insistiu com energia: «É o espírito

que vivifica; a carne não permanece; as palavras que vos digo são espírito e vida» (Jo. 6, 63); mas eles não compreenderam as palavras de Jesus, que lhes pareciam muito duras. O grande milagre do dia precedente fôra esquecido e o entusiasmo por êle despertado já se havia extinto; muitos dos que o tinham seguido até então, deixaram-no e um apóstolo não acreditou mais n'Ele, se bem que por um ano ainda continuasse protestando o seu fiel devotamento, a fim de sacar maior proveito pessoal: Judas Iscariotes. Jesus o tinha advertido com palavras cujo oculto significado fêz apertar o coração de sua Mãe: «Um de vós é um demônio!» isto é, um espírito de contradição e de negação (Jo. 6, 70).

De ora em diante Jesus evitará os entusiasmos da multidão e se dedicará antes de tudo, a instruir os seus discípulos.

4. Contrariedades

Dentro de pouco tempo Maria deverá constatar que a profecia do velho Simeão segundo a qual o seu Filho seria «um sinal de contradição», era inteiramente verídica. A linguagem franca e decisiva de Jesus e os seus luminosos ensinamentos, estavam em contraposição com a atmosfera tôrva e sufocante da doutrina dos escribas e fariseus, que começaram por isso a se mostrarem descontentes, desaprovando-os inteiramente. Êsses pedantescos intérpretes da lei mosaica começaram então a hostilizar o novo Mestre, que falava «como pessoa que tem autoridade» (Mt. 7, 29), a princípio com insinuações cavilosas: Jesus perdoa os pecados paralíticos, logo, julgam os escribas, êle blasfema, pois somente Deus pode perdoar os pecados. A milagrosa cura do doente não faz nenhuma impressão sôbre eles (Lc. 5, 15-26

e paralelos); toma parte em um banquete do republicano Levi (Mateus), e eles murmuram que Jesus come com os pecadores (Lc. 5, 23-32), afirmando que «os discípulos do Batista e os fariseus jejuam, ao passo que tu não ensinas os teus a jejuar, mas os levás a banquetes» (Lc. 5, 33-39 e paralelos). Então Jesus responde com a tocante parábola do vinho novo que, faz romper os odres velhos, dando a entender que eram eles incapazes de receber o seu ensinamento.

Tendo entrado em uma sinagoga em dia de sábado, e achando-se ali um homem que tinha a mão ressequida, os fariseus o observavam para ver se êle ousava curar em tal dia, para assim poderem acusá-lo de uma grave infração à Lei. Mas havendo-lhes Jesus perguntado se era lícito curar um doente em dia de sábado, eles se calaram. Então Jesus, lançando-lhes um olhar de indignação, e entristecendo-se profundamente pela dureza dos seus corações, curou aquêle homem. Os Seus adversários sentiram-se batidos diante de tôda a comunidade e retirando-se cheios de raiva, reuniram-se em concílio contra êle, estudando o modo de o fazer perecer (Mc. 3, 1-6 e paralelos).

Maria, que estava presente ao serviço divino do sábado, assistiu a essa contenda e bem podemos imaginar quanto sofreu intimamente por causa disso. Eram notas dissonantes que se misturavam, desde os primeiros dias, aos cantos de júbilo de todo o povo.

Pior ainda foi o que Jesus teve de suportar naquele mesmo período, na sua terra natal, em Nazaré. Tendo vindo com o seu séquito à pequena cidade, entrou na sinagoga, e é lógico pensar que Maria também assistira ao incidente. Tendo-se Jesus oferecido para o comentário, apresentaram-lhe um livro com os escritos do profeta Isaías (61, 1 st.), onde se lia:

«O espírito do Senhor repousou sobre mim,
porque o Senhor ungiu-me;
Ele me enviou para evangelizar os mansos,
para curar os contritos de coração
e pregar a redenção aos cativos e a liberdade aos encarcerados,
para publicar o ano da reconciliação do Senhor».

Lidas essas palavras, deu o livro ao servente, assentou-se e, sob os olhares convergentes de todos voltados sobre sua pessoa, começou a falar: «Hoje essa passagem da Escritura está se cumprindo diante de vós». Todos que ouviam louvando-o, admiraram-se das palavras cheias de graça que saíam da sua boca. Mas logo se fez ouvir a primeira voz discordante entre eles: «Não é este o filho de José, o carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs não estão aqui entre nós? De onde lhe vêm sabedoria e força miraculosas?» Escandalizavam-se de sua origem humilde; ele é um nazareno como nós, pensavam, e não estudou com os mestres autorizados e não sabe nada mais do que nós. Tinham sabido dos numerosos milagres realizados em Cafarnaum, mas perto deles não os tinha feito, e justamente «por causa da sua incredulidade» (Mc. 6, 6; Mt. 13, 58). Não era isso uma falta de consideração para com a cidade de seus pais? Se toda aquela gente que acorria a Cafarnaum viesse para Nazaré, a cidadezinha ganharia maior fama e um lucro substancial; ele então dava preferência aos estrangeiros e pouco caso fazia da sua cidade. Jesus leu-lhes o pensamento e lhes disse: «Certamente me aplicais este provérbio: «Médico, cura-te a ti mesmo. Queres ter um séquito junto de nós? Faz também aqui na tua pátria, um milagre como em Cafarnaum». E na sua resposta evocou dois fatos condizentes da Escritura Sagrada, mas

que foram interpretados como simples desculpa para não satisfazer aos seus desejos, pelo que se encheram de ira e o expulsaram da sinagoga. E soltando gritos desordenados, o conduziram através da cidade, a um lugar onde se abria, nos flancos da montanha, um profundo e aprumado despeñadeiro, com o intuito de precipitá-lo por ali abaixo «mas Jesus passando por entre a multidão, foi-se embora». Que coisa tinha impedido assim tão de súbito, aos ameaçadores punhos de agarrá-lo? Que coisa extinguiu tão depressa a cólera daquela gente enfurecida? Sem dúvida a majestade dos olhos de Jesus, a calma patética do seu olhar. Depois disso deixou Jesus a mesquinha aldeia, não mais voltando aí (Lc. 4, 16-30 e paralelos).

Como teria ficado Maria terrivelmente inquieta ao ver o aceso furor daquela gente! Conhecidos, vizinhos e amigos se encontravam no meio da multidão enfurecida contra ele. E foi tomada por maternal angústia que ela seguiu a desordenada multidão, até que os discípulos de Jesus a rodearam. Felizmente seu Filho sabia achar remédio para todos os casos, até mesmo para os desesperados... mas um aguçado espinho ficava a espicaçar-lhe a alma, por tal forma que, havendo perdido assim a sua amada terra natal, podia aplicar a si própria as palavras do profeta Jeremias:

«A minha herança tornou-se para mim
qual leão dentro das selvas;
levantou sua voz contra mim
e por isso a detesto» (12, 8).

Também para ela era um adeus definitivo e desagradável ter de apartar-se dos lugares onde havia transcorrido a infância e a juventude, onde tinha recebido a men-

sagem do Anjo, onde o seu Filho tinha passado da juventude à maturidade. Mil recordações gratíssimas estavam ligadas até às pedras das casas e dos muros, à campina e aos montes da terra natal, da qual se afastou com o coração oprimido. Foi um sacrifício a mais, no seu caminho semeado de abrolhos e de dores.

Chegou depois a triste notícia de que João Batista havia sido degolado no cárcere, verificando-se assim mais uma morte de profeta acrescida ao número dos que o haviam precedido. Maria o conhecera em pequeno e soube mais tarde da sua vida de penitência, do que havia êle feito nas margens do Jordão, da sua atitude enérgica e corajosa contra os erros e os crimes do seu tempo e do fato de ter êle apontado seu Filho como o Messias. Agora também êle, na flor dos seus anos, tinha caído vítima da sua própria coragem. O trágico fim desse profeta encheu de tristeza profunda o ânimo de Maria. Quanto tempo passará até que o mesmo mundo sem Deus venha atentar contra a vida de seu Filho?

Em um dia de festa Jesus veio a Jerusalém, em companhia de muita gente. E tendo curado no sábado, um homem que estava doente havia 38 anos, concluiu com as seguintes palavras: «O meu Pai não cessou jamais de operar até agora, e eu também opero». Estas palavras vieram confirmar seus adversários no propósito de matá-lo, porque, não respeitando o sábado e comparando-se com Deus, cometia, segundo o seu tendencioso modo de pensar, dois gravíssimos pecados (Jo. 5, 1-18).

O seu discurso final de defesa não demoveu os adversários da decisão firmada, tanto assim que, tendo-se Jesus dirigido para a Galiléia (Jo. 7, 1), encontrou novas hostilidades que lhe perturbaram a ação (Mc. 7, 1). Alguns de seus inimigos, tendo notado que os discípulos de Jesus não

lavavam as mãos antes das refeições, chamaram-lhe a atenção para o fato com a seguinte observação: «Por que os teus discípulos não seguem a tradição de nossos pais?» Jesus, em vez de responder diretamente, fez-lhes a seguinte pergunta: «Porque transgredis vós mesmos o quarto mandamento de Deus, preferindo observar a vossa tradição?»; pois êles, de fato, haviam excogitado um astuto expediente para se subtraírem da obrigação de assistir aos seus velhos pais, aos quais diziam: «É oblação (oferta) tudo isso que quereis partilhar da minha subsistência». Ora, segundo a Lei, quem subtraía a oblação cometia um sacrilégio e por isso os pais não podiam receber nada deles, sem se tornarem culpados e êles, assim deixando de assisti-los, violavam o quarto mandamento. Depois Jesus defendeu seus discípulos da acusação de não lavarem as mãos, afirmando que não era impuro o que entrava pela boca, mas o que saía fora do coração: maus pensamentos, dissoluções, latrocínios, assassinios, cupidez, adultérios, crueldades, fraudes, imprudência, inveja, difamação, orgulho, estultice. Os Fariseus eram porém incapazes de acompanhar-lhe o desenrolar do pensamento e se apegavam apenas a algumas palavras, deturpando-lhes o sentido. Seus corações estavam tão repletos de orgulho, que nem mesmo o próprio Filho de Deus podia penetrar nêles (Mc. 8, 15; Lc. 12, 1). Jesus preveniu Seus discípulos e os pôs em guarda contra a perversidade, a hipocrisia, que êle chama de «fermento dos fariseus» (Mc. 8, 15; Lc. 12, 1).

A aversão contra Êle crescia cada vez mais, e quando Jesus, no último ano de vida, não foi a Jerusalém pela festa dos Tabernáculos (no mês de setembro), houve muita discussão a seu respeito. As opiniões do povo eram discordantes; «porque alguns diziam: — É bom. — outros: — Não, êle transvia o povo». Mas quando êle ali compa-

receu, ainda durante a semana da festa e falou abertamente da sua missão por vontade do Pai, «procuraram prendê-lo, mas ninguém teve coragem de pôr-lhe a mão, porque a sua hora ainda não era chegada» (Jo. 7, 25-30). Uma outra tentativa de prendê-lo fracassou de novo miseravelmente; os guardas mandados justamente com este propósito, voltaram sem êle e se desculpavam, dizendo: «Nenhum homem jamais falou como êle». Os Fariseus, enfurecidos pela raiva, exclamaram: «Até vós mesmos fostes seduzidos? Haverá um só dos chefes ou dos Fariseus que tenha acreditado nêle? Só esta turba, que nada compreende da Lei, é maldita» (Jo. 7, 46 ss.).

Em um outro discurso, Jesus condenou a incredulidade dêles dizendo: «Vós morrereis nos vossos pecados» (Jo. 8, 24), «vós não sois filhos de Abraão, mas filhos do diabo» (Jo. 8, 39-44). No final desse discurso, apanharam pedras para atirar nêle, mas êle se escondeu e saiu do Templo (Jo. 8, 59).

A cura do cego de nascença não lhes havia aberto os olhos, e permaneceram obstinados, mesmo defronte de um tão grande milagre e só acharam matéria para censurar pelo fato de ter êle, em dia de sábado, misturado pó da terra com um pouco de saliva para aplicá-la sobre os olhos do cego. «Vós dizeis que estais vendo e por isso permanece o vosso pecado» (Jo. 9, 41), e não tendes então nenhuma desculpa, assim lhes disse Jesus, pois êles pecavam continuamente contra o Espírito Santo, pecado êste que, pela sua natureza, é sem remissão (Mc. 3, 28-30; Mt. 12, 31 s.).

Finalmente a medida se encheu. Um Fariseu, que tinha convidado Jesus para um banquete, ficou admirado por haver êle transcurado a prática tradicional da lavagem das mãos antes de pôr-se à mesa, como era do ritual, e fez

algumas observações a êsse respeito. Então Jesus fez severas advertências aos convidados, que eram todos fariseus, dizendo-lhes repetidas vezes: «Ai de vós!» A ruptura de relações tornou-se então completa. Ao sair dali os doutôres da lei e os Fariseus o assaltaram violentamente com perguntas insidiosas, para tentar recolher da sua própria boca alguma afirmação culpável (Lc. 11, 37-54). Um debate quase idêntico a êsse foi por êle mantido contra os Fariseus até na última semana da sua vida (cf. Mt. 23).

Êsse avolumar-se da oposição entre Jesus e o mais forte partido do país enchia de grandes preocupações o coração de Maria. Como se entristecia ela pelo fato de seu Filho encontrar tão pouca compreensão e tão pouca boa vontade junto dêles! Ela via a perfídia, a maledicência e a mesquinha dessa categoria de pessoas, que mostravam assim abertamente desprezo e ironia para com Jesus e pelos seus ensinamentos, e sentia aumentar cada vez mais o ódio contra êle (Lc. 16, 14). Daquele momento em diante qualquer palavra dita para êles seria inútil ou causa ainda de maior ódio (Mt. 7, 6). Nada de bom podia se esperar da hostilidade daquela gente tão soberba e cheia de si; a atmosfera cada vez mais se tornava mais carregada e uma tempestade se condensava sobre a cabeça de seu Filho.

A certeza absoluta de que Jesus teria que sofrer atrocemente e seria morto, Maria a obteve das profecias de seu Filho mesmo, dando claramente a entender isso. Primeiramente Jesus já havia profetizado por duas vezes a mesma coisa (Mc. 8, 31-33 e paralelos; Mc. 9, 30-32 e paralelos) sem fixar porém o tempo. Mas agora não deixava nenhuma dúvida a respeito. Sigamos a narrativa do evangelista Marcos (10, 32-34): «E pondo-se em viagem para subir a Jerusalém, Jesus ia adiante e êles admiravam-se e o seguiam

com medo. E tomando novamente de parte os doze, começou a dizer-lhes as coisas que tinham de lhe acontecer: — Eis que subimos a Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas e aos anciãos, e será sentenciado à morte, e o entregarão aos gentios; e lhe cuspirão no rosto e o açoitarão, e lhe tirarão a vida; mas passados três dias Ele ressuscitará». Maria, que acompanhava Jesus, teria ouvido com grande dor essas palavras, sentindo o coração apertar-se por uma indizível angústia, mas conservando-se firme no seu propósito de permanecer sempre ao lado do seu Filho até o fim. Com a sua fé inquebrantável, com o seu amor sem limites, ela queria sofrer junto d'ele os seus padecimentos em tôda a sua gravidade e suportar a sua ignomínia. Ele havia dito um dia: «Eu tenho que ser batizado num batismo (de sangue) e quão grande é a minha angústia até que êle chegue!» (Lc. 12, 50). O tormento da Mãe também era imenso, e enquanto o seguia tão corajosa e resolutamente, o Salvador ia ao encontro da morte (Mc. 10, 32).

Através do vale do Jordão descia-se por uma má e acidentada estrada para Jericó; o curso do rio forma muitos meandros como se as suas águas doces relutassem em se perder na amargura do Mar Morto.

Também tu, ó Maria, mergulharás bem depressa em uma grande amargura! «Grande como o mar é a tua infelicidade!... Quem te trará alívio? (Lam. Jer. 2, 13).

Que faz geralmente o homem, nas grandes dificuldades ou nas grandes aflições? Ora. Assim, orando confiadamente, Maria andava peregrinando ao encontro de um grande perigo que se aproximava hora por hora, inexoravelmente.

CAPÍTULO VI

A PAIXÃO DE JESUS

O milagre de Betânia (a ressurreição de Lázaro), que tanto clamor havia suscitado, foi a última causa da ruína de Jesus. O milagre tinha sido operado em pleno dia e diante de tantas testemunhas que não era possível negá-lo, havendo além disso conquistado para êle a fé e confiança de muita gente. A notícia dêsse milagre chegou por intermédio dos Fariseus ao círculo de outros sacerdotes. O Sinédrio (o alto conselho) reuniu-se imediatamente, discutindo a questão: «O que devemos fazer, uma vez que êste homem realiza tantos milagres? Se o deixarmos continuar, todo o mundo acreditará nêle; e virão os Romanos e destruirão a nossa cidade e a nossa nação».

O sumo sacerdote Caifás proferiu contra Jesus um violento discurso, resumido por João nestas palavras: «Vós não sabeis nada, nem considerais como vos convém que morra um homem pelo povo e não pereça tôda a nação». Caifás não sabia que tinha dito palavras altamente significativas: a morte de Jesus traria a todo o povo hebreu e a todo o mundo a salvação eterna! Desde aquêlê dia decidiram fazê-lo morrer (Jo. 11, 45-53).

Jesus subtraiu-se dêles ainda por algum tempo, retirando-se para a pequena cidade de Efrém, a nordeste de Jerusalém, nas proximidades do deserto da Judéia. Os Pontífices e os Fariseus ordenaram a todos que soubessem

onde se tinha êle refugiado que o assinalasse a fim de que pudessem êles capturá-lo (Jo. 11, 54-57).

Pela festa da Páscoa, no entanto, Jesus, passando por Jericó, dirigiu-se a Betânia onde recebeu entusiástica acolhida. As irmãs de Lázaro, cheias de reconhecimento, prepararam um banquete para êle e sua comitiva. Marta servia à mesa e Maria o ungiu com precioso óleo de nardo. Judas, o traidor, feriu uma nota discordante na alegria de todos os presentes, criticando a unção como um desperdício de dinheiro. «Deixai-a fazer!» ordenou-lhe Jesus, «ela ungiu-me para a sepultura». Para Maria, êsse festim não podia ser um banquete de júbilo: a sombra da cruz se projetava sobre sua alma, obscurecendo-a.

Na manhã seguinte muita gente o acompanhou e preparou-lhe uma viagem triunfal de Betânia até o Templo de Jerusalém. Êle mesmo deixou-se conduzir sobre uma cavalgadura, tendo alguns oferecido mantos para servir de sela, vindo ao seu encontro uma grande multidão agitando palmas e ramos de oliveira e espalhando folhagens das árvores pela estrada que Êle devia percorrer. E todo o povo o aplaudia, «porque tinha ressuscitado Lázaro». Chegados ao Templo, até as crianças, arrebatadas de entusiasmo, gritavam-lhe «Hosana, ao filho de Davi!»

Os seus inimigos ficaram indignados: «Vêdes que nada aproveitamos! Eis que todo o mundo vai após êle» (Jo. 12, 19). Jesus não mantinha ilusões sobre todo o entusiasmo popular, mas, em tom sério como sempre, falava da sua próxima morte: «Se o grão de trigo não morre na terra onde caiu ficará sozinho, mas se morrer produzirá, pelo contrário, muito fruto... Minha alma agora é conturbada. E que direi? Pai, livra-me desta hora! Pai, glorifica o Teu nome. Então veio do céu uma voz: — Eu o te-

nho glorificado e de novo o glorificarei! — Alguns diziam: «Foi um trovão», — outros acreditavam que um Anjo lhe tivesse falado. Então Jesus disse: Esta voz não veio por minha mas por vossa causa. Agora é julgado o príncipe dêste mundo, agora o príncipe dêste mundo será lançado fora. E eu, quando fôr alçado da terra, atrairei todos a mim. Com isto queria significar a sua morte na cruz e a sua vitória» (Jo. 12, 12-36 e paralelos).

Que pensamentos e que sensações pôde experimentar Maria durante esta entrada triunfal e ao mesmo tempo tão triste! Ela sentiu em sua alma a tristeza do seu Filho e compreendeu bem as suas alusões, e no seu coração não pôde penetrar a alegria. Além disso, ela viu também os rostos irritados dos Fariseus que, voltando-se para Jesus lhe pediram que fizesse calar os seus discípulos e as crianças (Mt. 21, 15; Lc. 19, 39 s.). Nesta noite Jesus se recolheu com os seus em Betânia, passando-a aí em companhia de Lázaro, Marta e Maria, na casa hospitaleira onde sempre encontrava amistosa acolhida (Mc. 11, 11; Mt. 21, 17).

Os dias seguintes foram cheios de discursos e de discussões com os Fariseus que pretendiam também proibir Jesus de falar no Templo. Êle porém desarmou seus adversários com a pergunta sobre a origem do batismo de João (Lc. 20, 1-8 e paralelos), e depois narrou a parábola dos maus rendeiros que tinham espancado e morto o próprio filho do patrão. Bem compreenderam êles que Jesus se referia a êles mesmos e por isso quiseram prendê-lo imediatamente, mas foram coagidos pelo temor do povo que o escutava com entusiasmo, reputando-o como um profeta (Lc. 20, 9-19; 19, 47 s.).

Passaram a tentá-lo com perguntas insidiosas, indagando os Fariseus se era lícito pagar o tributo a César; e os

Saduceus, a quem pertenceria, depois da ressurreição, a mulher que tivesse tido, um depois do outro, sete maridos. Jesus sempre respondia, propondo-lhes também uma pergunta, desconcertando assim os adversários e os confundindo. Depois, como já havia feito uma vez, desancou os Fariseus, desmascarando diante do povo as suas culpas secretas (Mt. 23).

É fácil de se imaginar a onda de furor e de ódio que uma tal atitude provocou. Maria estava certamente presente e bem compreendeu que não era possível encontrar uma solução pacífica para tal dissídio. Tudo caminhava inexoravelmente para o cumprimento das profecias messiânicas. Os ofendidos não darão mais tréguas e não se deterão, enquanto não obtiverem um vingança sangrenta.

Caifás reuniu de novo o Sinédrio no seu palácio para determinar o modo pelo qual poderiam capturá-lo, agindo com astúcia para evitar uma rebelião do povo. Era a antevéspera da Páscoa, quando Judas se apresentou diante dos altos sacerdotes e do comandante da guarda do Templo e se ofereceu para trair o Mestre, aceitando como recompensa trinta dinheiros de prata. O celerado se pôs desde então de alcatéia, à espera da ocasião mais favorável para entregá-los Jesus (Mt. 26, 1-5 e 14-16 e paralelos).

Na tarde do dia seguinte, no primeiro dia dos pães ázimos, Jesus mandou Pedro e João a prepararem um banquete de Páscoa em uma casa em Jerusalém. Não se sabe se tomaram também parte no banquete as mulheres de seu séquito, ou se comeram separadamente o seu cordeiro pascal, pois um só cordeiro não seria bastante para tantas pessoas. Se as mulheres tivessem tomado parte em tal banquete, teriam certamente preparado, de muito bom grado, tudo que fôsse necessário; mas o Evangelho não dá indica-

ção alguma e narra apenas que somente os dois Apóstolos receberam a incumbência referida (Lc. 22, 8-12 ss.).

Depois da ceia, na qual foi instituída a Santíssima Eucaristia, Jesus pronunciou o seu comovente discurso de adeus, proferiu a bela e solene oração na qual deu conta ao Pai das suas obras e rogou pelos Apóstolos e por aqueles que no futuro, acreditariam nêle, a fim de que o Pai os guardasse, os santificasse e os recebesse na eterna glória da sua divina Unidade (Jo. 17).

Depois Jesus se dirigiu na companhia dos doze Apóstolos, para o jardim de Getsêmani, fora da cidade, nas encostas do monte das Oliveiras. Ali entrou em agonia, lutou e orou por longo tempo, pronunciando estas comoventes palavras: «Pai, não a minha, mas a tua vontade seja feita!» Está êle agora pronto ao sacrifício supremo da sua vida, disposto a lançar-se em um mar de dores e de ignomínia, para consolidar a sua obra predileta: a Igreja.

Os acontecimentos se precipitaram. O traidor guiou um grupo armado de espadas, de bastões e provido de lanternas, com ordens de prendê-lo. Jesus deixou-se algemar e conduzir. Naquela noite o cordeiro pascal era comido em todas as casas e por isso a maior parte da gente ainda estava desperta e a notícia da prisão de Jesus espalhou-se logo por toda a parte, bateu em todas as portas. Maria e as outras mulheres foram logo informadas também, certamente por algum dos Apóstolos que tinha fugido. A hora tão temida e há tanto tempo esperada, chegara afinal. E assim Maria e os outros sequazes ficaram cientes do que acontecera no jardim das Oliveiras. Os inimigos tinham conseguido deitar-lhe mão, e êle não tinha escapado, como havia feito em outras ocasiões, mas, ao contrário, não havia oposto a menor resistência, proibindo, além disso, aos Apóstolos, qual-

quer resistência, não querendo que fôsem envolvidos na sua desventura.

Logo começaram os interrogatórios, em primeiro lugar perante o velho sumo sacerdote Anás e depois perante o Sinédrio convocado à pressa. A sessão noturna terminou com a acusação: «Ele é réu de morte por ter blasfemado contra Deus». Surgiu-se um tratamento indigno, durante o qual o condenado foi atrozmente vilipendiado. Como porém não se podia pronunciar uma sentença de morte durante a noite, o Sinédrio realizou uma segunda sessão ao raiar do dia, e o condenou de novo.

Jesus foi depois conduzido a Pilatos e confiado assim à justiça dos Gentios. Mas como não seria válida junto a esta a acusação de blasfêmia, levantaram uma outra, de caráter político: «Ele agita o povo, proibindo de se pagar tributo ao imperador e afirmando ser o Cristo Rei» (Lc. 23,2). No Pretório de Pilatos a discussão foi mantida em frente do palácio e Maria, não conhecida e misturada à multidão, seguiu com angústia o processo em todos os seus detalhes. O juiz reconheceu a falta de base da acusação, percebeu as ocultas intenções dos acusadores e declarou: «Eu não acho culpa neste homem».

Depois, quando soube que Jesus era da Galiléia, e por isso súdito de Herodes, mandou-o a êle. Herodes já se tinha antes mostrado inimigo do Salvador e queria mandar matá-lo porque lhe contaram que Jesus o tinha chamado de «uma rapôsa» (Lc. 13, 31-33), e levado à sua presença, Jesus não respondeu às suas perguntas e não fêz para êle nenhum milagre. O rei mandou então que fôsse Êle revestido com o traje de louco e tratou-o com desprezo, mas não lhe descobrindo culpa alguma, o recambiou para Pilatos, devolvendo-lhe o processo.

Pilatos, tendo convocado o Sinédrio e o povo, anunciou a todos o resultado do inquérito: «Nem eu nem Herodes achamos êste homem culpado das acusações que lhe são feitas». Mas o juiz cometeu sua primeira falta por não querer desgostar abertamente os acusadores e decidiu: «por isso mandarei flagelá-lo e depois o soltarei». Aquêlê «por isso» foi fatal. Por que razão devia ser flagelado o acusado, se era inocente? Tal irresoluto procedimento reanimou os inimigos de Jesus que, notando a fraqueza do juiz, trataram de se aproveitar dela e o conseguiram.

Uma outra tentativa de Pilatos para livrar Jesus faliu completamente. Durante a festa da Páscoa o povo podia pedir a libertação de um condenado e a escolha foi estabelecida entre Jesus e um certo Barrabás, um rebelde, assassino e salteador (Lc. 23, 19 e Jo. 18, 40). Mas a impetuosa e acesa ira do sumo sacerdote soube conquistar a plebe de Jerusalém de modo que ela escolheu Barrabás. Pilatos então perguntou-lhes: «Que devo agora fazer daquele que vós chamais de Rei dos Judeus?» Eles gritaram: «Crucificai-o». E tendo perguntado ao povo: «Mas o que fêz êle de mal?», êles gritaram de novo: «Crucificai-o!» (Mc. 15, 11-14). O ódio perturbava os ânimos; «nós queremos», e isso era motivo suficiente. E êste furor da turba ressoava em tórno de Maria, a Mãe do acusado.

Levaram em seguida Jesus para dentro do pátio, onde Maria não o pôde seguir, mas pôde bem ouvir, mesmo de fora, o sibilar dos açoites da cruel flagelação que êle sofreu, os gritos, as zombarias e as risadas dos rudes soldados que, por instigação de alguém, o coroaram com uma coroa de espinhos e o maltrataram terrivelmente.

Uma advertência recebeu Pilatos, no entanto, que teria podido, se êle quisesse, impedir um assassinio legali-

zado. Sua mulher lhe havia mandado dizer: «Não te intrometas nas coisas dêste justo, porque hoje, em sonho, muito sofri por causa dêle» (Mt. 27, 19). Mas isso foi inútil como vemos pela última cena desenrolada em frente à cadeia do juiz, governador da província, e que nos foi descrita por João, testemunha ocular dos fatos:

Pilatos no entanto saiu de novo e lhes disse: «Eis aí o homem!» Mas logo que o viram, os grandes sacerdotes e os guardas, gritaram: «Crucificai-o! Crucificai-o!»

Pilatos respondeu: «Tomai-o e crucificai-o vós mesmos, porque eu não acho nêle nenhuma culpa».

Os Judeus replicaram: «Nós temos uma lei, e segundo esta deve morrer porque se fêz filho de Deus».

Pilatos então, ao ouvir estas palavras, acovardou-se ainda mais, e entrando novamente no pretório perguntou a Jesus: «De onde és tu?»

Jesus não lhe respondeu.

Pilatos: «Não respondes? Ignoras que tenho poder de te restituir a liberdade ou de te mandar crucificar?»

Jesus: «Nenhum poder terias sôbre mim, se não te fôsse dado do alto. Por isso, os que me entregaram em tuas mãos, são mais culpados do que tu».

Desde aquêlê momento Pilatos procurava libertá-lo. Mas os Judeus gritavam: «Se o soltas, não és amigo de César, pois quem se diz rei, está de fato contra César».

Pilatos, então, tendo ouvido estas palavras, conduziu Jesus para fora, assentando-se na sua cadeira de juiz, no seu tribunal, no lugar que em grego se chama Lithóstroto, e em hebraico Gábbatha. Era a parasceve (dia de preparação) da Páscoa, cêrca da hora sexta; e disse aos Judeus: «Eis o vosso rei!»

Eles gritaram: «Fora, fora, crucifica-o!»

Pilatos: «Deverei crucificar o vosso rei?»

Os grandes sacerdotes: «Nós não temos outro rei senão o imperador» (Jo. 19, 4-15).

E visto que o tumulto aumentava, diante da ameaçadora cólera popular, Pilatos perdeu o ânimo, sentindo a sua impotência e tendo lavado as mãos em sinal de fraco protesto, declarou: «Eu sou inocente do sangue dêsse justo! Cuidai dêle vós mesmos». E todo o mundo lhe gritou em resposta: «Caia o seu sangue sôbre nós e sôbre nossos filhos!» (Mt. 27, 24 s.). Tal brado deu origem à mais injusta condenação à morte registrada pela história do mundo e também aos dolorosos sofrimentos que o crime sangrento acarretou a um povo sublevado por guias cegos. No meio da multidão desatinada Maria se achava com o coração transpassado por uma espada, imersa na mais profunda dor.

As providências para a crucifixão foram tomadas então à pressa, e o triste cortejo se pôs em movimento. A distância da fortaleza Antônia, de onde Pilatos proferiu a sua sentença, até o Gólgota, é de seiscentos a setecentos metros, uns dez minutos de caminho cuja última parte se reduzia a um trilho íngreme, áspero e pedregoso, cuja ascensão era mais difícil. Maria e suas companheiras se agregaram ao cortejo e o seguiram. Jesus levava sôbre os ombros a pesada cruz, mas os seus algozes logo perceberam que êle, por causa dos maus tratos recebidos antes, especialmente pela perda de sangue sofrida durante a flagelação, estava tão debilitado que não podia suportar a carga do pesado madeiro da cruz, já armada com os seus braços. Em vista disso, tendo sido encontrado em caminho um tal Simão de Cirene que regressava do campo para a casa, obrigaram-no a carregar a cruz de Jesus. Muita gente se

juntou ao cortejo e entre esta, muitas mulheres que, lamentando em altas vozes e chorando, se compadeciam d'ele. Jesus voltou-se para elas e disse: «Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, mas chorai antes sobre vós mesmas e sobre vossos filhos. Porque virá tempo em que se dirá: Ditosas as estéréis e os seios que não geraram, e os peitos que não amamentaram. Então começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós; e aos outeiros: Cobri-nos. Porque se tais coisas se faz ao verde, que se fará ao sêco?»

Com êle foram levados também dois malfeitores para serem justificados (Lc. 23, 26-32). A cruz invisível que Maria levava nesta via dolorosa de seu Filho, era infinitamente mais pesada do que aquela que o Cirineu carregava; nenhuma mãe percorreu jamais tão doloroso caminho.

Deixando a cidade pela porta de Efraim, junto à qual havia uma grande praça, o cortejo rumou para o lado oeste onde se elevava uma colina rochosa chamada Gólgota (palavra hebraica que significa «Crânio»), por causa da sua estranha cabeça calva. Sobre a rocha foi afincada a longa trave da cruz, pronta para acolher a vítima. Neste lugar se desenrolaram os horrendos detalhes da crucificação, perfeitamente visíveis de toda a parte, porque a rocha se destacava como uma eminência arredondada, bastante elevada. Na Igreja do Santo Sepulcro, que existe hoje sobre o local da crucificação, a rocha do Calvário se eleva 4 m. e meio acima do pavimento da própria igreja.

Inicialmente, deram a Jesus um copo de vinho misturado com mirra destinado a atenuar a sensibilidade dos condenados. Jesus apenas provou-o, mas não o bebeu pois desejava sofrer com plena consciência as dores da crucificação em toda a sua cruel atrocidade (Mt. 27, 34). De-

pois lhe tiraram a túnica, estenderam-no sobre a cruz e pregaram-lhe as mãos e os pés. Os pesados golpes do martelo penetravam também até os ossos da pobre Mãe. Depois de o pregarem nos braços e na haste da cruz, alçaram o madeiro e o plantaram num buraco aberto no solo pedregoso do monte.

Geralmente a vítima era deixada suspensa até a morte por exaustão e esgotamento sangüíneo, o que provocava atrozes e longuíssimos sofrimentos, segundo a resistência física do condenado. Jesus foi crucificado pela hora terça (Mc. 15, 25), que corresponde à metade da manhã (ou 9 horas a. m.). A indicação do tempo segundo João (19, 14), é a seguinte: «Era aproximadamente a sexta hora» (quando Pilatos pronunciou a sentença), isto é, meio-dia. Há portanto uma discrepância de escritura, que foi explicada por diversos modos. Jesus sofreu portanto sobre a cruz quase seis terríveis e longas horas. E com êle a sua amorosa e dolorosa Mãe!

Depois de cumprida sua cruel tarefa, os soldados dividiram as vestes da vítima; mas a túnica, toda tecida de uma só peça, foi tirada à sorte de dados, porque sendo bela e bem feita, não quiseram cortá-la para dividi-la. Com quanta diligência e quanto amor havia preparado Maria aquela túnica para o Seu amado Filho! É muito provável que as mulheres do séquito de Jesus a tenham depois comprado do que ganhou o jôgo, pois que, sendo soldado, não poderia usá-la.

Juntamente com Jesus foram crucificados, à direita e à esquerda, dois malfeitores (segundo Lucas) ou ladrões (segundo Marcos e Mateus). Pregada à cruz, acima da cabeça, foi afixada uma tabuleta com esta inscrição: «Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus».

O povo quedava-se a olhar, perto da cruz, e alguns zombavam de Jesus crucificado, dizendo: «Tu que pretendias destruir o Templo e reconstruí-lo em três dias, salva-te a ti mesmo. Se tu és o Filho de Deus, desce da cruz». Até os grandes sacerdotes, os doutôres da lei e os anciãos (o inteiro Sinédrio), o cobriam de sarcasmos: «Salvou aos outros e agora não pode salvar a si próprio! Se é o rei de Israel, desça da cruz e acreditaremos nêle. Falava em Deus: que o liberte Deus agora, se lhe quiser bem, pois disse: — Sou Filho de Deus!» (Mt. 27, 39-43 e paralelos).

Uma densa escuridão ocorrida inesperadamente, pôs rápido fim a esta indigna algazarra. Até os ladrões crucificados junto com êle o ridicularizavam (Mt. 27, 44), mas o exemplo da infinita paciência de Jesus chamou à razão o ladrão que estava à sua direita, fazendo-o pensar: — êste homem não pode ser mau, mas simples e bom, e não é justo escarnecermos dêle. Então advertiu o outro ladrão, dizendo: «Tu também não temes a Deus, tu que sofres a mesma condenação? Esta é justa para nós, que recebemos o merecido castigo pelos nossos crimes, mas êle nada fez de mal». E voltando o rosto para Jesus dirigiu-lhe esta súplica: «Lembra-te de mim quando voltares ao teu reino». Jesus respondeu-lhe então: «Na verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso» (Lc. 23, 39-43).

Cessado que foi o clamor zombeteiro da multidão, mesmo porque parte dela se havia retirado, Maria e as mulheres que a acompanhavam puderam aproximar-se da cruz e ouvir as últimas palavras de Jesus, a sua súplica pelos inimigos: «Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem» (Lc. 23, 34), e também, depois da graça concedida ao ladrão, o seu testamento. Em verdade êle não tinha nenhuma propriedade a deixar, mas encarregou o seu fiel discí-

pulo João de tomar consigo Maria como um bom filho, tratando-a como sua Mãe. João narra: «Junto da cruz estavam sua Mãe, e a irmã de sua Mãe, Maria, mulher de Cléofas e Maria Madalena. Jesus, vendo então sua Mãe ali presente e o discípulo que êle amava disse à sua Mãe: — Mulher, eis aí o teu filho. — Depois disse ao discípulo: — Eis aí a tua Mãe. — E desde aquêle momento o discípulo levou-a para casa (Jo. 19, 25-27).

Delicadeza tão comovente! Jesus, nos atrozes tormentos, pensa mais no futuro de sua Mãe do que em si mesmo. Depois da morte de José, tocava a êle a obrigação de prover ao sustento de sua Mãe, viúva, sem outros filhos e que ficara sòzinha no mundo, sem possuir ao menos uma casa. Agora Jesus, considerando que sua Mãe vai ficar privada da dupla assistência do espôso e do Filho e vendo nas proximidades a João, o mais caro e o mais fiel dos seus discípulos, confiou-lhe sua Mãe e João se mostrará digno de tal confiança. Mas Jesus pensava em outra coisa ainda: a sua jovem Igreja perdia o fundador e o pai; mas êle, não podendo mais permanecer visivelmente à sua testa, deveria mandar o Espírito Santo como consolador e mestre. No entanto, seus discípulos não deviam ficar na orfandade. Em cada família não há sempre uma mãe? Maria até agora tinha desempenhado êsse papel entre os discípulos de Jesus e assim sendo, sua obra, depois da sua retirada, tornar-se-á duplamente necessária. João, sob a cruz, não é apenas uma pessoa privada, mas também um apóstolo, uma pedra basilar e um representante da Igreja. Aquilo que o Mestre lhe disse, foi dito para tôda a Igreja: «Tu e todos os meus filhos deveis honrar a Maria como vossa Mãe; e Maria deve ver em vós os seus filhos espirituais, para os quais terá cuidados maternos». Como se tornou rica a Igreja com êsse dom

que Jesus lhe fez! E João também deixou o Calvário enriquecido e bem afortunado, porque conquistou um tesouro inestimável, recebendo a Mãe de Jesus em sua casa e adquirindo o privilégio de ter em sua companhia a mais nobre de todas as mulheres e de se considerar filho dela.

Maria terá certamente exercido uma grande influência sobre o desenvolvimento do caráter do jovem Apóstolo, que era a princípio um homem colérico, tanto assim que certa vez teria invocado fogo do céu para destruir uma aldeia Samaritana, pouco hospitaleira, no que foi repreendido por Jesus (Lc. 9, 54). Mas se assim foi a princípio, o seu temperamento transformou-se por completo, tornando-se ele um pregoeiro da bondade e do amor. Tinha repousado a cabeça sobre o coração de Jesus e recebera d'ele graças especiais; a longa intimidade com Maria completou sua educação. A índole terna e delicada que transparece dos seus escritos é em parte o reflexo da alma de Maria.

Maria, no entanto, mesmo entre os vãos mais elevados do Espírito, não se tinha esquecido das exigências da vida cotidiana, continuando a fazer as coisas que estava habituada: trabalhar e providenciar para os outros, ser a escrava do Senhor, acudindo aos deveres domésticos na casa do Apóstolo, que permaneceu celibatário até a morte.

Maria e João estavam profundamente unidos no mesmo amor por Jesus que era o argumento principal da sua conversação. Aquilo que João «no começo ouviu, viu com os olhos, contemplou e apalpou com suas mãos, a respeito do Verbo da vida» (1 S. Jo. 1), foi muito discutido com Maria e, depois de longa meditação pôsto em escrito para edificação de todos os homens.

Voltemos de novo para o pé da cruz de Jesus. Pelo meio-dia o sol tinha-se obscurecido, mas esse fato não podia

ser efeito da ocorrência de um eclipse natural, pois a lua se achava em fase de plenilúnio, ou lua cheia não podendo passar em frente do sol. Verificou-se assim um evidente milagre. O sol escondeu o rosto para não ver o pior malefício dos homens: o assassinio do Filho de Deus (Mt. 27, 45 e paralelos).

Pela hora nona Jesus gritou em alta voz: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» Estas palavras constituem o começo de um salmo (21). Jesus quis recordar-se êle próprio e a todos que estavam perto, êste salmo de Davi, que profetiza, de modo impressionante, os sofrimentos do Salvador do mundo. Era um salmo bem conhecido dos doutores da lei e dos sacerdotes que deviam se convencer de que tudo quanto fôra escrito ali, estava por se cumprir, ponto por ponto diante dos seus próprios olhos. Maria também o conhecia e terá obtido conforto por isso, naqueles momentos de grandes dores. Basta lê-lo atentamente para se imaginar em que estado de espírito deviam encontrar-se aquelas duas almas santíssimas, a orar:

Sufrimentos do Salvador

«Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

Estás longe das preces e das palavras do meu clamor.
Deus meu, clamo de dia e não me ouves;

de noite e não me atendes.

E tu moras no santuário,
glória de Israel.

Em ti esperaram nossos pais,
esperam e os libertaste;

a ti bradaram e foram salvos,
em ti confiaram e não foram confundidos.

esperaram e os libertaste;
Mas eu sou um verme e não um homem,
opróbrio dos homens, abjeção da plebe.
Todos que me vêem zombam de mim,
franzem os lábios e meneiam a cabeça:
«Confiou no Senhor, livre-o agora;
que o salve, se lhe tem amor».
Fôste tu que me tiraste do ventre materno,
e me colocaste nos peitos de minha mãe.
Fui-te consagrado desde o nascimento.
és o meu Deus, desde o ventre de minha mãe.
Não te afastes de mim porque estou atribulado:
aproxima-te, porque não há quem me ajude.
Cercam-me novilhos numerosos,
rodeiam-me touros de Basã.
Abrem contra mim suas bocas
como leão que devora e ruge.
Estou como água derramada,
desconjuntados todos meus ossos:
meu coração é como cêra,
que se derrete nas minhas entranhas.
Secou-se-me a garganta como barro cozido,
ao paladar pegou-se-me a língua,
e me reduziste ao pó da morte.
Rodeiam-me muitos cães,
sitiou-me um bando de celerados.
Transpassaram-me as mãos e os pés,
posso contar todos os meus ossos.
Eles me olham e tripudiam,
repartem entre si as minhas vestes.
e sorteiam minha túnica.
Mas tu, Senhor, não te afaste:

auxílio meu, apressa-te em ajudar-me.
Livra da espada a minha alma;
e das garras do cão a minha vida;
salva-me da boca do leão,
e das pontas dos búfalos este mísero.

Frutos da Salvação

Anunciarei teu nome a meus irmãos,
louvar-te-ei no meio da assembléia.
«Vós que temeis ao Senhor, louvai-o
celebrai-o, vós todos, filhos de Jacó,
glorificando-o, vós que sois filhos de Israel.
Ele não desprezou a miséria do infeliz,
nem dêle desviou a face
mas o ouviu quando lhe implorou socorro.
A ti ressoará meu louvor na assembléia;
cumprirei meus votos entre os que te temem.
Comerão os humildes e serão saciados;
louvarão o Senhor os que o buscam:
«vivam para sempre, os vossos corações!»
Do Senhor se lembrará e a êle se converterá
tôda a extensão da terra;
e ante a sua face se prostrarão
tôdas as famílias das nações.
Ao Senhor a realeza;
êle é o dominador dos povos
A Êle só hão de adorar quantos dormem sob a terra
diante dêle hão de se inclinar quantos descem ao pó.
Para êle viverá minha alma,
servi-lo-á a minha descendência,

falará do Senhor a geração vindoura,
e anunciará sua justiça ao povo que há de nascer:
«Esta é a obra que fez o Senhor».

Quando Jesus entoou esse salmo, alguns dos que estavam mais próximos da cruz, disseram: «Ele chama por Elias». A palavra «Eli (meu Deus)» repetida duas vezes, assemelha-se ao nome do famoso profeta Elias (Elijja) e deu aos ouvintes motivo para zombaria: «Ele chama por Elias, vejamos se Elias vem salvá-lo» (Mt. 27, 47 ss.).

Jesus estava vendo portanto que tudo se cumpria a seu respeito, faltando apenas uma profecia constante do salmo 69, 22 e assim escrita: «E misturaram fel na minha comida e na minha sede deram-me vinagre». Então ele gritou: «Tenho sede». Um homem, provavelmente um soldado da guarda, ensopou uma esponja no vinagre e colocando-a na ponta de uma cana de hissopo (ou de uma lança), encostou-a na boca do Salvador (Jo. 19, 28 s.). Jesus provou um pouco e disse: «Tudo está cumprido!» (Jo. 19, 30), e depois gritou em alta voz: «Pai, em tuas mãos encomendo o meu espírito» (Lc. 23, 46). E inclinando a cabeça, entregou o espírito (Jo. 19, 30).

Esse importante acontecimento foi por Maria assistido com a maior comoção. A humilhação do Filho de Deus tinha chegado ao máximo, a Redenção estava cumprida. As vitoriosas palavras de Jesus ressoaram como um grito de júbilo através de sua alma: «Tudo está cumprido! Tudo está consumado!» O grave peso que trazia no seu coração desde a profecia de Simeão fôra retirado. Também ela tinha cumprido a sua missão, e tinha participado largamente dos sofrimentos do Salvador.

Apenas Jesus exalou o espírito, a sua glorificação come-

çou. O véu do Templo, que fechava o ingresso no Santo dos Santos, rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu, as rochas se fenderam e as sepulturas se abriram. Os corpos de muitos santos que nelas estavam sepultados foram ressuscitados, saíram para fora dos sepulcros, dirigiram-se à cidade santa e apareceram a muitos. O centurião e os que estavam de guarda com ele perceberam o terremoto e vendo tôdas as coisas que aconteciam, tiveram um grande medo e tomados de pavor disseram: «Este era na verdade o Filho de Deus» (Mt. 27, 51-54), «este homem era certamente um justo» (Lc. 23, 47).

O modo pelo qual Jesus tinha exalado o seu espírito tinha feito uma profunda impressão sobre o centurião romano (Mc. 15, 39), ao qual foi dado mais tarde o nome de Longino. «E toda a multidão que havia contemplado esse espetáculo, refletindo sobre o que acontecera, retirou-se, batendo no peito» (Lc. 23, 48).

«E todos os amigos de Jesus, como também as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia e se achavam à distância, observavam estas coisas» (Lc 23, 49). Entre as mulheres são nomeadas: Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago o Menor e de José, e Salomé, a mãe dos filhos de Zebedeu, João e Tiago, o maior» (Mt. 27, 55 s.; Mt. 15, 40).

E os Apóstolos? Acredita-se geralmente que eles se mantivessem escondidos durante a Paixão de Cristo, mas esta é uma opinião sem fundamento. João lá estava (Jo. 19, 25-27) Pedro, o inseparável amigo de João, esteve igualmente presente, do contrário não podia escrever: «Aos sacerdotes, pois, que estão entre vós, rogo, eu sacerdote como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo e que tomarei parte com eles naquela glória que será manifestada um dia» (1 Pedro 5, 1). Quanto aos outros Apóstolos, podem ser

procurados entre todos «os seus amigos» dos quais fala Lucas (23, 49).

Era sexta-feira, pelas três horas da tarde, quando Jesus morreu. Os cadáveres dos justicados não podiam, segundo a lei judaica, permanecer na cruz até o sábado. Solicitaram por isso a Pilatos, que ordenasse aos executores da sentença que quebrassem as pernas (o fêmur) dos crucificados, de modo que, causando-lhe a morte imediata, pudessem ser retirados e sepultados antes do pôr do sol. Os soldados quebraram as pernas aos dois ladrões crucificados, mas quando se achegaram a Jesus «viram que já estava morto e não lhe quebraram as pernas mas um dos soldados, com uma lança lhe abriu o lado e logo jorrou sangue e água» (Jo. 19, 31-34). A larga ponta da lança abriu uma ferida tão grande que o apóstolo Tomé pôde enfiar dentro a sua mão (Jo. 20, 27). Esse golpe de lança exclui toda dúvida sobre a morte de Jesus, confirmando-a como absolutamente certa, o que João também quis justificar na qualidade de testemunha de vista (Jo. 19, 35 ss.). Um frêmito de horror deverá ter atravessado também o coração da pobre Mãe ao ver esse último e sangüinolento gesto dos soldados.

Ela tinha uma grande preocupação: dar ao seu martirizado Filho uma sepultura digna. José de Arimatéia, distinto membro do Sinédrio, homem bom e justo e já de há muito tempo discípulo secreto de Jesus «que esperava o reino de Deus», e que não esteve de acordo com os seus colegas na maléfica decisão do Sinédrio, ousou pedir a Pilatos o cadáver de Jesus para sepultá-lo. Pilatos, tendo-se previamente informado com o centurião e ficando sabendo, não sem admiração, que Jesus estava morto, concedeu a José a permissão requerida. Possuía José, nas vizinhanças do local da crucifixão, um horto, onde tinha mandado escavar

uma sepultura que não tinha sido ainda ocupada e que ele pôs então à disposição para o sepultamento de Jesus. Comprou para isso um lençol de linho e Nicodemos trouxe cem libras (33 kg) de uma mistura de mirra e de aloés. O cadáver foi delicadamente descido da cruz e segundo o uso judaico, envolvido em um lençol, com os aromas, e atado com faixas, exceto a cabeça, simplesmente coberta com um lenço branco.

Devido porém a escassez do tempo disponível, pois tudo devia estar terminado antes que começasse o sábado, não foi possível observar-se todas as usanças e costumes, fazendo-se tudo com muita pressa, razão pela qual as mulheres resolveram deixar a unção para outra vez, logo que fôsse passado o sábado (Mc. 16, 1). O cadáver foi transportado para cerca de cinquenta passos adiante, para a câmara sepulcral e colocado dentro sobre a rocha. Seguiam o cadáver Maria, sua Mãe, as suas amigas e os Apóstolos e conhecidos de Jesus, chorando amargamente. Tinham eles perdido tudo com a morte de Jesus. «Nós esperávamos que ele fôsse aquele que devia libertar Israel», diziam os discípulos pela estrada de Emaús (Lc. 24, 21). Os acontecimentos de sexta-feira santa tinham derruído suas esperanças na libertação que o Messias podia ter realizado e estavam oprimidos por ansiosa perplexidade e por profundíssimo desengano. Maria sentia a perda de Jesus, mais dolorosamente do que todos, porém a sua tristeza não era sem esperança. Ela viu, juntamente com as outras mulheres, os homens que faziam rolar a pesada pedra de fecho do sepulcro (Mt. 27, 57-61; Mc. 15, 46-47; Lc. 23, 50-56; Jo. 19, 38-42). Terminado assim o mais tremendo dia da sua vida, recolheu-se à casa, imensamente fatigada, em companhia das amigas, e lá chegando, assentou-se, silenciosa e toda concentrada em si mesma, re-

fletindo ainda sobre tudo o que tinha acontecido. Tinha sido uma coisa terrível mas infinitamente importante e repleta de graças, pois que o mundo se achava redimido, o pecado destruído, Satanás vencido e a honra de Deus novamente restaurada. E assim passou ela todo o sábado em oração e recolhimento (Lc. 23, 56). Ressoavam dentro dela as consoladoras palavras de Jesus: «Ao terceiro dia ressuscitará o Filho do Homem»; ela acreditava nestas palavras e esperava com confiança o seu cumprimento.

Ao passo que as palavras dessa profecia de Jesus ressoavam no coração de Maria, confortando-a na imensa tristeza pela perda de seu amado Filho, os inimigos de Jesus também pensavam em tôdas estas coisas, mas com ansiedade e com temor.

No sábado, os grandes sacerdotes e os Fariseus foram todos juntos ter com Pilatos e lhe disseram: «Senhor, nós nos recordamos de que aquêle impostor, quando era vivo, disse: — Depois de três dias, ressuscitarei — Mandai pois que o sepulcro seja guardado a fim de que não se adiantem os seus discípulos a roubar o corpo e digam depois ao povo: — Ressuscitou dos mortos! — Esta última impostura será ainda pior do que a primeira. — Pilatos então lhes disse: — «Tendes uma guarda; ide e vigiai como quereis. Êles foram e providenciaram para que o sepulcro fôsse bem fechado e selaram a pedra de entrada» (Mt. 27, 62-66); simples prova da humana fraqueza perante a Onipotência e a sabedoria de Deus.

CAPÍTULO VII

RESSURREIÇÃO DE JESUS

Nas primeiras horas da manhã de domingo, Maria Madalena, a outra Maria e Salomé se dirigiram para o sepulcro, levando aromas para embalsamar o corpo de Jesus. Durante o caminho estavam porém preocupadas pensando quem poderia remover a pesada laja de pedra colocada na entrada (Mc. 16, 1-3; Mt. 28,1). Chegadas que foram, no entanto, ao local, viram que a pedra já tinha sido removida. Houvera ali um terremoto, tendo do céu descido um Anjo do Senhor que fizera rolar a pedra e se assentara sobre ela. O seu aspecto era radioso como o relâmpago e suas vestes brancas como a neve. O espanto que os guardas experimentaram ao vê-lo foi tão grande que tombaram como alucinados, desfalecidos (Mt. 28, 2-4; Jo. 20, 1; Mt. 16, 4).

Maria Madalena, logo que viu o sepulcro aberto e vazio, voltou depressa correndo para a cidade a fim de anunciar aos Apóstolos: «Levaram do sepulcro o Senhor e não sei onde o puseram». Nesse ínterim as outras mulheres tinham entrado na câmara mortuária e não sabiam explicar o que acontecera. Viram ali sentado à direita, um jovem vestido de uma roupagem deslumbrante (Mc. 16, 5; segundo Mateus 28, 5 era um Anjo; segundo Lucas 24, 4 eram «dois homens de vestes resplandentes»). Elas se assustaram

à tal vista mas os Anjos as tranqüilizaram: «Não temais. Buscais a Jesus de Nazaré que foi crucificado. Por que buscais entre os mortos aquele que está vivo? Ele ressuscitou, não está aqui. Eis o lugar onde o tinham depositado. Ide porém dizer aos seus discípulos e a Pedro: ele já foi antes de vós para a Galiléia; lá o vereis, como vos disse». Elas então saíram fugindo da câmara sepulcral, como alucinadas, nada disseram a ninguém, tal o seu pavor, mas procuraram os Apóstolos para lhes narrar tudo o que viram. Aqui são pelos evangelistas, nomeadas Madalena e Maria, a mãe de Tiago e João e «também as outras que estavam com elas» (cf. Mt. 28, 5-8; Mc. 16, 5-8; Lc. 24, 3-10). Os Apóstolos julgaram porém que se tratasse apenas de um delírio e não lhes prestaram atenção (Lc. 24, 11).

Todavia, dois dos Apóstolos, Pedro e João, dirigindo-se ao sepulcro o acharam vazio. Jaziam por terra os lençóis, e o sudário que estivera sobre o rosto de Jesus, não estava com os lençóis, mas dobrado e pôsto num lugar à parte. O corpo de Jesus havia-se desenhado das faixas que o retinham, sem rompê-las. Esta circunstância convenceu o Apóstolo João e ele acreditou então, mas não compreendiam ainda a Escritura, segundo a qual ele devia ressuscitar (Jo. 20, 3-10).

Madalena voltou de novo ao sepulcro e teve aí a primeira aparição do Ressuscitado. Exultante de alegria, correu a anunciar aos Apóstolos: «Eu vi o Senhor!» Também as outras mulheres parece que voltaram igualmente, e a elas Jesus apareceu no caminho (Mt. 28, 9 s.).

Resta a saber se Jesus apareceu sozinho à sua Mãe. Esta pergunta vem sendo feita desde a Idade Média, sempre recebendo uma resposta afirmativa, opinião esta que nos parece quase certa, dada a posição particular de Maria e a

sua participação tão íntima na Paixão de Cristo. Em rigor, nada se pode afirmar com segurança, porque nem os livros sacros, nem a tradição da Igreja primitiva dizem qualquer coisa a êste respeito; mas é lícito supor que Maria estava também com aquelas mulheres que foram ao sepulcro. Lucas indica três pelos seus próprios nomes e conclui «e também as outras (mulheres) que estavam com elas» (24, 10). Do mesmo modo, Mateus, Marcos e Lucas quando se referem ao que acontece junto à cruz, durante a Paixão e Morte de Jesus, mencionavam algumas mulheres pelos seus nomes e depois acrescentam ainda «muitas mulheres da Galiléia estavam presentes» (Mt. 27, 55 s.; Mc. 15, 40 s.; Lc. 23, 49). Somente João nos refere que, entre as «muitas» estava em primeiro lugar perto da Cruz também Maria, a Mãe do Senhor (Jo. 19, 25). Maria, na sua modéstia e na sua humildade, conservava-se sempre à parte e procurava de não dar jamais na vista.

Seja que Maria tenha visto Jesus ressuscitado pela primeira vez juntamente com as outras, ou então tenha sido gratificada com uma aparição separada e especial, o fato é que experimentou em qualquer destes casos, uma indizível alegria pela vitória do seu Filho. Todos os sofrimentos e tribulações de sua vida tinham terminado. O triunfo de Jesus era também o seu triunfo, a glorificação de Jesus a sua glorificação, com a qual começava também a sua elevação: junto ao Rei do céu e da terra, também sua Mãe se tornava Rainha do seu reino sem limites.

Neste dia radioso, as alegres notícias se sucediam, uma em seguida à outra. Jesus apareceu a Pedro (Lc. 24, 34; I Cor. 15, 5), a dois discípulos em Emaús (Lc. 24, 13-31; Mc. 16, 12 s.) e, à noite, a todos os discípulos, menos Tomé (Lc. 24, 36-43; Jo. 20, 19-23). Ali também estariam presen-

tes as mulheres, e com elas Maria. Oito dias mais tarde apareceu aos onze discípulos, entre os quais Tomé (Jo. 20, 24-29) e outra vez a sete discípulos durante a pesca no lago de Tiberíades (Jo. 21, 4-17). Depois, sobre um monte da Galiléia, onde marcou encontro com os seus discípulos (Mt. 28, 16-20), tendo comparecido mais de quinhentos, entre os quais certamente Maria também, sendo que muitos destes ainda eram vivos quando S. Paulo escreveu sua epístola aos Coríntios (1 Cor. 15, 6). Apareceu uma vez também ao seu primo Tiago o Menor (1 Cor. 15, 7), e finalmente, no dia da Ascensão, a todos os discípulos em Jerusalém (Mc. 16, 14-18; Lc. 24, 44-49). Nos Atos dos Apóstolos se refere que Jesus mostrou-se aos Apóstolos em muitas ocasiões e que lhes apareceu durante quarenta dias, falando com eles do reino de Deus (At. 1, 3).

Publicado em www.leiturascatolicas.com
Maio/2013

CAPÍTULO VIII

ASCENSÃO DE JESUS AO CÉU

Depois da grande reunião dos discípulos na Galiléia, os Apóstolos e uma parte dos discípulos de Jesus, pela festa de Pentecostes, também por ordem expressa do Senhor, foram de novo a Jerusalém. Depois de quarenta dias da Ressurreição, Jesus apareceu-lhes pela última vez e estando com eles à mesa fez-lhes as suas despedidas (At. 1, 5), dando-lhes naquela ocasião suas últimas instruções: não deviam afastar-se de Jerusalém, mas esperar a promessa do Pai (o batismo do Espírito Santo), «porque», assim dizia: «João batizava com água mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, dentro de poucos dias». Eles então se reuniram pressurosos em torno de Jesus e lhe perguntaram o que de há muito desejavam ardentemente saber: «Senhor, restaurarás agora o reino de Israel?», ao que ele respondeu: «Não está em vós saber o tempo e os momentos que o Pai reservou para o seu Supremo Poder; mas vós recebereis a virtude do Espírito Santo que virá sobre vós e me sereis testemunhas em Jerusalém e em toda a Judéia, e na Samaria até os confins da terra» (At. 1, 1-8). Depois os levou ao monte das Oliveiras, no caminho de Betânia (um quarto de hora de caminho), levantou as mãos e os abençoou; enquanto os abençoava separou-se deles e alçou-se aos céus diante dos olhos

de todos, que se prostaram em adoração e logo se levantando, viram Jesus que continuava a subir, até que uma nuvem o escondeu das suas vistas.

E enquanto êles continuavam a olhar para os céus desejando ver Jesus tomar seu lugar a direita do Pai, apresentaram-se a êles dois homens (anjos) vestidos de branco, dizendo: «Homens da Galiléia, por que estais a olhar para o céu? Êste mesmo Jesus que tirado do meio de vós, foi alçado aos céus, voltará, como o viste subir ao céu». Então regressaram a Jerusalém, cheios de alegria (At. 1, 9-12; Lc. 24, 50-53; Mc. 16, 19).

Maria participou certamente do júbilo dos Apóstolos e compreendeu melhor do que todos, que êle « devia sofrer estas coisas e assim entrar na sua glória » (Lc. 24, 26).

Agora Jesus havia tomado posse da sua realeza, à direita do Pai, que « o exaltou e deu-lhe um nome que está acima de qualquer outro nome: a fim de que, diante dêsse nome, se dobre todo o joelho, no céu, na terra e no inferno e toda a língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na glória de Deus Pai » (Flp. 2, 9-11). Sobre o seu flanco estava escrito: « Rei dos reis e Senhor dos senhores » (Apc. 19, 16). Êle é « testemunho fiel, o ressuscitado, o príncipe dos reis da terra, que nos amou e nos lavou de nossos pecados no seu sangue e nos fez sermos reino e sacerdotes para Deus seu Pai; a êle glória e império pelos séculos dos séculos, assim seja » (Apc. 1, 5 s.). Êle domina agora sobre todas as potestades do céu, tudo lhe é sujeito. Êle é a cabeça da Igreja, que lhe pertence como o corpo à cabeça (Ef. 1, 20-23; Mt. 28, 18). Dominando à direita do Pai, não nos esquece, mas « sempre suplica por nós » (Hbr. 7, 25; Rom. 8, 34).

Maria alegrou-se pelo poder e a glorificação de seu Filho, mas a sua alma deve ter sentido uma grande nostalgia. Para

ela mais do que para Paulo, valiam aquelas palavras « a minha vida é em Cristo e a morte é para mim um ganho » (Flp. 1, 21). Que coisa devia fazer na terra sem Jesus? A sua missão de ser a escrava e a Mãe do Senhor estava, ao que parecia, terminada e ela já podia finalmente voltar para « a casa » na pátria celeste.

— Todavia, ó Mãe, há ainda muito trabalho a sua espera na terra. « O corpo de Cristo », a jovem Igreja, tem muita necessidade de ti. Tu debes ser a Mestra dos Apóstolos, a Consoladora dos perseguidos, a Mãe dos pobres, o exemplo luminoso dos crentes, a intercessora incansável da obra de teu Filho. Se tu também sentes, em parte, « o desejo de morrer e de se aproximar mais de Cristo » (o que seria melhor, e muito melhor, e por outra parte constata « que é necessário viver ainda » (para a Igreja), uma só coisa será decisiva para ti — a vontade de Deus — à qual sempre foste conformada. Só isto te torna suportável o fato de permaneceres ainda sobre a terra.

Assim Maria regressou com os Apóstolos e com as piedosas mulheres a Jerusalém; instalou-se de novo com êles na casa hospitaleira e esperou na oração constante e em comum, a descida do Espírito Santo. Foi êste o primeiro curso de exercícios espirituais na Igreja de Cristo (At. 1, 13 s.). Maria permaneceu até a morte na Cidade Santa, junto a João que ainda no ano 50 era, segundo S. Paulo, uma « coluna » da comunidade cristã (Gál. 2, 9), e que ali ficou, com toda a probabilidade, até a grande guerra (66-70 d. C.).

CAPÍTULO IX

MARIA NA IGREJA

A primeira comunidade cristã contava cerca de 120 membros. Pedro não era o chefe reconhecido por todos, e Maria um simples membro como todos os outros. Tendo ficado vago um lugar no colégio dos Apóstolos pela traição de Judas, Pedro reuniu os fiéis para elegerem um substituto entre os que, desde o comêço, tinham seguido o Salvador como discípulos e por isso eram testemunhas oculares dos ensinamentos e das ações de Jesus. Foram propostos dois nomes e a sorte caiu em Matias, que por êsse modo foi eleito (At. 1, 15-26).

A comunidade tinha-se preparado com orações, durante dez dias, para a vinda do Espírito Santo. Na manhã da festa de Pentecostes, «estando todos reunidos», veio de repente do céu um rumor como de vento impetuoso e encheu toda a casa onde se achavam. E apareceu-lhes, distintas, línguas como que de fogo e se puseram, uma sobre a cabeça de cada um; e foram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar várias línguas segundo a inspiração que o Espírito Santo lhes dava para se exprimirem» (At. 2, 1-4). Não era a primeira vez que Maria experimentava a ação maravilhosa do Espírito Divino. O Espírito Santo já tinha vindo sobre ela e tinha coberto com a sua sombra quando ela concebera

o Filho de Deus (Lc. 1, 35). A nova descida do Espírito Santo significava para ela certamente um novo aumento de graça santificante e uma participação nos dons extraordinários do Espírito, como o dom das línguas; era como uma consagração da sua missão de Mãe da Igreja. Uma labareda de luz e de calor invadiu a sua alma, a sua inteligência adquiriu uma compreensão mais profunda de Deus, a sua vontade uma firmeza ainda mais resoluta no bem, a sua alma uma beatitude que ultrapassa toda expressão.

Pedro levantou-se diante de uma grande multidão, que fôra atraída pelo ruído anterior, e fez um discurso franco e entusiasta sobre Jesus ressuscitado, e ouvintes pertencentes a quinze línguas diversas ouviram-no e o compreenderam todos, cada um na sua respectiva língua. O fato despertou uma admiração imensa e naquele dia cerca de 3.000 pessoas pediram e receberam o batismo. «E eram assíduas às instruções dos Apóstolos, na união, na comunhão do pão e na oração». Iam ao Templo todos os dias e todos se achavam possuídos de um grande entusiasmo, vendendo as suas criações e os seus campos e distribuindo a importâncias recebidas entre aqueles mais necessitados. Para a «tração do pão» se reuniam em grupos nas casas privadas (At. 2, 5-47). Com que devoção profunda Maria teria podido receber diariamente a Comunhão!

Por muito tempo andou tudo bem, mas não tardou que se verificasse um choque com a autoridade. Pedro tinha curado, diante da magnífica porta de Nicanor, um mendigo paralítico e ao povo que junto dêle se havia aglomerado, cheio de pasmo, fez um discurso sobre a morte e a ressurreição de Jesus (At. 3). Os sacerdotes se encheram de cólera por causa disso e mandaram prender a Pedro e a João pelo capitão dos guardas do Templo, que os deteve na

prisão durante a noite. Conduzidos pela manhã perante os sacerdotes, foram interrogados a respeito do milagre. Pedro fizera notar a todos que o parálítico tinha sido curado em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, que eles mesmos tinham crucificado mas que Deus havia ressuscitado dos mortos. «Esta é a pedra rejeitada por vós, construtores, e que se tornou pedra angular».

O Sinédrio, que muito se tinha admirado das palavras de Pedro e de João, considerados como «homens sem sabedoria e sem formação», proibiu-lhes formalmente de pregar sobre Jesus, mas os dois Apóstolos não se deixaram intimidar. «Julgai vós mesmos, se é justo, perante Deus, obedecer-vos mais do que a ele! Nós porém não podemos deixar de falar sobre o que temos visto e ouvido». Postos em liberdade, depois de muitas ameaças, voltaram para a casa de seus irmãos, e toda a comunidade deu graças a Deus, rejubilando-se (At. 4, 1-31).

Maria juntou sua voz a essa oração de graças, porque os Apóstolos tinham mostrado uma coragem heróica. A Igreja de Cristo estava confiada a boas mãos. Mas, com tristeza e emoção deviam bem depressa constatar como a justiça divina puniu o casal de hipócritas e mentirosos: Ananias e Safira.

Logo, porém, a perseguição contra a Igreja se aguçou. Os milagres dos Apóstolos, o crescente afluxo do povo para ouvir os seus discursos, o elevado número das conversões ao Cristianismo, inquietaram os grandes sacerdotes e o partido dos Saduceus. Todos os Apóstolos foram detidos e levados para a prisão; mas pela manhã, quando quiseram conduzir os prisioneiros perante o Sinédrio, o cárcere foi achado vazio. Libertados por um Anjo do Senhor, estavam de novo no Pórtico de Salomão e ensinavam. O capitão do

Templo foi prendê-los de novo e sem violência os conduziu perante o Sinédrio. O sumo sacerdote lhes disse: «Nós vos tínhamos proibido terminantemente de ensinar naquele nome, e eis que encheistes Jerusalém com a vossa doutrina e quereis fazer recair sobre nós outros o sangue daquele homem». Pedro respondeu por todos os Apóstolos: «É preciso obedecer a Deus antes que aos homens. Vós haveis crucificado o Salvador, mas Deus o ressuscitou e somos testemunhas disso». Estas palavras os chocaram profundamente, tanto que quiseram condenar à morte aqueles homens audazes seguidores do Crucificado. Então o prudente fariseu Gamaliel, um doutor da lei muito acatado pelo seu saber e virtudes, entrou na discussão dizendo: «Israelitas, considerai bem o que ides fazer destes homens... não vos ocupeis com eles. Se esta obra é dos homens, ela cairá por si mesma; mas se, em vez disso, fôr de Deus, não podereis destruí-la e arriscareis de ir contra o próprio Deus». Então eles mandaram açoitar os Apóstolos, proibindo-lhes novamente de falar de Jesus, e os deixaram em liberdade. «E eles se afastaram da presença do conselho, contentes por terem sido julgados dignos de sofrer vitupérios por causa do nome de Jesus. E todos os dias no Templo e pelas casas ensinavam e proclamavam a doutrina de Jesus Cristo» (At. 5, 12-42).

Quando João não pôde voltar para casa à noite, por ter sido prêso, Maria por certo se preocupou seriamente pelo seu filho adotivo. Começava já a se verificar o que Jesus havia predito aos Apóstolos: «porque não sois do mundo, mas antes, escolhendo-vos, eu vos fiz sair do mundo, por isso o mundo vos odeia. Recordai-vos da palavra que vos disse: o servo não é mais do que o amo. Se me perseguiram a mim, perseguirão também a vós» (Jo. 15, 19 s.). Na manhã seguinte João voltou para casa todo machucado.

trazendo no corpo as sangrentas ranhuras dos açoites, mas nem por isso triste, antes alegre por ter sofrido aquilo pelo seu Mestre, que êle amava mais que tôdas as coisas. Maria o confortou, louvou-o pela sua firmeza, lavou-lhe e curou as feridas com maternal ternura; ter-se-á ocupado também dos outros Apóstolos, e os terá reanimados depois das injustiças e maus tratos sofridos com tão heróica coragem. Maria que tanto havia sofrido pelo seu Filho martirizado, sofria agora pela Igreja perseguida.

Uma nova dor experimentaram a Igreja e sua Mãe, quando o diácono Estêvão, ardente pregador da nova doutrina de Cristo, cheio de zêlo e de espírito, foi arrastado diante do Sinédrio por fanáticos fariseus e acusado de ter blasfemado contra Moisés, contra Deus e contra o Templo. Falsas testemunhas deviam depor contra êle: «Ouvimo-lo dizer que o tal Jesus Nazareno destruirá êste Templo e mudará a tradição que nos foi dada por Moisés». Todos os conselheiros olharam então para êle e viram o seu rosto semelhante ao de um Anjo. Êle se defendeu com um discurso que remontou muito longe nos tempos históricos, falou exaustivamente dos profetas, de Moisés e da construção do Templo de Salomão e foi escutado em silêncio. Mas inesperadamente êle mudou de tom e passou à ofensiva, dizendo: «Vós sois de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos e tendes resistido ao Espírito Santo, como vossos pais resistiram. Qual dos profetas, vossos pais não perseguiram? Mataram até mesmo aquêles que preanunciavam a vinda do Justo, do qual sois agora os traidores e os assassinos, vós que recebestes a lei por intermédio de Anjos, mas não a tendes observado».

Tais palavras os feriram profundamente e êles rangeram os dentes, movidos pela raiva. Mas Estêvão olhava

fixo para o alto até o céu e viu a glória de Deus e de Jesus que estava à direita de Deus. E exclamou: «Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do Homem à direita de Deus». Então todos gritaram, taparam os ouvidos e lançando-se sobre êle, o arrastaram para fora da cidade e o lapidaram. As testemunhas (que, segundo a Lei, deviam jogar a primeira pedra) depositaram seus mantos aos pés de um jovem que se chamava Saulo. Estêvão orava: «Senhor Jesus, recebei o meu espírito», depois, dobrando os joelhos, gritou em alta voz: «Senhor, não lhes imputeis êste pecado!» Assim morreu, conforme o exemplo do Mestre, e Saulo aprovava o seu assassinio (At. 6, 8 até 7, 60).

A Igreja teve nêle o seu primeiro mártir, o primeiro de uma longa fila inumerável, que caminha há vinte séculos e vem sempre aumentando. A morte dêsse heróico e nobilíssimo crente impressionou certamente a Mãe amorosa da Igreja. Quem se pronuncia por Jesus atrai o ódio do mundo, que não podendo jamais chegar até êle, maltrata os seus sequazes. Assim sendo, pressentiria Maria quanto sangue seria ainda derramado pela Igreja a serviço do seu Divino Filho? Esta torrente de sangue não se estancará jamais, banhará a terra até o fim do mundo mas dará também a Igreja frutos maravilhosos, pois «o sangue dos mártires é semente de cristãos» (Tertuliano).

Desencadeou-se depois uma furiosa perseguição contra a Igreja de Jerusalém. Todos os cristãos se dispersaram pelas regiões da Judéia e da Samaria, mas os Apóstolos permaneceram juntos e Maria se manteve ao lado de João, permanecendo na cidade. Naquele tempo destacava-se Saulo na perseguição contra os cristãos, entrando afoitamente pelas casas e prendendo indistintamente homens e mulheres, conduzia a todos para a prisão. Foram dias assaz angustiosos

para Maria: a comunidade cristã foi destruída e a grei de Cristo dispersa. Com o coração sangrando, Maria observava essa devastação e sofria com os que estavam no cárcere.

Mas em meio de tanta amargura e dores, chegou uma notícia auspiciosa: o diácono Filipe, que se achava foragido na Samaria, tinha pregado a doutrina de Cristo e realizado numerosos milagres, convertendo muita gente. Logo mandaram os dois Apóstolos, Pedro e João, que impuseram as mãos aos novos convertidos e eles receberam o Espírito Santo.

De regresso a Jerusalém, João terá contado com alegria tão felizes resultados à Maria, que certamente se rejubilou com a notícia, pois nutria ela uma certa simpatia pelo povo samaritano, tão desprezado por ser tido como herético, mas que seu Filho já tinha bem acolhido (1). Isso era conhecido de todos, tanto que os judeus inimigos de Jesus O consideravam como um Samaritano, e Ele não repeliu tal insinuação, que equivalia a uma injúria (Jo. 8, 48).

Uma outra grata notícia chegou de Damasco, onde se havia refugiado um certo número de cristãos. Saulo, «ainda respirando ódio e ameaça» tinha obtido cartas do sumo sacerdote para as sinagogas daquela cidade e se dispunha a partir para lá, ao encalço de homens e de mulheres sequazes de Cristo, a fim de conduzi-los acorrentados para Jerusalém. E como Saulo costumava levar a cabo e segundo seus desejos, as emprêsas que iniciava, Maria encheu-se de apreensões pelos seus amados cristãos e teria rogado muito por eles, ao receber tal notícia. Mas, ao se aproximar de Damasco, a graça desceu sobre Saulo, o terrível perseguidor. O próprio Jesus lhe apareceu, o fêz rolar por terra e o

(1) Cf. Jesus e a Samaritana, Jo. 4; o leproso reconhecido era Samaritano, (Lc. 17, 16); a parábola do bom Samaritano, (Lc. 10, 30-37).

transformou em um Apóstolo entusiasta e ardente. Três anos depois de sua conversão, Saulo se dirigiu a Jerusalém e procurou entrar em contacto com os cristãos, que a princípio não confiavam nêle até que Barnabé o apresentou aos Apóstolos, que ouviram da sua própria bôca a narrativa do milagre ocorrido na estrada de Damasco. Saulo, que mais tarde adotou o nome de Paulo, pôde permanecer em Jerusalém apenas 14 dias, porque os Judeus Helenistas queriam matá-lo.

A Igreja na Palestina, aproveitando-se de um período de trégua, começava a florescer (At. 9, 1-31). Uma nova alegria experimentou Maria quando Pedro, tendo regressado à casa depois da sua viagem, contou de que modo havia convertido do paganismo o centurião Cornélio, da coorte itálica de Cesaréia, juntamente com parentes e amigos, os quais, depois de receberem o Espírito Santo pediram o batismo. Este miraculoso acontecimento abria uma grandiosa perspectiva para o futuro da Igreja. Na comunidade cristã de Jerusalém houve de início certa oposição por parte de alguns cristãos contra a admissão, em igualdade de condições, dos crentes vindos do paganismo, mas Pedro soube refutar prudentemente esta opinião (At. 11, 1-13).

Por causa da perseguição no tempo de Estêvão, alguns cristãos tinham-se refugiado na Fenícia e em Chipre e também na cidade de Antioquia, onde haviam pregado a doutrina de Cristo, mas somente na colônia judaica. Alguns conversos de Chipre e de Cirene anunciaram porém o Evangelho também aos pagãos, com bons resultados. Ao receberem tal notícia os Apóstolos enviaram Barnabé a Antioquia e êle, passando por Tarso, levou Paulo em sua companhia, tendo-se ambos dedicado, durante um ano, à evangelização dos pagãos. O profeta Agabo tinha predito uma carestia

geral e os cristãos de Antioquia fizeram uma coleta para os irmãos de fé em Jerusalém, que sofriam fome, tendo enviado seus donativos por intermédio de Paulo e Barnabé (At. 11, 19-30). Tais fatos sucederam no ano 42 d. C.

Naquele mesmo período novas nuvens se adensaram sobre a comunidade de Jerusalém. Herodes Agripa I (rei da Palestina de 41 a 44) tinha mandado matar Tiago o Maior, irmão de João. E quando percebeu que isto tinha agradado aos Judeus, e particularmente aos Fariseus, sobre os quais apoiava a sua política filo-judaica, mandou prender também a Pedro. Bem se pode imaginar quão grande foi a dor de João e de sua Mãe adotiva pela morte do irmão. A mão desapiedada do perseguidor tinha ferido de novo a uma das pessoas mais caras. A morte ameaçava Pedro também, que já se achava encarcerado. O rei criminoso, considerado um pródigo que contraíra muitas dívidas para satisfazer o seu sensualismo, queria mandar justicá-lo diante do povo, depois da Páscoa de 42, para tornar os Fariseus ainda mais amigos e partidários, com esta infame execução. Toda a Igreja, e Maria de modo particular, orava sem interrupção pelo seu venerado chefe. Deus mandou um Anjo e o mensageiro do Senhor libertou o Apóstolo, não obstante a severa vigilância, a pesada porta de ferro e as robustas correntes com que estava ligado. Pedro, apenas libertado foi para a casa de Maria, a mãe de Marcos, onde estavam reunidos em oração muitos cristãos e bateu na porta. A servente correu a abrir, mas tendo reconhecido Pedro pela voz, esqueceu-se de abrir a porta, tal a sua alegria, correndo para o interior, a avisar os outros, dizendo-lhes: «Pedro está fora!» Os presentes não lhe davam crédito e ela continuava a afirmar dizendo: «É o seu Anjo». Neste ínterim, Pedro bateu de novo na porta, que lhe foi finalmente

aberta, sendo êle reconhecido, com grande alegria de todos. Tendo contado a sua miraculosa libertação mandou que comunicassem o fato a Tiago (o Menor) e aos irmãos e se dirigiu para um outro lugar, provavelmente fora dos domínios de Herodes Agripa, em Antioquia, na Síria do Norte (At. 12, 1-17).

Passados cerca de dois anos, Deus puniu o criminoso e tirou-o do trono, quando se achava em Cesaréia, na primavera do ano 44, pelo final do terceiro ano do seu reinado. Os habitantes de Tiro e de Sidon, dos quais o rei era inimigo, por motivos que ignoramos, tinham enviado uma embaixada pedindo a paz, porque o seu país tinha necessidade de importar víveres do território sujeito ao rei. Blasto, o mordomo do rei, devia interceder a favor deles. Agripa, tendo tomado lugar em tribuna, revestido de um manto real, fez um discurso aos embaixadores, ao passo que o povo exclamava: «Esta é a voz de um deus e não de um homem!»; mas um Anjo do Senhor o feriu, porque êle não deu glória a Deus, vindo a morrer roído por vermes (At. 12, 19-23). Flávio Josefo (2) narra que Agripa preparava em Cesaréia jogos em honra do imperador e que, no segundo dia apresentou-se vestido com um hábito entretecido de fios de prata, nos quais se refletia a luz do sol. Os cortesãos falaram a êle como a um deus: «Sê benigno para conosco, pois se até aqui te honrávamos como um homem, vemos agora que és um ser superior», e êle não recusou tal adoração. Depois viu de repente, um mocho pousar-se sobre uma corda esticada, na sua proximidade, o que lhe fez grande impressão, pois um germano que esteve prisioneiro com êle em Roma, ao ver um mocho pousar-se em uma árvore pró-

(2) *Antiguidade Jud.* XIX, 8, 2.

xima fêz-lhe o seguinte vaticínio: Ele, Agripa, subiria na escala social a uma grande altura, alcançando uma grande fortuna; mas quando visse o mesmo pássaro pela segunda vez, era sinal certo de que deveria morrer dentre de cinco dias (3). O rei, aterrorizado, foi acometido de uma forte dor intestinal e disse aos seus amigos: «Eu, vosso deus, devo deixar esta vida porque sou castigado por ter deixado chamar-me imortal. Agora a morte me abate e não há meio de escapar ao juízo de Deus». No quinto dia morreu, com a idade de 54 anos. As duas referências concordam na parte essencial, não se podendo porém afirmar que Lucas e Eusébio tenham transformado o mocho de Flávio Josefo em um Anjo (4). Para Lucas o Anjo é o executor da justiça divina e isto corresponde a outras narrativas bíblicas, ao passo que o mocho, para Flávio Josefo é somente um mensageiro de fortuna ou de desventura e claramente uma fábula. Além disso, Lucas terminou seus Atos dos Apóstolos 24 anos antes que Flávio Josefo escrevesse a sua obra, da qual não pôde, por isso mesmo, utilizar-se.

Na Judéia a carestia recrudescera extraordinariamente no ano 45, e a comunidade cristã já bastante empobrecida, sofreu muito por isso. Maria tomou parte nos sofrimentos e privações de todos e ajudou quanto pôde, limitando suas exigências para socorrer aos outros.

Sob o governo de Ventídio Cumano (48-52) aconteceu em Jerusalém uma grande desgraça, causada por um motivo insignificante. Era o quarto dia da semana pascal e muita gente tinha, ocorrido, como de costume, à cidade santa. Cumano tinha escalado filas de soldados ao longo dos pórticos, a fim de assegurar a calma e a ordem, impedindo

(3) *Ibid.* XVIII, 6, 7.

(4) Schürer, op. cit. I, p. 563.

toda agitação. Aconteceu que um soldado tonto, meio louco, despiu-se de modo indecente diante de todo o mundo, o que provocou grande indignação entre os Hebreus, que consideraram o fato como um ultraje à reunião festiva e um insulto a Deus, acusando Cumano de haver instigado o soldado a fazer aquilo. O governador não conseguiu restabelecer a calma, tendo-se a multidão aproximado mais dos soldados e começado a jogar pedras. Então Cumano ordenou aos soldados que se retirassem para uma tribuna armada em frente da fortaleza Antônia. Ao ver este movimento o povo pensou que os Romanos se preparassem para um ataque, estabelecendo-se entre a multidão um grande pânico. Todos começaram a fugir e se precipitaram para a estreita porta que da praça do Templo dava saída para a cidade, acumulando-se ali de modo desordenado e selvagem. Nesta fuga, muitos caíram e foram derrubados e pisados pela multidão alucinada. Flávio Josefo afirma que morreram cerca de 20.000 pessoas, o que é, por certo, um exagero; mas o fato é que se verificaram muitas mortes e a alegria da festa transformou-se em luto e dor.

Maria estava em Jerusalém e terá certamente tomado parte segundo costumava, no culto divino do Templo. Assim é provável que tenha visto com seus próprios olhos as terríveis cenas da praça do Templo e chegado aos seus próprios ouvidos os clamores e gritos de dor das pessoas espezinhadas (5) e terá assim tomado parte na dor de todo o povo.

Pelo ano de 49 e 50 os Apóstolos se reuniram em Jerusalém para decidir o que se deveria impor aos convertidos do paganismo, isto é, se lhes seria imposta a circuncisão e

(5) *Antiguidade Jud.* XX, 5, 3; *Guerra Jud.* II, 12, 1.

a observância da lei mosaica, ou não. Maria se alegrou muitíssimo quando viu a grande concórdia e amor verdadeiramente fraterno com que os Apóstolos trataram a delicadíssima questão e a resolveram com vantagem para a Igreja. Um grande benefício prestou o discurso conciliador do seu sobrinho Tiago, cujos sequazes tinham tomado uma posição muito parcial e talvez nesta ocasião também tivesse ela exercido uma influência moderada (At. 15; Gál. 2).

Publicado em www.leiturascatolicas.com

Maio/2013

CAPÍTULO X

A MORTE DE MARIA

Assim viveu Maria no seio da jovem Igreja, tomando parte maternal no seu desenvolvimento e na sua prosperidade, nas suas alegrias e nas suas dores, acarretando, com as suas boas obras, bênçãos por tôda a parte. Ela santificava sua viuvez, como a profetisa Ana «que não deixava jamais o templo» (Lc. 2, 37), e como a nobre Tabita de Jope, que «era rica de boas obras e fazia muitas escolas», pelo que quando morreu «tôdas as viúvas cercaram Pedro, mostrando-lhes as túnicas e vestidos que lhes tinha feito» e o Apóstolo ficou tão comovido que, ajoelhando-se junto ao cadáver, se pôs a orar e a tornou a chamar miraculosamente à vida (At. 9, 36-42).

Antes mesmo que Paulo tivesse descrito o ideal de uma viúva cristã: «Aquele que é verdadeiramente viúva e sôzinha no mundo, espere pois em Deus e persevere noite e dia nas súplicas e nas orações... a viúva a ser eleita não tenha menos de sessenta anos, tenha sido mulher de um só marido, e seja estimada pelas suas obras isto é, por ter educado os filhos, praticado a hospitalidade, lavando os pés dos santos, socorrido aos infelizes, pronta sempre a fazer o bem» (1 Tim. 5, 6-9), Maria já o tinha vivido e praticado. Servir

a Deus nos seus pobres e nos seus necessitados, era para ela, um dever sagrado.

Aproximava-se no entanto o dia em que ela devia «voltar para a casa», o céu de onde viera, coisa esta que ela desejava de há muito. Ninguém compreendeu melhor do que ela o que Paulo dissera: «Nós temos no céu a nossa pátria, de onde esperamos o Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual transformará nosso corpo de miséria, fazendo-o semelhante ao seu corpo glorioso, com aquêlê poder de sujeitar a si tôdas as coisas (Flp. 3, 20 s.).

Foi Maria sujeita à lei inexorável da morte? Não era ela a imaculada, imune do pecado original e imune por isso das conseqüências do mesmo: as paixões e a morte? Paulo chama a vida eterna um carisma, um dom gratuito de Deus. A imortalidade não é uma qualidade que pertença à natureza humana, mas um dom livre; o corpo humano está sujeito ao estrago, a sua provisão de força é limitada e se esgota com o uso. Deus tinha reservado a imortalidade aos primeiros homens, se tivessem obedecido às Suas ordens; mas devido à desobediência dêles, o privilégio foi também perdido. A morte foi infligida como castigo aos primeiros homens, sendo-lhes vedado o acesso à árvore da vida, cujos frutos preciosos lhes proporcionariam um alimento capaz de restaurar as forças orgânicas e impedir ao corpo de envelhecer. Lê-se no Gênesis: «Disse pois o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal. É bom que êle não possa, alongando a mão, colher o fruto da árvore da vida e comendo também dêle, viver eternamente. — Portanto o Senhor Deus ordenou-lhe que saísse do jardim de Eden e fôsse cultivar a terra de onde tinha sido tirado. E tendo assim expulsado Adão, colocou diante do paraíso de delícias querubins bran-

dindo espadas de fogo para guardar o caminho da árvore da vida» (2, 22-24).

Maria não tinha à sua disposição o fruto da árvore da vida, e não podia por isso restaurar as suas forças físicas que se consumiam e se exauriam. A árvore da vida será plantada na Jerusalém celeste; «no meio da praça da cidade, de uma e de outra parte do rio, estava a árvore da vida, que dá doze frutos, produzindo cada mês o seu fruto, e as fôlhas da árvore (servem) para a saúde das nações» (Apoc. 22, 2 cf. 2, 7).

Maria queria e devia tornar-se semelhante a seu Filho até na morte, e alegremente se conformou com a vontade de Deus. A morte para ela não foi uma coisa pavorosa, porque a sua consciência era puríssima. Foi por ela aceita como uma mensagem de Deus, como uma boa amiga que conduz, através de uma porta escura, à luz eterna, à glória de Deus Trino, para a qual sua alma se dirigia cantando: «A minha alma engrandece o Senhor, e o meu espírito se rejubila em Deus, meu Salvador!» (Lc. 1, 46 s.).

Os particulares da morte de Maria não são conhecidos. A Sagrada Escritura se cala, os escritores eclesiásticos dos primeiros séculos nada dizem a respeito e nenhuma tradição os narra. Santo Epifânio, bispo de Salamina de Chipre, compôs, nos anos de 374-377, o seu livro sobre as heresias, no qual escreve: «Ou a santa Virgem morreu e foi sepultada e seguiu-se depois a sua assunção na glória, ou seu fim verificou-se em plena e ilibada pureza, adornando a coroa de sua virgindade, ou então foi morta como está escrito. — E a alma será transpassada por uma espada (Lc. 2, 35) — e daí ela tem a glória dos mártires e o seu santo corpo foi altamente honrado porque dêle nasceu a luz do mundo, ou então ficou (não morta), e isto não é impossível a Deus,

que pode fazer tudo quanto quizer. O fato é que ninguém soube jamais o fim da santa Virgem» (1).

Ainda no século VII o bispo Modesto de Jerusalém († 734) diz não ter recebido nem dos Apóstolos nem dos seus sequazes uma tradição sobre o retorno da Virgem à pátria celeste (2) e baseia-se por isso nas narrativas dos apócrifos (3). Eles apareceram pelos fins do século V e se tornaram tão numerosos, do século VI ao IX, que hoje se conhecem uma vintena de referências «ao retorno de Maria à pátria celeste» apresentando entre si notáveis divergências. Produtos de uma fantasia exuberante, incríveis fatos miraculosos foram inventados e são narrados sobre a morte e sobre a assunção de Maria, mas como tais contos não têm nenhum valor histórico, será uma perda de tempo descrevê-los minuciosamente. Além disso, verificaram-se algumas falsificações. Assim, na segunda homília de S. João Damasceno «sobre o retorno de Maria à pátria celeste» foi interpolado uma passagem em que se fala de uma suposta correspondência da imperatriz Pulquéria e o bispo Juvenal, na qual se mencionavam o caixão mortuário e a vestimenta fúnebre de Maria, que deviam ter sido levados como relíquias e conservadas em uma igreja mariana de Constantinopla (4).

Sobre a época exata da morte de Maria e sobre a sua idade, nos faltam quaisquer notícias autênticas. Os cálculos que se fizeram sobre a idade que ela tinha, por ocasião da sua morte, oscilam dos 57 aos 72 anos. Humilde e modesta como sempre viveu, passou ela para a outra vida

(1) *Haeres.* 78, 24 (PG 42, 737; 78, 11; 42, 716).

(2) PG 86, 3279.

(3) PG 86, 3295, 3299, 3311.

(4) Cf. Jugie, *La mort et l'Assumption de la Sainte Vierge*, Città del Vaticano, 1944 p. 159-166.

entre as orações e a confortante assistência de João, dos outros Apóstolos e dos fiéis. Deus certamente lhe terá comunicado de qualquer maneira o dia e a hora da sua libertação, como se conta na vida de muitos santos.

A Mãe de Deus não morreu de doença, mas passou à outra vida consumida pelo fogo do seu grande amor por Jesus e pela sua grande nostalgia por ele e pelo céu. O seu corpo não pôde resistir a esta grande saudade, a este profundo impulso que fez com que as cadeias se despedaçassem e a alma libertada voasse exultante para os braços paternos de Deus. Escrevendo sobre a morte de Maria, diz S. Afonso de Ligório: «Três coisas costumam tornar amarga a morte: o apêgo à terra, o remorso dos pecados e a incerteza da salvação. Mas a morte de Maria foi de fato isenta destas amarguras e acompanhada de três belíssimos predicados, que a tornaram assaz preciosa e alegre. Ela morreu completamente destacada, como sempre viveu, dos bens mundanos; morreu em suma paz de consciência; morreu com plena certeza da glória eterna» (5), «assim como o amor divino lhe deu a vida, assim lhe deu a morte» (6).

Para a jovem Igreja o seu regresso à pátria celeste foi uma perda grave e dolorosa, e muitas lágrimas foram derramadas pela partida da incomparável Mãe do Senhor. Mas foram consolados pelo pensamento de que a Mãe da Igreja não esquecerá jamais os seus filhos da terra, mesmo lá na beatitude do céu, de onde agirá com maior eficácia ainda em benefício deles, como sempre fazia.

Foi ela assim levada com veneração ao sepulcro, que ninguém ficou sabendo onde está situado, talvez perto de Jerusalém ou de Éfeso. Longas pesquisas e discussões não

(5) *As glórias de Maria*, II, discurso VII.

(6) *Guerra Jud.* 1, 16, 4; *Antiguidade Jud.* XIV, 15, 5.

deram até agora resultado algum para o esclarecimento do fato pelo que muitos escritores se reportaram às visões de Catarina Emmerich segundo a qual Maria morreu sobre o monte dos rouxinóis, perto de Êfeso e foi ali sepultada. Esta versão é bastante inverossímil. São João não foi para Êfeso certamente antes do ano em que morreu S. Paulo, pois que naquele mesmo ano Timoteo ainda era bispo de Êfeso (2 Tim.), mas se dirigiu para lá durante a guerra judaica ou mesmo depois. Maria nesta viagem devia ter então 90 anos, avançada idade que ninguém até então havia atribuído à Maria, sendo pouco provável que João se abalançasse a fatigar uma senhora daquela avançada idade, levando-a em sua companhia, em tão longa e perigosa viagem. Muitos erros históricos estão também contidos no famoso livro «A cidade de Deus», de Maria de Agreda. As visões nem sempre obtêm confirmação histórica.

No vale do Cedron mostra-se hoje, aos pés do monte das Oliveiras, uma igreja com a tumba de Maria. Mas até a metade do V século não se conhecia em Jerusalém nenhuma tumba de Maria, sendo aquela procurada e «achada» somente pelas informações dos apócrifos. Primeiramente se falou da casa de Maria, no vale de Josafá, depois de uma igreja, e finalmente, da tumba, tudo isso depois do século VI-VII em diante. Mas o que se pode saber de exato 500 anos depois da morte da Mãe de Deus, a respeito do lugar da sua sepultura, se não há nenhuma tradição do tempo anterior que transmitisse informações seguras?

Capítulo XI

A ASSUNÇÃO CORPORAL DE MARIA

É-nos lícito acompanhar Maria até além da tumba? Não é esta uma empresa temerária? Quem nos servirá de guia? A Sagrada Escritura? Ela nada nos diz sobre Maria após a sua morte. A tradição da Igreja? Também esta se cala por cinco séculos.

Em todo o caso, é certo que a alma de Maria, imune do pecado e cheia de virtudes, subiu ao céu, onde «ouve palavras secretas que não é lícito ao homem proferir» (2 Cor. 12, 4), onde experimenta «coisas que nenhum ôlho vivo viu jamais, nenhum ouvido jamais ouviu, que não entram jamais no coração do homem, coisas que Deus preparou para aqueles que o amam» (1 Cor. 2, 9; cf. Is. 64, 3). Nenhuma criatura humana amou tão profundamente a Deus e o honrou com uma submissão tão completa e uma dedicação assim total. Deus lhe terá dito: «Está bem, serva boa e fiel, já que foste fiel no pouco, eu te darei autoridade sobre muitas coisas: entra na glória do teu Senhor» (Mt. 25, 21). Aquilo que ela tinha firmemente acreditado em vida e confiadamente esperado lhe fôra concedido: «uma herança incorruptível, sem mancha, inalterável» (1 Pd. 1, 3 s.).

Todavia, o povo cristão não se contentou com êsse pouco que se sabia a respeito da bem-aventurança da Virgem Maria. Ele previu de certo modo e com razão, que Jesus

deve ter preparado as maiores honras para a sua amada Mãe. Em que consistem essas honras?

No VI século começaram as pesquisas para se dar uma resposta a estas indagações, mas os autores anônimos dos apócrifos deram respostas exageradas, perdendo-se numa floresta de fantasias sem freio, por tal forma que a sábia prudência da Igreja foi obrigada a refutá-los, o que, em compensação, estimulou alguns escritores, doutor e santos a se ocuparem seriamente de tal questão. Um impulso ulterior ao inquérito foi dado pela introdução à primeira festa mariana, que se chamou «Festa em memória da Beata Virgem» e que era celebrada no dia de Natal. Mais tarde foi chamada «Trânsito de Maria». O imperador Maurício (582-602) adotou-a para o seu reino, segundo Calisto Nicéforo († 1335), fixando por um decreto sua data para o dia 15 de agosto. A festa litúrgica era celebrada não somente com determinadas orações, mas também com prédicas (homilias) algumas das quais, datando do século VII, chegaram até nós. Em uma delas atribuída a S. Modesto, bispo de Jerusalém, († 634), o autor declara inicialmente que os Apóstolos e seus sequazes nada nos transmitiram sobre a venerável morte de Maria, e daí sustenta que a gloriosa Mãe do Salvador tenha sido ressuscitada pelo Filho, que é quem dá a vida e a imortalidade, e tenha sido unida a êle eternamente na incorruptibilidade, e que êle a tenha chamado da tumba e levado consigo por um modo que somente êle conhece» (1).

Santo André de Creta († 720), procura demonstrar a assunção corporal de Maria ao céu por motivos de conveniência e pelo fato de que a tumba estava vazia (2). S. João Damasceno (749), escreve: «Era necessário que aquela que no parto havia conservado ilesa a sua virgindade, con-

(1) PG 86, 3279 e 33 11.

(2) PG 97, 1081 ss.

servasse também sem corrupção alguma o seu corpo depois da morte. Era preciso que, aquela que havia trazido no seio o Criador feito menino, habitasse nos tabernáculos divinos. Era necessário que aquela que havia visto o Filho sobre a cruz, recebendo no coração aquela espada de dores das quais fôra imune ao dá-lo à luz, o contemplasse sentado à direita do Pai. Era necessário que a Mãe de Deus possuísse aquilo que pertence ao Filho e fôsse honrada por todas as criaturas como Mãe de Deus» (3). E assim também se exprime S. Germano, patriarca de Constantinopla († 735) e outros.

A festa do Trânsito de Maria, que honrava a sua morte, passou gradualmente a comemorar a sua Assunção corporal ao céu. E encontrou lugar também na liturgia latina sob o título de: «Assumptio BMV» (Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria). No sacramentário que o papa Adriano I enviou ao imperador Carlos Magno está escrito: «Digna de honra é para nós, Senhor, a festividade dêste dia em que a Beata Virgem Maria, a santa Mãe de Deus, sofreu a morte temporal, mas não pôde ser retida pelos seus inexoráveis laços, porque ela deu à luz o teu filho, nosso Senhor, que tomou a sua carne». No sínodo de Mainz (813) Carlos Magno introduziu a festa da Assunção de Maria ao céu, depois de haver obtido a autorização de Roma.

Na Igreja latina foi S. Gregório de Tours († 596) o primeiro a proclamar a assunção corpórea de Maria ao céu, mas pode-se constatar que êle a obtivera dos apócrifos (4). Um século mais tarde S. Ildefonso de Toledo exprime-se com muitas reservas: «Não devemos esquecer que muitos consideram que ela (Maria) foi neste dia levada corporal-

(3) *II Homilia sobre o trânsito de Maria*, 14, cf. 3.

(4) *Glória Martyrum* c. 4 (PL. 71, 708).

mente ao céu por Nosso Senhor Jesus Cristo. Se bem que esta crença exprima um espírito de religiosidade, todavia não podemos admiti-la, para que não pareça que aceitamos coisas dúbias por certas» (5). Um pregador do tempo de Carlos Magno declara: «Maria subiu ao alto e foi arrebatada ao céu, no corpo ou sem o corpo, não o sabemos, mas Deus o sabe» (6).

Adone, autor de um martirologio (elenco de santos mártires, composto no ano 860 aproximadamente), diz com muita cautela: «Mas onde tivesse sido sepultado, por vontade de Deus, aquele venerado Templo do Espírito Santo, isto é o corpo da Bem-aventurada Virgem Maria, a Igreja, sempre prudente, não quis sabê-lo, para não afirmar coisa pouco segura ou apócrifa. Para honrar a santa vida da Virgem Mãe do Senhor ela se contenta com o testemunho dos Evangelhos e julga inútil investigar por outras partes» (7). A mesma coisa «não se sabe nada de seguro» afirma também uma carta atribuída a S. Jerônimo, dirigida a Paula e à filha dela Eustóquio (8) e que parece tenha sido falsificada pelo abade Pascásio Radberto de Korbey († cêrca de 865) (9). O nome famoso do antigo doutor da Igreja deu à referida carta uma não merecida importância durante toda a Idade Média.

Felizmente, outros escritores abalizados não consideraram que fôsse esforço inútil e sem esperança ocupar-se da assunção corporal de Maria ao céu. Um pequeno escrito anônimo «Livro sobre a assunção da Virgem Maria» — composto talvez pelo monge Ratramno de Korbey, que estava sob a jurisdição do abade Radberto (10) — estabelece

(5) Sermo VI De Assumptione BMV (PL 96, 266).

(6) PL 95, 1491. (7) PL 123, 202. (8) PL 30, 122-42.

(9) Cf. Martin Jugie, op. cit. p. 278 ss.

(10) Ibid. p. 278 nota e p. 291.

muito bem as razões de conveniência para um tal privilégio da Mãe de Deus, de modo que a teologia dos nossos tempos costuma citá-lo (11), merecendo o pio defensor da Assunção corporal de Maria um lugar de honra entre os mariólogos do passado.

Da Escolástica em diante, os propugnadores desta prerrogativa da Mãe de Deus se multiplicaram. O santo bispo Amadeu de Lausana, S. Antônio de Pádua, S. Alberto Magno, S. Tomás de Aquino, S. Boaventura, S. Bernardino de Sena, S. Roberto Belarmino, S. Pedro Canísio, S. Francisco de Sales, S. Afonso de Ligório, o grande teólogo espanhol Suarez e os melhores teólogos contemporâneos — uma longa lista de nomes famosos — são unânimes em admitir que Maria reina nos céus em corpo e alma (12). Os santos Padres e os Doutores da Igreja indagaram também nas Sagradas Escrituras se havia algumas passagens nas quais fosse feita alguma alusão expressa à Assunção corporal de Maria. Foram utilizados muitos textos para provar o fato, se bem que êsses textos, tomados no seu sentido comum tenham significado diferente. Assim o Salmo 131, 8: «Move-te, ó Senhor, para o lugar da tua estável morada, Tu e tua arca gloriosa», entendendo-se por «Arca gloriosa» a Maria, que havia contido o maná divino (Jesus).

«A rainha está à tua direita ornada com o ouro de Ofir» (Sl. 45, 10).

«Levanta-te, amada minha, minha bela, e vem!» (Cânt. 2, 10).

«Quem é esta que sobe do deserto, entre colunas de fumo, exalando mirra e incenso e toda a espécie de perfumes?» (Cânt. 3, 6).

«Vem do Líbano, ó Espôsa! Vem do Líbano! Vem

(11) PL 40, 1141-8.

(12) Const. Apost. «*Munificentissimus Deus*» 1 de nov. 1950.

do cumé de Amaná, dos cimos de Sanir e do Ermon, das covas dos leões, dos fojos dos leopardos» (Cânt. 4, 8).

Foram também escolhidas outras passagens, que tratam realmente de Maria e das quais se deduz, através de conclusões teológicas, a verdade da Assunção de Maria ao céu. Por exemplo, a passagem do Gênesis: «Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua estirpe e a dela; ela te esmagará a cabeça, enquanto tentares morder-lhe o calcanhar.» A vitória do Salvador sobre Satanás, sobre os pecados, sobre a morte e sobre a corrupção é também a vitória da sua Mãe, da Corredentora. As palavras do Anjo Gabriel «Bendita tu...» e da saudação de Isabel «Bendita és tu» e «o teu Filho é (do mesmo modo) bendito» (Lc. 1, 28-42), testificam a glória de Maria.

Alguns intérpretes acham que se aplica à Assunção de Maria ao céu o décimo segundo capítulo do Apocalipse, no trecho em que se fala da Mulher, que João viu em um esplêndido arrebatamento, «uma mulher vestida de sol, tendo a lua aos pés e doze estrêlas em tórno à cabeça». O dragão a persegue e do seu filho, mas ela, voando como a águia foge para o deserto, onde se põe ao seguro.

Jesus livrou-se de qualquer ulterior ataque de Satanás pela ascensão ao céu, assim como sua Mãe foi arrebatada ao céu pela assunção. Exponhamos portanto aqui, em resumo, os mais importantes argumentos teológicos sobre a matéria:

1. A sua dignidade de Mãe de Deus exige a Assunção.

O concílio de Éfeso tinha declarado como dogma de fé, que Maria, no sentido real e verdadeiro da palavra, é a Mãe de Deus, porque deu à luz Jesus no qual estão unidas, pela encarnação, as naturezas divina e humana em uma só pessoa. Ele é ao mesmo tempo, Filho de Deus e Filho de

Maria, tanto assim que está submisso ao quarto mandamento «Honra a teu pai e à tua mãe» e o cumpriu fielmente. Mas êsse dever não estaria perfeitamente cumprido, se êle deixasse entregue à corrupção o corpo de sua Mãe, quando podia, com a sua divina onipotência, ressuscitá-la. Ela o concebera, virgem e pura, do Espírito Santo, o trouxera no seu ventre, o havia dado à luz, nutrido, vestido, livrado da fúria de Herodes, o servira por mais de trinta anos, contribuíra para o seu precioso apostolado, tomando intimamente parte na sua paixão, assistira-o na morte e o confortara até os últimos momentos, trabalhara pela sua Igreja até o final do curso de sua vida terrena. Por essa união tão íntima com a sua pessoa e por uma tal fiel colaboração com a sua obra de Salvação, conquistara para si uma participação especial no fruto da sua vitória sobre Satanás, sobre a morte e sobre a corrupção do corpo. E o melhor dos filhos poderia recusar à melhor das mães esta participação da sua ressurreição e do glorioso domínio à direita do Pai?

2. Maria é a nova Eva posta ao lado do novo Adão.

Esta é uma doutrina muito em voga entre os Padres da Igreja, a partir do II século (S. Irineu). Como nova Eva, Maria participou da sorte do novo Adão, foi semelhante a êle na dor e na felicidade. Mas o novo Adão, Jesus Cristo, ressuscitou depois da sua morte na cruz e o seu corpo não foi sujeito à corrupção. Portanto, a nova Eva, Maria, se morreu foi também subtraída da corrupção do túmulo e logo recebida na vida gloriosa.

3. Para a perfeita felicidade do homem é necessária a união da alma santificada ao corpo transfigurado.

Se Maria devia gozar porisso uma perfeita felicidade no céu, era necessário que a sua santíssima alma fôsse de novo unida ao seu corpo miraculosamente transfigurado. Os santos esperam no céu sem impaciência o dia da sua ressurreição, bem sabendo que Jesus os chamará dos seus sepulcros (Jo. 5, 28). No entanto, alcançarão êles a plena felicidade sòmente no dia em que ressuscitarem e os seus corpos forem transfigurados. Devia então Jesus deixar sua santíssima Mãe esperar durante milhares de anos aquilo que êle lhe poderia conceder logo?

4. Pela morte de Jesus se abriram os sepulcros.

Muitos corpos de santos que dormiam nos seus sepulcros foram ressuscitados, saíram das tumbas depois da Ressurreição de Jesus e se dirigiram à Cidade Santa, onde apareceram a muita gente (Mt. 27, 52 ss.). Trata-se aqui de uma verdadeira ressurreição de corpos, não sendo concebível que êles devessem morrer a corromper-se uma outra vez, como se Jesus não os tivesse podido acolhê-los logo no céu. É muito mais lógico que tenham acompanhado o Homem-Deus ao seu reino, formando o seu séquito humano. Um rei tem geralmente em torno de si uma còrte de nobres para aumentar o seu esplendor e a sua dignidade. Não devia haver nesta còrte celeste uma Rainha-Mãe, presente de corpo e alma para conferir-lhe consideração e esplendor? Na estirpe real de Davi a Rainha-Mãe tinha um pôsto de honra privilegiado, sendo conhecidas 17 destas, desde os tempos de Salomão aos de Sedecias (927-586 a. C.). Quando Betsabéia, a mãe de Salomão, procurou-o uma vez para pedir-lhe um favor, o rei se levantou imediatamente, foi ao

seu encontro, inclinou-se profundamente diante dela e tornou depois a retomar o seu lugar no trono, fazendo-a assentar-se à sua direita (3 Reis, 2, 19). E se assim Salomão honrou sua mãe, o tão prometido descendente de Davi e de Salomão «o Rei dos reis, o Senhor dos senhores» (Apc. 19, 16) não devia, também êle, honrar sua gloriosa Mãe com honras reais, elevando-a à sua direita no céu, com o corpo e alma?

5. O dogma da Imaculada Conceição de Maria.

A Constituição Apostólica do 1 de novembro de 1950 diz: «Desde que nosso predecessor Pio IX, de imortal memória, definiu solenemente o dogma da Imaculada Conceição da Augusta Mãe de Deus, o privilégio da sua Assunção corporal ao céu, resplandeceu de novo fulgor. Êsses dois privilégios estão de fato estreitamente ligados entre si. Cristo, com a sua morte, venceu o pecado e a morte; e sôbre esta e sôbre aquêle alcança também vitória pelos merecimentos de Cristo, quem fôr regenerado sobrenaturalmente pelo batismo. Mas por lei natural Deus não quer conceder aos justos o completo efeito desta vitória sôbre a morte, se não quando chegar o fim dos tempos. Por isso os corpos dos justos, depois da morte, se dissolvem, e sòmente no último dia tornarão a unir-se, cada um com a sua própria alma gloriosa. Mas desta lei geral Deus quis excetuar a Bem-aventurada Virgem Maria. Ela, por um privilégio todo singular, venceu o pecado; pela sua Imaculada Conceição, não estando por isso sujeita à lei natural de ficar na corrupção do sepulcro, nem foi preciso que esperasse até o fim do mundo para obter a ressurreição do seu corpo».

O dogma da Imaculada Conceição deu novo incitamento e novo impulso à esperança dos crentes. Esperava-se

porisso que logo fôsse feita também a proclamação do outro privilégio de Maria como dogma de fé. Muitas orações e muitíssimos estudos foram feitos com êsse propósito, sendo enviadas petições em número sempre crescente à Santa Sé. Ao concílio Vaticano 197 bispos em 10 petições propuseram a declaração da Assunção corpórea de Maria ao céu. O concílio não pôde discutir tal proposta porque teve que ser suspenso antes do tempo marcado, devido à ocupação de Roma pelas tropas do exército piemontês (13). Muitas petições continuaram no entanto a afluir a Roma, o que obrigou, em 1908, Pio X a declarar, no sentido de sustar por algum tempo êste insistente afluxo, que «ocorriam ainda muitos e seríssimos estudos» (14). Êstes estudos foram continuados com zelo e diligência e a doutrina da assunção de Maria ao céu atingiu a um tal desenvolvimento e elevado grau de precisão pelos seus sólidos fundamentos teológicos, que o Papa Pio XII pôde proceder aos últimos preparativos e chegar à declaração definitiva.

Sua Santidade encarregou o Pe. Guilherme Hentrich S. J. de coligir e examinar tôdas as petições que foram dirigidas à Santa Sé de 1849 a 1940 e de publicá-las em dois volumes (Tipografia Vaticana 1942).

Havia petições de:

- 3387 Cardeais, Patriarcas, Arcebispos e Bispos;
- 142 Gerais de Ordens e Congregações, representando 222.000 religiosos;
- 35 Capítulos Gerais;
- 200 Universidades católicas, Ateneus e Seminários.

(13) Cf. *Collectio Lacensis*, VII, 868-872.

(14) Jugie, op. cit. p. 491.

7 Congressos Marianos internacionais;

20 » » nacionais;

40 » » regionais;

e vários teólogos, e nações, por ocasiões de congressos de estudos.

No dia 1 de maio de 1950, Pio XII dirigiu uma breve circular aos bispos do mundo católico com o pedido de participar-lhe com que devoção, segundo sua fé e religiosidade, o seu clero e o seu povo honrasse a assunção da Bem-aventurada Virgem Maria. «Desejamos particularmente saber se vós, veneráveis irmãos, segundo a vossa exímia sabedoria e prudência, considerais que a Assunção corpórea da Beata Virgem Maria possa ser proposta e definida como dogma de fé e se com vosso clero e o vosso povo, o desejais». Em seguida a essa carta chegaram as respostas de 1191 Bispos (94%), e somente 86 deixaram de responder, sendo que a maioria dêles eram Bispos residentes em países e territórios longínquos, onde as comunicações postais estivessem interrompidas.

Das 1191 respostas, 1169 foram favoráveis (98,2%) e 22 contrárias (1,8%) e destas últimas somente seis externavam a dúvida de que o ensinamento fôsse uma verdade revelada. Das 57 igrejas orientais unidas a Roma 54 bispos responderam afirmativamente e apenas uma negativamente. (15). Pode-se falar portanto de um acôrdo da Igreja docente e da Igreja discente. O conjunto dos Bispos e dos crentes formam a Igreja de Cristo, que é infalível no ensino das doutrinas referentes à fé e aos costumes. Se a Igreja pudesse errar mesmo em um só ponto do ensino da fé, afirmando qua-

(15) *Klerusblat*, Salisburg nº 18 (2 de set. de 1950).

se por unanimidade, então não seria mais a Igreja de Cristo, aquela «contra a qual as portas do inferno não prevalecerão» (Mt. 16, 18), da qual foi dito «quem vos escuta, a mim escuta» (Lc. 10, 16) e «Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo» (Mt. 28, 20). O seu Mestre é o Espírito Santo. Esta prova trata do magistério constitucional da Igreja estando na unanimidade dos Bispos e dos fiéis a base segura para o novo dogma, que não é propriamente novo, mas uma verdade antiga, que estivera sempre presente no tesouro da fé cristã, mas que nem sempre fôra conhecida de todos e nem sempre claramente posta em relêvo pela Igreja.

Assim despontou o dia 1 de novembro de 1950, quando Sua Santidade Pio XII declarou solenemente na praça de S. Pedro em Roma, diante do pórtico da Igreja de S. Pedro, circundado por 36 cardeais, 555 patriarcas, Arcebispos e Bispos, júbilo irreplicável da imensa multidão vinda de tôdas as partes do globo, de todos os povos, de tôdas as raças e de tôdas as línguas (avaliou-se em cerca de 600.000 a um milhão o número de fiéis presentes): «Portanto, depois de haver mais uma vez elevado a Deus as nossas súplicas e invocado as luzes do Espírito Santo, a glória de Deus Onipotente, que deramou sobre a Virgem Maria a sua especial benevolência em honra de seu Filho, Rei imortal dos séculos e vencedor do pecado e da morte, para maior glória de sua augusta Mãe e para a alegria e exultação de toda a Igreja, e pela autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e Nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma de fé revelado por Deus que: a Imaculada Mãe de Deus, sempre Virgem Maria, terminado o curso de sua vida terrena, foi levada à glória celeste em corpo e alma» (16).

(16) *Const. Apost. "Munificentissimus Deus"*, 1 de nov. 1950.

Entusiásticos brados de alegria subiram aos céus, uma maravilhosa torrente de júbilo atravessou os corações da multidão que enchia a grande Igreja de S. Pedro e a mais bela praça do mundo, a longa e larga Via da Conciliação, até o Tibre e o Castelo de S. Ângelo e as ruas adjacentes: uma grande e jubilosa família de irmãos e irmãs, unidos na mesma fé e no mesmo amor pela grande e maravilhosa Mãe de Jesus.

Algumas monjas escreveram a bula papal, que foi lida na proclamação do novo dogma. Trata-se de um artístico pergaminho caligrafado, com belíssimos desenhos ornamentais representando os sarmentos da videira. Alguns peregrinos franceses ofereceram uma pena de ouro para a assinatura do documento. Técnicos romanos, por encomenda da Ação Católica Italiana, tinham construído um precioso microfone, pelo qual o Papa anunciou o dogma a todos os países do mundo.

Publicado em www.leiturascatolicas.com
Maio/2013

CONCLUSÃO

Temos procurado acompanhar Maria, a maior e mais gloriosa figura de mulher de toda a história, através da sua vida, rica de obras e de virtudes. Aquilo que o Evangelho diz a seu respeito tem a máxima garantia de veracidade e constitui o fundamento da nossa exposição. A história a geografia, o folclore e a tradição nos forneceram a moldura do quadro. Filha autêntica do seu povo, no meio do qual viveu, desejou, gozou e sofreu. Maria fazia projetos, esperava, assustava-se e alegrava-se como toda a gente da sua terra, mas de um modo melhor, mais puro e mais perfeito. Além disso, teve uma missão que a elevou acima de todas as criaturas humanas e por cuja causa não teve nem terá jamais igual. Assim pode-se dizer dela o que Jesus disse uma vez aos seus Apóstolos: «Bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vêdes!» (Lc. 10, 23). A ela foi concedido o privilégio de receber a mensagem do céu, dar a sua carne e o seu sangue ao unigênito Filho de Deus, permanecer ao seu lado como Mãe e serva durante trinta anos. Ninguém pôde jamais penetrar mais profundamente do que ela no ser miraculoso do Filho, ninguém viu tão de perto a sua santa vida, participou tão intimamente dos seus pensamentos, dos seus planos, dos seus milagres, dos seus ensinamentos, dos seus sucessos e insucessos; ninguém sofreu com ele e por causa dele como ela, a inigualável, a Virgem imaculada, a martirizada das dores e agora, com o corpo e com a alma, Rainha no céu, Maria, a Mãe do Senhor.

ÍNDICE

| | | |
|--------------------------------------|------|-----|
| Prefácio | pág. | 5 |
| As fontes | » | 9 |
| A juventude de Maria | » | 25 |
| A Mãe | » | 59 |
| Em Nazaré | » | 162 |
| Maria na vida pública de Jesus | » | 186 |
| A Paixão de Jesus | » | 223 |
| Ressurreição de Jesus | » | 245 |
| Ascensão de Jesus ao céu | » | 249 |
| Maria na Igreja | » | 252 |
| A morte de Maria | » | 265 |
| A Assunção corporal de Maria | » | 271 |
| Conclusão | » | 284 |

Publicado em www.leiturascatolicas.com
Maio/2013

Publicado em www.leiturascatolicas.com
Maio/2013

COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS GRÁFICAS DAS EDIÇÕES
PAULINAS - CIDADE PAULINA -
VIA RAPOSO TAVARES, KM 18,555
ESCRITÓRIO CENTRAL: PRAÇA
DA SÉ, 184 - CAIXA POSTAL
8107 - SÃO PAULO, EM 1959.